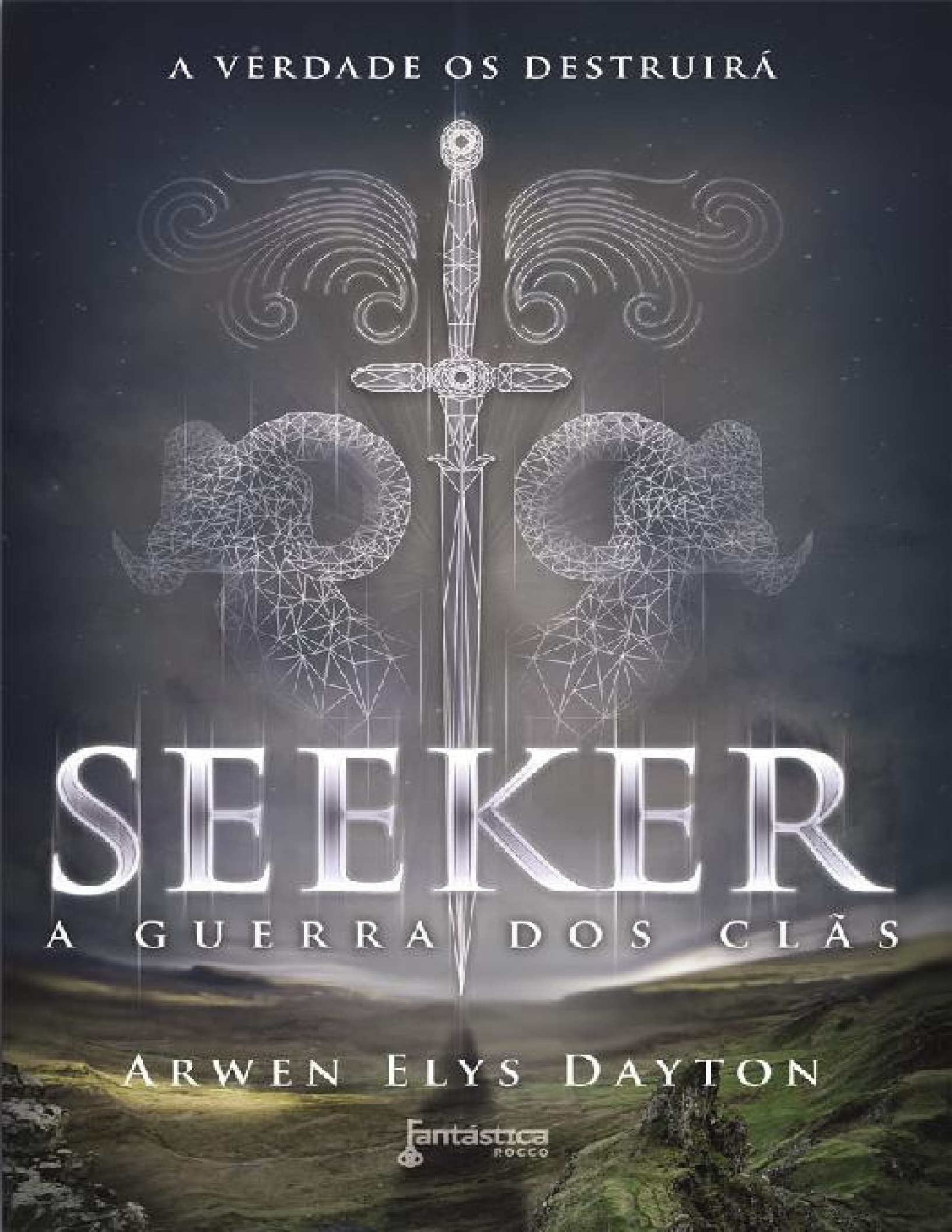
A VERDADE OS DESTRUIRÁ



SEEKER

A GUERRA DOS CLÃS

ARWEN ELYS DAYTON

Fantástica
ROCCO

ARWEN ELYS DAYTON

SEEKER

A GUERRA DOS CLÃS

Tradução de
Lucas Peterson

Fantástica
ROCCO

Para Finn, Emer e Imogen,
os três terrores que eu trouxe ao mundo.

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Parte um: Escócia

Capítulo 1: Quin

Capítulo 2: John

Capítulo 3: Quin

Capítulo 4: John

Capítulo 5: Shinobu

Capítulo 6: Quin

Capítulo 7: Quin

Capítulo 8: John

Capítulo 9: John

Capítulo 10: Maud

Capítulo 11: Shinobu

Capítulo 12: Quin

Capítulo 13: Maud

Capítulo 14: Quin

Capítulo 15: John

Capítulo 16: Shinobu

Capítulo 17: Quin

Capítulo 18: Maud

Capítulo 19: Shinobu

Capítulo 20: Quin

Capítulo 21: Quin

Capítulo 22: Shinobu

Interlúdio: Outros tempos e lugares

Capítulo 23: John

Capítulo 24: Maud

Capítulo 25: John

Capítulo 26: Quin

Parte dois: Hong Kong

Capítulo 27: Porto de Victoria

Capítulo 28: Quin

Capítulo 29: Shinobu

Capítulo 30: Quin

Capítulo 31: Shinobu

Capítulo 32: Quin

Capítulo 33: John

Capítulo 34: Maud

Capítulo 35: Quin

Capítulo 36: Shinobu

Capítulo 37: John

Capítulo 38: Quin

Capítulo 39: Quin

Capítulo 40: John

Capítulo 41: Quin

Capítulo 42: Shinobu

Capítulo 43: Maud

Capítulo 44: Quin

Capítulo 45: John

Capítulo 46: Quin

Capítulo 47: John

Parte três: Para onde levam todos os caminhos

Capítulo 48: Shinobu

Capítulo 49: Maud

Capítulo 50: Shinobu

Capítulo 51: Maud

Capítulo 52: Quin

Capítulo 53: John

Capítulo 54: Maud

Capítulo 55: Shinobu

Capítulo 56: Maud

Capítulo 57: Quin

Capítulo 58: John

Capítulo 59: Shinobu

Capítulo 60: Maud

Capítulo 61: Shinobu

Capítulo 62: Quin

Capítulo 63: Maud

Capítulo 64: John

Capítulo 65: Quin

Capítulo 66: Quin

Agradecimentos

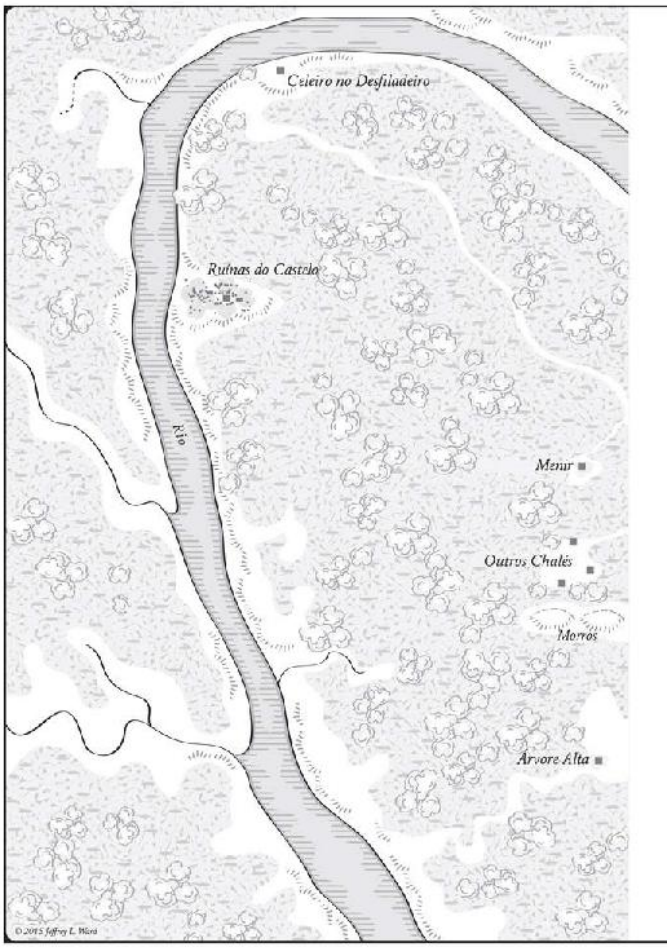
Créditos

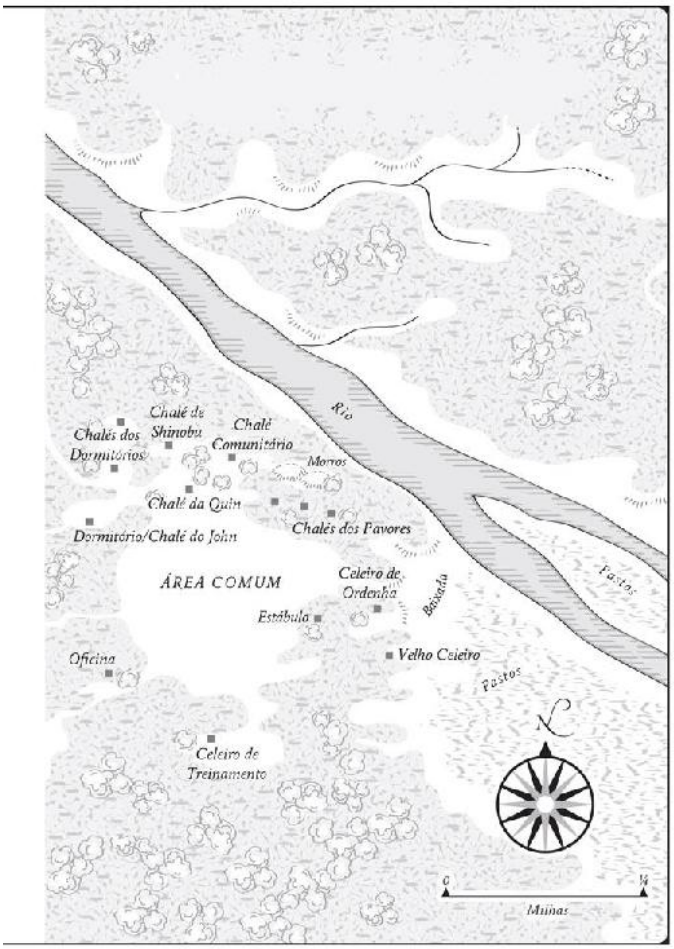
A Autora

Teaser: *A viajante: o passado é implacável*

“A esta altura você deve estar convencido de que talvez o universo tenha outras dimensões espaciais recurvadas; efetivamente, desde que sejam suficientemente pequenas, nada proíbe sua existência.”

– Brian Greene, *O universo elegante*


Celeiro no Desfiladeiro
Ruínas do Castelo
Rio
Menir
Outros Chalés
Morros
Árvore Alta
© 2015 Jeffrey L. Ward


Rio
Chalé de Shinobu
Chalés dos Dormitórios
Chalé Comunitário
Morros
Chalé da Quin
Chalés dos Favores
Dormitório/Chalé do John
ÁREA COMUM
Celeiro de Ordenha
Baixada
Pastos
Estábula
Oficina
Velho Celeiro
Pastos
Celeiro de Treinamento
N
0
¼
Milhas

PARTE UM

Escócia

Capítulo 1

Quin

Seria bom escapar desta com vida, pensou Quin. Ela se esquivou para a direita quando a espada do adversário passou assobiando à esquerda do seu corpo, quase decepando o seu braço. A espada de Quin estava enrolada em sua mão, como se fosse um chicote. Com um único estalar, ela a desenrolou, solidificando-a e transformando o objeto em uma espada longa. *Seria uma pena se ele partisse minha cabeça agora. Estou tão perto do sucesso.* O homem enorme com quem ela lutava parecia se deleitar com a possibilidade de matá-la.

O sol batia nos olhos de Quin, mas, por reflexo, ela levantou sua espada-chicote sobre a cabeça e deteve o golpe seguinte do adversário antes que ele dividisse seu crânio ao meio. A força do golpe contra a sua espada parecia um tronco de árvore desabando sobre ela, e suas pernas falsearam.

– Peguei você, não foi? – urrou o adversário.

Alistair MacBain era enorme, o maior homem que ela conhecia. Ele se agigantava diante dela, o cabelo ruivo brilhando como uma maléfica auréola escocesa sob os raios de sol empoeirados que atravessavam a claraboia. Era também tio dela, mas isso não significava nada naquele momento.

Quin deu um salto para trás. O braço imenso de Alistair fez sua arma descomunal girar, como se ela não passasse de uma batuta de maestro. *Ele quer mesmo me matar*, percebeu a garota.

Seus olhos vasculharam o recinto. Sentados no chão do celeiro, John e Shinobu a encaravam, agarrados às suas espadas-chicote como se fossem

boias salva-vidas, mas incapazes de oferecer qualquer ajuda. Aquela luta era só dela.

– Eles são inúteis, não são? – comentou o tio.

Quin apoiou o joelho no chão e viu o pulso de Alistair tremular, transformando sua enorme espada-chicote, antes comprida e delgada, em uma *claymore* maciça e mortífera, a arma de escolha de um escocês prestes a desferir o golpe mortal. O material escuro deslizou e se contraiu, como óleo, depois se solidificou. Ele levantou a espada sobre a cabeça e a lançou para baixo, na direção exata do crânio dela. Quin imaginou quantos de seus antepassados haviam sido reduzidos a picadinho por armas como aquela.

Estou pensando e vou acabar morrendo por isso, disse a si mesma.

Seekers não *pensavam* ao lutar. E, se Quin não parasse de tagarelar em sua mente, Alistair esparramaria seu cérebro na palha limpa do chão do celeiro. *Que acabei de varrer*, pensou ela. Em seguida: *Pelo amor de Deus, Quin, pare com isso!*

Quin focou a mente como se estivesse flexionando os músculos da mão em um punho. De imediato, tudo ficou em silêncio.

A *claymore* de Alistair cruzava o ar rumo à cabeça dela. Ele a encarou de cima enquanto girava a espada, com os pés separados, um na frente do outro. Quin notou um leve tremor na perna esquerda, como se ele estivesse ligeiramente desequilibrado. Aquilo bastava. Ele estava vulnerável.

No momento exato antes de a espada de Alistair arrebentar sua cabeça, Quin se esquivou e girou na direção dele. Seu pulso já estava girando, dando uma nova forma à espada-chicote. A arma derreteu e se compactou, transformando-se em um líquido oleoso e preto por uma fração de segundo, antes de assumir as dimensões sólidas de uma adaga espessa. A *claymore* do tio não a atingiu, chocando-se com violência no chão do celeiro

atrás dela. Quin logo saltou para a frente, enterrando a arma na panturrilha esquerda de Alistair.

– Ahh! – gritou o homem enorme. – Você me acertou!

– Acertei, tio, não acertei?

Ela sentiu um sorriso de satisfação se formando nos lábios.

Em vez de separar a carne do osso, a espada-chicote de Quin se contraiu, como se derretesse, ao encostar na pele de Alistair. Como a espada dele, ela estava programada para sessões de treinamento e não machucaria o adversário. Mas, se aquilo fosse uma luta de verdade (como realmente parecia ser), Alistair teria sido ferido.

– Duelo encerrado! – gritou o pai de Quin, Briac Kincaid, do outro lado do celeiro, anunciando o fim da luta.

Ela ouviu a comemoração de John e Shinobu, depois afastou a arma da perna de Alistair. O objeto reassumiu a forma de adaga. A lâmina de Alistair estava fincada quinze centímetros no solo compacto do celeiro. Ele fez um movimento súbito com o pulso, colapsando sua espada-chicote, que subiu serpenteando do chão e se enrolou em uma espiral em sua mão.

Estavam lutando no centro do enorme celeiro de treinamento, cujas paredes de alvenaria cercavam o chão de terra coberto de palha. A luz do sol entrava por quatro grandes claraboias no teto de pedra, e uma brisa soprava pelas portas abertas, por onde era possível ver um prado amplo.

O pai de Quin, principal instrutor deles, caminhou até o centro do celeiro, e ela se deu conta de que a luta com Alistair havia sido apenas um aquecimento. A espada-chicote que Briac carregava na mão direita não passava de um brinquedo se comparada à arma que trazia atada ao peito. Era conhecida como *despedaçador*. Forjada de metal iridescente, parecia o tambor de uma arma enorme, quase como um pequeno canhão. Quin

manteve os olhos grudados nela, observando o metal, que lampejou quando Briac passou por um trecho iluminado pelo sol.

Quin olhou para Shinobu e John. Parecia que eles entendiam o que ela estava pensando: *Preparem-se. Não tenho a menor ideia do que acontecerá.*

– Chegou a hora – disse o tio aos três aprendizes. – Vocês já têm idade suficiente. Alguns já passaram da idade – acrescentou, referindo-se a John.

John tinha dezesseis anos, um ano a mais do que Quin e Shinobu. De acordo com o cronograma normal, ele já deveria ter feito o juramento, mas havia começado o treinamento tarde – aos doze anos, enquanto Quin e Shinobu começaram aos oito. Isso lhe trazia frustrações constantes, e o rubor que tomou suas bochechas por causa do comentário de Alistair foi reforçado pelo tom claro de sua pele. John era bonito, com um rosto bem-construído, olhos azuis e cabelos castanhos ligeiramente dourados. Era forte e ágil, e fazia um tempo que Quin estava apaixonada por ele. O rapaz voltou os olhos para ela e moveu os lábios em silêncio: *Você está bem?* Ela acenou que sim.

– Hoje, vocês deverão provar seu valor – continuou Alistair. – Vocês são Seekers? Ou são montes pustulentos de estrume que precisaremos limpar com uma pá?

Shinobu levantou a mão, e Quin suspeitou que ele ia dizer: *Acontece que, na verdade, eu sou um monte pustulento de estrume, senhor...*

– Isso não é uma piada, filho – disse Alistair, interrompendo Shinobu antes que ele começasse com suas piadinhas.

Shinobu era primo de Quin e filho do gigante ruivo que havia acabado de tentar decapitá-la. A mãe de Shinobu era japonesa, e o rosto dele herdara as melhores feições do Ocidente e do Oriente, combinadas em algo que beirava a perfeição. Os cabelos eram lisos e de um ruivo escuro, e o

corpo rijo já era mais alto do que o da maioria dos homens japoneses. Ele encarou o chão, como se pedisse perdão por fazer pouco caso do momento.

– Para você e Quin, esta talvez seja a última luta de treinamento – explicou Alistair para Shinobu. – Para você, John, esta é a chance de provar que ainda pertence a este lugar. Entenderam?

Todos concordaram com a cabeça. Os olhos de John, no entanto, não desgrudaram do despedaçador amarrado ao torso de Briac. Quin sabia no que ele estava pensando: *Não é justo*. E, de fato, não era. Dos três, John era o melhor lutador... exceto quando havia um despedaçador no embate.

– Isto o incomoda, John? – perguntou Briac, batendo na estranha arma junto ao peito. – Isto o desconcentra? Nem está ligado. O que acontecerá quando estiver?

Sabiamente, ele achou melhor não responder.

– Tirem as armas do modo de treinamento – ordenou Alistair.

Quin baixou os olhos para o punho de sua espada-chicote. Na ponta do cabo, havia uma fenda minúscula. Ela enfiou a mão em um bolso no couro antigo da bota direita e sacou um pequeno objeto em forma de cilindro achatado, feito do mesmo material oleoso da espada. Enfiou-o na fenda, e seus dedos ajustaram automaticamente os pequenos botões rotativos do acessório, acoplando-o. Quando o último botão rotativo se encaixou, a espada-chicote em sua mão vibrou com delicadeza, e a sensação de segurá-la mudou de imediato; era como se estivesse pronta para exercer a função para a qual fora criada.

Quin segurou a ponta da arma com a mão esquerda e a observou derreter e embrulhar sua pele. Mesmo "viva", não a feriu, o que não aconteceria com a pele de qualquer outra pessoa.

Ela sentiu o coração acelerar quando viu o pai e Alistair tirando as espadas-chicote do modo de treinamento. Uma luta "viva" não era uma

tarefa nada fácil. Mas, caso se saísse bem, estaria a minutos de distância da aprovação de seu pai e de se juntar aos antepassados nos nobres deveres de um Seeker. Desde a infância, ela ouvia as histórias de Alistair sobre Seekers que usavam suas habilidades para mudar o mundo para melhor. E treinava desde os oito anos para aprimorá-las. Se tivesse sucesso naquela luta, finalmente se tornaria um deles.

John e Shinobu haviam terminado de ajustar suas espadas-chicote, e o celeiro se encheu de uma energia diferente, um clima de ansiedade mortal. O olhar de Quin encontrou o de John, e com os olhos ela lhe disse: *Vamos conseguir*. Ele fez um sutil aceno de cabeça em resposta. *Esteja pronto, John*, pensou ela. *Faremos isso juntos e ficaremos juntos...*

Um ruído agudo atravessou o celeiro, tão lancinante que por um momento Quin pensou que era só dentro de sua cabeça. Bastou ver o olhar de John para perceber que isso não era verdade. O despedaçador, a arma estranha, semelhante a um canhão, que seu pai usava amarrada ao peito, havia tomado vida. Sua base cobria todo o peito de Briac, e ele precisava ser fixado por tiras ao redor dos ombros e das costas. O cano tinha vinte e cinco centímetros de largura, e, em vez de um único buraco, o metal iridescente contava com centenas de pequenas aberturas. Essas aberturas estavam posicionadas em pontos aleatórios e tinham tamanhos variados, e, por algum motivo, isso lhe dava uma aparência ainda pior. Quando o despedaçador assumiu um estado de plena vivacidade, o lamento agudo esmaeceu, dando lugar a um estalar de eletricidade ao redor da arma.

Shinobu balançou a cabeça, como se tentasse expulsar o ruído dos ouvidos.

– Não é perigoso usar este brinquedo quando há tantos de nós lutando? – indagou ele.

– Caso falhem nesta luta, é bastante provável que saiam feridos – disse Alistair. – Ou até... *despedaçados*. Hoje vale tudo. Parem um pouco para pensar nisso.

Os três aprendizes já haviam testemunhado o despedaçador em ação e até treinado para desviar dele em exercícios de duelo direto entre duplas, mas nunca o tinham visto em uma luta de verdade. O despedaçador fora construído para causar medo e estava cumprindo esse objetivo. *Nosso propósito é nobre*, repetiu Quin a si mesma. *Não sentirei medo. Nosso propósito é nobre; não sentirei medo...*

Com sua espada-chicote, Alistair enganchou algo que boiava em um cocho de metal do outro lado do celeiro. O objeto era um disco pesado de metal, com cerca de quinze centímetros de largura, coberto por uma lona grossa encharcada de piche. Ele o lançou no ar.

Enquanto o disco de metal voava sobre ele, fazendo uma trajetória em arco, Alistair acendeu um fósforo. O disco desabou na direção dele, e, mais uma vez, ele o prendeu com a espada-chicote. Encostou o fósforo no objeto, e os três aprendizes o viram pegar fogo. Alistair rodopiou o disco ao longo da espada, com um brilho maléfico nos olhos.

– Cinco minutos – anunciou ele, olhando para o relógio pendurado no alto da parede. – Não permitam que a chama se espalhe, mantenham-se vivos e sãos e cheguem ao final em posse do disco.

Os aprendizes passaram os olhos pelo celeiro. Havia fardos de feno encostados nas paredes, palha solta no chão, prateleiras de madeira velha com equipamentos de luta, cordas de escalada pendentes do teto, além do próprio celeiro, com vigas e caibros de madeira sustentando as paredes de pedra. Ou seja, eles lançariam um disco em chamas de um lado para outro em um local cheio de materiais inflamáveis.

– Sem chamas! – resmungou Shinobu. – Duvido que a gente não incendeie o celeiro inteiro.

– Vamos conseguir – sussurraram Quin e John ao mesmo tempo.

Os dois trocaram um sorriso passageiro, e ela sentiu o braço de John encostando no seu, quente e forte.

Alistair lançou o disco bem alto, entre os caibros.

– Provem seu potencial! – gritou Briac, desenrolando sua espada-chicote com um estalo.

De repente, ele e Alistair dispararam rumo aos aprendizes, com as armas em riste.

– Deixem comigo! – gritou Shinobu, saltando para se esquivar de Alistair e correndo até o centro do celeiro, em cujo chão coberto de palha o disco estava prestes a cair, aos rodopios.

Quin viu Briac avançar diretamente contra John. Estalando a espada-chicote no formato de uma cimitarra, Briac a girou desenhando um arco largo e tentou partir o oponente ao meio. Ela viu a espada-chicote de John saltar para o bloqueio, e, de repente, Alistair a havia alcançado.

– Peguei! – gritou Shinobu, pousando o disco flamejante em sua espada-chicote.

O objeto deslizou na direção de sua mão e queimou seus dedos, e ele foi obrigado a girá-lo até a ponta da arma.

Alistair desferiu um golpe contra Quin, que lançou o corpo para o lado, transformou sua espada em uma lâmina mais curta e investiu contra as costas dele. Ele já estava girando de encontro ao ataque, desviando-se da arma dela.

– Você não é rápida o bastante, garota – disse ele. – E hesita ao atacar. Por quê? Você terá o artefato mais precioso da história da humanidade em

suas mãos, não terá? Não pode hesitar. Quando estiver *Lá*, quando adentrar o *entre*, a hesitação será fatal.

Aquele era o mantra de Alistair, repetido por anos para eles.

John e Briac trocavam golpes. Briac parecia determinado a matar o garoto assim que tivesse a oportunidade. Porém John o encarava à altura. Quando concentrado, ele era um excelente lutador. Mas Quin não precisou olhar duas vezes para perceber que John lutava com raiva e que o despedaçador o apavorava. Às vezes, era possível transformar a raiva e o medo em energia útil. Mas a emoção costumava representar uma desvantagem. Embaralhava a mente e fazia o lutador gastar energia sem pensar direito.

De repente, Quin percebeu que Alistair a encurralara às costas de John e lutava contra os dois ao mesmo tempo. Briac estava livre para voltar as atenções a Shinobu. O zumbido do despedaçador se intensificou, atingindo um volume insuportável.

– Vou lançar o anel! – gritou Shinobu.

No mesmo instante, o despedaçador no peito de Briac disparou. Shinobu lançou o disco para o alto, na direção dos caibros acima de Quin e John, e o cano do despedaçador disparou mil faíscas furiosas de eletricidade. As faíscas cruzaram o ar em disparada, em direção a Shinobu, zunindo como um enxame de abelhas.

Shinobu se jogou no chão, sob a saraivada, e rolou para escapar. Sem um alvo humano para atingir, as faíscas colidiram contra a parede dos fundos do celeiro, em explosões de luzes de todas as cores do arco-íris.

– Peguei! – gritou John, escapulindo da luta com Alistair e envolvendo na espada o disco em queda. Uma gota de piche escorreu do anel de metal, pingando em um fardo de feno, que logo entrou em combustão. John pisou nas chamas para apagá-las, e o disco escorregou até sua mão, queimando-o.

– Shinobu! – chamou, lançando o anel mais uma vez para os caibros.

Ele saltou na frente de Quin, assumindo o lugar dela sob os golpes impiedosos de Alistair, enquanto Shinobu pegava o disco do outro lado do celeiro.

Quin tentou descansar o braço por um segundo, mas Briac avançava com o despedaçador. Ele disparou as faíscas, que estalavam e zuniam, em sua direção.

Se ela permitisse que aquelas faíscas a atingissem, nunca mais se livraria delas. Não a matariam, mas seria seu fim. *Um campo despedaçador é pior do que a morte...* Quin interrompeu os próprios pensamentos. Ela se tornaria uma Seeker, uma descobridora de caminhos ocultos. Tudo que existia era a luta, não as consequências.

Saltou para o lado, agarrando uma corda de escalada e se balançando até sair da área de ataque. As faíscas do despedaçador passaram a seu lado, dançando na parede de trás e se dispersando, inócuas.

Quin pousou ao lado do pai. Ele já se virava, enquanto transformava a espada em uma lâmina delgada e maligna. Antes que ela recobrasse o equilíbrio, ele investiu, e a arma rasgou sua camisa na altura do antebraço, talhando-lhe a pele.

O sangue começou a escorrer pelo braço, e ela talvez tenha sentido dor, mas não teve tempo de pensar nisso. O lamento agudo do despedaçador voltava a aumentar.

Desta vez, era Shinobu quem lutava contra Alistair. John retomou o disco e o manteve girando ao longo da espada-chicote para evitar que queimasse sua mão enquanto apagava as chamas de outro fardo de feno.

Briac se virou e disparou o despedaçador novamente, desta vez contra John.

– John! – gritou Quin.

Ao ver as faíscas voando em sua direção, ele lançou o anel cegamente para cima. Quin esperava que o garoto saltasse para se desviar, mas ele ficou paralisado, encarando as faíscas, de repente perdido.

– John! – gritou ela outra vez.

No último instante, Shinobu escapou do embate com Alistair e derrubou John. Os dois aprendizes se estatelaram no chão, fora da mira do disparo. As faíscas atingiram a parede, no local onde a cabeça de John estivera um segundo antes, e desapareceram em lampejos de luz.

Em meio à preocupação com John, Quin tinha se esquecido do disco, e o círculo flamejante quicava no chão, acendendo a palha pelo caminho.

Mais uma vez, o despedaçador atingira seu nível mais alto de ruído. Quin viu a expressão de prazer no rosto do pai ao disparar de novo contra John.

Ele se virou, transfixado. Encarava as faíscas vindo em sua direção, hipnotizado por sua terrível beleza. Permanente: assim era o despedaçador. E John esperava ser atingido.

Quin viu Shinobu chutar John para o lado, lançando-o mais uma vez para longe da mira do despedaçador.

John desabou no chão e, dessa vez, não se levantou.

Quin recuperou o disco flamejante e apagou com os pés as chamas deixadas no chão. Pela primeira vez durante a luta, ela estava com raiva. Seu pai focava os ataques especificamente em John. Não era justo.

Ela lançou o disco para Shinobu, atravessou o celeiro correndo e jogou o corpo contra Briac, derrubando-o junto com o despedaçador. As faíscas saltaram para o teto e ricochetearam de maneira caótica entre os caibros.

Quin desceu a espada na direção do rosto do pai com a maior força possível.

– Duelo encerrado! – anunciou Briac, antes que a filha o atingisse.

Ela obedeceu à ordem de imediato, recuando sua espada-chicote.

Shinobu pegou o disco flamejante pela última vez. Quin olhou para o relógio e ficou estarrecida ao perceber que apenas cinco minutos haviam se passado. Parecia um ano inteiro. John se levantou devagar. Todos estavam ofegantes.

Briac também se levantou. Alistair e ele pareciam compartilhar uma análise silenciosa da luta. Alistair sorriu. Então, Briac se virou e caminhou na direção da sala de equipamentos, mancando um pouco.

– Quin e Shinobu, meia-noite – gritou, sem se virar. – Vejo vocês no menir. A noite será longa.

Ele fez uma pausa na porta da sala de equipamentos.

– John, você derrotou os outros, e até a mim, muitas vezes, mas não vi nenhum sinal dessas habilidades hoje. Encontre-me na área comum na hora do jantar. Precisamos ter uma conversa franca.

Em seguida, saiu e fechou a porta com firmeza.

Quin e Shinobu se entreolharam. A raiva de Quin havia desaparecido. Parte dela queria gritar de alegria. Ela nunca havia lutado assim antes. Naquela noite, faria o juramento. A vida com a qual sonhara desde a infância enfim começaria. Mas outra parte dela estava com John, estático no centro do celeiro, encarando o chão.

Capítulo 2

John

O sol se punha sobre a propriedade escocesa quando John deixou o celeiro de treinamento. Ele e Quin saíram um de cada vez, como sempre faziam, mas John sabia que ela o esperaria.

Mil anos antes, havia existido ali um castelo, que pertencera a um ramo distante da família de Quin. A construção estava em ruínas, e as torres decadentes se empoleiravam acima do vasto rio ao redor da propriedade. Ao caminhar, ele via, a distância, o ponto mais alto das ruínas.

O terreno era composto de antigos chalés, a maioria deles erigidos a partir de pedras retiradas do castelo ao longo dos séculos. Os chalés pontilhavam um enorme campo, conhecido como área comum. Era primavera, e o local estava repleto de flores silvestres. Para além do campo, começava a floresta, uma mata alta de carvalhos e olmos que se estendia até a sombra dos chalés, marchando para longe das ruínas.

Em um dos limites do campo, encontravam-se os celeiros. Alguns abrigavam animais, mas outros, como aquele enorme de treinamento, serviam para que aprendizes praticassem as técnicas necessárias para se tornarem Seekers.

John atravessou as sombras que cercavam a floresta, seguindo para o interior da mata. Apesar do fracasso retumbante na sala de treinamento pesar nos ombros, ele sentia o coração acelerado. Quando visitava a floresta com Quin, mergulhava em um mundo diferente, longe das partes da sua vida que costumavam ofuscar todo o resto. Havia dias que não ficavam

juntos a sós, então, naquele momento, encontrar-se com ela parecia a coisa mais importante do mundo.

Quin nunca escolhia o mesmo lugar para esperá-lo, mas ele devia estar perto. Aquela era a parte da floresta preferida deles, onde as copas das enormes árvores se encostavam no alto, bloqueando a luz do sol e deixando o chão escuro e silencioso. Um momento depois, ele sentiu mãos cercando sua cintura e um queixo se aninhando em seu ombro.

– Olá – sussurrou ela em seu ouvido.

– Olá – respondeu ele baixinho, sorrindo.

– Veja o que encontrei...

Ela deslizou a mão até a dele. Os cabelos de Quin eram escuros, cortados na altura do queixo, e seu belo rosto era alvo, com olhos grandes e escuros. Ela o guiou até um agrupamento de carvalhos que, ao crescerem, haviam formado um espaço central pequeno e íntimo. Atravessou uma pequena abertura entre duas árvores, puxando John atrás de si.

Um instante depois, estavam juntos, em meio ao matagal.

– Não é exatamente o melhor quarto da pousada do vilarejo – murmurou ela.

– Não, é ainda melhor – disse ele. – Na pousada, talvez você estivesse mais distante.

Não havia espaço para os dois, e John foi obrigado a puxá-la para junto de si, o que não o incomodava nem um pouco. Ele inclinou a cabeça para beijá-la, mas Quin o deteve, pousando as mãos nas laterais do rosto dele.

– Estou preocupada – sussurrou ela.

Dava para ver. Ele sentia a preocupação emanando dela, como ondas de calor emanando do asfalto no verão. É claro que ela tinha motivos para se preocupar. O conhecimento que lhes estava sendo ensinado era muito antigo e extremamente bem-protegido. E John só teria o privilégio de

aprendê-lo se realizasse com perfeição as tarefas a ele designadas. Certamente não era o aprendiz preferido de Briac. Seu fracasso na luta daquele dia com certeza era a desculpa que Briac havia esperado por tanto tempo.

– É a primeira vez que ouço meu pai falar algo tão... definitivo – disse ela baixinho. – E se ele quiser expulsar você?

A perspectiva de encontrá-la na floresta havia afastado o pavor que o dominara alguns minutos antes, mas o sentimento voltou com força total. Ainda que fosse o mais forte entre os três, John havia falhado na luta. Ele havia falhado no momento em que mais precisava triunfar.

Deixou a cabeça pender para trás, encostando-a em um tronco de árvore. Por um instante, resistiu à sensação de que uma enorme pedra o arrastava para o fundo do oceano. *Não*, pensou, *não posso falhar. Não vou falhar.*

Toda a sua vida girava em torno do juramento. Ele era John Hart. Tomaria de volta o que lhe fora roubado e nunca mais ficaria à mercê de ninguém. Havia prometido, e cumpriria a promessa.

– Briac precisa levar isto a sério – disse a Quin, esforçando-se para tranquilizar tanto a ela quanto a si mesmo. Tinha que deixar o desespero para trás. – Eu me saí... muito mal naquela luta, não é? Ele precisa ser rígido. Afinal, é o "protetor de caminhos ocultos" e tudo o mais. Mas passou anos me treinando. Estou quase lá. Seria um erro me expulsar agora.

– É claro que seria um erro. Um erro terrível. Mas ele está dizendo...

– Seu pai é um homem de honra, não é? Ele fará o que é certo. Não estou preocupado. E você também não deveria ficar.

Quin assentiu com a cabeça, porém a dúvida em seus olhos era evidente. Ele entendia. John também não acreditava no que dissera sobre Briac. Sabia muito bem que tipo de homem era o pai de Quin, mas tentava

se agarrar à esperança de que Briac cumpriria suas promessas. Elas haviam sido feitas diante de testemunhas, e Briac precisava honrar seus compromissos. Ou então...

Ele afastou o pensamento. A vida ali, com Quin, era boa. Melhor do que jamais fora, e muito melhor do que ele jamais esperara. E não queria que isso mudasse.

Quin havia feito amizade com John no dia em que ele chegou à fazenda. Apesar de não passarem de crianças (John tinha apenas doze anos), a primeira coisa que ele notou foi a beleza dela.

Durante o primeiro ano, tanto Shinobu quanto ela visitavam John em seu chalé com frequência, mas ele gostava mais quando Quin ia sozinha. Ela ficava fascinada com suas descrições de Londres e ansiosa para lhe apresentar toda a fazenda.

Quando ainda era viva, a mãe de John o aconselhou a manter a guarda diante de todos, e era exatamente o que ele fazia. Mas adorava ouvir Quin falar sobre a família e os saberes da fazenda. E Quin parecia gostar de sua companhia, não por ele ser rico ou por sua família ser importante, mas simplesmente porque gostava dele. Apenas dele. Ele nunca vivenciara isso antes. Mesmo aos doze anos, John se recusava a deixar que isso o abalasse. Talvez o interesse dela fosse um truque, uma maneira de desconstruir suas defesas e descobrir seus segredos. Ainda assim, ele passava tempo com ela. Com Shinobu, treinava lutas. Com Quin, caminhava.

E o corpo dela havia começado a criar... curvas. John ainda não tinha percebido o quanto essas curvas poderiam distraí-lo. Ele percebeu que estava encrencado aos quatorze, quando, na aula de idiomas, se deu conta de que examinava a maneira como a cintura esbelta de Quin se encurvava para dar lugar ao quadril. A tarefa dos dois na aula era ler em voz alta um texto em holandês, porém tudo que ele fazia era imaginar sua mão

correndo pela silhueta do corpo dela. Tentou afastá-la da mente, permanecer tão frio e calculista quanto sua mãe gostaria, mas não acreditava que a simpatia de Quin fosse falsa.

Certo dia, quando ela estava prestes a fazer quinze anos, eles formaram par em um exercício especialmente difícil no celeiro de treinamento. Alistair os havia forçado a lutar um contra o outro repetidas vezes, exigindo que chegassem ao limite extremo de suas forças.

– Vamos, John. Ataque-a! – gritou Alistair, aparentemente pensando que John estava pegando leve com Quin.

Talvez realmente estivesse. Talvez permitisse que ela o acertasse, porque não se importava em cair. Ele se imaginava desabando no chão com ela... De repente, a luta acabou, e os dois estavam ofegantes, encarando-se dos lados opostos da área de treinamento.

Alistair os dispensou, e John se viu vagando do lado de fora do celeiro de treinamento, entorpecido, tentando se distanciar ao máximo de Quin. Ele não enxergava o caminho à frente. Tudo o que via era Quin. O desejo de estar com ela o dominava.

Ele parou atrás do celeiro, escondendo-se nos troncos nus das árvores invernais. Apoiou as costas na parede de pedra, e sua respiração encheu o ar de vapor.

Não queria sentir o que estava sentindo. Sua mãe o aconselhou tantas vezes a evitar o amor. *Quando você ama, abre o peito para uma adaga*, disse ela, tantos anos antes. *Quando você ama profundamente, lança uma adaga no próprio coração.* O amor não se encaixava em nenhum de seus planos. Mas como planejar algo assim? Ele não queria apenas a beleza dela. Queria-a inteira: a garota que conversava com ele, a garota que mordia o lábio inferior quando fazia esforço para se concentrar, a garota que sorria quando os dois caminhavam juntos pela floresta.

Ele pressionou a bochecha na alvenaria fria do celeiro, sentindo o coração bater violentamente no peito, tentando se livrar da imagem dela.

Então Quin apareceu, atravessando a beirada do celeiro, a poucos metros dele. Ela olhava para a frente, para a floresta, também atordoada. Os dois trocaram um olhar e, de repente, ele soube. Soube que ela estava ali à procura dele.

John estendeu a mão e agarrou a manga do casaco dela, puxando-a para junto de si. De repente, os braços dela o cercaram. Nenhum dos dois jamais havia beijado outra pessoa, mas, de repente, ele a estava beijando. Morna e macia, ela o beijava de volta.

– Estava esperando que você fizesse isso – sussurrou ela.

Ele queria dizer algo romântico e comedido, como *Você é muito linda*, mas a verdade mais profunda acabou transbordando:

– Preciso de você – sussurrou ele. – Não quero ficar sozinho... Amo você, Quin...

Eles se beijaram outra vez.

De repente, ouviram passos pesados se aproximando, gravetos estalando. Era Alistair; reconheciam o som de seus passos em qualquer lugar.

Eles se soltaram de imediato, afastando-se um do outro. Quando Alistair apareceu por trás do celeiro, Quin já havia desaparecido do outro lado, olhando para John uma última vez antes de sair.

Assim começaram os encontros na floresta. Quin tinha certeza de que os pais não aprovariam, e, por isso, os dois mantiveram seus sentimentos em segredo. Mas, com o tempo, ficou claro que todos sabiam do relacionamento. Passado algum tempo, John começou a detectar algo mais frio no olhar de Briac, além de certa irritação na atitude de Shinobu.

John tentou justificar seus sentimentos. Talvez o que ele sentisse fosse realmente amor, mas será que o amor também não poderia ser vantajoso? Será que Briac não teria que se importar mais com ele quando compreendesse o quanto ele e Quin se amavam? Se convencesse Briac a permitir que se casassem, uma aliança se formaria entre eles, não é? Uma aliança com Briac não seria agradável, mas talvez fosse uma maneira de cumprir sua promessa, pelo menos por algum tempo.

Um sentimento que trazia tanta alegria a John não podia ser ruim.

Naquele instante, em meio às árvores, com os braços ao redor de Quin, ele se surpreendia com quão certo aquilo parecia. Quando estavam sozinhos, John imaginava que ela estaria a seu lado para viver tudo que viria pela frente. Ela acabaria compreendendo, até as questões com o pai...

– Não quero que você se preocupe – disse ele, e a garota o olhou nos olhos. – Serei um Seeker, como você. Mesmo que eu demore um pouco para chegar lá. Vamos ficar juntos, é o destino.

A preocupação sumiu um pouco do rosto de Quin. Ela quase sorriu.

– É o destino – concordou ela. – É claro que é.

Sua certeza o animou.

– Olhe – continuou ela. – Você é mais forte do que Shinobu. Muito mais forte do que eu. Talvez seja mais esperto do que nós dois. Mas há certas coisas que você não faz tão bem.

– Se você se refere ao despedaçador...

– É, estou me referindo ao despedaçador. Todos temos medo dele.

– O que sinto não é só medo – respondeu John, revivendo o momento na mente. – Eu não consegui me mover, Quin. Imaginei aquelas centelhas cobrindo meu corpo...

– Pare com isso – disse ela com firmeza, e John percebeu que seu desespero estava crescendo mais uma vez.

Ele precisava se concentrar, ainda mais naquele dia.

– Você não quer acabar em agonia, com a mente se voltando contra ela mesma – continuou Quin. – É claro que não. Mas precisa encarar o despedaçador como uma arma comum, como qualquer outra. Usamos o controle mental para evitá-la em combate.

– "A mente é um músculo que está sempre levemente tensionado" – respondeu John, citando Alistair, o instrutor preferido deles. – Mas acho que isso não funciona comigo quando há um despedaçador no embate.

– Tente se concentrar no propósito maior do treinamento – disse ela em tom suave – e na sorte que temos em ter isso como vocação. Ser um Seeker é algo maior do você e eu, maior do que nossos medos pessoais.

A voz dela soava apaixonada, como sempre que ela falava sobre isso.

– Somos parte de algo... *excepcional*. Fico tão assustada quanto você, mas é assim que resisto ao medo. A questão não são apenas os despedaçadores, sabe? Você precisará de controle mental quando for para *Lá*. Ou nunca vai escapar.

John percebeu que a olhava com pena. Ela era uma garota com estrelas nos olhos, nascida na família errada e no século errado. Era verdade, os dois eram parte de algo excepcional, algo maior do que eles, contudo ele usaria palavras muito diferentes para descrever a coisa da qual faziam parte, palavras como "impiedoso" e "perverso". As mesmas palavras poderiam ser usadas para descrever Briac. John sabia que, naquela noite, ela iria para *Lá* e, depois que fizesse o juramento, seguiria adiante. Talvez Quin ainda não percebesse o propósito, mas John via. Pelo menos sua mãe foi sincera com ele, ao passo que o pai de Quin não havia sido honesto com ela.

O que ela sentiria quando descobrisse a verdade? Que Seekers honrosos talvez tivessem existido no passado, mas que a honra não era o estilo de

Briac. Que as habilidades dela seriam usadas para um propósito muito diferente.

– O que você acha que fará hoje à noite, depois do juramento? – perguntou ele com delicadeza.

– Briac disse que será uma tarefa que exigirá todas as minhas habilidades.

Ele viu os olhos dela se distanciando.

– Não sei o que isso significa, mas sinto que todas as gerações da minha família estão esperando há mil anos para que eu me junte a elas – disse Quin. – Minha vida inteira caminhou nessa direção.

John também sentia as gerações se estendendo atrás de si, esperando que ele fizesse o juramento. Havia prometido: *Pegue-o de volta e faça-os pagarem pelo que fizeram. Nossa casa ascenderá.*

– E quanto ao athame? – perguntou ele em voz baixa, pronunciando a palavra "é-th-mei".

Quin ficou surpresa, como John imaginou que ficaria, já que ele ainda não tinha acesso a todo o conhecimento secreto oferecido a Quin e Shinobu. O garoto observou o olhar de dúvida que ela lhe dirigiu, tentando entender onde ele havia aprendido aquela palavra.

– Se você já sabe disso, é meio caminho andado para saber de tudo – disse ela.

– Sei que é a isso que Briac se refere quando fala do "artefato mais valioso na história da humanidade". E sei que é uma adaga de pedra.

– Eu mesma só cheguei a vê-lo, John. Poucas vezes. Nunca o usei.

– Até esta noite – salientou ele.

– Até esta noite – concordou Quin, voltando a sorrir, novamente animada diante dos eventos previstos para aquela noite.

Eles ouviram gritos altos de alegria a distância. Quin se abaixou e se debruçou em uma abertura entre as árvores, e John se agachou ao lado. Daquele ângulo, tinham um vislumbre do outro lado da área comum. Os gritos vinham dos chalés, do lado oposto do campo. Eram Shinobu e o pai, ambos se exaltando em comemoração ao seu bom desempenho no combate. Alistair podia ser ranzinza e brutal na área de treinamento, mas, com o filho, durante as horas livres, parecia um ursinho de pelúcia.

Para John, Shinobu sempre parecera apaixonado por Quin, porém, como eram primos, ele nunca suspeitou que ela retribuísse o sentimento. E, depois de conquistar Quin, John passou a tratar Shinobu de maneira mais amigável.

– Estão comemorando – sussurrou John. – Nós também deveríamos.

– Como, exatamente? – perguntou ela baixinho.

John a puxou devagar para junto de si e a beijou. Desta vez, ela não se desviou.

Os dois sempre paravam antes de fazer algo mais. Quin estava esperando. Ainda precisava fazer o juramento e continuar pelo menos mais um ano sob a orientação dos pais antes de ser considerada adulta. Mas John e ela sonhavam acordados em acampar do outro lado do rio ou se hospedar em um quarto de pousada qualquer, um dia, quando poderiam enfim se entregar um ao outro.

No entanto, algo estava diferente. Talvez fosse a ansiedade dela em relação à noite que viria, ou o brilho de seu triunfo em combate, mas John sentia algo a mais na maneira como ela o beijava. *Ela me ama*, pensou, *e eu a amo. Quero que fique comigo, mesmo depois que ela souber de toda a verdade*. O solo da floresta estava coberto com anos e anos de folhas secas, e John a puxou até o chão macio.

– Vamos para meu chalé... – sussurrou ele.

– Shh... – disse ela, pousando a mão na boca dele. – Olhe.

Da posição em que estavam, deitados, viam uma figura vindo das entranhas da floresta na direção deles. John levantou Quin, escondendo-se junto com ela atrás dos galhos. Eles observaram, até que a figura se aproximou o bastante para ser identificada. Era a Jovem Pavor, com um cordão de coelhos mortos pendurado no ombro.

Pela aparência de seu rosto, calculavam que ela tinha cerca de quatorze anos, mas, é claro, era sempre difícil calcular a idade de um Pavor. A Jovem Pavor chegara na fazenda havia alguns meses, junto com o outro Pavor, que chamavam de Grande Pavor, um homem forte e de aparência ameaçadora que parecia ter cerca de trinta anos.

Briac não entrou em detalhes sobre o que trouxe os Pavores à fazenda, mas parecia que estavam lá para supervisionar os juramentos. Briac, que não respeitava quase ninguém, parecia estranhamente reverente em relação ao Grande Pavor. Os aprendizes decidiram que os Pavores eram como juízes do treinamento de Seekers, com uma história sobre a qual só podiam especular, já que os instrutores não lhes ofereciam muito mais do que pistas sobre eles.

Se a Jovem Pavor tivesse mesmo quatorze anos, ela era baixinha para a idade. Seu corpo era tão magro que ela parecia desnutrida, mas, pelos músculos, dava para perceber que não era o caso. Pareciam cabos delicados de aço sustentando a pequena estrutura. O cabelo tinha um tom castanho comum, como água de louça suja, mas era espesso e quase alcançava a cintura. Parecia que nunca tinha sido cortado e quase nunca penteado, como se ela tivesse recebido todas as instruções sobre higiene pessoal do Grande Pavor, que claramente não entendia nada de criar meninas.

Ela foi na direção dos dois, no andar estranho que compartilhava com o Grande Pavor. Os movimentos pareciam lentos, quase imponentes, como

uma bailarina em uma parte especialmente triste e séria da coreografia. Do nada, ela alterava a velocidade dos passos. Enquanto a observavam, eles ouviram o chamado de um pássaro no campo, e a cabeça da Jovem Pavor girou de repente, tão depressa que eles quase não acompanharam o movimento. Após identificar a fonte do chamado, ela continuou no caminho, firme e fluida como uma estátua de mármore trazida à vida.

– Veja isto – sussurrou Quin, tão baixo que John quase não ouviu, embora sua cabeça ainda estivesse a centímetros da dela.

Em silêncio, ela sacou a faca da cintura. Esperou até que a Pavor alcançasse um trecho iluminado pela luz do sol, que a tornaria momentaneamente cega a qualquer movimento nas sombras. Então, Quin levou o braço para trás e lançou a faca na direção da Jovem Pavor, com o máximo de força possível.

A lâmina traçou um arco perfeito entre as sombras, mirando o ponto exato que sucedia a rota da Pavor. Assim, ela entraria na trajetória da faca e sua cabeça seria empalada pela lâmina.

Mas não foi o que aconteceu.

A Jovem Pavor continuou se aproximando em ritmo constante, até a arma estar muito perto. De repente, todo o seu corpo entrou em ação. O braço direito voou, agarrando a faca no ar. Ela girou tão rápido que parecia um borrão em contraste ao fundo arbóreo e devolveu a faca na direção deles, como uma nuvem lançando um raio. A arma foi atirada com tanta velocidade que eles ouviram seu assobio cortando o ar, e tanto John quanto Quin se esquivaram.

A lâmina desferiu um arco perfeito, a partir da posição da Pavor, desviando-se do amontoado de árvores, cravando-se até o punho em um tronco de árvore, a centímetros do local onde Quin apoiava a mão. A vibração do impacto perpassou toda a árvore, e John a sentiu sob os pés.

– Bom lançamento – gritou Quin, acenando para a garota. – Você poderia me ensinar a fazer isso qualquer dia.

Os olhos da Pavor passearam devagar pelo esconderijo deles, como se os examinassem em minúcias, mesmo a distância. Algo no olhar lhes causava desconforto, e John e Quin se afastaram instintivamente um do outro, como se a intimidade entre eles não fosse capaz de sobreviver ao olhar selvagem da menina. A Jovem Pavor parecia prestes a falar alguma coisa, mas, antes, eles ouviram um novo ruído na floresta.

Quin, John e a Pavor levantaram os olhos e viram um carro voador soltando uma vibração grave e circundando o terreno, e depois aterrissando na área comum. Era tão raro ver um carro voador na fazenda que até a Pavor encarou o veículo por alguns segundos, antes de virar o rosto e retomar os passos firmes.

John e Quin correram até a beira do campo a tempo de ver um homem saindo do carro e caminhando na direção do chalé de Briac, do outro lado da área comum. Ao avistar o homem, John começou a correr, mantendo-se escondido entre as árvores, mas tentando encontrar um ponto de observação melhor.

Quin o alcançou.

– O que houve? – indagou ela.

O visitante se virou por um instante, passando os olhos pela fazenda. John parou de correr. Será que estava imaginando coisas? O rosto do homem parecia familiar. Mas, às vezes, após todo aquele tempo na fazenda, longe de Londres e das multidões, ele achava que qualquer rosto novo parecia familiar.

– Não sei – respondeu ele. – Acha que pode descobrir quem ele é?

– Tenho certeza de que Briac nos contará se for importante.

– Eu, não – disse John em voz baixa. – Mas se bisbilhotar deixa você nervosa... – completou com malícia, olhando para Quin.

– Nervosa?

Ela o empurrou, indignada, e ele ficou satisfeito em ver que Quin examinava o visitante com mais interesse. Tratando-se de Briac, John queria o mínimo de surpresas possível.

– Humm – disse ela. – Vou procurar você se descobrir alguma coisa. – Pousou um beijo leve nos lábios dele e continuou: – Sei que Briac será justo com você hoje. Ele terá palavras duras a dizer, mas não vai interromper seu treinamento. Tenho certeza de que não faria isso.

Em seguida, saiu correndo rumo aos chalés. John já sentia que estava se preparando para o confronto iminente com Briac. Ele observou Quin se afastar, com os cabelos escuros balançando no ar e o corpo gracioso, mas diferente da graciosidade lenta da Jovem Pavor. Quin era cheia de vida.

Capítulo 3

Quin

Enquanto saía correndo da floresta e atravessava a grama alta da área comum, Quin volta e meia olhava para trás, para John. O rapaz continuava parado onde ela o deixara, na beirada do campo, à sombra de um grande olmo. Os olhos dele a seguiam, mas o olhar havia se voltado para si, como se estivesse pensando em algo completamente diferente dela, conforme a via se afastar.

Os olhos de John eram profundos. É o que Quin sempre pensara deles. Quando ele estava com ela, brilhavam com humor e amor, mas, em outros momentos, eram desolados e famintos, como se procurassem algo distante e inalcançável.

Seus olhos foram a primeira coisa nele que a atraiu. Embora John só tivesse doze anos ao chegar à fazenda, Briac o obrigou a ficar em um chalé separado, no meio da floresta, sozinho. Quin e Shinobu o visitavam com frequência, intrigados pela presença de outra criança na fazenda, especialmente uma tão cosmopolita, que havia morado em Londres e estado em muitos outros lugares.

A princípio, John parecia desconfiado da companhia deles, e seu olhar os alertava a manter distância. Ele falava bem pouco sobre coisas pessoais, porém Quin acabou decidindo que as tempestades em seus olhos azuis não eram de raiva ou medo ou traição, como ela pensou a princípio, mas apenas de solidão. Eles começaram a passar mais tempo juntos, e ela viu seu olhar mudar aos poucos, transformando-se em algo parecido com felicidade.

Correndo pela área comum, Quin ainda sentia os lábios dele pressionados aos seus, os braços dele em sua lombar. Ao se aproximar do chalé, deu uma última olhada rápida na direção de John, mas ele não estava mais lá.

Poucos minutos depois, ela havia escalado uma janela nos fundos da casa dos pais. Agachada na despensa, que dividia uma parede com a sala de estar, podia ouvir o visitante do carro voador conversando com Briac.

– Pode haver um desaparecimento – dizia Briac. – Nesse caso, as buscas poderão continuar por tempo indefinido. Isso pode ser bom, mas também pode ser ruim.

Sem fazer barulho, Quin encostou o ouvido na fina porta da despensa, o que lhe permitiu ouvir melhor e enxergar um pequeno pedaço da sala por um vão entre a porta e o batente.

Seu pai estava sentado na velha poltrona de couro, sob as fileiras de antigos arcos pendurados do teto, perto do baú cheio de facas e entalhado com imagens de carneiros, o símbolo da família de Quin. Ele conversava com o visitante, um homem na casa dos vinte anos, que esquentava as mãos na chama vibrante da lareira.

O sujeito vestia roupas que pareciam caras, embora Quin soubesse não ser a melhor pessoa para julgar estilos de moda. Ao longo de seus quinze anos de vida, ela passara pouquíssimo tempo fora da fazenda.

– Pode haver também um fim definitivo, sem pistas para serem seguidas – continuou Briac, correndo a mão pelos cabelos pretos que Quin herdara dele.

A cabeça do pai ainda não tinha nenhum sinal de cabelo grisalho. Ele ainda não alcançara os quarenta anos e continuava tão esbelto e forte quanto era na juventude, embora, para Quin, ele sempre tivesse representado uma presença atemporal e onipotente, como o céu ou a terra.

– Tudo depende do que você precisa – disse ele ao visitante. – Criamos uma circunstância para atender ao seu propósito. Você sabe do que precisa?

Briac se esforçava ao máximo para parecer amigável e educado ao visitante. Quin achou isso inquietante. Ela estava acostumada a expressões e palavras duras do pai. Muitas vezes, ele a assustava. A garota aceitava aquela atitude como uma necessidade do treinamento: ele a estava preparando para uma vida que seria dura, mas cuja dureza estaria a serviço de algo bom. Ser um Seeker significava ser um dos poucos escolhidos que podiam adentrar no *entre* e mudar as coisas.

O visitante começou a responder à pergunta de Briac, falando tão baixinho que Quin não entendia suas palavras. O homem estava muito concentrado, mas parecia quase envergonhado em falar em voz alta. Ela apertou mais a orelha na porta da despensa.

Briac levantou a mão.

– Espere, por favor – disse ele. – Acho melhor continuarmos a conversa lá fora.

O jovem assentiu com a cabeça, e os dois se levantaram para sair. Quando o visitante virou as costas, Briac atravessou a sala em três passadas e empurrou a porta da despensa com força, atingindo a cabeça de Quin, que foi lançada ao chão.

Ela se levantou devagar, saiu cambaleante da despensa e entrou na cozinha esfregando a cabeça. Na sala, a porta da frente do chalé abriu e fechou, e, pela janela, ela viu Briac e o visitante caminhando juntos até o campo. Parecia que Briac queria privacidade.

– Quin, o que estava fazendo lá dentro?

Fiona Kincaid, mãe de Quin, estava sentada à mesa da cozinha, diante de uma caneca.

Quin sentiu um leve cheiro de álcool, e sabia que a mãe estava bebendo a sidra forte à qual se afeiçoara tanto nos últimos anos. No fogão, um ensopado estava sendo preparado para o jantar, e havia um pão no forno, enchendo o chalé de odores deliciosos. Aqueles aromas de cozinha foram o pano de fundo de sua infância, junto com o cheiro da grama alta que cobria a área comum e a terra rica sob as árvores da floresta. A única coisa que afastava a sensação repentina de alegria que Quin sentia era o traço tênue de álcool. John conseguiria. Shinobu e ela conseguiriam. Era o destino deles, e a vida com John seria exatamente como ela sempre imaginava.

– Estava bisbilhotando? – perguntou a mãe.

– Pensei que talvez a conversa tivesse alguma coisa a ver com esta noite – explicou Quin, desabando na cadeira diante de Fiona e levando os joelhos ao peito.

Os cabelos vermelho-escuros da mãe estavam presos em uma trança arrumada, e o rosto estava inexpressivo.

Mesmo sem sorrir, a mãe tinha um rosto lindo. Todos a achavam bonita. Ela olhou pela janela, para Briac e o visitante, que se afastavam do chalé. Depois, voltou novamente a atenção para a caneca de sidra, com uma expressão mais dura.

– O que você ouviu? – quis saber ela.

– Nada – respondeu Quin.

De repente, foi tomada por um pensamento desagradável.

– Vocês não estão arranjando um casamento para mim, estão?

Fiona se surpreendeu com a pergunta, e uma sombra de sorriso se formou em seus lábios.

– Arranjar um casamento para você? Por quê, achou o jovem bonito?

– Eu... não sei. Não estou muito acostumada...

Sua voz morreu, perdida na vergonha.

– É claro que não estamos arranjando um casamento para você – disse a mãe, com um sorriso gentil.

– Não diga "é claro" – respondeu Quin. – Foi o que aconteceu com você, não foi?

Na verdade, a mãe nunca havia admitido, mas Quin concluíra isso a partir da descrição de Fiona sobre o namoro e casamento com Briac Kincaid. Ela não mencionava ter se apaixonado, e sim que seus pais "arranjaram um par" para ela.

– Bem, não vamos obrigar você a se casar com *ele* – disse Fiona, caçoando dela.

– Sei como as coisas aconteciam no passado – continuou Quin. – Proteger as linhagens. Manter o controle.

A realidade é que ela entendia o valor de ter um casamento arranjado pelos pais. Casar-se com alguém em quem seu pai confiasse ajudaria a manter o conhecimento e as armas deles sob seu controle direto. Ela sempre ouviu que Briac e Alistair eram os últimos Seekers, e que Shinobu e ela deveriam manter a tradição em uma linhagem intacta. E John também, é claro, porém sua linhagem já tinha sido quebrada, porque sua família quase havia desaparecido. Na teoria, ela não teria problema nenhum em se casar com alguém que agradasse aos pais, mas a realidade é que ela queria muito que a escolha deles combinasse com a sua.

A mãe deu um longo trago da caneca e balançou a cabeça.

– Não vamos casar você com ninguém, Quin. Apesar de seu pai achar isso uma boa ideia. Acho que sua vida já foi planejada demais. Você deve escolher seu parceiro.

Quin olhou para o outro lado do campo, onde ela e John haviam caminhado juntos pouco antes. Foi tomada por uma sensação de felicidade

e decidiu dar um salto. Faltavam poucas horas para fazer o juramento. Logo, ela seria uma adulta aos olhos deles.

– Mãe, você sabe que já o escolhi, não sabe?

A mãe seguiu o olhar da filha até o lado de fora da janela, mas não viu nada além de grama e árvores.

– E ele é? – perguntou Fiona, pronunciando as palavras devagar.

– É o quê?

– John Hart é seu parceiro?

Quin sentiu as bochechas esquentando.

– Mamãe.

– Acho que já faz um tempo que vocês andam se encontrando às escondidas. Vocês dois já...

– Não! – A conversa havia mudado de foco rápida e drasticamente. – Espere. O que está perguntando?

– Vocês dois já se beijaram?

– Ah... Sim. – Quin sorriu, apesar da vergonha que sentia. – Sim, já fizemos isso.

– E...? – indagou Fiona.

– E o quê?

Quin pensou na maneira como John a deitara no chão, com os olhos solitários completamente concentrados nela... Ela baixou os olhos, encarou as próprias mãos e disse:

– Já nos beijamos. Já nos beijamos bastante, na verdade. Você sabe, não é, mãe? Você costuma saber esse tipo de coisa mesmo quando não digo nada.

– Às vezes, sim, mas não desta vez. Tem certeza de que foi só isso?

– Não sou idiota. Briac já pega pesado demais com ele. Não quero que ele persiga John com uma escopeta.

Fiona enfim abriu um sorriso de verdade, e seu rosto se iluminou de maneira rara. Por um instante, Quin viu a beleza da mãe em toda a sua potência, como um sol quente de primavera surgindo por trás de nuvens pesadas.

– Mãe – disse a garota, decidindo que já estava tão envergonhada que não custava nada continuar –, você acha que o papai vai se importar?

– Com o quê?

– Se eu me casar com John?

Quin prendeu a respiração, preocupada com a reação da mãe. Mas por que não falar sobre casamento? John era o parceiro perfeito. Pertencia a um clã antigo como o dela, não era? Como ela, queria usar o treinamento para o bem do mundo. Talvez pudessem viver juntos ali na fazenda, ou então viveriam em um lugar mais exótico. De qualquer maneira, trabalhariam juntos, lutariam juntos, para ajudar o mundo. *Tiranos e malfeitores, temei...* E, é claro, ela o amava profundamente. Sem dúvida os pais percebiam.

Os olhos dela seguiram a mãe, esperando uma resposta, enquanto Fiona se levantava para conferir o ensopado. Quin não entendeu muito bem a necessidade de fazer isso. Era apenas ensopado, afinal. Se eles quisessem, poderiam cozinhar aquilo por dias.

– Ele já pediu você em casamento? – perguntou Fiona, de costas para Quin.

– Bem, não, ainda não. Mas acho que presumimos isso.

– Vocês são muito jovens – disse Fiona baixinho. – Nunca entendi... Ainda fico um pouco surpresa por você ter escolhido John.

Quin não sabia ao certo o que a mãe queria dizer. Quem ela deveria escolher, um desconhecido? Um homem mais velho eleito pelo pai? De qualquer maneira, ela respondeu rapidamente:

– Não quero dizer agora. Algum dia. Acha que o papai vai se importar?

Fiona se virou para ela, enxugando as mãos no avental e evitando ao máximo os olhos de Quin.

– Acho que seu pai terá opiniões bem fortes a esse respeito. E muita coisa ainda acontecerá antes que você esteja pronta para se casar.

– Essa não é uma resposta de verdade.

– Mas, Quin – continuou Fiona, ignorando a filha, como se tivesse que falar aquelas palavras de uma vez antes que desaparecessem –, o que ele pensa não importa. Sua vida é apenas sua.

Ligeiramente surpresa, Quin observou com atenção a expressão da mãe, que parecia um pouco nervosa. Afinal, Briac era *Briac*. Sua autoridade absoluta era parte da vida estranha e privilegiada na qual ela nascera.

– Mãe...

– Sua vida é apenas sua – repetiu Fiona, com certa urgência, sentando-se a seu lado.

Ela olhou para a janela, depois de volta para Quin.

– Se você... se quisesse ir até John agora mesmo... se quisesse ir embora da fazenda com ele... levar um tipo de vida diferente, agora mesmo. Eu entenderia.

Era uma sugestão tão estranha que ela decidiu que a mãe só podia estar mais bêbada do que parecia.

– Não estou bêbada, Quin.

– Eu não disse isso! Mas... já que você mencionou, realmente sinto um cheiro peculiar vindo da sua caneca.

– Não estou bêbada – repetiu Fiona.

– Não disse que você estava.

– Disse, sim.

Seria inútil discutir se ela disse ou não aquelas palavras, por isso nem tentou.

– Farei meu juramento *esta noite*, mãe. Briac não contou? Não posso deixar a fazenda.

– Sim, ele me contou.

Fiona pousou a mão sobre a de sua filha e a segurou com firmeza.

– Mas, ouça: você só precisa fazer o juramento se realmente quiser.

Quin ficou muda por um instante.

– O quê... – disse, por fim. – O que tenho feito aqui a minha vida inteira? É claro que é isso que quero fazer. Sei... sei a sorte que tenho.

– Tem certeza?

Quin sorriu, como se para uma criança com um medo irracional. A mãe nunca havia feito o juramento. Fiona lhes ensinava línguas, matemática e história, matérias sem ligação direta com a atividade dos Seekers. Embora a mãe não gostasse de falar sobre isso, pelos comentários de Briac, Quin acreditava que Fiona havia cumprido todo o treinamento, mas algo a impedira de se tornar uma Seeker empossada. Às vezes, aprendizes não conseguiam, e, de certa maneira, isso arruinou a vida de sua mãe, e talvez até a tenha levado a se interessar pelo álcool. Porém Quin a amava e não queria que ela ficasse triste, ainda mais em um dia como aquele.

Ela segurou as mãos de Fiona com delicadeza.

– Sim, tenho certeza – falou. – E você vai se orgulhar muito de mim. Pretendo fazer coisas importantes.

As palavras não surtiram o efeito desejado. Os olhos da mãe analisaram os seus por um instante, com muita urgência. Depois, voltaram-se para a mesa, e ela acenou com a cabeça para si mesma.

– É claro que fará – disse, movendo os lábios para formar um sorriso. – E espero que seja muito feliz, minha querida menina.

Fiona se levantou mais uma vez e se voltou para o fogão. Depressa, tão depressa que Quin não entendeu muito bem o que havia acontecido, a mãe

enxugou os olhos. Quin agarrou rapidamente a caneca de Fiona da mesa, cheirou o resto da sidra e a derramou na pia antes que a mãe bebesse mais.

Quin ouviu o som do carro voador decolando do lado de fora, beijou a bochecha da mãe e correu até a porta da frente. De lá, assistiu ao carro decolar em círculos lentos sobre o campo, até desaparecer no céu. Seguiu para o sul, para algum lugar longe da vida de Quin, talvez Edimburgo ou Londres, ou talvez uma localidade ainda mais distante. Talvez ela também visitasse esses lugares em breve. Depois que tivesse ido para *Lá*, ela poderia ir a qualquer lugar. E então o mundo se abriria, e Quin seria uma jogadora em um enorme palco, cumprindo seu destino.

Ela caminhou em direção à floresta, imaginando que reencontraria John, para revelar que não descobrira nada sobre o visitante. Ao chegar ao centro da área comum, ela os avistou. John e Briac caminhavam juntos. Briac apoiava a mão no ombro de John, que encarava o chão. Ela quase sentia o peso dos passos de John, como se seu pai o levasse para a execução.

Sei que ele não tomará a decisão errada, John, pensou ela. *Você ficará na fazenda e terminará o treinamento. Tudo ficará bem.*

Aquela seria a última vez que ela pensaria isso.

Capítulo 4

John

Briac apoiava a mão no ombro de John enquanto eles atravessavam a área comum. Isso deixava John inquieto. Era como ter um machado de guerra apoiado no ombro, duro e implacável. Os dois caminhavam em silêncio, mas John não aguentava mais aquela quietude.

– Não consegui manter o controle mental – disse ele. – Sei disso. Mas é só quando você está com o despedaçador...

Briac bufou, interrompendo-o, e caminhou mais vinte passos em silêncio. John tentava decidir se deveria repetir o que disse ou bolar algo novo quando sentiu a mão de Briac apertar seu ombro com mais força. Pinças metálicas seriam mais confortáveis.

– Você sempre acreditou que isto era seu por direito, John Hart – disse Briac.

A voz dele era suave, e isso o assustava. Nada em Briac era naturalmente suave.

– Meu treinamento *era*...

– Não estou falando apenas do treinamento – interrompeu Briac, com a voz ainda mais grave e cravando as mãos na pele do ombro de John. – Tudo isto.

Ele fez um gesto curto com a mão livre, parecendo abranger toda a fazenda de oitocentos hectares.

– Nunca quis sua terra, senhor.

John manteve a voz firme, contudo sentia a raiva brotar de suas entranhas. Ele se esforçava muito todo dia para se manter simpático perto

de Briac, mas não era fácil.

– É mesmo? – perguntou Briac. – Então, fez minha filha se apaixonar por você por motivos puros e altruístas?

– Talvez ela simplesmente me ame – respondeu John em tom ríspido.

O amor de Quin era a única coisa realmente verdadeira em sua vida, e Briac não tinha o direito de tomar isso dele.

Os dedos de Briac se enterraram no pescoço de John, mas ele se recusou a se afastar. Com o pai de Quin, resistir apenas piorava o castigo, e isso dificultaria os objetivos de John. *Quando eu tomar de volta o que foi roubado, não estarei mais à sua mercê, Briac. Nem Quin.*

– Ela não pertence a você, John.

– Nem a você, senhor.

Briac empurrou a cabeça de John ao soltar seu pescoço.

– Tudo pertence a mim – respondeu ele. – Ainda não percebeu?

Eles se aproximavam dos limites da floresta, perto da área comum onde se encontrava o rio. O sol acabara de mergulhar atrás dos morros, deixando a fazenda na penumbra. À esquerda de John, entre o campo e o rio distante, havia um trecho amplo de floresta. Nos limites da mata, quase tocando o campo, encontravam-se os três chalés dos Pavores. Durante todos os anos que John passou na fazenda, eles permaneceram vazios, até a chegada da Jovem Pavor e do Grande Pavor alguns meses antes. O terceiro chalé continuava escuro como sempre. John se perguntou se haveria outro Pavor em algum lugar, esperando.

A fazenda inteira estava muito mais vazia do que no passado. Sua mãe contou que havia vários aprendizes em treinamento lá quando ela era menina. E, antes do tempo dela, eles enchiam os chalés de pedra escondidos no meio da floresta, que no momento estavam vazios. A população atual da fazenda consistia apenas nos três aprendizes, nos pais de

Quin, no pai de Shinobu, em alguns peões para ajudar com as vacas e ovelhas, e nos dois Pavores.

Os dois Pavores estavam sentados do lado de fora dos chalés, perto de uma fogueira a céu aberto. A Jovem Pavor estava vestida para batalha, com a espada-chicote e várias facas presas à cinta e o cabelo amarrado dentro de um capacete de couro. Ela afiava uma longa adaga com uma pedra de amolar à luz do fogo, as mãos se movendo pela lâmina com uma precisão firme e rítmica. A luz alaranjada dançava sobre seu rosto, formando sombras escuras ao redor dos olhos. Diante dela, o Grande Pavor passava óleo em sua faca e entoava palavras para a jovem, com a voz tão fria e dura quanto a lâmina em sua mão. Quando ele parava, a Jovem Pavor entoava a resposta.

Enquanto conversavam, nenhum dos dois se movia, mas, quando John e Briac passaram, os olhos dos Pavores os seguiram por alguns segundos. John sentiu um calafrio na espinha.

Eles passaram pelo terceiro chalé dos Pavores, vazio e silencioso, depois se afastaram da floresta, atravessando o campo em direção ao celeiro de ordenha e os estábulos. Apesar de tentar controlar as emoções, John sentiu um arrepio de preocupação. Ele sabia para onde se dirigiam. A mão de Briac encontrou o pescoço de John mais uma vez, empurrando-o adiante.

– Briac, farei o juramento. Preciso fazê-lo.

– Não existe "preciso", John. Tudo que existe são o fracasso e o sucesso. Você falhou.

Essas palavras o atingiram como um golpe na boca do estômago. Até ouvi-lo dizer "falhou", John ainda guardava alguma esperança de que Briac seria justo, de que manteria a promessa e concluiria seu treinamento.

– Sou o aprendiz mais forte – disse ele em voz baixa. – Você sabe.

– Sim, é verdade – concordou Briac. – Um lutador forte. É também um lutador distraído, um lutador emotivo. Características mortais para um Seeker, tanto para você quanto para seus companheiros.

Eles passaram pelos estábulos de pedra, onde John ouviu o relinchar dos cavalos, confortáveis em suas cocheiras. Por um breve instante, imaginou que Briac o levaria para lá e exigiria mais uma demonstração de suas qualidades em equitação. Mas eles não pararam nos estábulos.

Passaram pelo celeiro de ordenha, com seu odor todo especial, desagradável, mas, de algum modo, acolhedor. Briac continuou caminhando, e sua mão agora pressionava as costas de John. Seu destino era uma estrutura com um aspecto muito diferente.

Diante deles, via-se um velho celeiro. Metade do telhado havia desabado, no entanto os fundos ainda estavam intactos. De uma janela alta no muro, na metade ainda inteira, uma luz tênue derramava-se na penumbra, tingida de um azul metálico.

John parou. Briac pressionou as costas do rapaz com mais força, porém não se moveu.

– Não quero ir – disse.

– Mas nós vamos.

– Eu já vi isto.

– E verá novamente.

– Não.

John detestava o tom infantil da própria voz, mas Briac sabia exatamente como fazê-lo se sentir impotente. *Seja qual for a circunstância, você precisa controlá-la*, sua mãe lhe dissera. Ele precisava encontrar uma maneira de recuperar o controle da situação.

Briac afastou a mão das costas de John e caminhou adiante.

– Pode ir embora se quiser, mas nunca saberá o que tenho para dizer.

John ficou parado por um minuto inteiro, observando a imagem de Briac se tornar cada vez mais indistinta em meio à escuridão. Boa parte de seu tempo na fazenda era dedicado a tentar esquecer o que havia no celeiro. Mas aquilo continuava lá, mesmo que ele tentasse evitar. Ainda assim, seus pés não queriam se mover. Todo o seu corpo queria dar meia-volta e fugir dali. Por fim, ele correu para alcançar Briac no momento exato em que destrancava a porta do celeiro.

Lá dentro, a luz das estrelas vazava pela metade desabada do telhado, e eles mal enxergavam por onde andavam. Dos cantos escuros vinham o cheiro de palha velha, ervas selvagens e roedores, os mesmos odores de que ele se lembrava da última vez em que esteve ali.

Um cômodo moderno havia sido construído do outro lado do celeiro. Parecia um enorme bloco de montar para crianças, enfiado em um brinquedo maior e mais antigo. As paredes do cômodo eram feitas de concreto liso, enquadrando uma porta grande de aço. Os dois homens atravessaram o celeiro, e John observou Briac digitar números em um teclado. A porta de aço se abriu com um clique.

Briac gesticulou, indicando que John deveria entrar primeiro. Ao atravessar a porta, um cheiro de hospital tomou suas narinas, uma mistura de desinfetantes e carne em decomposição. A luz azulada e tênue que ele vira do lado de fora vinha de um conjunto de aparelhos médicos empilhados junto à única janela do quarto, no alto de uma das paredes.

Uma figura estava deitada na cama no centro do quarto, mas eles não a enxergavam bem na penumbra, exceto pelo halo de fagulhas flutuando ao redor da cabeça e do torso, piscando debilmente em cores diferentes. Anos antes, quando John chegou à fazenda, as fagulhas eram mais brilhantes, ou não?

Quando Briac acendeu a lâmpada do teto, John quis instintivamente fechar os olhos, mas se esforçou para olhar. A figura na cama parecia morta. Contudo os tubos intravenosos e as máquinas provavam que não estava: a forma esquelética diante dele vivia, mesmo que apenas tecnicamente.

A garganta de John se apertou. Era impossível identificar o sexo e a idade da figura, e sua pele parecia murcha em decorrência de algo além do tempo. O cabelo era cinza e desigual; boa parte havia caído. Os ossos apareciam por baixo da pele, e, embora os músculos tivessem quase desaparecido, as juntas do corpo estavam puxadas em posições estranhas. O rosto era especialmente esquelético, com a pele afundada e a mandíbula proeminente. Sobre a cabeça, um avental hospitalar oferecia à figura certa privacidade.

Durante algum tempo, Briac permaneceu em silêncio, forçando John a estudar o corpo. À luz mais forte, era difícil enxergar as fagulhas, e o rapaz sentia continuamente que seus olhos lhe pregavam peças, um efeito que lhe causava tonteira e náuseas. Lembrou-se de quando, aos sete anos, viu uma teia de lampejos brilhantes, como pequenas explosões elétricas, antes de conseguir fechar os olhos. *Fazê-los pagar por isso...*

– Este é um Seeker que se chocou contra um campo despedaçador – disse Briac, interrompendo os pensamentos de John. – Acha isto bonito?

– Não.

– Este corpo está aqui há anos.

– Você já o mostrou para mim antes. Sabe disso. Já mostrou para todos nós.

John se esforçava para controlar a voz. Briac visivelmente sentia prazer em exibir aquela criatura torturada.

– Sim. Guardo-o para os aprendizes. Um Seeker precisa entender com o que vai se deparar antes de fazer o juramento.

O tom presunçoso de Briac enojava John.

– Se quer que seus aprendizes saibam com o que estão lidando – disse ele –, deveria mostrar o que os Seekers fazem *depois* do juramento.

Briac o ignorou.

– Você exige acesso à posse mais valiosa da humanidade sem merecê-la de verdade. Mesmo que esta fosse a consequência – disse ele, apontando para a figura na cama. – Para você e para aqueles que dependeriam de você. Como Quin.

– Fiz por merecê-la – cuspiu John. – *Posso* fazer por merecê-la. Você só está fingindo que não posso.

– É preciso muita energia para manter esta criatura viva – divagou Briac, direcionando mais uma vez a atenção de John para a figura na cama. – No começo, ela sofria convulsões e tremedeiras desagradáveis, quando seus músculos ainda funcionavam, mas não mais. Tudo o que restou foram as faíscas, mas elas estão desaparecendo aos poucos. Preciso passar uma corrente de energia pelo corpo, além de nutrientes, ou as faíscas consumiriam sua vida em poucos dias.

Briac levantou uma das pálpebras do ser e encarou seu olho inerte, que perdera toda a cor original, em seguida deixou que se fechasse sozinha.

– Pare de alimentá-lo – disse John, tentando manter a voz firme, mas ouvia o tom suplicante das próprias palavras. – Devemos deixar os mortos morrerem.

– Acha isto desumano? – perguntou Briac, com um tom cínico de surpresa. – É uma importante ferramenta do treinamento.

John encarou o corpo, o cabelo desigual, o avental hospitalar. Como acontecera anos antes, quando vira aquela criatura horrível pela primeira vez, teve vontade de levantar o avental e procurar pelas provas que tinha certeza de que encontraria.

Como se adivinhasse os pensamentos de John, Briac parou entre a cama e ele. Os olhos de John se voltaram para as velhas botas de couro de Briac, com solas pesadas e pontas de metal, tão deslocadas naquele ambiente asséptico de hospital. Eram as botas de um homem que fez coisas terríveis. John sentiu outra onda de náusea.

Ele se forçou a levantar o rosto para encarar os olhos do homem mais velho.

– Pena que você não morreu no combate de treinamento – comentou Briac, com uma voz sinistramente baixa. – Teria sido conveniente. Ninguém poderia colocar a culpa em mim.

– Você é um animal – sussurrou John. – O que acontecerá quando Quin descobrir o que você é e o que espera que ela seja?

– Eu sou um animal? – perguntou Briac com a voz inexpressiva. – E você... um inocente?

– Você assumiu um compromisso. Diante de testemunhas.

– Eu devia a você um treinamento. Esforcei-me ao máximo para treiná-lo. Você completou dezesseis anos no mês passado. Seekers precisam fazer o juramento até os quinze anos.

– Cheguei tarde aqui. Eu era mais velho que Quin e Shinobu...

– Isso não é problema meu.

– Eu era uma *criança*. Meu avô demorou para se convencer de que eu estaria seguro aqui...

– Você perdeu a oportunidade.

John encarou Briac. Por anos, esforçara-se para esconder o ódio. Naquele momento, a raiva era tão intensa que quase o paralisava. Ele não poderia aceitar aquilo. *Muitas coisas vão tentar desviá-lo do caminho. O ódio será uma delas...*

Ódio. Seu corpo quase vibrava com o sentimento. Mas ele falou com o máximo de calma possível:

– Essa "posse valiosa" sobre a qual você fala o tempo todo... quem é o dono dela, Briac? A quem ela pertence?

A mão de Briac disparou para esbofetear o rosto de John, porém o jovem se desviou, aproximando-se dele.

– Você deveria estar me ajudando – disse John. – Quin e eu nos casaremos um dia. Você poderia fazer uma trégua comigo agora, restabelecer as relações entre nossos clãs, conquistar o que tomou injustamente. Antes que eu seja obrigado a...

– Você não tem clã nenhum, John – respondeu Briac com a voz ríspida, interrompendo-o. – Eu me certifiquei disso. Você está sozinho, e Quin não será sua. Um athame sempre termina com aquele a quem pertence. No caso, sou eu.

Eles travaram olhares.

– Já avisei a seu avô que você falhou, de uma vez por todas. Ele ficou muito chateado. – Briac revelou a última má notícia com um prazer palpável. – Ele espera por você em casa.

Um vasto oceano de desesperança começou a brotar ao redor de John. Ele precisava sair dali, antes que fosse engolido.

– Faça as malas – disse Briac. – Eu o deixarei no trem amanhã. Agora, vá.

E foi exatamente o que John fez, saindo com passos fortes do hospital improvisado e do celeiro em decomposição. Parou do lado de fora da porta, respirando fundo o ar gelado da noite, enchendo os pulmões como um atleta que se prepara para uma corrida.

Então, começou a correr.

Capítulo 5

Shinobu

Naquela noite, o vilarejo de Corrickmore estava silencioso, exceto por alguns pescadores perdidos e bêbados demais para ir para casa e barulhentos demais para ficar no pub. Suas vozes ecoaram das casas voltadas para a orla e foram respondidas por moradores que abriram as janelas de supetão e gritaram para eles calarem a boca ou chamariam a polícia.

Shinobu e Alistair caminhavam do outro lado da rua, ao longo da água. A pança dos dois estava cheia de torta de carneiro e cebola do Friar's Goat, o pub no lado norte da cidade, e eles compartilhavam uma garrafa de cerveja grande o bastante para quatro ou cinco pessoas, quase grande demais para Alistair.

– Cuidado, não beba demais – aconselhou Alistair, enquanto Shinobu tomava um trago da garrafa. – Temos uma noite longa pela frente.

Ele bateu no ombro do filho, fazendo Shinobu cuspir um gole grande de cerveja sobre os próprios sapatos.

– Ah, pode beber um pouco mais do que isso, filho – disse o pai, levantando a garrafa até a boca de Shinobu novamente. – E fique um pouco mais imóvel.

Shinobu balançou a cabeça e devolveu a garrafa. Não estava interessado em cerveja e não queria ficar com os sapatos mais grudentos do que já estavam. Dançou até o pai, como um boxeador, e esmurrou a barriga dele. Era como socar o David de Michelangelo; Alistair agigantava-se diante do

filho, e seria mais fácil Shinobu machucar os próprios punhos do que o pai. Alistair apenas riu, tomando mais uma golada de cerveja.

– Conte-me o que faremos esta noite, pai.

Shinobu girava ao redor dele, socando-o sempre que conseguia.

– Não posso.

Os dois observaram os pescadores, que haviam chegado à esquina e faziam ainda mais barulho conforme o último verso da canção de bar que entoavam se dissolvia no caos. Trôpego, um deles abandonou o grupo a caminho de casa, deixando os outros em uma discussão sobre o primeiro verso de uma nova canção.

– Eles não parecem nada infelizes, não é? – perguntou o pai, correndo a mão pelo cabelo ruivo.

– Quem, os pescadores? – indagou Shinobu. – Eles estão completamente de porre.

– E nós, não?

– *Eu*, não. Tenho trabalho a fazer esta noite.

– Você acha que não dá pra trabalhar bêbado? Ficar bêbado até ajuda, às vezes – disse Alistair.

Shinobu cravou o punho em um soco maroto na boca do estômago do pai.

– Vamos. Bata de volta!

Alistair desferiu um golpe preguiçoso, do qual Shinobu se desviou com facilidade.

– Seu filho fará o juramento esta noite! Você consegue fazer melhor do que isso.

– Esses bebuns não parecem infelizes – disse Alistair, pensativo, desferindo outro golpe contra Shinobu.

O garoto se esquivou do punho do pai e olhou para os três pescadores restantes. Um deles vomitava sem cerimônias em uma lixeira de rua.

– Talvez não saibam os segredos do universo – continuou Alistair. – Eles não fazem parte do nosso... clube especial. Mas sabem se divertir.

– Pai, um está limpando o vômito na camisa do outro.

Shinobu socou o ombro do pai com força suficiente para derrubar um homem menor.

Alistair bufou, absorvendo o impacto. Os dois observaram os pescadores mais de perto, enquanto outro deles vomitava na calçada.

– É, talvez sejam um pouco nojentos – admitiu Alistair.

Ele atravessou a rua, guiando o filho para longe da orla, por uma viela estreita com fileiras de respeitáveis casas de tijolos.

– Está bem – continuou o pai, tentando mais uma vez convencê-lo de seu argumento –, aqueles idiotas não eram o melhor exemplo. Mas estas casas aqui, elas estão cheias de gente. Todo tipo de gente.

– Pai, já estive aqui antes, sabia?

– É, eu sei – disse o pai, com um sorriso. – Mais vezes do que você admite.

Corrickmore era a cidade mais próxima da fazenda, a cerca de cinquenta quilômetros de distância. E era verdade, Shinobu já a visitara mais vezes do que havia revelado ao pai. Havia garotas no vilarejo. E ele descobrira bastante cedo que as garotas gostavam muito de sua aparência ("como um galã de cinema asiático"), da forma como ele se movia ("como um tigre"), de como falava ("tão cavalheiro!"), de tudo a respeito dele, na verdade.

– De qualquer maneira, muitas delas são felizes – prosseguiu Alistair, bebendo mais um enorme gole de cerveja. – Mesmo sem todas as coisas especiais que você aprendeu.

Por fim, Shinobu parou de dançar ao redor do pai e parou diante dele. Empurrou o peito de Alistair com força. Era como parar uma locomotiva, de modo que o garoto foi empurrado alguns passos para trás antes de freá-lo.

– Acha que eu seria mais feliz sem as coisas que aprendi?

O pai o encarou de cima, depois desviou o olhar.

– Não é isso que quero dizer. Não exatamente.

Ele contornou Shinobu e continuou a andar. Ali, a cidade estava silenciosa, iluminada por alguns poucos postes e pelo brilho eventual de uma televisão dentro de alguma casa. O único som que ouviam era o da água quebrando no píer a algumas quadras. Alistair virou a esquina outra vez, escolhendo outra rua.

– O que estou dizendo – continuou ele – é que criei você na fazenda, enchi sua cabeça com meu mundo. – Alistair não era um homem de muitas palavras. – É natural que queira fazer o que lhe foi ensinado, mas... você tem uma escolha, filho. Nunca falei isso?

– Não preciso de uma escolha. Amo tudo aquilo. As lutas, a maneira como uso a mente. Todas as histórias antigas.

Ele socou a lombar do pai várias vezes para enfatizar o que dizia. Alistair quase não notou.

– As coisas não são mais tão parecidas com aquelas histórias – murmurou Alistair. Voltou a falar após uns instantes em silêncio. – Sua mãe gostava de caminhar até a cidade. Lembra? Ela gostava de ver o mundo exterior.

– É claro que lembro.

Surpreso pela mudança de assunto, o garoto parou de bater no pai e levantou os olhos para estudar o rosto dele. Em geral, Alistair não mencionava Mariko, a mãe de Shinobu. Ela morrera em um acidente de

carro sete anos antes. As lembranças que ele tinha da mãe estavam desaparecendo, mas algumas eram vívidas, como caminhar com ela pelo campo da fazenda enquanto ela explicava o que era a honra. Shinobu se lembrava de seu belo rosto japonês e de sua estatura baixa. Perto do pai, ela parecia uma boneca. Apesar disso, sempre parecera tão forte quanto ele. Exceto perto do fim, quando estava doente, logo antes do acidente.

– Sua mãe não queria que você passasse a vida inteira na fazenda – falou Alistair.

– Mas *já* passei a vida inteira na fazenda. Passei a vida inteira treinando para ir *Lá*, pai. Minha vida inteira, e agora estou pronto. Esta noite, vamos juntos.

Alistair parou de andar. Inclinou-se, de modo que seus olhos ficaram na mesma altura dos de Shinobu.

– Você não precisa se preocupar com *Lá* – disse ele baixinho –, mas com aonde vamos *depois*.

– Conte-me.

– Não posso. Gostaria de contar, mas não posso.

Alistair parecia agoniado. Ele esfregou as mãos no rosto. Os dois pararam diante de uma fileira de casas. As cortinas estavam fechadas, mas eles viam as sombras de uma família se movendo lá dentro e ouviam sons de cozinha: o apito de uma chaleira, alguém gritando que os biscoitos estavam prontos.

– Você reconhece este lugar, filho?

Shinobu investigou a casa e sorriu.

– Uma garota que conheço mora aqui. – Ele se virou para o pai, surpreso. – Como sabia?

– Sei de algumas coisas – disse Alistair. – Ela é sua namorada?

Shinobu notou uma figura se movendo em um quarto do segundo andar. Era a garota. Alice. Ele viu o topo da cabeça dela perto da janela.

– Não sei – respondeu ele, depois deu de ombros. – Ela parece gostar de mim. Ela deixou que eu a beijasse.

– É mesmo? E foi bom?

– Foi.

Shinobu sorriu mais uma vez. É claro que beijar uma garota seria bom.

– Olhe ao redor por um instante, filho. Por favor. Olhe para as casas, as pessoas, a vida que elas levam. Quando se tornar um Seeker, após o juramento, não verá mais o mundo da mesma maneira.

Shinobu olhou em volta, divertindo-se com a atitude do pai, que ele quase nunca ouvia juntando tantas palavras ao mesmo tempo, mas também confuso.

– Pai, não sei o que você quer dizer. Minha vida toda, Quin e eu...

– Eu sei. Sei o que você sente por Quin.

Shinobu sentiu seu rosto ruborizando e desviou o olhar. Ele podia falar livremente de qualquer garota... exceto dela.

– Ela é minha prima – murmurou ele.

Os dois se consideravam "primos" desde sempre, mas sua relação familiar não era tão próxima assim. Alistair e Fiona eram primos de segundo grau, o que tornava Quin e Shinobu primos de terceiro grau. E, em algum ponto do passado, gerações antes, um antepassado havia se casado novamente, o que significava que a relação consanguínea entre eles não era tão forte assim. Shinobu estudou a conexão dos dois com o máximo de cuidado, evitando chamar atenção para seu interesse. Apesar disso, Quin sempre chamava Alistair de tio e Shinobu de primo, o que o tornava pouco atraente, exceto como um familiar. E, embora ela o achasse "lindo", o que ele mesmo a ouvira dizer, sua beleza era, para Quin, como a

beleza de uma pintura, algo que você admira mas não pode tocar. Para ele, aquele era o pior tipo de beleza.

– Sim, ela é sua prima – concordou Alistair em voz baixa. – E é mais do que isso. Vocês treinaram juntos desde a infância. Você não vai querer deixá-la. Mas... – Ele olhou para uma abertura entre as cortinas, para as pessoas na casa. – Há uma garota ali que parece gostar de você. Só quero que saiba que pode ficar aqui se quiser. Você poderia ficar, e eu voltaria. Não vou ficar ofendido. Talvez Briac fique, mas posso lidar com isso. A escolha é sua.

Os olhos de Alistair imploravam. Shinobu nunca vira aquela expressão no rosto do pai. Era inquietante, como se o chão sob os pés dele estivesse se deslocando de súbito.

– Pai, por favor, por que está me falando essas coisas?

– Não posso dizer – respondeu ele. – Fiz meu próprio juramento. – Seus olhos estavam fixados nos de Shinobu, como se quisesse que o filho lesse sua mente. – Mas saiba disto: caso escolha voltar para a fazenda comigo, a vida será muito diferente. Talvez você ame uma mulher como amo sua mãe... – Shinobu notou que ele usou o verbo no presente, e se perguntou quão bêbado Alistair estava. – Mas ela nunca saberá tudo sobre você.

Aquela noite deveria ser de comemoração, contudo Shinobu sentiu um desconforto crescente sob o olhar penetrante do pai. Por que o grandalhão não quebrava a tensão soltando um enorme arroto ou fazendo xixi na porta de alguém? O rosto do pai, no entanto, não mostrava qualquer sinal de diversão.

Shinobu percebeu que o clima constrangedor continuaria até que ele levasse o pai a sério. Afastou-se da casa, caminhando até o centro da rua, para enxergar Alice melhor no segundo andar. Ela estava inclinada sobre uma mesa, talvez fazendo o dever de casa. Era uma menina bonita e legal, e

adorava quando Shinobu prestava atenção nela. Ela disse que nunca tinha conhecido alguém como ele e que nenhum "garoto bonito" jamais quis conversar com ela antes.

Alistair tinha razão. O mundo estava cheio de gente, e talvez muitas fossem felizes. Muitas certamente eram meninas, e, se ele quisesse, seria fácil encontrar a mais engraçada, mais bonita, mais feliz, e convencê-la a se apaixonar por ele. Mas como ele ficaria? *Vazio*, pensou Shinobu. Havia uma garota, a garota com quem ele crescera. Talvez ela nunca o amasse assim, porém os dois já compartilhavam uma vida, um propósito. Seriam como os Seekers de outrora, e suas habilidades e boas ações se tornariam lendárias. *Temei*, *tiranos*, como diziam os antigos Seekers. Shinobu e Quin protegeriam pessoas boas do mal. Ele não poderia deixar isso para trás.

Virou-se e pousou as mãos nos braços de Alistair.

– Obrigado, pai. Já fiz minha escolha. Quero ir para casa.

Shinobu teve certeza de que via um efeito ótico da luz, do poste mais escuro e cintilante perto deles, porque, por um instante, parecia que Alistair estava prestes a chorar. Mas seu rosto logo voltou ao normal, e ele assentiu gravemente, como se a coisa mais importante do mundo tivesse acabado de ser decidida.

– Bem, meu garoto, então vamos voltar para casa.

Capítulo 6

Quin

O dia havia sido quente, mas o ar noturno era de um frio cortante enquanto Quin seguia o pai por uma trilha na floresta. Eles só enxergavam o caminho graças ao gotejar da luz da lua, que delineava os galhos escuros sobre suas cabeças e dava forma à pequena trilha.

Havia corujas na floresta, já despertas, à caça. Como sempre, Quin ouvia o som distante do rio, fazendo a curva sob as ruínas do castelo, correndo e descendo até o terreno mais plano para além dos pastos e seguindo até a lagoa e o mar.

Ela sentia o solo da floresta, macio e acolhedor, através dos sapatos. Sentia o ar frio da noite nas mãos e no rosto. Mas sentia algo a mais. Sentia a fazenda inteira, a floresta inteira, a Escócia inteira. Era tão grande quanto tudo aquilo. Trabalhou durante metade da vida para chegar àquela noite. Tudo o que aprendera, todo o treinamento, a levara até ali. Em pouco tempo, faria o juramento, como tantas gerações de sua família antes dela.

Embora o pai nunca respondesse a perguntas sobre o que faria depois do juramento, sua cabeça estava cheia de antigas lendas. Alistair era um ótimo contador de histórias, e, durante a infância, Shinobu e ela se sentavam perto da fogueira em noites frias e escuras enquanto ele os presenteava com lendas de Seekers que derrubaram reis tiranos, Seekers que libertaram terras ancestrais de criminosos terríveis, Seekers que corrigiram todo tipo de injustiça na Europa e em outras partes do mundo. Ela crescera sabendo que integrava essa tradição antiga.

Viu chamas adiante: uma pequena fogueira em uma clareira nas profundezas da floresta. A silhueta do pai andando à frente ficou mais visível, com os ombros largos definidos pelo brilho alaranjado do fogo.

Logo, a trilha deu lugar ao descampado. Havia um menir alto no centro da clareira, coberto de liquens e musgos. A rocha estava ali desde antes da construção do castelo, então em ruínas. Pertencia à era em que os druidas dominavam a região. O pai dizia que seus antepassados mais distantes eram druidas. Sua família estava ali havia todo esse tempo.

A fogueira brilhava na frente do menir. Shinobu e Alistair já estavam lá, assim como os dois Pavores. Quin já sabia que não havia chance alguma de John acompanhá-los aquela noite. Ainda que Briac continuasse o treinamento de John, o que certamente faria, ele ainda precisava aprender muito antes de fazer o juramento. Mesmo assim, o coração de Quin pesava com sua ausência. Havia anos que ela esperava que John desse esse passo junto com eles. *Não importa*, disse a si mesma. *John logo vai terminar o treinamento e nos seguir.*

À medida que se aproximava do grupo, Quin via que todos estavam vestidos como ela, em roupas simples e pretas, com armaduras e capacetes de couro cobrindo o peito e a cabeça. Apesar da vestimenta semelhante, os Pavores pareciam pertencer a outra era. Suas olheiras e suas expressões estáticas lhes davam uma aparência feroz e terrível à luz da fogueira. Se de fato fossem algum tipo de juízes dos Seekers, pareciam ter sido construídos de um tecido antigo e brutal.

Quin se aproximou e parou ao lado de Shinobu, e os dois se encararam. O cabelo dele estava enfiado no capacete, como o dela, e os olhos escuros estavam sombreados, mas dava para ver que ele se esforçava para não sorrir. Seu corpo estava completamente ereto, como se os pés estivessem prestes a decolar. Ela sentia a mesma ansiedade e agitação. Acenaram a cabeça de

leve um para o outro, mas ninguém falou o que estavam pensando: *Chegou a hora*.

O que pediriam que eles fizessem?, perguntou-se Quin. Qual seria o equivalente moderno dos grandes feitos sobre os quais haviam ouvido na infância? Sem dúvida, começariam com coisas pequenas, com atos heroicos menores. O mundo não era cheio de injustiça? Com certeza, havia inúmeros pequenos atos de bravura que eles poderiam fazer para ajudar.

A Jovem Pavor atiçou o fogo com sua maneira majestosa de se mover, aproximando as brasas e colocando mais lenha sobre elas. Depois, pegou uma longa vara de metal e posicionou a ponta entre os carvões. Quin exalou devagar. Aquela vara de metal seria a parte final da cerimônia da noite. Ela estendeu a mão e puxou a manga da camisa de Shinobu com gentileza, em um gesto de camaradagem. Ele respondeu apertando a mão dela. Em seguida, os dois observaram a vara de metal no fogo, que emanava ondas de calor.

– Agora, começaremos – disse Briac em um tom de voz que não era alto, mas imponente.

Os dois Pavores se levantaram de perto da fogueira e encararam os outros quatro. Shinobu e Quin se viraram para os pais.

Alistair estava perto de um grande baú de madeira que havia carregado até a clareira. Abriu o baú, de onde começou a sacar armas. Ele jogou as espadas-chicote para Shinobu e Quin. Até aquele instante, as armas haviam ficado trancadas no celeiro de treinamento; daquele momento em diante, pertenciam a eles, que poderiam mantê-las consigo. Alistair também lhes lançou facas e adagas, depois pegou algumas para si mesmo.

Em seguida, abriu uma prateleira dentro do baú, expondo outra fileira de armas. Ele pegou várias delas e as deitou no chão da floresta. À luz da fogueira, Quin notou que eram armas de fogo modernas.

Armas de fogo? Quin olhou de soslaio para Shinobu, que também parecia surpreso. É claro que haviam treinado com armas de fogo. Tinham treinado com quase todos os tipos de armas do mundo. Mas aquelas não eram as armas apropriadas para um Seeker.

Ela assistiu a Briac selecionando duas pistolas e as guardando em coldres tão bem-escondidos entre as dobras de sua roupa e armadura que Quin não os notara antes. Alistair fez o mesmo. Em seguida, Briac fez um gesto para os aprendizes.

– Vocês escolherão alguma outra arma?

– Precisaremos de outra arma, senhor? – perguntou Shinobu, encontrando sua voz antes que Quin achasse a dela.

– Provavelmente não – disse Briac. – A escolha é de vocês.

Quin caminhou devagar para a frente, selecionou uma pequena pistola e um coldre, que posicionou na lombar. Shinobu decidiu não pegar nenhuma arma de fogo.

Alistair fechou o baú e se juntou a Briac, encarando-os.

– A presença destes dois esta noite é uma honra para nós – declarou Briac em tom formal, com um gesto para os Pavores. Parecia ter memorizado as palavras com cuidado. – Eles vieram aqui testemunhar os últimos estágios do seu treinamento. Hoje, eles observarão as formalidades finais e ministrarão seus juramentos, caso sejam bem-sucedidos.

Quin estudou os Pavores mais uma vez. Eles já estavam armados, mas não com armas de fogo. A mão direita da Jovem Pavor estava apoiada perto de uma espada-chicote, e a esquerda, perto de uma longa adaga. Com o cabelo guardado no capacete, ela parecia muito mais nova que Quin, o que tornava perturbador seu rosto inexpressivo, como se ela fosse uma menina cujas emoções naturais haviam sido roubadas. O Grande Pavor estava com uma expressão bem diferente, intensa e *ávida.* Por ele se manter sempre tão

imóvel, Quin tinha a impressão de que aquela era sua única expressão, como se tivesse sido talhada em seu semblante no início dos tempos.

– Nossos distintos visitantes estão armados – continuou Briac, referindo-se novamente aos Pavores –, mas não participarão das próximas atividades a não ser que sejam forçados pelas circunstâncias. Vamos provar nosso valor, garantindo que isso não aconteça. Concordam?

– Concordamos, senhor – responderam Quin e Shinobu ao mesmo tempo, embora a garota não soubesse com o que estavam concordando.

– É chegada a hora de vestirmos nossos mantos – anunciou Briac.

Eram as palavras rituais. Apesar de estar confusa a respeito das armas de fogo, Quin sentiu que sua animação retornava.

Briac e Alistair vestiram seus mantos escuros, prendendo-os nos ombros. Encararam os aprendizes e também os vestiram com os mantos. Quin sentiu o peso do tecido grosso a envolvendo. *Finalmente minha vida vai começar*, pensou.

Então, com movimentos suaves e controlados, Briac sacou um objeto de seu manto. Todos os olhos se voltaram para ele.

Era uma longa adaga feita de uma pedra pálida.

Quin notou que estava prendendo a respiração. A adaga tinha cerca de trinta centímetros de comprimento e era bastante cega. Seu objetivo certamente não era cortar. O punho era cilíndrico, feito de vários discos de pedra empilhados um sobre o outro: chaves de um mostrador, que Quin sabia poderem ser giradas individualmente. A luz alaranjada da fogueira banhava a adaga, que parecia drenar e intensificar sua cor, gerando uma luz pálida ao redor da lâmina.

Ela era chamada de athame. A ferramenta do Seeker. John havia caçoado da descrição de Briac: “O artefato mais valioso da humanidade.” Mas, naquele momento, não parecia haver nada de engraçado na adaga.

Quin já vira o athame duas vezes, acompanhada de Shinobu, após sessões de treinamento nas quais tinham se saído especialmente bem. Ambas as vezes, só o viram brevemente. Naquele momento, seu treinamento com a adaga de pedra estava prestes a começar. Em toda a história da humanidade, a arma só havia sido usada por Seekers empossados. Ela estava no centro do poder deles.

– O athame – recitou Briac. – O descobridor de caminhos ocultos.

Então, inesperadamente, ele sacou outro objeto do manto. Não era uma adaga, mas algo parecido. Era feito da mesma rocha pálida, um pouco mais longo do que o athame, com um punho simples em uma das extremidades e uma lâmina plana, cega e levemente curvada.

Quin e Shinobu se entreolharam, surpresos. Nunca haviam visto ou ouvido falar daquele objeto. Briac o mantivera em completo segredo, como um último mistério antes dos juramentos.

– A vara de relâmpago – entoou Briac. – A companheira do athame, cujo toque permite que o athame ganhe vida.

Ele manteve o instrumento erguido por mais um instante, enquanto todos o observavam.

– Suas armas estão prontas? – perguntou.

Depois de conferirem as armas uma última vez, Shinobu, Quin e Alistair responderam juntos:

– Prontas!

Os Pavores não se moveram nem responderam. Apenas observavam.

Briac guardou a vara de relâmpago de volta no manto. Em seguida, ajustou os anéis que formavam o mostrador no punho do athame. Cada anel tinha várias faces, e em cada face havia um símbolo. Briac alinhava um conjunto específico de símbolos ao longo do punho.

– Não pensem! Não hesitem! – comandou Alistair. – A hesitação é inimiga dos Seekers!

Não hesitarei! Não hesitarei!, disse Quin a si mesma. Olhou para Shinobu e notou que ele repetia as mesmas palavras na cabeça.

– Preparem os cânticos! – gritou Alistair.

Briac levantou o athame e a vara de relâmpago sobre a cabeça e bateu um contra o outro. No momento do impacto, uma vibração grave e penetrante emanou do athame. Ela preencheu o espaço, ressoando pela clareira. A adaga de pedra estava ganhando vida.

Briac moveu o athame, direcionando a vibração. Com a arma, traçou um grande círculo no ar diante deles. O athame não formou um círculo, mas um portal circular, um buraco no tecido do mundo, que zumbia e se abria para a escuridão.

Uma anomalia, pensou Quin, impressionada em vê-la exatamente como o pai a descrevera. O portal que ele havia traçado os levaria dali para *Lá*.

A borda do círculo espiralava com gavinhas pretas e brancas, as margens esfarrapadas do mundo, cortadas pelas vibrações do athame. De repente, as bordas se apertaram de modo a formar uma linha sólida, enquadrando o portal e parecendo pulsar com uma energia que fluía para dentro, em direção à escuridão.

Quin começou o cântico, e Shinobu, ao seu lado, fez o mesmo.

Conhecimento de si
Conhecimento de casa
Uma noção clara
De onde venho
Para onde vou

E a velocidade do que há entre
Garantirão meu retorno a salvo.

Um por um, os Seekers e os Pavores atravessaram a anomalia. Quin foi por último, passando por cima da borda da abertura e adentrando a escuridão do outro lado. Virou-se após atravessar. A anomalia zumbiu atrás dela, mas o zumbido começou a perder o ritmo. Ela ainda enxergava a floresta e a fogueira através do círculo. De repente, as gavinhas pretas e brancas se estenderam, estremeceram e se misturaram, e a abertura desapareceu. Eles estavam na escuridão.

Sou uma Seeker, em busca dos caminhos escuros e obscuros no entre, pensou ela. *Temei, malfeitores...*

Ela começou a sentir um estranho puxão na mente, quase como um relaxamento de seu controle mental, a sensação de que o tempo estava sendo alterado, se estendendo, desacelerando. Uma sensação de eternidade a varreu, como as águas geladas de um lago. Ela imaginou a si mesma se perdendo naquelas águas.

Conhecimento de si
Conhecimento de casa
Uma noção clara
De onde venho
Para onde vou
E a velocidade do que há entre
Garantirão meu retorno a salvo.

O cântico a trouxe de volta para si. Ela era Quin. Ela era *agora*.

Eles estavam *Lá*, e o único som que ela ouvia era o da respiração de seus companheiros. Ela não enxergava muita coisa além do athame, com seu

brilho tênue. Via vagamente a forma das mãos do pai, mexendo nos anéis do punho mais uma vez, escolhendo um novo conjunto de símbolos. Então, Quin ouviu o athame e a vara de relâmpago se chocando um contra o outro. Mais uma vez, a vibração da adaga os envolveu.

Na escuridão, ela observou athame fazendo um talho circular e cortando o caminho entre onde estavam, no não espaço, no não onde, no não quando, no *entre*, no *Lá*, e o mundo.

Uma nova anomalia se abriu diante deles, um círculo emoldurado mais uma vez por gavinhas pretas e brancas, mas a energia do corte parecia fluir para fora, da escuridão para o mundo. Através da abertura, Quin viu uma vasta extensão de grama, passando por jardins, até uma enorme propriedade a distância. A casa parecia tranquila. Era o meio da noite.

Eles atravessaram a anomalia, pisando na grama. Quin viu o portal atrás deles perder a estabilidade e desmoronar sobre si mesmo, e as bordas cresceram e se juntaram com um zunido dissonante, depois desapareceram. Ela se virou e viu que Shinobu estava ao lado, também encarando o portal.

Quin olhou para a propriedade. Não sabia ao certo o que esperava, mas não era aquilo. *O que eu estava esperando?*, perguntou-se. A verdade é que em sua primeira missão ela achava que ia caçar criminosos, ou salvar uma mulher prestes a ser espancada ou estuprada, ou proteger uma criança em meio a uma terrível guerra civil em um país de terceiro mundo. Eles começariam com atos pequenos, mas honrosos. Ela esperava ser lançada no meio do caos, e não em um lugar tão tranquilo. E talvez esperasse ir a um lugar pobre, e não a uma propriedade tão linda.

Ela olhou mais uma vez para a casa tranquila a distância. Talvez fossem impedir alguma injustiça terrível quando chegassem àquela casa enorme e pacata ao luar. Talvez a casa escondesse algo terrível.

Shinobu a olhou nos olhos. Ele também estava inseguro.

Os dois hesitaram.

– Estamos *pensando* – sussurrou Quin. – Isso nos fará falhar.

– Não vamos falhar – sussurrou ele de volta. – Existe todo tipo de pessoas más, não é? Temei, malfeitores.

– Temei, malfeitores – concordou ela, acenando com a cabeça para convencer a si mesma disso.

Nosso propósito é honroso, disse a si mesma. *Não temerei.*

Briac e Alistair já caminhavam silenciosamente em direção à propriedade, seguidos de perto pelos Pavores. Shinobu e ela seguiram os pais, correndo agachados, como estavam acostumados a fazer no treinamento.

Não hesitarei!, disse ela a si mesma. E notou que a espada-chicote já estava em sua mão.

Capítulo 7

Quin

Quin estava de quatro ao lado da fogueira, vomitando no chão. Shinobu se ajoelhara ao lado, arquejando.

Estavam de volta à clareira, mas era impossível saber quanto tempo havia se passado. Será que tinham deixado a fazenda havia uma hora? Um dia? Um ano? Qualquer uma dessas opções era plausível.

Shinobu desabou no chão, caindo com o rosto na terra e nas folhas secas.

As brasas da fogueira ainda estavam vermelhas, então com certeza não haviam passado mais de uma hora longe. A Jovem Pavor colocou mais lenha no fogo, reacendendo as chamas.

Quin não conseguia recuperar o fôlego. Olhou para o braço. Do cotovelo aos dedos, estava coberto de sangue, que secava, formando uma pasta grudenta. No entanto, ela não encontrou uma ferida. Lembrou-se de ter sofrido um corte no passado, durante uma luta de treinamento. Mas havia sido no outro braço. Aquele sangue não era dela.

Com o rosto ainda mergulhado na terra, Shinobu respirava fundo, como um homem se afogando. Porém, a princípio, ele também não parecia ferido.

De repente, ela notou um chumaço de cabelos loiros grudados no sangue seco do braço. Ela tornou a vomitar. Depois, esfregou um punhado de folhas secas na pele, tentando limpar os cabelos. Havia levado uma arma de fogo, mas não sabia mais onde estava.

Briac a empurrou com o pé, lançando-a ao chão.

– Parem com isso – disse ele, em tom de irritação. – Vocês dois.

Ao lado, Shinobu tentava desacelerar a respiração. Ele havia tirado o capacete. Os cabelos ruivos estavam grudados na testa, e o rosto, pálido, mesmo sob o tom quente da fogueira.

Alistair estava em pé perto deles, mas não olhava nem para Shinobu nem para Quin. Encarava o carvão.

Briac se voltou para os dois Pavores, parados mais uma vez do outro lado das chamas, em posição formal. Eles pareciam tão equilibrados e calmos quanto estavam antes de deixar a fazenda. Se Quin não os tivesse visto atravessando o terreno da propriedade com o caminhar controlado e gracioso, se ela não os tivesse visto parados em silêncio no grande salão da casa, enquanto os gritos ecoavam, nem acreditaria que haviam deixado aquela clareira. A Jovem Pavor continuava inexpressiva, como se sua mente estivesse em outro lugar, distante da mata escura.

– As expectativas foram cumpridas? – perguntou-lhes Briac.

O Grande Pavor deu um passo à frente.

– As expectativas foram cumpridas. Suas habilidades, em corpo e mente, são suficientes para o uso do athame.

Sua voz era estranha, com uma ênfase incomum em cada sílaba, como se não falasse sua língua materna. Como se o próprio ato de falar fosse estranho para ele.

Briac fez uma reverência, aceitando o juízo.

– Traga o ferro de marcar – ordenou ele.

A Jovem Pavor vestiu luvas pesadas de couro e retirou a longa vara de metal do fogo. A extremidade, exposta às brasas quentes durante todo aquele tempo, tinha a forma de um pequeno athame.

Briac levantou Shinobu, obrigando-o a se ajoelhar diante da fogueira.

– Shinobu MacBain, eu o convido a recitar seu juramento e se tornar um Seeker empossado.

Enquanto encarava os olhos de Briac, Shinobu exibia uma expressão que Quin nunca vira em seu rosto perfeito: ódio.

Então, Briac se aproximou de Quin, puxando-a para perto de Shinobu e obrigando-a a se ajoelhar.

– Quin Kincaid, eu a convido a recitar o juramento e se tornar uma Seeker empossada.

Ela olhou para o pai, cujos olhos e cabelos escuros e pele clara eram muito parecidos com os dela. Mas ele não tinha nada a ver com Quin. Ela sentiu o mesmo ódio que vira no rosto de Shinobu. Ele mentira para a filha sua vida inteira. A existência que a garota imaginara para si não passava de uma ilusão.

– Recitem os juramentos – ordenou Briac.

Eles não falaram nada.

Briac acenou com a cabeça para os Pavores. O Grande Pavor se aproximou das costas de Shinobu e encostou uma faca em seu pescoço. A Jovem Pavor se aproximou de Quin, que também sentiu uma lâmina no pescoço. Com o canto do olho, ela viu Alistair. Ele havia se retirado para o canto da clareira e desviado o olhar.

– Recitem os juramentos – repetiu Briac.

A Jovem Pavor apertou a faca com mais força na pele de Quin. Ao engolir em seco, ela sentiu o gume da lâmina, inexorável, em sua garganta. *Eu era cega*, disse Quin a si mesma, sentindo lágrimas quentes se acumularem nos olhos, *mas fiz estas coisas com minhas mãos.* Pela expressão do pai, via que ele estava preparado para matá-la, se necessário. Depois de ir para *Lá*, Quin tinha que fazer o juramento, ou morrer.

Ela poderia se recusar; poderia deixar aquela monstra de quatorze anos matá-la. Será que estava pronta para terminar tudo e nunca mais ver a mãe, ou John?

A faca começou a cortar sua pele. O sangue escorreu do pescoço.

– Recitem os juramentos!

Quin havia sido treinada para obedecer Briac. Ela começou a recitar o juramento.

Depois que começou, a voz de Shinobu se juntou à dela, e os dois recitaram juntos, como sempre haviam imaginado que fariam.

Tudo o que sou
Dedico aos segredos sagrados do meu ofício,
Sobre o qual não devo falar
Com ninguém que não seja empossado.
Nem o medo, nem o amor, nem mesmo a morte
Jamais abalará minha lealdade aos caminhos ocultos do entre
Surgindo sombrios ao meu encontro.
Buscarei o caminho apropriado até o fim dos tempos.

Briac estendeu o athame de pedra. Quin notou que havia uma raposa entalhada no punho, um detalhe delicado naquele momento de barbaridade. O emblema de sua família era um carneiro, o emblema da família de Shinobu era uma águia. Então, por que o athame exibia uma raposa? Em seguida, Briac empurrou a cabeça deles contra a lâmina cega da adaga de pedra, forçando-os a beijar a superfície gelada.

Quin sempre soube que o pai era durão, mas se agarrara à certeza de que seu propósito era nobre. Naquele momento, ela compreendeu que não havia nada de nobre ali; talvez nunca tenha havido. E Briac não era apenas durão; era brutal.

Os Pavores os seguravam. Quin sentiu as mãos pequenas e fortes da Jovem Pavor empurrando seu braço esquerdo para a frente e prendendo-o. Em seguida, Briac pressionou o ferro de marcar no pulso esquerdo de Quin, queimando nele a forma do athame. A garota soltou um grito, e ele manteve o metal em sua pele. Agora ela era uma Seeker, marcada para a vida inteira.

Antes, acreditava que aquela marca seria um emblema de orgulho, mas agora o significado era completamente diferente. Ela havia sido amaldiçoada.

Capítulo 8

John

John surgiu das árvores, deixando a escuridão da floresta e entrando na luz do sol da tarde que findava. O pequeno celeiro de pedra estava adiante, bem à beira do desfiladeiro. Ali, o rio produzia um ronco grave, e, ao se aproximar do celeiro, ele viu a água abaixo, cavando a base do desfiladeiro que seguia para o leste e sul, em direção à baixada da fazenda.

Talvez o celeiro tivesse servido como posto avançado do castelo outrora, ou como a casa de um vigia. Mas, embora o castelo tivesse caído em ruínas, o velho celeiro continuava de pé, com um telhado de ardósia tão pesado e sólido quanto a alvenaria das paredes.

Depois da conversa com Briac na noite anterior, John ficara irritado demais para ver qualquer um e decidira passar a noite sozinho. Naquele dia, ele havia permanecido no chalé, arrumando seus poucos pertences para a viagem. À noite Briac o levaria para a estação de trem, e de lá John deixaria a fazenda, até descobrir uma maneira de voltar.

Após o que John suspeitava ter acontecido antes do juramento de Quin na noite anterior, ele esperava que ela viesse vê-lo de manhã. O dia todo, imaginou-a entrando de supetão no chalé, revoltada com a desonestidade do pai e furiosa por Briac tê-lo expulsado. Mas ela não apareceu. Será que isso significava que estava feliz em seguir o pai? Será que John a perdera? O pensamento o deixou com uma dor tão intensa que ele socou a parede para afastar a sensação.

Por fim, quando não conseguia mais tolerar a ausência de Quin, John saiu à sua procura. Não a encontrou em nenhum dos chalés ou celeiros

perto da área comum. Então, resolveu procurar naquele pequeno posto avançado perto do desfiladeiro.

– Quin? – chamou ao se aproximar da porta aberta do celeiro.

Ninguém respondeu.

Ele entrou. No térreo, encontravam-se algumas cocheiras pútridas que um dia tinham abrigado animais. O espaço era mais claro do que ele esperava. Em cada extremidade, havia grandes aberturas circulares sob o cume do telhado, que eram janelas sem vidro. O sol atravessava a janela à esquerda, lançando uma luz amarelada sobre os caibros e o mezanino alto.

Ele a encontrou no mezanino, um espaço apertado com uma plataforma de madeira cravada contra a parede. Havia um fardo fresco de feno no chão, que Quin devia ter arrastado até ali sozinha. O fardo estava aberto; e a palha, espalhada no chão da plataforma, formando uma cama improvisada. No chão também havia um lampião, apagado, mas com uma caixa de fósforos ao lado. Pelo visto, Quin planejava passar a noite ali sozinha.

Ela estava sentada na plataforma, com os joelhos junto ao peito, encarando uma TV portátil velha e acabada. Não virou a cabeça quando ele subiu até o mezanino.

Era tão estanho encontrar Quin vendo televisão sozinha naquele celeiro afastado que John ficou sem palavras por um momento. E, quando ele enfim abriu a boca, deteve-se antes de falar. Ela assistia ao noticiário no monitor surrado, e algo na notícia chamou a atenção dele. Uma transição de poder havia ocorrido em uma grande empresa francesa, uma dessas organizações enormes que controlam um pouco de tudo em quase todos os cantos do mundo, como o império industrial controlado pelo avô de John. A reportagem dizia que o diretor da empresa francesa havia desaparecido, junto com a família. Algumas fontes especulavam sobre problemas

repentinos de saúde. Outras temiam que um crime violento tivesse acontecido, porque as autoridades encontraram vestígios de sangue na propriedade da vítima. O que quer que tivesse acontecido, a localização do homem, de sua mulher e dos filhos era desconhecida, e a ausência misteriosa expunha a empresa ao risco de ser adquirida por outra.

Aquele empresário francês... John não conhecia o nome dele de algum lugar? John nunca prestava muita atenção quando o avô falava de negócios. Essas conversas eram o ruído de fundo de sua infância, que ele sempre tentava ignorar. Sua mãe considerava esse tipo de trabalho inferior para ele. Mesmo assim, havia anos que o avô discutia negócios perto dele. John certamente já ouvira aquele nome antes.

– Quin?

Sem olhá-lo, ela estendeu a mão e desligou a televisão.

John se sentou ao lado dela na plataforma. Empurrando o cabelo dela para trás, beijou delicadamente o ponto onde a mandíbula encontrava a orelha e, ao fazê-lo, notou um pequeno curativo no pescoço. Quin não respondeu. Ela apenas olhou pela janela.

– Fez o juramento?

Por um instante, ele imaginou se o comportamento estranho significava que ela havia falhado. Mas, sem falar nada, Quin estendeu o pulso esquerdo, que também tinha um curativo.

– Posso ver? – perguntou ele.

Ela lançou um olhar rápido para ele, depois desviou os olhos. Sua pele clara estava especialmente pálida, sem o rubor habitual. Os olhos belos e escuros pareciam carvões na neve. Ela deu de ombros.

Ele afastou o curativo. Havia na pele uma queimadura com a forma de uma adaga, coberta de bolhas terríveis.

– Você conseguiu – disse ele.

– Consegui – concordou a garota em um tom inexpressivo. – Fiz tudo o que ele pediu.

John esperava que Quin estivesse chateada. Mas ela ficara mais do que chateada. Estava em estado de choque. A tarefa que Briac lhe designara devia ter sido especialmente má. Ele se perguntou o que teria feito. Será que teria conseguido? *Devemos fazer o que precisa ser feito*, insistia sua mãe. *Vou conseguir*, disse a si mesmo naquele momento. *Ainda que seja difícil.*

– Não foi como você esperava – disse ele baixinho.

Não foi uma pergunta, mas uma declaração.

Quin puxou o braço de volta para perto do corpo.

– Não – concordou ela.

Ela estudou o rosto de John, quase como se tentasse lembrar de onde o conhecia. Depois levou uma das mãos à bochecha dele.

– O que aconteceu com você? – indagou ela, por fim. – O que Briac disse ontem, quando vocês se encontraram?

– Ele vai me expulsar.

– Isso é ridículo. Ele precisa concluir seu treinamento.

Quin enunciou as palavras de maneira automática, mas parecia que elas não tinham qualquer significado. Eram como trechos de uma peça que ela encenara havia muitos anos.

– Claro, ridículo. Porque seu pai é um homem de honra, não é?

Eles se entreolharam; enfim, compartilharam um com o outro a verdade sobre Briac. Quin tentou segurar o choro, mas não conseguiu. Ela se pôs nos braços de John, e ele a abraçou com força.

– Durante toda a sua vida, ele fez você pensar uma coisa, enquanto preparava você para outra – disse ele baixinho. – Agora, você sabe.

Ela tremia nos braços dele, e as lágrimas escorriam mais depressa.

– Está me dizendo que sabe o que ele fez? – sussurrou ela, entre lágrimas. – Como poderia saber?

– Não sei exatamente o que aconteceu ontem à noite – explicou John. – Mas sei o que os Seekers fazem, o que Briac faz. E vejo, pelo seu rosto, que está chocada.

Ele a afastou um pouco, o bastante para encarar seus olhos. Porém ela não o encarava mais de volta.

– Como sabe o que os Seekers fazem de verdade? – perguntou Quin.

– Minha... mãe – respondeu ele, relutante.

– Sua mãe – sussurrou a garota. – Você nunca fala dela. Catherine.

– Isso.

Era estranho revelar para Quin qualquer coisa sobre a mãe, sabendo que ela não teria aprovado o relacionamento entre os dois. *Quando você ama, abre o peito para uma adaga.* Para ele, ouvir o nome da mãe saindo da boca de Quin era desconfortável, como se ela estivesse expondo algo particular.

Como se lesse os pensamentos dele, Quin disse:

– Minha mãe mencionou o nome dela algumas vezes, mas também não gosta de falar sobre ela. Sua mãe contou... sobre o que os Seekers fazem? Em detalhes?

Um nó estava se formando na garganta de John. Sua mãe fez muito mais do que contar sobre os Seekers. Ela, sem querer, *mostrou*.

– Ela me contou... algumas coisas – respondeu ele, esforçando-se para manter a voz firme. – Quer me contar o que vocês fizeram ontem à noite?

– Não – disse ela de imediato. – Não quero nunca falar sobre isso – continuou, mais baixo, e enxugou a bochecha num gesto ríspido com as costas da mão. – Sempre foi assim? Durante todos aqueles séculos e milênios?

– Não sei. Mas esse é o estilo de Briac. Ele deveria ter avisado.

– Por quê? – retrucou ela, as palavras engasgadas.

– Por que ele deveria ter avisado?

– Não. Por que você está aqui, John, se sabia de tudo? Por que ficou aqui?

– Eu... eu não quero fazer... o que quer que ele tenha pedido para você fazer – disse ele, hesitante. – Mas é meu direito inato, Quin. É seu direito inato também. Preciso fazer o juramento. Preciso me tornar um Seeker e ter um athame. As coisas precisam ser recuperadas...

– *Ter* um athame? – interrompeu ela, e sua expressão tornou-se algo parecido com pena. – Acha que meu pai vai emprestar o dele? Acha que ele vai se afastar do athame dele algum dia?

– Existem dois aqui, Quin. Dois athames nesta fazenda. E um deles não pertence a este lugar. Ele também escondeu isso de você? Um deles pertence à família de Alistair, mas o outro...

– Não importa, não importa – disse ela, cortando-o, sem ouvir o que ele falava. – Porque vou embora. Amanhã de manhã, vou embora – falou baixo, porém em um tom intenso, mais para si mesma do que para ele, como se a conversa sobre o athame tivesse apagado tudo, exceto o desejo de ir embora.

– Quero que vá embora *comigo* – disse ele. – Quero que saia da fazenda comigo. Mas... não agora.

Ele colocou a mão delicadamente sob o queixo de Quin e levantou sua cabeça, para que ela o encarasse.

– Quin, você precisa ficar aqui e deixar que ele lhe ensine o resto. Tudo sobre o athame. Para que o entendamos.

Ela soltou uma risada estranha e abafada.

– Nunca mais usarei o athame.

– Claro que usará – sussurrou ele. – É o que nascemos para fazer.

– Não – disparou ela, afastando o olhar. – Não farei mais nada disso.

John hesitou. Estava prestes a pedir algo que ele mesmo teria muita dificuldade em fazer. Contudo, havia outras coisas em jogo.

– Quin, ouça, por favor. Você pode... evitar o pior? E mesmo assim aprender a usar o athame?

– Evitar o pior? – repetiu ela, levantando a voz. – Não há como evitar o pior com Briac!

– Mas, se você ficar, se aprender um pouco mais, eu... eu tenho um plano.

Ela não conseguia se concentrar nele.

– Como assim? – perguntou ela.

– Sabia que eles são obrigados a contar tudo? Agora que você fez o juramento.

– Contar o quê?

– Tudo o que sabem, tudo o que lhes foi ensinado. Depois do juramento, tudo o que você precisa fazer é perguntar.

– Sério?

Ele detectou um tom de interesse na voz dela.

– Minha mãe me explicou.

De fato, foi uma das últimas coisas que ela disse ao filho. Ela estava sangrando por todo o chão, e ele tentava desesperadamente conter a hemorragia, mas ela agia como se o ferimento não fosse nada. *Ele será obrigado a lhe contar tudo o que quiser saber*, disse ela. *Mas você precisa fazer o juramento.*

– Ontem, isso teria me fascinado – murmurou ela, olhando para a palha sob seus pés. – Mas hoje... não quero saber mais nada. E, John... você também não quer. Acredite.

Ele estava começando a se exaltar mais uma vez.

– Precisamos saber de mais tantas coisas! – disse ele com urgência, erguendo a voz, apesar de tentar controlá-la.

John sacou a espada-chicote da cintura dela e a estendeu entre eles.

– Sua espada-chicote? Alistair diz que todas as espadas-chicote foram criadas há mil anos. Como? Nem uma fábrica de armas moderna construiria algo assim hoje em dia. Sei do que estou falando... meu avô é dono de uma fábrica de armas.

Ela pegou a espada-chicote e a encaixou de volta.

– Conhecemos coisas que outras pessoas não conhecem – disse ela, desinteressada.

– Mas *de onde* vem esse conhecimento? E quantas pessoas o detêm?

– Como assim? – indagou ela. – Não existem outros Seekers.

Era isso que Briac e Alistair tantas vezes lhes afirmaram. Eles eram os últimos Seekers, e grande parte de seu conhecimento e sua história foi perdida. John desconfiava que isso não passava de uma desculpa de Briac para evitar que os aprendizes fizessem perguntas difíceis. Mas Quin sempre fora tão fascinada pelo pai que acreditava em tudo que ele dizia.

– Então, por que os despedaçadores nos preocupam tanto? – perguntou John.

O olhar dela continuava inexpressivo.

– Porque são as armas mais perigosas de um Seeker, criadas para causar terror.

Ela simplesmente repetiu as palavras de Briac.

– Você mesma disse que não existem outros Seekers – apontou John. – Por que usaríamos um despedaçador em uma luta se somos os únicos restantes?

– Pessoas de fora poderiam roubá-lo – respondeu Quin devagar, como se aquela fosse a primeira vez que pensava nisso.

– É possível – concordou ele. – Mas não é a explicação mais óbvia, não é mesmo?

Os olhos de Quin aos poucos voltaram a focá-lo.

– Acha que existem mais de nós? Mais Seekers?

– Devem existir, Quin! E não sou a primeira pessoa a fazer essas perguntas. Havia...

Ele se deteve. Queria lhe contar tudo, mas não podia falar do livro. Isso ficaria entre sua mãe e ele. John segurou as mãos de Quin.

– Existe uma história. Você perguntou se sempre foi assim. Por que Briac nunca nos ensinou nossa história?

– Ela foi perdida. Perdemos muito do nosso conhecimento.

– Será? Agora você pode *perguntar*. Você precisa ficar aqui, aprender tudo o que puder. Em poucos meses, não precisará mais dele. Poderá deixar a fazenda e me ensinar o que aprendeu. Agora, você é uma Seeker empossada. Você tem tanto direito de realizar meu juramento quanto qualquer um deles. Ficaremos juntos. Em poucos meses, ficaremos juntos.

Quin ouvia o que ele dizia, considerando a proposta. Ela entrelaçou os dedos nos dele.

– E o que faremos depois? – perguntou ela. – Depois que eu tiver lhe ensinado tudo. Depois que você tiver feito o juramento.

– Ficaremos com um dos athames. E poderíamos... poderíamos decidir o que fazer. Juntos.

– Como o quê?

– Nós... escolheríamos o caminho certo – disse John, tentando usar as palavras apropriadas, capazes de convencê-la. Um dia, contaria tudo, e ela entenderia e o ajudaria. – Eu tenho...

– Você *tem* tudo. Quem é seu avô? Um dos homens mais ricos da Inglaterra? Por que quer o athame? Você está pedindo que eu fique aqui,

que faça tudo o que Briac pedir. *Por quê?*

– Não tenho tudo, Quin – respondeu ele num tom de frustração crescente. – Minha família... a família da minha mãe... há muito tempo que não temos tudo. E meu avô... A situação é... é *complicada*.

A palavra não era suficiente para descrever a relação de John com o avô, mas era a melhor que ele encontrava no momento.

– Pode me contar o que aconteceu com sua mãe, John?

Ela já havia perguntado antes, quando eram muito mais novos, e ele se recusara a responder. Mas Quin parecia sentir que a resposta era importante naquele momento, que tinha a ver com o processo de se tornar um Seeker e com a vida deles.

Com certo esforço, John respirou de maneira lenta e equilibrada.

– Ela foi assassinada – contou ele. – Antes que eu tivesse a oportunidade de saber muito sobre ela. Foi morta bem diante dos meus olhos. Praticamente.

– Ah. – O rosto de Quin murchou. – Eu lamento, John. Lamento muito.

Ela o abraçou de novo, e ele a puxou para perto de si, sentindo seu calor. John evitou os detalhes da morte da mãe. Naquele caso, os detalhes eram tudo, mas ele ainda não estava pronto para pronunciá-los em voz alta.

– Quando levam embora uma pessoa amada, você percebe o que é importante – sussurrou ele. – Você não quer que outra pessoa decida quem vive e quem morre. Você nunca estará seguro.

– Não – concordou ela, com o rosto junto ao dele. – Você nunca estará seguro.

– E se *nós* decidíssemos, Quin? – disse ele, ofegante. – Seríamos melhores. Tomaríamos as decisões certas. Decisões boas. Acabaríamos... acabaríamos fazendo os tipos de escolhas que Seekers deveriam estar fazendo desde sempre. Deixaríamos as coisas como elas deveriam ser.

Quin roçou os lábios na bochecha de John. Depois, reclinou o tronco e o encarou.

– Será que tomaríamos as decisões certas, John? Não tenho tanta certeza.

– É claro que sim. Não somos como Briac.

– Mas o que você está sugerindo parece... parece algo que Briac sugeriria, entende?

– Não sou como Briac...

– Se eu ficar, se eu ensinar a você – disse Quin, interrompendo-o –, nós acabaríamos nos tornando como ele, mesmo que começássemos com boas intenções.

Sua voz ficou triste, e ela continuou:

– John... Acho que já sou como ele. É o que sinto, e já é tarde demais para mim.

– Quin...

Ela desviou o olhar, voltando-o para a janela, até o outro lado do rio. Um novo pensamento pareceu tomar sua mente, e ela se virou para ele mais uma vez, com um tom urgente na voz.

– Poderíamos ficar juntos... se fôssemos embora agora mesmo. Eu deixaria minha espada-chicote, tudo. Esqueceríamos o que aprendemos aqui. Poderíamos seguir até o rio e ir embora. Agora mesmo. Não seria melhor assim?

Eles se entreolharam durante muito tempo, e John se imaginou respondendo que sim. Ele poderia ficar com Quin. A vida seria simples, e provavelmente muito feliz. Mas ele se comprometera, havia muito tempo, a cumprir uma promessa.

– Quin... o que está aqui na fazenda... eu preciso. Não posso deixar isso para trás. Ele está me expulsando, mas tenho que arrumar uma maneira de

voltar.

As palavras pairaram sobre eles, até que Quin sussurrou:

– Mesmo que eu não possa fazer parte disso?

Forçar-se a acenar com a cabeça foi uma das coisas mais difíceis que John jamais teve que fazer.

– Sim – respondeu ele. – Mesmo que você não possa fazer parte disso. *Eu* sou parte disso. Lamento.

Ela ficou calada. Por fim, disse:

– Quando eu for embora, amanhã, não voltarei mais.

Não havia nenhuma sombra de esperança em sua voz, e John percebeu que não a convenceria, pelo menos não naquele momento. Arrumaria uma maneira diferente de conseguir aquilo de que precisava e esperaria que ela ficasse longe dali, em segurança. Talvez fosse melhor.

Automaticamente, as possibilidades já disparavam em sua mente. Ele sentiu um formigamento nas entranhas, como uma premonição dos perigos futuros. Viu um rumo se abrindo diante de si, mas arriscaria a vida no processo.

John se levantou e caminhou até a janela do celeiro, apoiando as mãos na beirada para se preparar. Um instante depois, Quin se levantou da cama de palha e o abraçou. A sensação do calor dela era boa.

Ele se virou, e seus lábios encontraram os dela. Os dois se envolveram em um abraço melancólico, enquanto o sol se punha sobre a fazenda.

Será que é *a última vez que a beijo?*, perguntou-se ele.

Capítulo 9

John

A nave pairava cinquenta andares acima de Londres, flutuando com motores silenciosos entre os arranha-céus do centro financeiro. Seu formato era uma mistura de zepelim com navio oceânico. Era enorme, e, especialmente ao meio-dia, o casco lustroso de metal ofuscava quem olhasse a nave de fora. Ela se chamava *Traveler*.

A bordo da *Traveler*, John caminhou por um dos corredores superiores e bateu à porta do escritório do avô. Na noite anterior, ele havia retornado à nave e agora se preparava para seu encontro com Gavin Hart. John nunca sabia o que esperar do avô após passar algum tempo fora.

Gavin em pessoa abriu a porta e puxou John para o escritório, olhando de um lado e do outro no corredor, como se quisesse se certificar de que ninguém os havia visto.

– John, que bom ver você.

Ele fechou a porta, mas de imediato olhou para trás outra vez, como se alguém pudesse estar de emboscada na sala, logo atrás dele. Em seguida, apoiou as mãos nos ombros de John e os apertou; aquilo era sua versão de um abraço. O esforço pareceu ser excessivo para ele, que começou a tossir, com um ruído rouco, limpando a garganta.

– Também é bom vê-lo, vovô. Está chateado comigo?

– Sente-se, sente-se – disse baixinho o avô, esforçando-se para conter a tosse.

Ele guiou John até uma cadeira de frente à mesa de antiquário, depois se sentou do outro lado. Atrás da cabeça de Gavin, encontravam-se enormes

janelas, através das quais John via os arranha-céus de Londres passando. Os prédios mais altos eram como espigas de trigo metálico, balançando suavemente com as correntes de vento.

Vamos deixar que ele pense que a Traveler *é dele, John, mas ela foi construída para você.* Sua mãe lhe disse isso quando ele era criança. Ela o sentara em um banco alto, para que os olhos azuis dos dois ficassem no mesmo nível. *Seekers não podem usar os athames para embarcar na* Traveler. *Dei-lhe uma casa que é exatamente o necessário para você ficar seguro. E dei-lhe uma família com estatura, o que também é um tipo de proteção.*

Gavin tinha oitenta e quatro anos, cabelos curtos e grisalhos. Como sempre, vestia terno e gravata feitos sob medida, mas o nó da gravata estava desigual e o terno estava desalinhado, como se tivesse dormido com aquelas roupas. Ele parecia nervoso, tateando as lapelas enquanto tossia. John notou que as mãos do velho estavam sujas, algo que ele nunca vira antes.

– Não estou chateado com você, John. É claro que não. Mas as coisas andam *perturbadoras*.

– Você pediu para Briac me mandar de volta?

Gavin pareceu surpreso. Estava segurando uma caneta cara, abrindo e fechando a tampa, com gestos nervosos.

– Eu... Não. É claro que sempre gosto quando você volta. Somos só nós dois... somos nós quem cuidamos um do outro, não somos? Mas não. Briac Kincaid deixou bem claro que você precisava voltar. Agora, agora, agora. Para sempre, para sempre, para sempre.

Suas palavras deram lugar a uma pequena risada, que se transformou em outra crise de tosse.

A fala de Gavin era instável, e ele tossia muito. Sempre tivera propensão a tiques e estranhos maneirismos físicos, e John sabia de onde vinham. Porém, hoje pareciam muito piores do que o normal, e John sentiu uma

pontada de pânico. Será que havia alguma coisa nova de errado com a saúde do avô?

– E *eles* sabem – disse Gavin, inclinando-se para a frente e quase sussurrando as palavras, como se temesse que outra pessoa ouvisse.

– Como assim, "eles"? – inquiriu John.

– Meu sobrinho Edward e seu filho – explicou ele, e tossiu mais uma vez; um ruído muito desagradável, que brotou do fundo da garganta. – Eles sabem que você foi mandado de volta para casa, sem sucesso.

– Como sabiam das minhas atividades na fazenda? – perguntou John, erguendo a voz, antes de controlá-la. – Nem você sabia, vovô.

– Bem, eu... eu não sei, é verdade. Você e sua mãe nunca revelaram muito. Mas sei que está seguindo os passos dela, e eu... eu tive que explicar as coisas ao Edward.

O rosto de Gavin estava ficando vermelho, e John notou que ele estava prendendo a respiração, para não tossir. O avô olhou para trás mais uma vez, como se alguém pudesse ter entrado no quarto nos últimos minutos sem que ele notasse.

– Explicar as coisas ao Edward? – perguntou John, tentando decidir se aquela conversa era sobre algo real ou apenas mais um fruto da paranoia de Gavin, que vinha se agravando nos últimos anos, mas que parecia ter atingido um novo patamar. – Por que precisa contar qualquer coisa para seu sobrinho?

– Ele está contestando a escritura da família, John. Já não expliquei isso? Porque, sabe, sua mãe e seu pai nunca se casaram.

O avô havia feito de John seu herdeiro quando ele nasceu. Naquela época, apesar de pertencer a uma família antiga e respeitada, com um longo histórico na Inglaterra, Gavin não tinha muito dinheiro, e ninguém ligava se ele escolhesse um neto ilegítimo como herdeiro. Mas, depois que

Catherine, mãe de John, ajudou Gavin a acumular uma fortuna, e os dois construíram a *Traveler*, que dominava a linha do horizonte de Londres, as coisas mudaram. Outros membros da família de Gavin começaram a contestar suas decisões, especialmente sua escolha de herdeiro.

Ele tinha mencionado essas contestações algumas vezes, mas John estava tão mergulhado no treinamento na fazenda, certo de que se tornaria um Seeker, que escolheu ignorar aqueles detalhes.

– Mas... você está lutando contra ele na justiça, não está? – indagou John, tentando parecer paciente, apesar de achar aquele assunto tedioso. – Você não disse isso há alguns anos?

– Sim, sim, sim. Estou lutando. Lutando e lutando. Mas temo que talvez eu possa... finalmente... estar... perdendo... John.

Ele tinha dificuldade em pronunciar as palavras, tomado por um surto violento de tosse seca. John deu um salto da cadeira, contornando a mesa para dar um tapa nas costas dele, e apertou o botão para chamar um criado.

Ao se aproximar, notou que as pupilas dos olhos do avô estavam maiores do que deveriam. Tomado pelo desespero, John perdeu a linha de raciocínio. E se as coisas, de fato, não estivessem bem?

Uma criada já estava entrando com uma bandeja de chá. Era Maggie, que, desde que John lembrava, parecia ter setenta anos de idade, mas que já devia ter quase noventa. Ela havia cuidado de John desde a infância, e talvez até antes disso, desde o nascimento. Vê-la servindo o chá de Gavin com movimentos graciosos e antiquados acalmou John. Não era possível que o avô estivesse morrendo, ou ele já saberia.

Gavin pegou o chá, agradecido, e o bebericou por alguns segundos, levantando-se e caminhando até a janela. Ele ainda tossia, embora os espasmos estivessem diminuindo enquanto engolia a bebida quente, e seus olhos seguiam os prédios do lado de fora.

Bem atrás de John, Maggie mexia a chaleira, enquanto ele permanecia parado ao lado da cadeira do avô. Ele lançou um olhar para ela e perguntou em silêncio: *O que está acontecendo com ele?*

Ela se aproximou e falou tão baixinho que John quase não entendeu. Mas havia anos que se comunicavam assim, e ele estava mais do que acostumado aos murmúrios dela.

– A dosagem voltou a fazer pouco efeito – disse Maggie em um tom de voz equilibrado e grave. – Estou aumentando a dose de maneira gradativa. Acho que ele vai ficar bem, mas, por ora, seus pensamentos estão confusos. Às vezes, ele age de maneira ligeiramente irracional. Cuidado com o que diz.

John acenou com a cabeça, com os olhos fixados no avô.

Maggie deixou o escritório, e Gavin se virou. Voltou para a mesa devagar e se sentou, ainda tomando o chá, e John retornou à outra cadeira.

– Sente-se melhor, vovô?

Gavin assentiu, depois limpou a garganta suavemente. Após um instante, ele olhou para trás outra vez, antes de voltar a encarar o neto.

– Se nossas holdings estão ameaçadas, meu sobrinho tem o direito de participar das decisões – disse ele com uma voz grave, como se os dois conspirassem juntos. – É assim que a lei governa uma família como a nossa. E temo que nossas holdings *estejam*, de fato, ameaçadas. Falei para Edward que confio inteiramente, inteiramente, *inteiramente* em você como o melhor herdeiro que nossa família poderia ter. Disse que você colocará as coisas de volta nos trilhos. Você vai conseguir. De volta nos trilhos. Disse também que você estava recebendo treinamento particular. Na Escócia.

– Parece razoável. Por que ele reclamaria disso?

– A questão é que... sofremos alguns *contratempos* no último ano. Contratempos financeiros bastante graves. Que nos refrearam.

Contratempos nos refrearam.

Ele abriu um sorriso distraído, como se isso fosse um incrível jogo de palavras.

– Você é um péssimo empresário, vovô.

John não disse isso de maneira cruel. Apenas constatou um fato. Ele e a mãe já sabiam disso anos antes. Gavin não era um bom empresário, mas amava o neto, e Catherine havia considerado esse seu atributo mais importante. Sua mãe acreditou que ela e o athame, que lhe dava acesso a qualquer um, em praticamente qualquer lugar do mundo, poderiam compensar as outras falhas dele. Talvez ela tivesse conseguido se ainda estivesse viva.

– Sou um péssimo empresário? – perguntou o avô, parecendo ofendido. – É realmente justo dizer que sou "péssimo", John? Talvez eu não seja tão bom quanto todos acreditaram. Seu pai é que deveria ter cuidado dos negócios. Com a ajuda da sua mãe.

Pelo que John sabia, aquele tinha sido o grande plano. Casar o sobrenome e o prestígio familiar do pai com as habilidades da mãe e criar uma aliança irrefreável, de poder e riqueza. John nunca entendeu por que a riqueza e o status importavam tanto, contudo a mãe insistia que eram importantes e que ajudariam a protegê-lo, assim como a *Traveler*.

Gavin parecia pensativo e triste, como sempre ficava ao mencionar os falecidos pais de John. O garoto nunca conheceu o pai, Archie, que morrera antes de ele nascer, mas Gavin sempre falava que se pareciam muito. E tudo indicava que Gavin também sentia saudade de Catherine, como se a considerasse sua filha.

– Preciso mostrar que tenho sucesso, John. Eu estava esperando que você terminasse... na fazenda. Para me ajudar, como sua mãe fazia. Esperava que pudéssemos bolar um plano. Recuperar a fortuna.

Gavin nunca quis que John treinasse com Briac. Ele tentou mantê-lo longe da fazenda, seguro na *Traveler*. No entanto, quando a fortuna começou a minguar, aceitou relutantemente deixá-lo ir para seguir os passos de Catherine.

Gavin parou para afrouxar o nó da gravata, como se ela o enforcasse, mas depois continuou:

– John, quando Briac me ligou, há duas semanas, para dizer que você teria que ir embora...

– Duas semanas? Vovô, Briac só me contou isso há dois dias. Não percebe? Ele jamais teve a menor intenção de cumprir a promessa que fez para mim, para nós. Ele nunca teve a intenção de me deixar concluir o treinamento. Meu fracasso já estava planejado desde o começo.

– Deixe-me terminar, John.

Gavin tamborilou os dedos no tampo da mesa e apertou os lábios, como se estivesse escolhendo as melhores palavras em meio a uma lista de escolhas igualmente terríveis.

– Se eu não conseguir aumentar nossa fortuna, e rápido, você não será mais meu herdeiro, e perderei o controle sobre nosso patrimônio. Eles tomarão a *Traveler* de mim, tomarão tudo de mim. Por isso, fiz uma coisa... Fiz uma coisa que sei que você não vai aprovar... Algo que disse que nunca...

Ele fez uma pausa, depois continuou, apressado:

– Temos um concorrente francês, um grande grupo empresarial, e eu...

A porta do escritório se abriu com um leve barulho de batida. Um jovem entrou, atravessou a sala e começou a sussurrar algo ao ouvido de Gavin. De repente, John se deu conta de que já tinha visto aquele homem. Na verdade, o vira poucos dias antes. Ele havia visitado a fazenda em um carro voador e conversado em particular com Briac.

John logo pensou em Quin, sentada no mezanino do celeiro, assistindo ao noticiário na televisão sobre o empresário francês que havia desaparecido junto de sua família ou provavelmente sido morto. De repente, ele compreendeu o que o avô fizera. Sentiu a raiva borbulhando nas entranhas, agarrando-o com ferocidade. Ele mal conseguiu se manter em silêncio até o homem deixar o escritório.

Quando o homem saiu, John se levantou e se debruçou sobre a mesa, encarando Gavin de cima. Ele sentia seu rosto ruborizar, ardendo. Gavin parecia envergonhado, encolhendo-se na cadeira e desviando os olhos.

– Vô... você... você pediu para Briac ir atrás da família francesa? Quando ele ligou para falar sobre mim, você o *contratou*? Ofereceu dinheiro para que ele fizesse o que faz? Para se livrar deles?

– Eu estava desesperado, John. Não tinha você ou sua mãe para fazer isso por mim. Estamos encurralados! Agora, aquelas empresas são um alvo fácil, e podemos comprá-las. Nossa fortuna...

– Não estou nem aí para o dinheiro! – gritou John, esmurrando a mesa com os punhos. – Não estou nem aí para os negócios! Catherine aconselhou você a *nunca* usar outras pessoas. *Especialmente* Briac. Ele... Você não entende? Essa é mais uma razão para ele nunca me treinar, para nunca permitir que eu consiga. Por que ele permitiria se você o procura? Você está permitindo que ele controle nossas vidas de novo...

– Mas *eu* ligo para o dinheiro, John – respondeu Gavin, levantando-se do outro lado da mesa.

Ele falou baixo, para não começar a tossir de novo, porém sua voz tinha a intensidade de um grito. John percebeu que o avô pareceu forte pela primeira vez em toda a conversa, mas também soava louco. Quando Gavin tomou mais um gole do chá, estava segurando a alça com tanta força que a xícara tremia.

– Eu ligo para o dinheiro. Foi o que me prometeram quando escolhi sua mãe para meu filho. Pensei que manteria as coisas nos trilhos depois da morte dela. Mas não consigo. Não consegui. Perdão!

Ele tomou outro gole de chá e acabou tossindo e derramando o líquido por toda a mesa. Olhou para John com olhos selvagens, enxugando freneticamente a mesa com a manga do terno.

– Eles não vão me expulsar! A nave, esta riqueza, é meu legado, John. Meu e seu. Mas, se você lutar contra mim, se ralhar comigo, não me responsabilizo pelo que farei!

Sua expressão era de loucura completa, com olhos arregalados e chá escorrendo pelo queixo.

John não conseguia encará-lo. Ele baixou os olhos, e seu olhar parou no armário atrás da mesa do avô. As portas estavam abertas, e, dentro, havia várias caixas abertas e pilhas bagunçadas de roupas e aparelhos mecânicos. Os objetos pareciam deslocados no escritório de Gavin, que estava sempre organizado e perfeitamente limpo.

Curioso, John passou os olhos por todos os objetos visíveis através da porta aberta do armário. Havia um kit de ferramentas sujo na prateleira inferior, do tipo que um mecânico usaria para consertar carros velhos, com chaves-inglesas sujas de óleo e um pequeno maçarico para soldas. Havia também peças de carros, como um câmbio de marcha *vintage* e uma engenhoca encardida de um motor à gasolina. Ao lado, pilhas emboladas de camisetas e jaquetas que pareciam pertencer a um adolescente.

John logo compreendeu. Aquelas coisas eram de Archie. Elas haviam pertencido a seu pai, ao filho de Gavin. Archie gostava de carros. Era uma das poucas coisas que Gavin havia lhe contado sobre ele. O avô tinha mencionado esse hobby com orgulho, anos antes, e John ficara feliz em descobrir algo sobre Archie, mas a verdade era que consertar carros velhos

era algo tão distante do foco de sua vida que ele ficou triste, como se ele e o pai, se ainda estivesse vivo, fossem ser estranhos um para o outro.

Ao prestar atenção, notou manchas de óleo no terno de Gavin e traços da substância sob as unhas e nas palmas das mãos. Ele andava mexendo nas coisas de Archie, e talvez tivesse passado horas sentado ali, sozinho com aqueles itens, perdido no passado. Isso parecia tão estranho para Gavin Hart que John se perguntou: *O quão louco ele está?*

O garoto não ligava para a riqueza da família. Mas a realidade era que precisava dos recursos e soldados do avô. Precisava deles imediatamente, para conseguir o athame. Embora Gavin não estivesse em condições de ter uma conversa racional, ou de ser responsável por qualquer tipo de negócio, continuava no controle.

Depois de recuperar o athame, poderei me afastar de tudo, certo?, perguntou John a si mesmo. E, no entanto... *Seekers não podem usar os athames para embarcar na* Traveler, disse sua mãe. A nave tinha seu valor. A *Traveler* talvez ainda o protegesse. Ela era o fruto do trabalho duro de sua mãe. A ideia de que outras pessoas pudessem assumir o controle dela o enfurecia.

Ele estendeu a mão até o outro lado da mesa e enxugou as gotas de chá do queixo de Gavin. O avô ainda estava em pé, mas seus olhos repousavam sobre a mesa. Uma de suas mãos correu sobre o móvel, como se ele não compreendesse como a superfície podia estar molhada. John sentiu uma pena repentina do avô. Talvez Gavin voltasse a ficar bem, como disse Maggie, porém, mesmo que não voltasse, mesmo que estivesse enlouquecendo para sempre, John não sabia se poderia abandoná-lo, já que a loucura era culpa de Catherine.

John voltou a se sentar, sentindo-se esgotado.

– Quer recuperar nossa riqueza? – perguntou ele, enfim. – Me dê algumas semanas. Recuperarei o que foi roubado da minha mãe. E tentarei

ajudar você.

Gavin pareceu voltar a si. Baixou o corpo até a cadeira, e seus olhos se focaram no neto. Por fim, falou:

– Algumas semanas?

– Algumas semanas, vovô. Preciso bolar um plano e reunir as pessoas certas. Você precisa me ceder seus soldados.

– John, eles estão observando tudo o que faço, esperando para dar o bote. Para mostrar que sou... sou... sou incompetente. Não sei se posso lhe dar...

– Vovô! Você precisa se controlar. Você continua no comando. Se eu conseguir o que busco, poderá esquecer o resto da família. Eles não importarão mais. Poderemos fazer o que bem quisermos.

– Sim, sim, tudo bem. Darei um jeito – disse ele, olhando ao redor mais uma vez, à procura de possíveis espiões.

De repente, Gavin notou que as portas do armário continuavam abertas, revelando todos os pertences de Archie. Com um olhar culpado para John, fechou as portas e desviou os olhos do armário.

– Não grite, John. Isso faz minha mente girar – murmurou ele.

Ao ver Gavin sentado à mesa, com os ombros caídos para a frente, John ficou mais calmo.

– Você vai ficar bem, vovô. Vou consertar as coisas – disse ele em tom gentil.

* * *

Do escritório de Gavin, John caminhou pelos corredores em direção à proa da *Traveler*, depois subiu a escada. No andar superior da nave, seu apartamento o recebeu com uma vista impressionante de Londres. John ainda se lembrava de quando a *Traveler* foi construída, embora fosse muito

jovem na época, quando Catherine e o athame que lhe pertencia por direito permitiram que Gavin acumulasse as holdings da família.

John caminhou pela suíte. Apesar de todo ano voltar para visitas de férias ao avô, seu quarto havia permanecido quase vazio durante o treinamento na Escócia. Tudo estava do jeito que ele havia deixado.

Da cozinha, a partir da posição atual da *Traveler*, John tinha uma vista do Tâmisa. A distância, enxergava vagamente a ponta do prédio onde vira a mãe pela última vez. Ficou parado ali um instante, pensando naquele apartamento secreto, que havia descoberto e para onde fugiu uma noite, sem a mínima ideia das consequências extremas que aquele simples ato de desobediência traria. Observou o edifício, enquanto a *Traveler* seguia o caminho, até a nave fazer a curva na extremidade da rota em forma de oito e começar a seguir de volta pelo caminho de onde viera.

John afastou-se da vista e caminhou pela suíte, até o último cômodo: o quarto. Deslizando para o lado um painel de madeira na parede, ele abriu o armário, e nos fundos havia um cofre grande preso ao casco de aço da nave. Criados, funcionários e talvez até Gavin certamente já haviam se defrontado com aquele cofre em uma ou outra ocasião, perguntando-se o que John guardava ali. O avô dizia que não tinha qualquer curiosidade a respeito dos métodos de Catherine, nenhum desejo de conhecer seus segredos. No entanto, John tinha certeza de que o velho havia contratado chaveiros caros para tentar abrir o cofre e ver o que havia ali, esperando encontrar algum tipo de talismã secreto que fizesse as coisas voltarem a ser como eram quando Catherine ainda estava viva. Mas a mãe projetara o cofre junto com o arquiteto da *Traveler*, e seria preciso desmontar a própria nave para arrombá-lo.

John digitou uma senha e posicionou os olhos para serem identificados pelo escâner. A espessa porta de metal se abriu com um chiado. Havia um

único objeto dentro, a última coisa que ele ainda tinha da mãe. Bem no centro do interior acolchoado no cofre, encontrava-se um despedaçador.

John sentiu uma repulsa profunda ao ver a arma, mas pegou-a e a carregou consigo. Ela era tão pesada quanto parecia. O metal iridescente quase inteiramente sólido e o pesado arnês de couro a tornavam ainda mais pesada. Ele a carregou até a cama e se sentou, com a arma no colo. Tocar o despedaçador o deixava nervoso e ligeiramente nauseado; ainda assim, ele se forçou a examinar cada parte dele. Vida ou morte, sanidade ou insanidade: ele segurava tudo isso nas mãos.

Faça o que precisa ser feito, disse sua mãe. Briac sempre se opôs a ele, Quin não o ajudaria, e Gavin estava praticamente louco. Só ele podia cumprir sua promessa. Provavelmente teria que tomar atitudes desagradáveis, mas faria o que fosse preciso, da melhor maneira possível.

O que Quin pensaria se o visse? Quin. John a imaginou sentada ao lado, enquanto ele se inclinava para beijá-la. *Muitas coisas vão tentar desviá-lo do caminho. O ódio será uma delas, e a outra será o amor.*

Ele se esforçou para se concentrar. O despedaçador fora criado para causar terror. Se cumprisse seu papel, John nem precisaria dispará-lo. E Quin... ela já dissera que estaria longe de lá.

Capítulo 10

Maud

Por volta da meia-noite, a lua ainda não havia nascido, e ela estava sozinha na escuridão quase absoluta da floresta. Movia-se com o caminhar silencioso que aprendeu ainda pequena. Já não sabia mais andar de outro jeito. Seu corpo havia sido esticado tantas vezes que só a carregava da mesma forma como percebia o fluxo do tempo: com suavidade, regularidade, ritmo.

As crianças na fazenda a chamavam de Jovem Pavor. Esse não era seu nome, é claro. Ela tinha um nome, embora ninguém mais o usasse. Ela conseguiria lembrar, se quisesse.

Considerava os três aprendizes como crianças – embora dois deles já fossem Seekers empossados e, segundo certas contas, fossem mais velhos do que ela. Aquele era um enigma sem uma resposta clara.

Maud. O nome surgiu em sua cabeça, flutuando na consciência como uma peça de tesouro ascendendo do fundo do oceano. *Meu nome é Maud.*

Ela já os ouvira chamando seu companheiro de Grande Pavor, embora ele fosse, na realidade, o Pavor Médio. Seu mestre querido era o Velho Pavor. Aqueles jovens Seekers ainda não haviam aprendido tudo o que precisavam saber sobre os Pavores.

Sobre os ombros, ela carregava um jovem veado que tinha abatido com uma flecha. A cada passo, o animal ficava mais pesado, mas seu peso significava bem pouco. Ela fazia o que era preciso, não importava o desconforto.

Para um olho comum, não havia luz suficiente na floresta para encontrar o caminho. No entanto, para a Jovem Pavor, mesmo o tênue brilho distante das estrelas bastava. Talvez fosse consequência de ser esticada tantas vezes, ou talvez fossem os ensinamentos de seu velho mestre, mas seus olhos eram tão sensíveis à luz quanto precisavam ser. Talvez tivessem aprendido a dedicar todo o tempo necessário para coletar a luz ao redor, até que tivessem o suficiente para a tarefa a ser cumprida.

Ela ouviu um som distante e deteve o passo para escutar, com o pé pairando a poucos centímetros do chão. Ela ouvia a canção distante do rio, os pássaros noturnos caçando entre as árvores e até insetos, movendo-se pelo solo sob seus pés. Mas aquele som era diferente. Vinha do sul, da parte mais selvagem da fazenda. Ao parar a fim de escutar, ela o ouviu mais uma vez. Era o som de problemas.

Na mesma hora, ela mudou de posição, e seus movimentos se aceleraram. Em um instante, soltou o veado dos ombros e o jogou no chão. Antes que ele tocasse o solo, ela já estava correndo entre as árvores, na direção do gigantesco olmo à beira da clareira ao sul. Seu corpo se movia tão depressa que a Jovem Pavor mal sentia o chão sobre o qual disparava. De repente, estava na árvore, saltando rumo aos galhos inferiores. Como um jaguar, escalou o tronco até o topo e se escondeu entre as folhas, olhando para o sul, na direção do som.

Havia cavalos lá, seis, montados por homens. Do alto, ela estudou toda a fazenda. Por enquanto, mais ninguém conseguiria ver aqueles homens e cavalos. Tinham escolhido a rota perfeita para entrar na fazenda sem serem detectados.

Ela lançou sua vista, como o velho mestre lhe ensinara, atravessando toda a distância, até tocar aqueles homens. Em um rompante, examinou-os

de perto, como se estivessem bem diante de seu nariz. Carregavam armas e vestiam máscaras, mas um deles parecia familiar, mesmo mascarado.

Eles tinham um despedaçador. A figura que parecia familiar prendia o despedaçador ao corpo de outro homem.

A Jovem Pavor lançou a audição até eles, trazendo as palavras até seus ouvidos, como se estivesse bem perto.

– Ela é pesada para caramba – comentou o homem quando o despedaçador foi preso às suas costas.

– Lembre-se, seu único valor é o terror – disse o outro, que ela reconhecia.

A voz era baixa, e toda errada. Ele soava como um demônio, e não uma pessoa, com a voz silvada e rouca.

– Não atire, a não ser que eu ordene. Entendeu? Há pessoas inocentes aqui. Tudo o que quero é a adaga de pedra.

O homem grunhiu em concordância, e seus dedos exploraram os controles do despedaçador. Os outros conferiram suas armas, e os cavalos seguiam em frente, inquietos.

A fazenda estava sob ataque.

Ela resolveu lançar seus pensamentos. Com a mente, entraria em contato com o Pavor Médio, seu companheiro. Era a maneira mais rápida de alertá-lo, e ele decidiria se os outros na fazenda também deveriam ser avisados. Ela estendeu a mente na direção dele, atravessando a distância até o pequeno chalé de pedra. Ele estava lá; ela sentia. Mas, ao encostar sua mente na dele, ela se retraiu. Ela se comunicava facilmente daquela maneira com seu antigo mestre. Mas com o Médio era diferente. Eles se desgostavam tanto, que os pensamentos morriam dentro dela antes de conseguir enviá-los.

Ela teria que lhe contar pessoalmente. Ele a golpearia, tinha certeza, como fazia sempre que ela falava alguma coisa que não era uma resposta a algo que ele havia perguntado. Mas provavelmente não lhe daria uma surra ao ouvir o que tinha a dizer.

A Jovem Pavor saltou da árvore, pulando de galho em galho até aterrissar no solo macio da floresta. Ela já estava correndo.

Capítulo 11

Shinobu

Shinobu havia posicionado três bonecos de exercício no chão do celeiro de treinamento. Já passava da meia-noite, e o celeiro era todo dele. Movimentou-se de um boneco para o outro, cruzando o chão com a graciosidade de um dançarino e lançando golpes explosivos contra os corpos dos bonecos. Aquela noite, ele não usava armas, apenas os punhos.

O maior boneco tinha mais ou menos o tamanho de seu pai, e Shinobu dedicou-lhe atenção especial. Um golpe para cada dia do último mês. Ele esmurrou a zona abdominal do boneco, lançando-o contra o chão. Depois, voltou a atenção para o seguinte. Tinha mais ou menos o tamanho de Briac, e era fácil imaginar seu rosto, enquanto Shinobu socava continuamente a lona. E o terceiro boneco, o menor de todos, quem poderia ser? Talvez Quin? Ele sentiu uma efusão de pena ao atacá-lo. Golpeou o rosto, batendo com mais e mais força. Quanto mais mortal fosse, mais rápida seria a luta. Ele estava poupando o boneco do sofrimento. Com um gancho, derrubou-o no chão.

– Nada era o que pensávamos – murmurou para o pequeno boneco deitado no chão. – Só fiquei aqui por sua causa.

No silêncio que se seguiu, ele ficou parado, escutando, com o sangue do punho pingando no chão. Ouviu um ronco distante. Como uma tempestade. Ou como... fogo? Ao se aproximar da porta do celeiro, ouviu gritos do outro lado da área comum.

Capítulo 12

Quin

– Você está imundo, sabia? – perguntou Quin ao cavalo, agarrando seu focinho. – Não sei nem se você é um cavalo ou um porco.

Ela estava no estábulo escovando Yellen, o enorme cavalo castanho que ganhara da mãe ao completar dez anos. Yellen a mordiscou de maneira simpática enquanto ela acariciava suas costas. Havia uma pilha de feno no fundo da cocheira, atrás do cavalo. Quin se perguntou se poderia dormir ali aquela noite. Ela havia feito isso algumas vezes quando era muito mais jovem, enrolada ao lado do enorme cavalo. Isso parecia mais interessante do que dormir em casa.

Algumas lágrimas escorreram pelas bochechas e pingaram no chão da cocheira. Ela enxugou os olhos com as costas da mão, em um gesto bruto. Isso vinha acontecendo muito no último mês: lágrimas repentinas, do nada. Outra lágrima escorreu sobre a bochecha, mas ela a ignorou; estava cansada da própria fraqueza.

– Vire-se! – ordenou.

Yellen a encarou inexpressivamente, com as orelhas tremendo. Ela puxou a cabeça dele e passou para o outro lado.

– Você não sabe mais falar minha língua, não é, seu bobão?

Com o cavalo, Quin ainda tinha senso de humor. Com as pessoas, seu humor havia secado. Ela não passara muito tempo com Yellen aquele ano. Toda a sua atenção havia sido dedicada a John. Mas ele não estava mais lá. Quin também deveria ter ido embora, e, no entanto, lá estava ela. No

momento, o cavalo era o único ser conhecido que não a levava a pensar em coisas que ela preferiria esquecer.

– Calma – disse, quando Yellen bateu o casco no chão. – Ou vou deixar você todo sujo de lama.

Quin havia prometido a si mesma que iria embora, mas ficou. Na noite em que John se foi, ela dormiu sozinha no mezanino do celeiro, perto do despenhadeiro. Na manhã seguinte, foi acordada pela luz do sol entrando pela janela à esquerda.

Passou alguns minutos deitada, sentindo o calor sobre as pálpebras fechadas. Permaneceu imóvel, enquanto o sol subia devagar, até que a luz banhou seus braços e mãos. E então o calor dos raios reavivou a dor da queimadura em forma de athame no pulso esquerdo. Mesmo sob o curativo, a queimadura começou a latejar.

Ela continua ali. Sempre estará ali, lembrando-me dos atos que cometi com minhas mãos.

Poderia ir embora, pensou, mas isso não mudaria as coisas. Quin saberia muito bem o que era, e toda vez que um estranho a encarasse, ela se perguntaria se ele sabia também. Além disso, se fosse embora, o que aconteceria com Fiona e Shinobu? Ficariam presos na fazenda com Briac, sem ela.

Então, decidiu ficar.

Desde aquela primeira noite, Briac havia levado Shinobu e ela em mais cinco missões. Quin entendeu tudo: a riqueza por trás da fazenda, a maneira como a família sobrevivia. E não havia honra alguma nisso.

A cada nova missão, os pensamentos de ir embora se tornavam mais distantes. Ela havia sido criada para obedecer às ordens de Briac como se fossem leis. Era difícil quebrar o hábito. E, quanto mais ela o ajudava, quanto mais missões cumpria, mais se tornava como ele e menos merecia ir

embora. John disse que ela havia nascido para usar o athame, e ela se perguntava se também havia nascido para ser como Briac.

Nos estábulos, ela assistia aos próprios braços movendo a escova pelas costas do cavalo, sendo tomada pela sensação de que seus membros estavam desconectados, como se seu corpo pertencesse a outra pessoa. As novas feridas cicatrizavam. Havia a linha na testa, onde o pai a ferira durante seu último combate de treinamento, o pequeno corte no pescoço, da faca da Jovem Pavor, e a queimadura no pulso esquerdo. As bolhas haviam sumido, deixando apenas a forma do athame, ainda muito rosada e sensível. As cicatrizes também pareciam estranhas, como marcas no corpo de outra pessoa.

Sem notar, ela havia parado de escovar Yellen e encarava sua mão direita, na alça da escova. Moveu o dedo mindinho, para se certificar de que a mão ainda a obedecia de vez em quando.

– John... – disse em voz alta, depois parou, envergonhada.

Quin costumava imaginar que ele estava com ela, envolvendo-a em seus braços quentes, enquanto ela deitava a cabeça em seu peito. Quando esses devaneios passavam, a garota sentia frio e se perguntava se os olhos dele estariam solitários sem ela. Apesar disso, estava grata por ele ter ido embora. John ainda queria se tornar um Seeker, mesmo após os alertas dela. Ao deixar a fazenda, ele se salvou de um erro grave.

Yellen bateu mais uma vez o casco dianteiro no chão e sacudiu as orelhas.

– Ôôa – murmurou ela.

O cavalo tornou a repetir o movimento e começou a puxar a corda-trela. Ela ouviu os outros cavalos nas cocheiras, relinchando e batendo os cascos no chão. E então sentiu o cheiro.

Fumaça.

Ela parou de se mover e ouviu. Escutou gritos distantes e outro som: um ronco baixo, que ela percebeu já estar ouvindo ao fundo havia algum tempo. Quin saiu da cocheira de Yellen e correu até a porta do estábulo.

Deslizando a porta, sentiu uma rajada de calor e se deparou com uma parede de fogo. Demorou um instante para compreender o que estava vendo. As árvores perto do celeiro estavam queimando. Não apenas queimando; estavam sendo consumidas pelas chamas.

Pessoas gritavam na área comum, e ela via silhuetas a distância: muitos cavalos galopando, montados por homens. A fazenda estava sob ataque.

Quin fechou a porta e se apoiou nela por um instante, analisando a situação. O fogo estava a metros da estrutura de madeira do estábulo. Os cavalos batiam os cascos no chão e relinchavam, e alguns chutavam as cocheiras.

Pousando a mão no focinho de Yellen para acalmá-lo, ela vestiu a rédea pela cabeça do animal e rapidamente jogou um cobertor e uma sela nas costas dele.

Ela espreitou pelas portas do outro lado do estábulo e viu apenas a escuridão. Os soldados ainda não haviam alcançado aquele lado do celeiro, então ela abriu as portas e arrebanhou os cavalos das cocheiras. A fumaça estava engrossando, e eles, entrando em pânico, mas Quin lançou uma corda aos flancos dos cavalos, que galoparam na direção da porta aberta. Do lado de fora, no ar frio da noite, eles se juntaram ao redor dela, assustados demais para se afastar do estábulo.

Algo reluziu e atravessou o campo de visão de Quin, a uns vinte metros de distância. Quando ela esticou as mãos para segurar a rédea de Yellen, um carvalho perto do celeiro de ordenha foi engolido pelas chamas. A garota viu uma tocha no alto dos galhos e então enxergou a pessoa que a lançou,

uma figura com roupas escuras e máscara, atravessando a cavalo a área comum.

O clima estava seco havia muitas semanas, e, com um ronco, a árvore começou a queimar violentamente, apavorando os cavalos. Um deles fugiu, desesperado, atingindo os outros. Quin foi atingida pelo choque entre os corpos dos animais, e todos, incluindo Yellen, fugiram para a floresta.

Ela foi lançada ao chão, mas alguém estava lá para segurá-la.

– Quin!

– Shinobu!

Os cabelos dele estavam cobertos de fuligem, e o rosto estava manchado.

– Venha – disse ele. – Precisamos alcançar a floresta!

Em meio a uma nuvem de fumaça, correram até a mata. Depois, pararam sob os galhos das árvores, tossindo.

– Um dos chalés está em chamas – contou ele. – Acho que é o seu. Eu o vi do outro lado da área comum.

Como ela, Shinobu carregava a espada-chicote na cintura. Uma velha besta, que parecia prestes a se despedaçar, e uma aljava de flechas estavam presas às suas costas. Ele havia explorado a pequena reserva de armas do celeiro de treinamento.

– Quem está nos atacando? – perguntou ela, pensando nas hordas de vítimas sinistras que seriam capazes de atacar a fazenda por vingança.

Mas é claro que a resposta não era nenhum mistério. Ao fazer a pergunta, ela já sabia a resposta. Sentiu uma pontada doentia no estômago. *Ele está me expulsando*, disse John, *mas preciso arrumar uma maneira de voltar.* Quin se deu conta de que alguma parte dela já esperava por ele. Mas não assim. Será que ele realmente pretendia incendiar a fazenda?

– Teremos uma visão melhor do outro lado – disse Shinobu, sem olhar nos olhos dela.

– E quanto à minha mãe?

– Eu não a vi.

Ela começou a correr, mas Shinobu agarrou seu braço.

– Espere – pediu ele. – Espere. O que pretende fazer?

– Vamos encontrar minha mãe, depois nossos pais...

– Por quê?

– Como assim, por quê?

– Concordo que precisamos encontrar Fiona, mas por que Briac e Alistair? – indagou ele.

– Estamos sendo atacados! Eles lutam melhor do que nós.

– *Nós* não estamos sendo atacados. *Eles* é que estão. E isso significa que estão distraídos.

Ele encarou os próprios pés, e uma vida inteira de lealdade o impediu de concluir o raciocínio em voz alta. Por fim, encarou os olhos dela e falou:

– Ainda não conversamos sobre isso, Quin, mas por que deveríamos ficar depois do que nos obrigaram a fazer?

Por um instante, Quin hesitou, tentando resistir ao instinto automático de seguir o pai. Shinobu tinha razão. Ele colocou em palavras o que ela já deveria ter falado. Sugeriu que fizessem o que ela deveria ter feito um mês antes. A fazenda poderia até queimar, mas já não representava mais um lar para eles.

– Poderíamos encontrar Fiona e fugir – sugeriu ela lentamente.

– Se tivermos sorte, Briac e Alistair pensarão que fomos mortos – disse ele. – Esta é nossa chance. Uma chance perfeita. Não teremos outra assim.

Ela assentiu com a cabeça.

– Certo. Vamos encontrar minha mãe.

Os dois correram até circundarem a beirada da área comum e se aproximarem dos chalés. Lá, pararam, agachando-se atrás de uma árvore caída. Os soldados montados estavam incendiando as construções. O chalé de Quin estava em chamas. Atrás, um pouco mais distante, ela viu o chalé de Shinobu, que também queimava. E os outros, os chalés que ficavam floresta adentro, muitos dos quais não eram usados havia décadas. Todos em chamas.

– Você a vê em algum lugar? – perguntou Quin.

– Não... sim. Lá está ela!

Fiona estava no centro da área comum, seguindo na direção dos pastos, depois do celeiro de ordenha. Seu lindo rosto estava retorcido em uma expressão de terror, e as pontas dos cabelos estavam em chamas, o laranja do fogo contra o vermelho dos cabelos, estendendo-se atrás de Fiona enquanto ela corria. Por que estava atravessando o campo, e não correndo em direção à floresta? Com o coração pesado, Quin notou os passos tortos da mãe. Estava bêbada.

A garota começou a segui-la, mas Shinobu apoiou a mão em seu ombro, detendo-a.

– Eles também a avistaram! – sussurrou ele.

Ele tinha razão. Três soldados montados galopavam atrás de Fiona.

– Veja – disse Shinobu.

Viram com clareza o cavaleiro que os liderava. Ele vestia uma máscara, mas o teriam reconhecido em qualquer lugar.

Era John. Ela sabia que seria ele, mas vê-lo de fato com uma máscara, incendiando a fazenda, era diferente. E ele cavalgava diretamente para Fiona.

– O ódio dele é por Briac – disse Quin sem demora. – Sempre o odiou. Ele não vai ferir minha mãe. Sei que não. Será que devemos ajudá-lo,

Shinobu? Ele só quer...

Ela ficou sem voz ao ver os três cavaleiros alcançando Fiona. Dois soldados a agarraram e a puxaram com grosseria para uma sela. Do outro lado do campo, a jovem ouviu a mãe xingando os soldados.

Quin se levantou. Shinobu agarrou seu braço e a puxou de novo para baixo.

– O que está fazendo? – questionou ele.

Fiona gritou a distância. Um dos soldados a estapeou, e começaram a atar suas mãos.

– Preciso... preciso falar com ele.

– Não! – chiou Shinobu, segurando o braço de Quin com força. – Ele está nos *atacando*! Ele está *incendiando* a fazenda. É capaz de qualquer coisa, entende? De machucar sua mãe, ou você. Ele não é seu namorado agora. Ele está diferente! Se quisermos fugir com Fiona, precisamos de armas melhores.

Quin se acalmou, absorvendo as palavras de Shinobu.

– Você... você tem razão.

Ela se esforçou muito, mas deu as costas para John. Ele era... Ela não sabia o que ele era naquele momento. Será que estava contra ela, ou só contra Briac? Será que realmente os machucaria?

Ela observou Fiona, ainda lutando contra os soldados do outro lado da área comum. Estavam visivelmente dispostos a feri-la, e Quin se viu determinada a tirar a mãe da fazenda com vida.

– Você sabe onde eles guardam as armas de fogo? – perguntou Shinobu. – Estão na sua casa?

– Não estavam no celeiro de treinamento?

Shinobu balançou a cabeça.

– Venha. Vamos conferir as duas casas.

Ele segurou a mão dela, e os dois correram juntos em direção aos chalés em chamas, ainda escondidos entre as árvores. Passaram pela cabana que pertenceu a John. Também tinha sido incendiada, muito recentemente. Os móveis estavam queimando, e a fumaça escorria da porta. Não havia motivo para queimar tudo. Aquilo era um ato de puro ódio.

Da beirada da floresta, correram por um espaço aberto até o chalé de Quin. Mas ele mal podia ser chamado de chalé. Quando a alcançaram, a casa de Quin estava tomada pelas chamas.

Capítulo 13

Maud

A Jovem Pavor estava parada ao lado do Pavor Médio, longe dos chalés e celeiros. Eles se encontravam em um pequeno morro dentro da floresta, com as costas apoiadas em troncos de árvores, enrolados em mantos, quase invisíveis. Daquele ponto, ela via as casas queimando. Todas elas, exceto as cabanas dos Pavores.

Sentiu um latejar dormente na bochecha, onde o Médio a golpeara. Ela havia alcançado o chalé dele depois de correr furiosamente pela floresta, mas, antes que abrisse a boca para formar as palavras explicando que estavam sendo atacados, o punho dele encontrou sua bochecha. Mesmo assim, ela começou a explicar. Em instantes, sob as ordens do Pavor Médio, os dois juntaram todas as suas armas e desapareceram mata adentro.

Uma mulher gritava na área comum. Era a ruiva. Seu nome era Fiona. A Jovem Pavor observou dois homens apagarem o fogo em seu cabelo com tapas e a colocar no lombo de um dos cavalos. Maud lançou sua visão e sua audição, assistindo atentamente a um dos homens golpeando Fiona, e o jovem que ela reconhecia, apesar da máscara e do som metálico de sua voz alterada, atando as mãos da mulher.

– Não bata nela! – disse ele, com sua voz estranha. – Não quero feri-la!

Em seguida, ele se voltou para Fiona:

– Por favor, pare de resistir. Só estou aqui atrás de Briac.

– Desejo ajudá-los – disse a Jovem Pavor.

As palavras escaparam de sua boca com ritmo e tranquilidade, da mesma maneira que seu corpo caminhava e sua mente pensava. Sua voz

não parecia exprimir emoções, mesmo que ela as sentisse.

– Muitos deles são Seekers empossados.

O Médio girou o braço, desferindo um tapa em sua outra face. Maud já sabia que ele faria isso. Em seu sentido de tempo alterado, ela havia visto o braço dele vindo em sua direção, como uma tempestade a distância. Ela poderia ter desviado, mas não havia por quê. Ele encontraria outra forma de agredi-la, de maneira ainda mais severa, se a garota não aceitasse o tapa.

Ela desejava ajudar os habitantes da fazenda, especialmente se pudesse fazer isso sem ferir o aprendiz mascarado. Mas a verdade é que essa não era sua função. Seekers empossados deveriam ter autonomia. A função dos Pavores era apenas observar, supervisionar os juramentos dos novos Seekers e, apenas em certas circunstâncias, envolver-se na situação. O que estava acontecendo, uma luta pelo controle do athame entre duas famílias cujos direitos sobre ele eram iguais, não era do domínio deles. Até o velho mestre teria concordado com o Médio nisso. A função deles era apenas proteger o athame dos Pavores, que estava guardado seguramente no manto do seu companheiro, perto da mão que ele havia acabado de usar para atingi-la.

A função deles não era interferir. No entanto, já haviam interferido no passado. Um pensamento aos poucos veio à superfície: *Uma mulher de cabelo castanho-claro, um menino escondido sob o chão...* Não deveriam ter interferido, mas interferiram. *E veja o que aconteceu.* Na área comum, o jovem aprendiz mascarado gritava ordens para os outros. *O menino vira homem, e o homem está com raiva...*

Capítulo 14

Quin

Através da janela de sua casa em chamas, Quin via o fogo consumindo a mesa da cozinha e brotando das fendas no chão de madeira. As paredes da sala de estar, com velhas vitrines de armas, estavam tomadas pelas labaredas, assim como as vigas de madeira do teto. A casa emanava tanto calor que ela não conseguia se aproximar. Qualquer arma escondida lá dentro estava fora de alcance.

Shinobu havia ido explorar sua casa, e Quin estava sozinha, estudando a área ao redor do chalé. Perto de lá, encontrava-se um barracão de pedra que ainda não tinha sido atingido pelo fogo. Apesar disso, ondas de calor a alcançaram quando ela agarrou o velho cadeado da porta do barracão e colocou a combinação correta. Quin abriu a porta, expondo as armas.

A espada-chicote já estava em sua cintura, mas ela agarrou as facas e o manto. Tateou as paredes do barracão com cuidado, tentando encontrar algum compartimento secreto onde Briac pudesse guardar outras armas. Esconder coisas era exatamente algo que o pai faria, porém ela não encontrou nada.

Um estalo alto, parecido com o disparo de uma arma, cortou o ronco do fogo. Quin se afastou do barracão a tempo de ver o telhado do chalé desabando. A enorme viga sob ele havia partido, e grandes placas de ardósia desabavam na casa.

A chaminé desabou de lado quando o teto cedeu. Quin saltou para trás quando a enorme coluna de alvenaria caiu no barracão, amassando-o,

como se fosse feito de papel. Ela saiu do caminho cambaleando, enquanto rochas quentes desabavam ao redor.

No entanto, à medida que a alvenaria assentava, ela descobriu algo plano, rígido e pintado, visível sob os escombros do barracão. A garota se ajoelhou e começou a cavar. Descobriu um objeto de metal, mas teve que cobrir o rosto quando uma onda de ar fresco entrou na casa e uma nova baforada de calor a atingiu. Em seguida, escavou punhados de terra e pedra, revelando um cofre cravado no concreto, sob o solo.

Não havia nenhuma maneira óbvia de abrir o cofre. Ele devia ter sido projetado para abrir apenas ao toque de Briac. Era uma câmara segura demais para guardar apenas armas de fogo. Havia apenas um item em toda a fazenda precioso o bastante para merecer tal esconderijo.

A temperatura estava ficando insuportável. Ela sacou a espada-chicote e moveu o pulso algumas vezes, moldando a arma na forma de uma grossa adaga, que afinava até uma ponta estreita como uma agulha. Ela golpeou a ponta afiada na beirada do cofre, onde deveriam se encontrar as dobradiças da porta. A navalha quicou, amassando bem pouco o metal.

Ela encaixou a ponta da adaga no amassado. O material da espada-chicote podia ser manipulado em nível molecular, se a pessoa que a estivesse usando aprendesse os movimentos necessários. Quin esvaziou a mente e se concentrou, ignorando as ondas de calor que ameaçavam incendiar seu cabelo. Em seguida, realizou uma série de movimentos minuciosos com o pulso, ordenando a espada a estreitar a ponta e se estender ainda mais.

O vento mudou de direção, e a fumaça a envolveu. Ela fechou os olhos e mexeu o pulso mais uma vez. Imaginou a ponta se estendendo ainda mais e estreitando-se tanto que conseguiria cortar metal.

Ela sentiu a espada atingir o cofre de maneira quase imperceptível. Manipulou-a novamente, afinando as bordas, para que ficassem tão afiadas quanto a ponta. Ao fazer isso, a espada começou a descer, em um corte regular e contínuo. Perfurara o metal. Quin correu a arma lentamente pela junção, cortando-a. Uma das dobradiças se desfez, depois outra. De repente, a tampa se soltou. Usando a espada-chicote como alavanca, ela lançou a porta para o lado.

O athame e a vara de relâmpago estavam ali, esperando por um Seeker, por seu mestre, para pegá-los e fazer uso deles.

Se Shinobu e ela realmente quisessem abandonar a fazenda e tudo o que havia nela, Quin sabia que não deveria pegar o athame. Poderia deixá-lo para trás, para o pai, e ele continuaria usando-o como sempre fez. Ou... ela poderia entregá-lo a John, já que ele o queria tanto.

A garota protegeu o rosto do calor e tentou localizar John através da fumaça, mas o ar estava completamente negro.

Ela se voltou para o cofre. Poderia entregar o athame para John e lhe pedir que soltasse sua mãe. Ou poderia lhe entregar o athame, acalmá-lo e fugir com ele, montada em seu cavalo. Eles ficariam juntos. A raiva e o ataque dele eram apenas o resultado do tratamento injusto de Briac.

Então ela se lembrou das palavras dele naquela noite no celeiro do despenhadeiro. *E se nós decidíssemos, Quin? Seríamos melhores. Tomaríamos as decisões certas. Decisões boas.* Era fácil imaginar ser possível fazer as escolhas certas quando se tem poder, mas John não compreendia o que era ter a vida e a morte em suas mãos e decidir qual das duas ofereceria.

E, mesmo que ele recebesse o athame, precisaria que Quin o treinasse. Ela o ajudaria a dar seus primeiros passos *Lá* e além. Ela o lideraria.

– Perdão – sussurrou ela ao pegar a adaga de pedra e a vara no cofre, e escondê-las no manto. – Não serei responsável por transformá-lo em Briac.

Havia mais uma coisa na caixa de metal. Um livro grosso com capa de couro, atado por uma cinta de couro. A capa estava gasta e brilhante, como se muitas mãos a tivessem tocado com carinho ao longo de muitos anos. Ela o folheou e descobriu que era algum tipo de diário. Boa parte do texto estava escrito em uma letra caprichada e feminina, mas muitas outras mãos já haviam deixado uma marca. Algumas das páginas mais antigas eram preenchidas por uma escrita espremida que havia sido moda em um passado distante. E outras páginas estavam escritas em um lindo estilo burilado, maculadas apenas por manchas vazadas de alguma caneta-tinteiro. Havia também folhas soltas de um tipo de papel fino e macio. *Papel velino*, pensou ela, lembrando-se das aulas de história de sua mãe. As folhas soltas estavam decoradas de maneira elaborada, dobradas com cuidado e guardadas entre as outras páginas.

Durante um exame rápido, ela notou dezenas de ilustrações feitas à mão, muitas de animais em traços grosseiros. Uma delas chamou sua atenção, em um diagrama no canto superior de uma página: três formas ovais entrelaçadas. Parecia um desenho simplificado de um átomo.

Quin ouviu um grito distante. Guardou o livro com cuidado em um dos bolsos do manto, depois saiu correndo, afastando-se do chalé, em direção às árvores.

Shinobu tinha ido até sua casa para tentar encontrar um depósito de armas de fogo. Quando ela alcançou o chalé dele, no entanto, descobriu que a construção também já não passava de uma enorme fogueira, desabando sob si mesma. Shinobu não estava mais lá.

Quin ouviu um enorme estrondo do outro lado da área comum, ao sul, como se algo grande e pesado tivesse desabado. Virou-se, mas a fumaça espessa a impediu de encontrar a fonte do som. Contudo, ela ainda enxergava seu chalé, e lá estava seu pai. Ele surgia das árvores ao leste de

onde ela estava, seguindo para a casa queimada, agachado, para não ser visto.

Briac vestia roupas comuns, e Quin se deu conta de que ele estivera fora da fazenda no momento do ataque, em uma de suas viagens frequentes. Essas viagens costumavam resultar, algum tempo depois, em mais uma missão que Shinobu e ela seriam obrigados a realizar. Ela não conhecia os meios secretos através dos quais o pai era contatado para essas missões, mas ele certamente estabelecera, havia muito tempo, um método que permitia que as pessoas certas o encontrassem.

Briac parou a uma certa distância do chalé da família e olhou para o sul, na direção da área comum. O vento instável havia afastado a fumaça por um momento. Tanto Briac quanto Quin, da casa em chamas de Shinobu, viram o grupo de cavaleiros de John reunido perto da oficina. Era difícil enxergar os detalhes àquela distância, mas um dos cavalos carregava duas pessoas, e uma delas tinha cabelos longos e ruivos. O pai de Quin observou os cavaleiros por um instante, depois continuou em direção ao chalé, sem voltar a olhar na direção da esposa. *Ele não está nem aí*, compreendeu ela.

Briac procuraria o athame e a vara de relâmpago quando alcançasse a casa, e Quin planejava estar bem longe quando ele notasse que não estavam lá.

Shinobu e ela haviam concordado que, caso se perdessem, deveriam seguir Fiona. Quin começou a se mover na direção dela, e a fumaça engrossou novamente, escondendo-a.

Capítulo 15

John

A porta da oficina explodiu, puxada por cordas ligadas aos cavalos. Lá dentro, John e seus soldados encontraram Alistair MacBain debruçado sobre uma bancada, com fones de ouvido, concentrado em um pequeno aparelho mecânico. Uma vibração profunda emanava do aparelho, avançando muito além da oficina. John a sentia nos pulmões.

Quando as portas desabaram, o homem enorme se levantou com um salto, surpreso, e se virou para encarar os seis homens. Os olhos de Alistair logo encontraram o soldado com o despedaçador, depois detectaram Fiona, sendo mantida refém no cavalo mais distante. Ele encarou John e retirou os fones de ouvido.

– Você precisa de uma máscara para lutar comigo? – perguntou ele. – O que aconteceu com sua honestidade?

– Eu deveria perguntar a mesma coisa – disse John, e a pequena caixa presa à garganta alterou sua voz, tornando-a demoníaca.

– Não consegue nem usar a própria voz? – retrucou Alistair. – Será que treinei um covarde todos esses anos?

John já sabia que o reconheceriam, mas não conseguiu entrar na fazenda sem o disfarce. Estava ali para pegar o que era seu por direito. Para isso, sabia que teria que apavorar os moradores da fazenda, e era mais fácil encará-los, assustá-los, mandar neles por trás de uma máscara.

E a máscara lhe oferecia uma sensação de libertação. Ele havia mantido seu ódio por Briac sob controle absoluto durante muito tempo; porém, disfarçado, podia colocá-lo para fora. Ele incendiou a própria cabana, no

meio da floresta. Briac o manteve lá por anos, isolado, como um animal de rua que deixam se sentar à beira do acampamento, perto o bastante para ver a fogueira, mas não para sentir o calor. Era assustador o quanto era bom colocar o ódio para fora, assistir àquela construção arder em chamas.

Os soldados incendiaram os outros chalés antes que ele os detivesse, mas ele percebeu que também era um alívio vê-los queimar, destruir a casa de Briac. Eram apenas casas, afinal. Seus homens haviam se certificado de que estavam vazias antes de incendiá-las. Embora John não se opusesse à ideia de ferir Briac, o mesmo não valia para os outros habitantes da fazenda. Queria mantê-los em segurança.

Ele ficou aliviado por não ter encontrado Quin em lugar algum. A garota devia ter ido embora, como disse que faria quando se viram pela última vez. Estava em algum lugar distante e seguro.

Naquele momento, montado a cavalo, do lado de fora da oficina, ele voltou os olhos para o aparelho na bancada atrás de Alistair. Parecia um torno, mas, em vez de ser feito de metal, era da mesma substância preta e oleosa das espadas-chicote. Preso dentro dele, encontrava-se um athame.

John nunca teve permissão para entrar na oficina e nunca tinha visto aquele aparelho. Olhou novamente para os fones de ouvido, que estavam pendurados no pescoço de Alistair. A vibração, compreendeu ele, não vinha do torno, mas do próprio athame. Alistair estava fazendo alguma coisa com a adaga, talvez a ajustando, e os fones protegiam seus ouvidos.

– De quem é este athame? – perguntou John com a voz distorcida.

– Por acaso, é o meu – disse Alistair. – Pensou que fosse o dela? – indagou, mais baixo.

John desceu do cavalo e entrou na oficina, acenando para o soldado com o despedaçador. O homem correu a mão pela lateral da arma, que ganhou vida, soltando um lamento agudo.

– Muito cuidado – disse Alistair para o soldado. – Esse brinquedinho é perigoso. Aposto que ele não disse o quanto.

John estudou o athame no aparelho. Havia um pequenino entalhe em forma de águia no punho: o símbolo da família de Alistair e Shinobu. Não era o entalhe que ele esperava encontrar, mas qualquer athame era melhor do que nenhum.

– Falei que era meu – repetiu Alistair.

John estudou o torno em si. Era mais complicado do que pareceu a princípio. A adaga de pedra estava fixada em vários lugares. E havia um tipo de navalha pairando na superfície do athame, que poderia ser usada, imaginava John, para raspar pedaços minúsculos de pedra, tornando perfeita a vibração da adaga. Usada de maneira incorreta, no entanto, a navalha provavelmente causaria estragos. John estendeu a mão até uma das alavancas, mas parou. Ele não queria correr o risco de danificar o athame.

– Como solto o athame? – perguntou, mantendo a voz baixa, o que a fez soar como um rosnado.

– Não posso dizer – respondeu Alistair, com os olhos colados no despedaçador.

Era difícil não gostar de Alistair, que havia tentado ajudar sua mãe certa vez. Mas John lembrou a si mesmo que aquele homem enorme também tinha sido um aliado fiel de Briac Kincaid durante anos. John não deixaria a fazenda sem um athame; se Alistair o ajudasse, tudo seria mais fácil, e ninguém se machucaria. Devagar, com a mão firme, ele levantou sua arma até a cabeça de Alistair.

– Você pode me dizer. Sei que pode.

– Está bem, você me pegou. Eu posso. Mas não vou.

– Isto não precisa ser difícil – disse John com a voz áspera e sibilante.

– É uma pena, mas precisa, sim – respondeu Alistair.

John assentiu de leve com a cabeça. O despedaçador soltou um lamento mais alto, preparando-se para disparar.

– Acha que eu explicaria alguma coisa se estivesse preso em um campo despedaçador, rapaz?

– Muito bem.

O jovem hesitou, esperando poder confiar nos soldados para seguir suas instruções de não matar ninguém sem uma ordem direta. Então, fez um gesto para o soldado sentado atrás de Fiona, no cavalo.

John evitou olhar na direção dela quando o soldado encostou uma faca na garganta de Fiona, que soltou um grito engasgado. Ele manteve os olhos fixos em Alistair.

– Tire a adaga do aparelho – ordenou de maneira inexpressiva.

– Não posso – respondeu Alistair. – Não importa o que eu sinta, o athame é mais valioso do que uma vida.

Mas não era o que seus olhos diziam, saltando novamente para Fiona.

John juntou forças e fez mais um gesto. O soldado começou a fazer um corte raso no pescoço de Fiona. Ela se debateu freneticamente nos braços dele, e o sangue escorreu pela pele macia e branca.

É só um pouco de sangue. *Ele não vai cortá-la muito fundo*, pensou John. *Por favor, não corte fundo!* Engoliu em seco, com os olhos colados em Alistair, que olhou para o chão, conforme o corte no pescoço de Fiona se alongava. Por fim, Alistair fez que sim com a cabeça, cedendo. Ele estendeu a mão até o torno e começou a girar as alavancas que mantinham a adaga no lugar. A faca parou de se mover no pescoço de Fiona.

– Muita calma – disse John para Alistair.

As mãos de Alistair se moveram devagar pelas muitas alavancas do aparato. O próprio athame começou a se mexer, à medida que o aparelho que o prendia afrouxava. No momento em que John esperava que a adaga

caísse na mesa, Alistair segurou muito delicadamente a alavanca mais longa com as mãos. De repente, girou a alavanca em uma volta completa, tensionando os enormes braços ao puxá-la para si em um movimento brusco e brutal, e fez a navalha dentro do aparelho cravar profundamente na adaga.

Na mesma hora, o athame emanou uma vibração terrível. Todos a sentiram nos dentes e ossos. Era como metal rasgando, ou vidro rachando. Os músculos de John se contraíram sozinhos, os punhos apertaram, e as pernas começaram a sofrer câimbras.

Do outro lado da oficina, o soldado com o despedaçador sentiu os mesmos espasmos musculares, e o cavalo cambaleou para trás, sob aquele efeito. A mão do homem agarrou involuntariamente o despedaçador, e a arma disparou.

Sem controle, John rangia os dentes. Ele viu as fagulhas do despedaçador voando em sua direção, mas quase não conseguia mexer as pernas. Com enorme esforço, lançou-se ao chão, aterrissando como um saco de tijolos.

As fagulhas passaram sobre ele e atingiram Alistair.

A vibração do athame parou de repente, como se abafada por uma força invisível.

Houve um silêncio, enquanto todos aos poucos recuperavam o controle sobre seus músculos. De repente, Alistair começou a gritar e a bater na própria cabeça.

John se levantou com dificuldade e agarrou o aparelho que segurava o athame. Então, entendeu por que a vibração havia parado. A navalha dentro do aparato havia cortado profundamente a haste da adaga, estilhaçando a lâmina. Alguns dos cacos de pedra ainda estavam fixados ao torno. Outros espalhavam-se na bancada, junto com um punhado de pó

arenoso. A própria cor da pedra havia mudado, tornando-se mais cinza, e a superfície estava apagada. Qualquer energia que existisse antes dentro daquele antigo artefato havia desaparecido.

Alistair cambaleava em direção à porta. Os cabelos ruivos estavam arrepiados, e fagulhas multicoloridas dançavam ao redor da cabeça e dos ombros. Ele não conseguia andar em linha reta e às vezes recuava e golpeava o ar, antes de cambalear mais uma vez na direção da porta. Fiona chorava copiosamente enquanto o assistia, e os soldados de John o encaravam em um silêncio atordoado.

John sentiu uma onda turbulenta de náusea ao ver Alistair atravessar a porta, cambaleante, entre aqueles flashes de arco-íris. A sensação se misturou a um arrependimento tão forte que parecia uma dor física.
Alistair, não!

Ele correu até seu cavalo e subiu na sela. Aproximando o animal do soldado que segurava o despedaçador, John deu um tapa em seu rosto. Ele sabia que aquele homem não era culpado pela condição de Alistair, mas não conseguia conter a raiva que sentia... por Briac, que o havia colocado naquela posição, e por si mesmo, por perder o controle da situação.

– Como pôde? – gritou John com a voz distorcida. – Ele era um homem bom, e você o destruiu.

Ele levou as mãos à cabeça por um instante, depois ordenou:

– Encontrem Briac!

* * *

A explosão da bobina detonadora de John derrubou metade da parede, mas a figura ressecada nem se mexeu, nem esboçou uma reação. A posição da figura no leito e as faíscas tênues dançando ao redor de sua cabeça não haviam mudado nada desde que ele estivera ali um mês antes.

John atravessou a poeira e a fumaça e entrou no quarto. Correu os olhos pelos aparelhos hospitalares na parede dos fundos, depois se sentou na beirada da cama.

Era a primeira vez que estava sozinho com a criatura. Em todas as outras vezes, Briac estava presente, como um guarda. Seus dedos encontraram a bainha do velho avental hospitalar que cobria a figura, e ele o deslizou com delicadeza, revelando a perna esquerda dela, seca. No alto da coxa, havia uma cicatriz enrugada, com o comprimento de uma mão masculina. Parecia um ferimento de espada ou faca que havia sido suturado sem cuidado.

Ele sabia que encontraria aquela cicatriz; mesmo assim, ficou sem ar. Briac havia estado com ele ali duas vezes, em um deleite perverso ao obrigar John a olhar aquela figura decadente e torturada, enquanto o rapaz tentava fingir que não tinha a menor ideia de quem ela era.

Ele soltou o avental. Apesar de não suportar a ideia de tocar o corpo, se forçou a apoiar a mão em um dos ombros ossudos. Estudou os olhos fundos, o nariz seco, a mandíbula ressaltada. Não sobrara nada do que fora aquele rosto um dia.

John sacou uma faca e a posicionou no peito da criatura. Bastaria um golpe forte, disse a si mesmo, para fincar a lâmina no coração, e pronto. Segurou a faca ali durante um minuto inteiro, tentando desferir o golpe, mas não conseguiu. Por fim, permitiu que sua mão desabasse para o lado.

Ele permaneceu sentado na cama durante muito tempo, sem saber ao certo o que fazer. Devagar, como se não conseguisse sustentar o peso, deixou a cabeça desabar para a frente, apoiando-se no colchão ao lado da figura. Fechou os olhos, empurrando a testa no lençol velho. As lágrimas surgiram suaves, mas logo se tornaram selvagens. Seu corpo convulsionou

em soluços, com o tipo de som que uma criancinha faria ao descobrir que o mundo estava ruindo.

Ainda chorando, John se levantou da cama e cortou cegamente todos os tubos intravenosos. Uma por uma, ele desligou todas as máquinas no quarto.

Quando o equipamento ficou em silêncio, o garoto se virou para o corpo na cama, esperando ver alguma mudança. Não houve mudança alguma. A figura continuou imóvel, com as faíscas ainda dançando ao redor do torso.

Talvez demorasse horas, ou até dias, pensou, *até que a figura morresse e as faíscas se apagassem.* Após tanto tempo, o fim certamente seria indolor.

Ao parar diante do buraco na parede, ele afrouxou a caixa de distorção presa ao pescoço para que sua voz não soasse demoníaca.

– Logo, terei de volta o que é nosso por direito – sussurrou ele, estranhando sua voz natural. – Farei com que paguem pelo que fizeram a você, e as coisas voltarão a ser como deveriam.

Ele fez uma pausa, olhando para o corpo uma última vez.

– Adeus, mãe.

Apertando a caixa ao redor da garganta novamente, John voltou para a noite lá fora.

Capítulo 16

Shinobu

Shinobu agarrou os ombros enormes do pai, tentando equilibrá-lo. Alistair lançou o punho contra o filho. Shinobu se esquivou, mas as mãos grandes do homem começaram a apertar seu pescoço. A mente de Alistair, no entanto, afastou aquilo antes que ele causasse algum dano. Ele soltou Shinobu e caiu de joelhos, batendo com a cabeça no chão.

– Pai. Você me reconhece?

O garoto puxou a cabeça de Alistair, para que encarassem os olhos um do outro. A lua havia surgido no céu, iluminando o solo da floresta. O pai permaneceu imóvel por um instante brevíssimo, com os olhos arregalados e inexpressivos; a testa fora ferida pelas pancadas na terra. Depois, deu um salto. Suas mãos tentaram agarrar o pescoço de Shinobu mais uma vez, e seus dedos roçaram a pele do filho. De maneira igualmente repentina, ele se deteve, gemendo, e começou a agredir as próprias pernas.

O campo distorce seus pensamentos. Você forma uma ideia, mas o campo despedaçador a transforma e a envia de volta para você, alterada. Shinobu lembrou-se das palavras do próprio Alistair. Ele os havia alertado insistentemente sobre os perigos dos despedaçadores durante anos. *Sua mente se amarrará em um nó, dobrando-se, entrando em colapso. Você vai querer se matar, mas como fazê-lo? Até esse pensamento foge do controle...*

A fumaça pesada cobria grande parte da fazenda, dificultando a respiração e a visão. Shinobu havia conferido seu chalé, à procura de um baú cheio de armas de fogo, mas só encontrou uma coluna de fogo onde sua casa costumava ficar. Ele foi mais adiante, até os chalés dos Pavores,

esperando que tivessem armas que pudesse pegar. Contudo, embora aquelas construções não estivessem em chamas, encontravam-se vazias. Os Pavores haviam pegado seus pertences e partido.

Quin e ele tinham combinado de seguir Fiona caso se separassem, então ele havia novamente contornado a área comum, passando pela floresta, em direção à oficina. No meio do caminho, em uma parte da floresta que a fumaça ainda não alcançara, encontrara o pai cambaleando entre as árvores, preso em uma teia de fagulhas que seria seu fim.

Shinobu sentiu vergonha ao se dar conta de que não sentia pena de Alistair. Se o pai tivesse sido despedaçado algumas semanas atrás, antes da primeira missão deles, Shinobu teria ficado devastado. No entanto, seu coração estava anestesiado. Verdadeiramente anestesiado. Alistair permitiu que ele fizesse a escolha errada. É verdade, ele o alertou, mas de maneira tão discreta que Shinobu nunca teria entendido. Como ele poderia ter compreendido?

O pai permitiu que ele fosse naquela primeira missão e fizesse o juramento. Alistair sabia o que aquilo significava e permitiu que acontecesse. Depois, ele acompanhou Briac e os outros em outras missões, sem uma única palavra.

– Por que não me deteve? – gritou Shinobu para Alistair. – Eu teria ouvido se você tivesse explicado...

Alistair rangia os dentes, como se travasse uma batalha dentro da cabeça. Ele soltou um grito e, no mesmo instante, sacou uma faca do cinto. Golpeou o ar com a lâmina e bateu com o punho da faca na própria cabeça. Em seguida, levantou a faca e a desferiu violentamente contra Shinobu.

Shinobu bloqueou o ataque e o empurrou. Alistair desabou na terra, porém sua mão ainda pressionava a faca contra a mão de Shinobu. O rapaz

percebeu que não era a lâmina que pressionava sua pele, mas o punho da faca. Alistair a enfiava na própria mão.

Shinobu segurou a faca, e o pai rolou para longe, enfiando as unhas nas raízes das árvores. Em seguida, tentou chutar as pernas do filho. Shinobu deu um passo para trás, se desviando.

Ele deveria acabar com isso para o bem do pai. É o que se deve fazer por um companheiro preso em um campo despedaçador: acabar com seu sofrimento. O campo era permanente, e só um monstro permitiria que alguém sofresse assim.

Se sou um monstro, pensou Shinobu, *é por sua causa. Você estava lá e deixou que eu fizesse aquelas coisas.*

O garoto guardou a faca no cinto e foi embora.

Capítulo 17

Quin

Quin seguia o som da voz de John através da fumaça, tão densa que ela foi obrigada a se arrastar no chão, cobrindo a boca e o nariz com o manto. Havia seguido aquela voz por toda a área comum, mas enfim estava chegando perto.

Não era a voz verdadeira de John que ela seguia, é claro, mas aquela voz estranha, dura e metálica que o rapaz estava usando, como se aquilo tivesse o poder de distanciá-lo do que ele fazia. Esperava que Shinobu também ouvisse aquele guincho distorcido e que estivesse por perto com uma porção de armas. Ela não queria ferir John, mas sentia que precisaria de armas se quisesse resgatar sua mãe.

– O que você busca não está comigo.

Era uma voz nova em meio à fumaça, a voz de seu pai.

– Está, sim – disse John. – É só entregá-lo para mim, e terá sua mulher de volta.

– Minha mulher de volta? – repetiu Briac com um tom debochado. – Essa é sua moeda de troca?

Depois de uma rajada de vento, Quin chegou de súbito a um trecho de ar limpo. A lua já havia surgido, e ela descobriu que estava novamente perto dos destroços enfumaçados de seu chalé, à beira do campo. Viu a mãe, bem à sua frente, ainda no cavalo, com um soldado sentado atrás dela. A uma curta distância, John encarava Briac em meio à grama alta da área comum, e os cavaleiros cercavam os dois.

Quin se agachou entre os talos de grama chamuscados de cerca de um metro de altura, que, poucas horas antes, haviam sido um verde prado.

– Você só pode matar minha mulher uma vez – disse Briac. – O que fará depois?

Você é um monstro, pensou Quin, encarando o pai.

– Você é um monstro – retrucou John em seu tom alterado, externalizando o pensamento de Quin.

– Sim, sou um monstro – concordou Briac. – Mas não estou com o athame.

– Está bem – disse John.

Quin assistiu enquanto John sacava uma pistola e disparava contra a perna de Briac. O pai soltou um grito e desabou no chão, sentado, sangue brotando da calça, na parte de cima da coxa.

– Está aí, uma cicatriz que combinará com outra que você conhece muito bem – ironizou John com sua voz inumana.

Ela sabia que a visão do pai sangrando deveria perturbá-la, mas a verdade é que a dor dele lhe proporcionava uma satisfação violenta. *Briac mataria qualquer um de nós se precisasse*, pensou, finalmente admitindo a verdade.

Seus olhos se voltaram para John. Ela não via o rosto por trás da máscara, porém o ódio por Briac e o desespero para ter o athame pareciam emanar de seu corpo. *Será que ele está tão desesperado a ponto de ferir minha mãe?*, questionou-se. Ela sentiu um desejo enorme de sacar o athame do manto e lançá-lo para ele. Seria uma ação simples, que encerraria o ataque e, ao mesmo tempo, deixaria John feliz.

E depois?, indagou-se ela. *E se nós decidíssemos, Quin?*, sussurrara John no celeiro. *Seríamos melhores...*

– Onde está o athame? – perguntou John a Briac mais uma vez, trazendo Quin de volta para o presente.

– Não está comigo! – gritou Briac, agarrando a perna ferida. – Mate-me, mate-a, mate quem quiser! Continuo sem o athame!

Estava na hora de agir, uma vez que todas as atenções estavam voltadas para seu pai. Quin engatinhou na direção da mãe, mantendo-se abaixo da linha da grama. Ao se aproximar, viu uma mancha vermelha no pescoço dela... havia um corte feio na garganta, que estava completamente ensanguentada. Será que John havia feito aquilo?

Quin sacou uma faca da bainha presa à cintura, pensando: *Espero que esteja sóbria agora, mãe*. Fiona virou a cabeça e olhou para ela, como se a garota tivesse falado aquelas palavras em voz alta. Ao avistar a faca da filha, fez um movimento discreto com a cabeça, mostrando que compreendia o que estava acontecendo. Seu cavalo era o mais distante do círculo de soldados e, naquele instante, encontrava-se longe do foco de atenção.

– Fui traído – disse Briac, nervoso, quando John se aproximou. – Já disse que não está comigo!

John disparou contra ele outra vez, atingindo-o no ombro. Briac foi lançado para trás, e a nova ferida logo começou a sangrar, encharcando a camisa.

– Não se preocupe – falou John, com sua voz terrível, aproximando-se ainda mais. – Vou suturar essas feridas para você. Tenho agulha e linha por aqui, em algum lugar.

Quin percebeu que aquele era seu momento. Lançou a faca, sabendo que não era tão hábil nisso quanto a Jovem Pavor, mas esperando que seus talentos fossem suficientes. A faca cruzou o ar enfumaçado, enterrando-se na garganta do homem que segurava Fiona. Ele tentou agarrar a lâmina,

mas Fiona girou a cabeça e a lançou contra ele, cravando a faca ainda mais fundo em seu pescoço.

Quin correu até a mãe, agachada. Com cuidado, puxou Fiona e seu captor, que agarrava desesperadamente a própria garganta, de cima do cavalo. Pelos sons que o homem emitia, ela sabia que morreria dentro de um ou dois minutos. Quin puxou a faca do pescoço dele e cortou as cordas que atavam as mãos de sua mãe, depois as duas correram juntas para o meio da fumaça.

Após passarem pelos chalés em chamas e se esconderem entre as árvores, Quin parou para examinar a ferida no pescoço de Fiona. O sangue ainda escorria, mas a ferida não era profunda e não apresentava perigo imediato. Será que a intenção de John e seus soldados foi apenas fazer um corte superficial? Ou será que Fiona teve sorte?

– Seu pai... – sussurrou Fiona.

– Vamos embora – disse Quin com firmeza, e, mesmo tacitamente, o que queria dizer era claro: *Vamos embora sem Briac*. – Assim que encontrarmos Shinobu.

Segurou a mão da mãe, e as duas correram juntas para dentro da floresta, mantendo-se ao oeste da área comum. Se Shinobu não tivesse abandonado a fazenda, ali seria o único lugar onde poderia estar.

– John pode matar seu pai – disse a mãe, ofegante.

De onde estavam, podiam ver Briac. John se aproximava dele com uma faca. Naquele instante, Quin se deu conta de que desejava que John acabasse com seu pai. Não importava se John era perigoso ou não, são ou não, ela queria que ele acabasse com Briac. Isso a libertaria; libertaria a todos. Ela estava prestes a responder à mãe, dizendo que, se John não o matasse, ela mesmo o faria, quando uma grande silhueta em movimento na floresta chamou sua atenção.

– Veja! – sussurrou ela. – É Yellen!

Capítulo 18

Maud

A Jovem Pavor e o Pavor Médio estavam empoleirados nos galhos de um carvalho enorme perto da beirada da floresta, observando o aprendiz mascarado. Ele empunhava uma faca e se aproximava de Briac, que sangrava, deitado no chão da área comum. Briac começou a gritar.

– Vocês não podem permanecer neutros! Vocês não podem permanecer neutros!

Embora seu companheiro estivesse imóvel feito uma pedra, com a respiração tão lenta e suave que até ela quase não a ouvia, havia uma tensão no Pavor Médio ao observar Briac.

– Vocês precisam me ajudar! – gritou Briac.

Ele está falando conosco, compreendeu a Jovem Pavor. *Não*, corrigiu-se, *ele está falando com o Médio. Os dois compartilham segredos.*

E o Médio estava escutando. Ela mexeu um pouco a cabeça para observá-lo. Seu corpo estava tenso. Ele estava se preparando para acelerar.

– Senhor – disse ela, concentrando-se muito para formar a palavra –, como você disse, somos apenas observadores aqui.

Empoleirado na árvore, ele não conseguia atingi-la, e, desta vez, nem pareceu considerar a hipótese. Sua mente estava toda em Briac.

Na área comum, o aprendiz mascarado também percebeu que Briac falava com os Pavores.

Ele se levantou e gritou:

– Vocês precisam...

Mas o restante da frase se perdeu em meio ao guincho inumano de sua voz falsa. Ele tentou gritar novamente, porém suas palavras não passavam de ruídos. O aparelho que modificava sua voz não estava mais funcionando direito.

– Se ele me esfaquear – gritou Briac –, não sei o que serei capaz de revelar. Ou o que ele encontrará. O livro...

Os olhos da Jovem estavam focados no Médio. Ele pendia entre lento e rápido, com o pé na beirada do galho. O Médio temia algo que Briac sabia ou que poderia revelar. *E o livro.* Ela se lembrou do livro e do menino sob o chão.

O aprendiz arrancou o objeto do pescoço e gritou com sua voz verdadeira:

– Vocês precisam permanecer neutros. Vocês têm regras. Ele as quebrou primeiro!

A Jovem lançou seu olhar para Briac. A perna e o ombro dele sangravam muito, e ele estava ficando visivelmente mais fraco. Se esperassem muito, sem dúvida sangraria até a morte.

– Senhor, ele tem razão – disse ela. – Foi Briac quem pegou o athame primeiro...

O Médio entrou em ação. Estendeu o braço até o outro lado do tronco e a arrancou do galho, lançando-a ao chão. A queda não passava de três metros, e ela rolou sobre o solo com facilidade, mas a reprimenda do Médio era inconfundível. Ela levantou a cabeça e olhou-o do chão. Ele segurava uma besta, com uma flecha já posicionada para disparar.

– Eu decido – disse ele. – Você obedece.

– Ajudem-me! – gritou Briac de novo.

O Médio disparou a flecha, e um dos soldados de John despencou do cavalo.

– Atire neles – comandou o Médio.

A Jovem Pavor acelerou seus movimentos, e, quase na mesma hora, já estava com a besta na mão e com uma flecha preparada. Disparou a flecha e a viu atingir o ombro de outro dos soldados de John, como ela queria, lançando-o ao chão.

O aprendiz e os soldados, então reduzidos a dois, estavam desnorteados. O Médio disparou outra flecha quando um dos soldados tentou fugir a cavalo. Ele atingiu o animal, e o homem desabou.

Ao aprendiz só restava mais um soldado. Eles corriam para se esconder, o aprendiz a pé, e o outro, com o despedaçador, ainda a cavalo. A Jovem Pavor acompanhou o aprendiz com a flecha. Ela poderia matá-lo com facilidade. Só precisaria soltar a mão direita. Mas aquela não era sua função, independentemente do que dizia o Médio. Para evitar interferências, ele a havia impedido de ajudar os outros na fazenda. Pelo mesmo motivo, ele não tinha o direito de ordenar que ela matasse John. Os dois já haviam excedido suas funções. O menino, que já era um homem e que corria para se proteger, não pertencia à jurisdição deles.

O Médio correu para o campo aberto e arrastou Briac de volta para as árvores. A Jovem o encontrou à beira da floresta, com a besta presa novamente ao ombro. Ainda em alta velocidade, o Médio deitou Briac no chão e a golpeou. A Jovem se desviou, mas na outra mão ele tinha uma adaga, que já estava enterrada no abdômen dela.

A Jovem deu um passo para trás, sentindo a lâmina deslizar para fora do corpo e cobrindo a ferida com a mão. O sangue escorreu entre os dedos.

A mão da própria Jovem golpeou o Médio com outra faca, ferindo seu peito.

– Você não o matou – disse o Médio.

Sua voz continuava acelerada, mas os movimentos já voltavam para o ritmo sereno. Seu peito sangrava, mas ele ignorou a ferida.

– Você deveria tê-lo matado.

A Jovem Pavor não respondeu. Ela rasgou um pedaço do manto e o usou para conter o sangramento do abdômen. Amarrou outro pedaço na cintura, para prender o primeiro. Sentiu seu corpo enfraquecendo, contudo, como seu velho mestre lhe ensinou, a fraqueza significava pouquíssimo. Era preciso continuar, apesar dela.

– Amarre o ombro dele – ordenou o Médio.

Ele ajoelhou-se ao lado da perna esquerda de Briac para fazer um torniquete na ferida de bala. A Jovem se ajoelhou do outro lado para conter o sangramento do ombro.

Quando terminaram, Briac estava quase inconsciente. O Médio se inclinou sobre ele e levantou uma de suas pálpebras.

– Onde está o livro? – perguntou.

O sangue que escorria do corte no peito do Médio pingava na camisa de Briac, mas, mesmo assim, o Médio não prestava a menor atenção à ferida.

– Ele está em segurança – murmurou Briac. – Enquanto eu também estiver.

– Onde? – exigiu o Médio.

– Segurança...

Com isso, Briac perdeu a consciência. O Médio o sacudiu com violência, mas ele não acordou.

Enquanto os observava, a Jovem desabou no chão. Lançando a mente para sua ferida, notou que o sangue escorria devagar, seguindo o ritmo do restante do corpo. No entanto, quando ele a cortara, o sangue havia escorrido livremente, movendo-se no ritmo de seus movimentos de batalha. Ela via uma poça enorme de sangue seu por perto, encharcando o chão. A

ferida não significava muita coisa, porém, se ela sangrasse demais, seu corpo pararia de funcionar.

O Médio parou acima dela, rasgando um pedaço do próprio manto. Enquanto fazia isso, maldoso, cutucou a ferida da Jovem com o pé. Ele a encarou da mesma maneira que ela já o vira observando pequenos animais, como se a dor dela o divertisse. Ela não conseguia se afastar, mas também não conseguia gritar.

Ele sacou o athame dos Pavores de um dos bolsos do manto. Era menor do que os outros athames, e mais detalhado. Deitada no chão, a Jovem via o entalhe na base do punho: três formas ovais interligadas. O Médio deslizou a delicada vara de relâmpago de um sulco escondido atrás do athame. Quando ele chocou um contra o outro, a vibração a atravessou.

Talhando um círculo no ar, o Médio cortou o tecido do mundo e abriu um portal para *Lá*. Agarrou o peito de Briac e o puxou para seus braços.

– Você pode morrer agora – disse ele a Maud.

Então, carregando Briac, atravessou o portal da anomalia, adentrando a escuridão.

A Jovem Pavor via o Médio através do portal. Ele havia deitado Briac no chão e estava atando o próprio peito sangrento com a tira que rasgara do manto. A Jovem agarrou a terra, arrastando-se em direção ao portal, cujas bordas pulsavam com a energia que corria para dentro, para *aquele lugar*. Seu corpo não a obedecia. Ela havia se movido apenas poucos centímetros quando as gavinhas de escuridão e luz começaram a perder forma, cedendo e colapsando sobre si mesmas. Um instante depois, a anomalia desapareceu, levando o Pavor Médio com ela.

Ele havia prometido que não a feriria, mas o caos na fazenda lhe ofereceu uma desculpa irresistível. Algum dia, quando precisasse explicar ao

mestre o que havia acontecido, poderia culpar o ataque de John por sua morte.

Ela descansou a cabeça no chão. O solo da floresta estava gelado sob seu pescoço. Seus olhos se fecharam devagar.

Capítulo 19

Shinobu

Shinobu estava quase no limite norte da área comum, seguindo a voz distorcida de John, quando seus dedos descobriram inscrições no punho da faca que carregava. Sob a luz alaranjada do chalé em chamas mais próximo, ele aproximou a arma dos olhos e descobriu letras e números entalhados no cabo. Estudou-os por alguns instantes antes de distingui-los: *HK MMcB AMcB*. Ao lado das letras, perto da base do punho, os números de um ano haviam sido cinzelados com delicadeza.

Ele traçou as letras com os dedos, como se não acreditasse no que via.

HK MMcB AMcB

E o ano inscrito na faca: seis anos antes.

MMcB. McB significava, é claro, MacBain, seu sobrenome. E *MMcB* só podia ser Mariko MacBain. Sua mãe. E *AMcB*... Será que era Alistair? E *HK*...

Seu pai havia enfiado a faca na mão de Shinobu, com o cabo voltado para ele. Alistair não estava tentando apunhalar o filho. Mesmo preso ao campo despedaçador, havia mantido controle suficiente de sua mente para entregar a faca ao filho. Com aquela mensagem entalhada.

A mãe de Shinobu morrera havia sete anos, em um acidente de automóvel, mas aquela faca continha as iniciais dela, junto com as do pai, em uma data mais recente. Seria possível...

– Meu Deus.

As palavras brotaram da boca de Shinobu sem que ele conseguisse contê-las.

Ele havia abandonado o pai para morrer da pior maneira possível. Tinha se recusado a lhe estender a compaixão mínima que deve ser oferecida a qualquer um, até a um inimigo. Agira, diante da agonia de Alistair, como uma criancinha mimada. E, naquele momento, pedaços de sua infância, fragmentos de conversas sobre a família da mãe de repente faziam sentido, e ele compreendia tudo.

Ela é japonesa, Shinobu, mas a família dela vive em Hong Kong há muito tempo, disse Alistair certa vez, quando os dois caminhavam juntos pela costa de Corrickmore. *Às vezes, imagino você lá.*

Shinobu voltou a olhar para os entalhes na faca. Ele imaginava a mãe levando a lâmina para algum lugar, para ser entalhada. Ele imaginava o pai recebendo o presente secreto, mantendo a faca perto de si durante todos aqueles anos, como uma prova de que ela estava em segurança e não havia se esquecido deles. Será que era verdade?

Ele voltou correndo pelo caminho de onde viera, cobrindo a boca com o braço para proteger os pulmões da fumaça, mas o ar estava mais limpo na floresta, e ele pôde se mover mais rápido entre as árvores.

Encontrou Alistair no meio de um morro, estatelado no chão. Ajoelhando-se ao lado do pai, Shinobu se esforçou para ver as fagulhas do campo despedaçador, porém só enxergou algumas, que esmoreciam depressa, mesmo sob a penumbra do luar na floresta. Com o coração pesado, pousou as mãos no corpo do pai e o virou de barriga para cima.

O homem enorme estava imóvel, com os olhos entreabertos. O corpo estava coberto de cortes horríveis, e havia uma ferida grande e sangrenta na lateral da cabeça, onde o crânio havia sido esmagado.

Shinobu sentiu o pescoço do pai, mas não encontrou pulso. Alistair estava morto. Shinobu assistiu às últimas fagulhas despedaçadoras se apagando.

Geralmente, pessoas presas em campos despedaçadores não conseguem ligar os pensamentos por tempo suficiente para acabar com o próprio sofrimento. Mas um pequeno pedregulho coberto de sangue perto dali era a prova do que havia acontecido. Após o que pareciam ter sido várias tentativas, Alistair conseguiu bater a cabeça na pedra com força o suficiente para atingir o objetivo. O pai fez a si mesmo o que Shinobu se recusara a fazer.

Ele se sentou sobre os calcanhares, tomado por um remorso devastador.

– Perdão... – Shinobu respirou fundo. – Eu sinto muito... Ela realmente está lá? Durante todo este tempo? Meu Deus, sou horrível...

Ele apoiou a testa no peito do pai, paralisado pela culpa.

O tropel de cavalos do outro lado do morro lembrou Shinobu de que estava no meio de uma batalha e que o luto teria que esperar. Afastou-se de Alistair e começou a correr.

No topo do morro, sob o luar mais claro que atravessava um vão entre as árvores, ele foi recebido por uma visão muito mais agradável. Abaixo, ao pé do declive, encontravam-se Quin e Fiona. Quin estava montada em Yellen, dando carona à mãe. Quando Shinobu apareceu no morro, A garota levantou os olhos para ele e acenou. Em seguida, enfiou a mão no manto e sacou o athame. A arma reluziu o luar e pareceu emitir um brilho sutil na mão dela.

Shinobu foi tomado pela esperança. Poderiam fugir da fazenda juntos naquele instante. Ele começou a descer o morro, na direção delas.

– Quin! Quin! Você está aqui!

Shinobu girou a cabeça. Era John, chamando-a com sua voz verdadeira e parecendo confuso. Ele estava montado, assim como o soldado com o despedaçador, e os dois haviam acabado de chegar à clareira abaixo.

John incitava o cavalo a seguir na direção de Quin, e Shinobu notou o momento em que os olhos dele encontraram o athame nas mãos dela.

– Está com você – disse ele. – Graças a Deus, está com você!

Quin puxou as rédeas de Yellen, e o cavalo começou a se afastar. Ela parecia dividida.

– Está tudo bem – falou John. – Você está em segurança. O athame está em segurança. Nós nos encontramos. Pensei que você tinha partido.

Quin olhou de relance para Shinobu, que ainda estava escondido de John, entre as árvores no meio do morro. *Ela quer fugir*, pensou Shinobu, *mas sem ferir John.* Após o que aconteceu com Alistair, Shinobu não estava exatamente preocupado com isso.

– Não posso entregar o athame, John – disse ela com a voz trêmula. – Ele não pode ficar com você. Perdão, mas não pode.

Os olhos dela encontraram os de Shinobu mais uma vez, e ele compreendeu a intenção dela. Eles se livrariam de John e usariam o athame.

Antes que John se aproximasse ainda mais, Quin girou a cabeça de Yellen e fincou os calcanhares no animal, e Fiona e ela começaram a cavalgar.

– Espere, Quin! Escute!

John atiçou o próprio cavalo para segui-la.

Ela não está mais dando ouvidos a ele!, notou Shinobu com uma espécie de satisfação cruel. Em um segundo, ele sacou a besta das costas, posicionou uma flecha e disparou.

A flecha não acertou John, mas cravou na sela, rasgando a pele do cavalo. O animal empinou e relinchou, correndo desvairado e cortando o caminho do cavalo do outro soldado. O homem, atrapalhado pelo peso do despedaçador preso ao peito, cambaleou na sela e quase caiu. Shinobu aproveitou o momento para saltar do esconderijo atrás das árvores e adentrar o morro na direção deles.

Antes de alcançar a metade do morro, John já havia arrancado a flecha e recobrado o controle do cavalo ferido. Voltou a seguir Quin, disparando rumo à área comum.

Shinobu precipitou-se para o outro soldado, estendendo os braços e o arrancando da sela com violência. O homem atingiu o chão e quase foi esmagado pelo peso do despedaçador, e Shinobu golpeou a cabeça dele com a besta, destruindo a arma velha.

– Isto é por Alistair! – gritou ele.

Em seguida, saltou na sela e galopou atrás de John. Quin e Fiona estavam mais adiante, atravessando o centro da área comum montadas em Yellen. John apressava seu cavalo com as rédeas, e um risco de sangue escorria pelo flanco branco do animal.

Shinobu também atiçou seu cavalo, forçando-o a galopar a todo vapor quando alcançaram o prado. Com uma explosão de velocidade, alcançou John. Os dois estavam emparelhados. O vento havia apertado, empurrando a fumaça da área comum para longe deles, e a lua estava surpreendentemente brilhante no céu.

– Só quero o que me pertence! – gritou John, com o rosto ainda coberto pela máscara.

– E quanto a Alistair?

– Aquilo não foi minha intenção! Eu juro.

Shinobu esticou o braço e tentou empurrar John do cavalo. Mas, em vez de ser derrubado, John agarrou o braço de Shinobu e o puxou inesperadamente para si, desequilibrando-o. Shinobu agarrou o ombro de John para não desabar da sela. Com a outra mão, tentou agarrar as rédeas do cavalo de John.

John deu um puxão nas rédeas para evitar que ele as pegasse, e seu cavalo guinou, tirando Shinobu da sela. Sacudindo as pernas, que haviam se soltado do cavalo, Shinobu agarrou o ombro de John com firmeza, lançando todo o seu peso sobre ele. Para não cair, enlaçou as pernas ao redor de uma das pernas de John, tentando desesperadamente agarrar o cabeçote da sela.

Apesar dos solavancos do cavalo, Shinobu sentiu a mão de John tentando sacar uma arma. Em seguida, sentiu o metal frio em seu ombro. John estava prestes a disparar! A mão de Shinobu alcançou o cabeçote, e seus dedos tocaram as rédeas. Enganchou um dedo nas tiras de couro e puxou as rédeas para si, virando a cabeça do cavalo para baixo e para o lado.

O animal deu uma guinada, girou e quase caiu, derrubando os dois, que rolaram um sobre o outro no prado. A arma disparou sem atingir ninguém. Então, eles começaram a se golpear, como se estivessem em uma briga de bar, mas o braço de John, que segurava a arma, não estava funcionando direito. A queda o deixara ferido. Ele disparou a arma de novo, desesperado, e Shinobu socou o punho ferido de John, ouvindo-o fraturar. John urrou e soltou a arma.

A menos de trinta metros, o homem com o despedaçador atravessava o campo correndo na direção deles. Shinobu ouviu o lamento da arma, que se preparava para disparar. Ele se levantou de imediato e correu na direção de Quin.

Capítulo 20

Quin

Quin puxou as rédeas de Yellen, fazendo o cavalo parar à medida que uma dor formigante, seguida de dormência, se espalhava por seu peito. De repente, foi tomada por uma falta de ar.

Shinobu corria na direção dela a pé. Ela levantou o athame sobre a cabeça e sacou a vara de relâmpago do manto.

– Segure-se em mim com força, mãe! – disse.

Ela via os braços de Fiona abraçando sua cintura, mas não os sentia.

Shinobu havia coberto apenas metade da distância até ela, e John estava novamente montado no cavalo, fazendo o animal galopar. John, também ferido, estava tomado por uma fúria desesperada. Quin sabia que podia acabar com aquilo naquele instante, entregando-lhe o athame. Ele estava implorando pela ajuda dela. Mas Quin não podia ajudá-lo. Ele havia ferido Fiona e tentado atirar em Shinobu, duas pessoas que nunca fizeram mal algum a ele. E, se era capaz de feri-los na tentativa de pegar a adaga de pedra, o que faria quando a arma estivesse em suas mãos?

– Segure-se, mãe! – berrou ela novamente, atiçando Yellen na direção de Shinobu. – Corra, Shinobu!

Apesar da fadiga que tomava seus músculos, ela golpeou a vara de relâmpago com o athame.

Por trás do som do cavalo de John disparando na direção deles e da própria respiração ofegante, ela sentia a vibração da adaga de pedra. Estava ficando tonta, e seus braços pareciam pesar centenas de toneladas, mas ela puxou as rédeas de Yellen, freando o animal. Agarrando-o pela crina, ela se

debruçou e usou o athame para traçar um círculo enorme no ar, na frente do cavalo.

Shinobu estava muito perto dela, com os cabelos ruivos pintados pela fuligem e os olhos ferozes, correndo a toda velocidade. John vinha logo atrás.

As gavinhas de luz e sombra estavam se unindo, formando um portal circular diante deles, as beiradas pulsando com a energia que corria para seu interior, em direção à escuridão.

– Não, Quin! Por favor, espere! – gritou John.

Ela não sentia seu peito, e a dormência se espalhava para os braços. Ela sentiu uma pressão na cintura, onde a mãe a abraçou com mais força. Quin mergulhou os calcanhares em Yellen, e o cavalo pulou para a frente em um salto alto e perfeito, como se ela o guiasse sobre uma cerca. O animal atravessou a abertura com precisão, no momento em que as gavinhas se amaciaram, chiando enquanto se desfaziam.

– Shinobu! – tentou gritar Quin, mas sua voz estava muda.

Shinobu estava lá. Ele se lançou para dentro da anomalia que se fechava atrás dela. As gavinhas pretas e brancas pareciam um rio tortuoso, carregando Shinobu para a escuridão. Quin virou a cabeça a tempo de ver John, que havia arrancado a máscara do rosto e continuava a galopar na direção deles. Olhava-a com angústia através do portal que se fechava, não para seu rosto, mas para o peito.

– Ah, Deus, não... Quin... – ouviu-o dizer.

Ela olhou para baixo e viu uma enorme mancha vermelha e escura se espalhando pela camisa. Ela havia sido atingida.

Então, a anomalia se emendou, fechando o mundo da fazenda e os deixando na escuridão.

Capítulo 21

Quin

Quin caiu do cavalo e pousou no nada.

A mãe estava lá com ela, em algum lugar. Quin sentia os braços de Fiona tateando à procura do corpo da filha.

– Não consigo ver você... Não consigo ver você...

A voz da mãe já soava estranha, como um eco de sua voz verdadeira, fina e esticada.

Quin não sentia dor no peito, mas tinha a impressão de que a dormência não duraria para sempre, e que então sofreria. Estava começando a tremer, e sua respiração ficou desequilibrada.

– Fui baleada – contou ela, ofegante. – Talvez seja melhor assim...

– Shh, shh – disse Fiona.

Houve uma confusão de braços e pernas, como se dez pessoas tivessem atravessado a anomalia com eles.

– John poderia ter matado você... Está tudo arruinado...

– Silêncio, Quin.

A voz de Fiona parecia distante, embora Quin tivesse quase certeza de que era a mão de sua mãe que sentia na barriga.

– O que está arruinado, menina? Você está aqui comigo. Nós escapamos.

– Fiz coisas ruins, mãe. Tantas coisas. Não conseguirei me livrar delas.

– *Uma noção clara, de onde venho, para onde vou...*

Ela ouviu Shinobu sussurrando o cântico do tempo. Ele estava se aproximando.

Sua própria noção de tempo estava mudando.

– Há quanto tempo...

– Há quanto tempo o quê?

– ... estamos aqui? – terminou Quin, fraca.

– Não sei – respondeu Fiona de longe.

Uma mão tocou o braço direito de Quin, depois outra tocou o esquerdo. Ela sabia que eram de Shinobu, mesmo na escuridão. Havia algo de inteligente e seguro na maneira como as mãos dele desciam por seus braços, pegando o athame e a vara de relâmpago. Ela estava ficando tão fria, e ele parecia tão quente.

– Não sei para onde ir – sussurrou ela.

– Eu sei – disse Shinobu, e a puxou para perto de si. – Você consegue ficar acordada?

– Não sei...

– Tente. Você precisa tentar.

– Está tudo destruído – sussurrou ela.

– É, está – concordou ele.

Sob o brilho tênue do athame, ela viu as mãos dele mexendo nos mostradores, ajustando-os em uma nova coordenada.

A vibração a envolveu quando Shinobu golpeou a adaga de pedra. Os olhos dela se fecharam.

– Quin, por favor, fique acordada.

Ela o sentiu se movendo.

– Fiona, você precisa segurar os pés dela. Fiona!

Quin se esforçou para abrir as pálpebras, então viu a nova anomalia e ouviu o zumbido. Ela sentiu o ar fresco no rosto. Quando reabriu os olhos, eles estavam do lado de fora, em um espaço aberto em algum lugar, a luz brilhante do sol batendo na pele.

Ela estava no limite da consciência. Ouviu sirenes, outras vozes, conversando em uma língua diferente. Rostos asiáticos ao redor. Seu peito se encheu de uma dor escaldante cuja intensidade a dominava.

Seus olhos ficaram fechados por muito tempo. De repente, estava em uma sala silenciosa com velas, onde havia um homem pequeno e grisalho, com olhos puxados e um rosto luminoso. A dor começava a desaparecer. Ela estava ali havia quanto tempo? Minutos? Horas? Dias? Talvez nem estivesse ali; talvez ainda estivesse *Lá*. Ela ouvia os próprios pensamentos. Não conseguia manter os olhos abertos.

O homem pequeno murmurou algo para ela. Quin não sabia ao certo se havia ouvido direito. Seus ouvidos pareciam estar cheios de algodão. Apesar disso, foi tomada por uma sensação de felicidade e perdeu a consciência mais uma vez.

Capítulo 22

Shinobu

Shinobu esperou até ficar bem tarde, quando a Ponte parecia mais vazia. Ele encontrou o caminho entre corredores sinuosos e escadarias escuras. Por fim, alcançou os caibros externos, caminhando até a ponta, como um ginasta em uma trave.

De lá, ele via o porto e as centenas de milhares de luzes da cidade dos dois lados da Ponte, mais luzes do que jamais vira juntas em um único lugar. A água do mar perto do litoral brilhava, refletindo a luz dos prédios tão delgados e altos que pareciam lâminas monstruosas de grama, balançando com delicadeza na noite. Mas ali, sob a Ponte, a água estava escura.

A imagem do pai estava fixada em sua mente: Alistair com os dentes cerrados, o rosto contraído de dor, coberto de sangue e arranhões, de tanto bater com a cabeça no chão. Ele não parava de sentir Alistair apertando o punho da espada em sua mão aberta, tentando, com os últimos resquícios de sanidade, ajudar o filho. E Shinobu não havia feito nada para ajudá-lo.

A culpa era de John. Ele era culpado pelo ataque. Mas será que podia culpar John por odiar Briac? Será que podia culpar John por atacá-los? Não, não podia. Se estivesse na posição de John talvez tivesse feito o mesmo. Também havia sonhado em atacar Briac.

E ele, Shinobu, era filho de Alistair. Poderia ter sido misericordioso com o pai quando ele mais precisou, mas se recusou. Aquela fora uma escolha exclusivamente dele.

Apoiou a mão em uma viga de aço sobre a cabeça, preparando-se, enquanto se debruçava sobre as águas profundas que corriam sob a Ponte. Sacou a vara de relâmpago, que estava escondida sob as roupas, e a lançou o mais longe que conseguiu, para as profundezas da água. Depois, saltou até outro caibro e mais outro, movendo-se pela estrutura externa da Ponte. Quando parecia ter alcançado seu centro, sacou o athame. Lançou-o em um arco alto no ar noturno e o viu desabar e atingir a água, desaparecendo de imediato.

Que o oceano fique com eles e engula a memória daquelas fagulhas. Que engula tudo...

Ele voltou para a estrada central da Ponte, depois para a casa do Mestre Tan. Após subir uma escada externa, olhou pela janela do segundo andar. Em uma sala iluminada por velas, Quin estava deitada em uma mesa, com o torso embrulhado por uma atadura complexa e o corpo coberto de agulhas de acupuntura, com ervas queimando nas pontas. Ele viu Fiona em outra sala mais distante, dormindo em um sofá, com curativos no pescoço.

Quin morrera, ele tinha certeza. Quando a carregaram até a Ponte, ela não respirava e estava fria. Naquele momento, os olhos dela estavam fechados, mas as bochechas continuavam coradas. Enquanto ele observava, ela parecia até falar alguma coisa.

Mestre Tan estava debruçado sobre a cabeça de Quin, falando algo baixinho. Shinobu pressionou as mãos na janela, deslizando o vidro alguns centímetros para cima para ouvir.

– Criança, criança – dizia Mestre Tan, e sua voz soava como palavras em um sonho febril –, não há necessidade disso.

Uma de suas mãos alisou as marcas de preocupação que enrugavam a testa de Quin.

– Você pode esquecer, se quiser... esquecer tudo.

Quin balançou a cabeça de um lado para outro.

– Esquecer é... tão simples quanto decidir, tão delicado quanto se deitar em uma cama quente – murmurava Mestre Tan. – Criança, você foi e voltou. A reinvenção é a dádiva que posso oferecer a você.

Quin enrugou a testa novamente sobre os olhos fechados.

– A escolha pode ser rápida como um batimento cardíaco, ou tão longa quanto uma vida. Você pode deixar tudo para trás – sussurrou Mestre Tan. – O que você escolhe fazer?

Uma expressão perturbada atravessou o rosto dela, então, enquanto Shinobu observava, Quin murmurou algo para o Mestre Tan, e seu rosto relaxou. Depois de um curto tempo, parecia que ela havia caído em um sono natural.

Seria possível? Seria possível apagar o giz do quadro e começar a desenhar do zero? Shinobu pressionou as palmas das mãos nos olhos, tentando expulsar a visão do pai, com a cabeça ensanguentada, deitado no chão da floresta.

Aquela era Quin lá dentro, sua prima (*Prima distante!*, ele sempre quis ressaltar). Ele deveria ficar ao lado dela. Talvez, quando enfim se recuperasse, ela o veria como ele sempre a vira. Após a noite na qual fizeram os juramentos, ele desejou levá-la embora, mas não o fez. Agora, havia um excesso de coisas desagradáveis que ele teria que lembrar sempre que a olhasse. E a verdade é que ele não conseguia mais ver a si mesmo da mesma maneira que queria que Quin o visse. Shinobu havia acompanhado Briac em todas as suas missões. Havia abandonado o próprio pai. Ele não era o homem que deveria ser.

Iria embora. Quin se curaria ali, com Mestre Tan, e então ela e Fiona estariam livres para desaparecer em algum lugar distante no mundo, onde ninguém, nem mesmo Shinobu, jamais as encontraria.

– Adeus, Quin – sussurrou, depois desceu as escadas correndo.

Ele deixou a Ponte, caminhando depressa, adentrando a noite daquela cidade nova e estranha onde sua mãe talvez o esperasse, e onde ele esperava talvez recomeçar a vida.

INTERLÚDIO

Outros tempos e lugares

Capítulo 23

John

John havia caído no sono na pequena cama. Acordou ao ouvir o estrondo. Alguém estava na sala de estar, fazendo muito barulho. Ele ouviu outro estrondo logo em seguida, depois vários outros e uma voz, xingando. Era a voz pela qual esperava. Sua mãe havia chegado em casa!

John jogou suas perninhas para fora da cama e correu até o outro cômodo. Lá estava ela, parada no meio da sala de estar. Havia uma cômoda revirada diante dela, com as gavetas de madeira abertas e as coisas espalhadas pelo chão.

Ele mal notou esses detalhes, porque havia algo muito mais importante: sangue. Havia sangue por toda a parte. Por um instante, ele pensou que fosse tinta, mas aquela não era a aparência de tinta. Era mais... real. As calças da mãe estavam cobertas de sangue. Havia uma poça no chão sob os pés dela, e vários respingos grandes nos papéis que haviam caído das gavetas. O cabelo castanho-claro estava preso, também manchado de vermelho.

– Mamãe! – gritou ele, assustado demais para se aproximar.

Catherine parou sua busca frenética pelas gavetas.

– John...

Ela ficou tão surpresa em vê-lo que não se moveu por vários segundos. Encarou-o, com a boca e os olhos contraídos.

John concentrou a atenção no corte no alto da perna esquerda dela. As calças estavam rasgadas, e ela havia atado a ferida com um pedaço de pano, mas continuava sangrando. Por toda parte.

– Querido – disse ela –, o que faz aqui?

– Eu... Eu encontrei este endereço. Em um papel no seu bolso, em casa.

Ele deu um passo na direção dela, depois parou. Parecia que ela estava irritada com ele.

A mãe voltou a se mover, vasculhando os papéis espalhados pelo chão. Os dedos dela se fecharam ao redor de um livro grosso, com capa de couro. Encarou o livro, como se não soubesse ao certo o que fazer com ele depois de encontrá-lo.

– Não queria que você estivesse aqui – comentou ela, mais para si mesma do que para ele.

As palavras fizeram John se sentir mal. Ele viera até o apartamento sozinho para surpreendê-la.

Ela estava com dificuldade de respirar. Cambaleou até John e se ajoelhou, nivelando seus olhos azuis com os dele. Suas mãos seguraram os pequenos ombros dele, e o odor metálico de sangue invadiu suas narinas. Era aterrorizante.

– Você deveria estar na *Traveler*. Em segurança – disse ela.

– Eu... queria ver você. Você passou tanto tempo fora. E está ferida.

John notou que ela não ouvia. A cabeça dela estava inclinada, tentando ouvir outra coisa, outra pessoa. Ou talvez estivesse contando alguma coisa mentalmente.

– Eles chegarão em breve. Quanto tempo temos? Será que conseguiremos?

Mesmo aos sete anos, John notou que a mãe estava falando para si mesma, e não esperava que ele respondesse. Ela enfiou o livro de couro na cintura da calça de John, depois se levantou.

– Venha – disse ela, segurando uma de suas mãos. – Não posso levar você para casa, mas posso deixá-lo perto de lá. Encontre um policial. Diga a

ele quem é seu avô. Você precisa manter o livro em segurança... Maggie saberá onde escondê-lo.

– Como assim? – indagou ele, puxando a mão dela e tentando forçá-la a olhá-lo. – É melhor a gente procurar um médico, não é?

Catherine pegava no casaco um objeto que parecia uma adaga, mas era feito de pedra. Ela começou a girar os mostradores de pedra no punho. De repente, parou, entrecerrando os olhos, como se fosse difícil enxergar, apesar de a adaga estar bem na frente de seus olhos.

– Posso fazer alguma coisa? – perguntou John.

Ela olhou para o corte enorme em sua coxa esquerda. Uma nova poça de sangue havia se formado perto dos sapatos de John. Ele notou, de repente, que não havia sangue algum perto da porta do apartamento. A confusão havia começado e terminado no meio da sala.

Catherine se desequilibrou e desabou de joelhos.

– Não, não, não – murmurou ela.

Apoiou as mãos nos ombros de John, tentando se levantar, mas as pernas não lhe obedeciam mais. Ela havia perdido as forças. John sentiu o pânico tomando conta dele, sem saber ao certo como ajudar.

– Não posso levar você – sussurrou ela, por fim. – Eu poderia me arriscar, mas não posso correr o risco de deixar você *Lá*.

Lágrimas quentes corriam dos olhos. Pingaram no chão, perto da poça de sangue.

– Mãe, por favor, vamos procurar um médico? Eles têm curativos e essas coisas. Eles podem cuidar da sua perna.

Ela desabou, sentada. Mal conseguia manter os olhos abertos. Deslizou mais para perto de John, afastando o cabelo do rosto dele com as mãos sujas, e inclinou-se para junto dele.

– Só tenho alguns minutos. Eles descobrirão por onde me seguir. Não demorarão muito.

Ela levou as mãos à cabeça, tentando pensar.

– Leve o livro até ali – disse ela, apontando para um armário encostado na parede. – Olhe dentro do armário.

Com as mãos trêmulas, John tirou o livro de couro da cintura e atravessou a sala. Na parte de baixo do armário, havia um cofre cuja porta de metal estava aberta.

– Coloque o livro aí dentro e feche a porta. O botão vermelho tranca o cofre. Ele irá procurar... Isso me dará algo para negociar...

Ela estava perdendo a consciência.

John fez o que a mãe pediu, trancando o livro no cofre. Voltou a olhar para ela, que estava ofegante.

– Preciso que você faça... exatamente o que eu mandar. Rápido. Você consegue fazer isso?

Ele assentiu com a cabeça, calado.

– Bom garoto. Naquele banco... há uma porta. Não posso tocar nela, ou deixarei uma mancha de sangue... Vá lá e abra a porta. Espere... seus sapatos.

Ela examinou os sapatos dele, que, inacreditavelmente, não estavam sujos de sangue.

– Ótimo. Abra a porta.

John caminhou até o banco comprido na lateral da sala de estar e levantou o painel pesado do assento. O espaço sob ele tinha a forma de um caixão, contendo algumas quinquilharias, como travesseiros, algumas ferramentas e um lençol.

– Quer que eu entre aqui? – perguntou John.

– Aí, não... Embaixo. Outra porta. Você vai sentir... uma pequena alavanca. Ela deslizará se a puxar.

John tateou o fundo do banco. Os dedinhos localizaram uma alavanca escondida. Ele a empurrou, e o fundo do caixão deslizou alguns centímetros para dentro da parede.

– Deixe as coisas em cima se você conseguir – pediu ela.

Ele entrou no banco e se espremeu pela porta no fundo. Havia outro espaço embaixo, grande o bastante para esconder um adulto.

– Agora, feche a porta – disse Catherine.

John empurrou os travesseiros e outros itens para o lado, para que não prendessem na porta. Em seguida, encolheu-se e fechou a porta do painel. Ele temeu que isso o deixasse na escuridão, mas ainda conseguia enxergar. Havia pequenas fendas cortadas na base do banco, e, através delas, ele via a sala de estar.

A mãe estava deitada no chão, a poucos metros. Os olhos estavam abertos, mas pareciam inexpressivos. O peito subia e descia, e, depois de alguns instantes, ela fechou os olhos, reunindo forças, e se arrastou para mais perto do filho. Ele viu o rosto dela através das fendas.

– Há uma alavanca atrás de você – explicou ela. – Ela fechará o banco.

John virou e tateou a parede. Seus dedos encontraram um pedaço plano de metal, que ele empurrou. Ouviu o estrondo do banco pesado se fechando.

Catherine pegou a adaga de pedra do chão e a posicionou de modo que John a enxergasse direito. Ela estava respirando de uma maneira estranha, como se o ar não entrasse direito nos pulmões.

– Mãe, vai ao médico, por favor? – pediu ele, chorando mais uma vez, mas tentando parar. – Ficarei aqui, se é isso que você quer.

– Preciso que ouça muito bem.

Ela fez uma pausa para respirar.

– Está vendo esta adaga?

– Sim, mãe.

– É um athame. Diga isso... para se lembrar do nome. "É-th-mei."

– "É-th-mei" – sussurrou ele.

– Ele é seu por direito, John. Ele pertence à nossa família há... centenas... talvez mil...

Ela parou, tentando recobrar o fôlego. Isso demorou alguns instantes.

– Não quer me contar tudo isso depois de ir ao médico? – sugeriu ele.

Havia muito mais sangue no chão ao redor de Catherine do que antes de John se esconder. Ele se aproximou das fendas na madeira do banco, e seu pé esbarrou em alguma coisa. Esticando o braço, sentiu algo liso e gelado de metal. Havia um tipo de capacete no chão do esconderijo. John o empurrou para o lado a fim de se agachar o mais perto possível das fendas no banco.

– Somos uma família antiga. Fomos traídos... mortos... roubados...

Ela parou novamente.

– Não há tempo, droga... Maggie terá que lhe contar.

Catherine inclinou a adaga de pedra na direção dele.

– Isto foi roubado, ficou perdido por um século... Eu o recuperei. – E aproximou o athame dele. – Está vendo isto?

Ela apontou para o punho da adaga. Havia um animal minúsculo entalhado na madeira.

– Uma raposa – disse John, com a palavra travada na garganta.

– Uma raposa. Nosso símbolo. Com o athame... poder sobre a vida e a morte.

Ela soltou uma risada silenciosa, que interferiu em sua tentativa de respirar.

– Exceto agora... Agora ele significa a morte para mim.

– Mãe, por favor...

– *Você* terá o poder de vida e morte, John. Você escolherá. Eles... me traíram... Eles acham que somos... pequenos, fracos e indefesos... fáceis de matar... Somos fáceis de matar, John?

– Não – sussurrou ele.

– Não. O athame permitirá que você... decida... Eles vão tirá-lo de nós, mas você vai recuperá-lo.

– Como vou...

– Farei com que eles concordem... um acordo... Briac. Briac Kincaid. Repita este nome.

– Briac Kincaid – disse ele baixinho.

– Ele estava com outros, então acho que haverá... testemunhas. Farei com que prometa... educar você... se pedir. Quando você fizer o juramento, ele será obrigado a contar... tudo que você quiser saber. *Tudo*, John. Mas você precisa fazer o juramento. E ser forte o bastante para recuperá-lo.

– Qual é o juramento?

– Fará sentido. O livro... Sei mais do que eles... Os dois.

Ela estava sorrindo.

– Tão precioso quanto a adaga nas mãos certas. Precisarei entregar esse livro a ele agora, mas você terá que encontrá-lo, e... Nós escrevemos... Há mil anos... Estou tão perto...

Ela precisou parar. John via que a mãe estava respirando, mas isso não parecia ajudar em nada. A poça de sangue aumentava. Ele se perguntou quanto sangue cabia dentro de um corpo.

– Seu juramento e nosso athame, o que tem a raposa – continuou ela, por fim. – Prometa-me...

– Prometo – disse ele.

– Repita, John.

– Prometo. Meu juramento e nosso athame, o que tem a raposa.

As lágrimas já corriam livremente. Ele as ouvia pingando na madeira.

Ela deixou o athame se assentar no chão. Seu peito subia e descia depressa.

– Você não deve ter medo de agir... Esteja disposto a matar...

– Como assim?

– É necessário... para sobreviver... por dinheiro, às vezes... como fiz para conseguir a *Traveler*... São mortes pequenas... Haverá mortes maiores... para fazer com que paguem por isto...

Ela gesticulou para a grande poça de sangue que se espalhava ao redor do corpo.

– Faça o que precisa ser feito. Não poupe ninguém, entendeu?

– Entendi – respondeu ele com uma voz miúda.

– Nossa casa vai se reerguer, e outras vão ruir... como já deveria ter acontecido há muito tempo.

A voz dela estava ficando mais baixa.

– Feche os olhos – disse ela, já em um sussurro.

– Você não pode ir para o hospital...

Uma vibração começou na sala, grave e penetrante. John a sentia no estômago.

– Vindo agora... – disse Catherine, fechando os próprios olhos. – Não importa o que você veja... não dê um pio. Conte para Maggie o que aconteceu...

A mãe perdeu a voz, e John pensou que ela tivesse adormecido. De repente, ela se mexeu.

– John, prometa-me. Nem um pio.

– Prometo – sussurrou.

Catherine sorriu.

John enxugou os olhos com a mão e notou, sob a luz tênue que atravessava as fendas, que sua manga estava vermelha. O sangue da mãe devia ter sujado sua bochecha.

A vibração cresceu de forma gradual, preenchendo o espaço ao redor dele. De repente, do nada, John ouviu vozes. Vários pares de pés cruzaram a sala de estar, embora a porta da frente não estivesse aberta. A vibração desvaneceu, permitindo-lhe ouvir as vozes de dois homens. Uma delas era estranha e lenta, e a outra, áspera e rápida. Ele não viu os rostos, mas um deles parou entre o banco e Catherine, e John viu as botas do homem: couro grosso e velho, com solas pesadas e pontas de metal. Para ele, aquelas eram botas de um assassino.

As pernas e os pés do outro homem estavam do outro lado da sala, e John não os via direito. Porém havia um terceiro par de calçados mais perto, muito menor, de couro macio e antiquado. Os sapatos pareciam pertencer a uma menina, mas a figura que os calçava não falava nada; apenas se ajoelhou no chão, de costas para John, e começou a suturar as feridas da mãe dele. Essa pequena figura virou a cabeça uma vez, e John vislumbrou dois olhos sob um capacete de couro. Ele temeu que aqueles olhos o tivessem visto e fechou os próprios olhos com força, esperando que aquilo o tornasse invisível. Não conteve o choro, cobrindo o rosto com o braço para abafar o som.

– Onde está ele? – exigiu a voz do homem.

A mãe começou a responder. Sua respiração estava pesada, mas, fora isso, a voz soava delicada.

– Ali. Você pode arrombar o cofre, o que o destruiria, ou pode me fazer uma promessa... perante estas testemunhas.

John ouviu uma nova voz, de outro homem, do outro lado da sala, perto do chão.

– Eu serei sua testemunha, Catherine – disse a voz.

As palavras pareciam engasgadas, como se o dono da voz estivesse sentindo muita dor.

John ousou abrir os olhos por um instante, esperando ver a pessoa que disse aquilo. Ele vislumbrou uma figura corpulenta e ruiva, deitada no chão, segurando o peito, como se estivesse gravemente ferida. De repente, a figura menor parou bem na frente de John. Era a garota outra vez. Ele fechou os olhos com força e encostou as costas nos fundos do esconderijo.

A mãe falou por alguns segundos, tão baixo que John não ouviu o que ela dizia, e, de repente, a sala foi tomada por um lamento agudo, cada vez mais alto, e um estalar. O som era terrível, e ele cobriu os ouvidos com as mãos. Depois de alguns segundos, John reabriu os olhos por um instante e viu luzes coloridas dançando pela sala. Voltou a fechar os olhos, tentando se manter o mais silencioso possível.

Ele só deixou o esconderijo muitas horas depois, encontrando o apartamento vazio e com o chão sujo de sangue. De lá, seguiu por Londres até a *Traveler*, um menino de sete anos sem a mãe, carregando uma pesada promessa sobre os ombros.

Capítulo 24

Maud

Eles estavam brincando de base do prisioneiro. Era a vez dela de fugir da fila de crianças até a praça da cidade, perseguida por um dos meninos. Com um grito agudo, disparou sobre a lama. Ao olhar para trás, viu que quem a perseguia era o menino alto e manco, Michael. Michael era rápido, apesar do pé defeituoso. Ele havia inventado um tipo de corrida gingada, e, por ter pernas longas, conseguia acompanhar Maud, que atravessava poças e sulcos escavados pelas rodas das carroças.

Todas as outras quinze crianças começaram a se espalhar pela praça, entrando nos becos que se ligavam a ela, e cada perseguidor tentava encostar na criança que perseguia para ganhar um prisioneiro para seu time.

As pernas de Maud, aos sete anos, mexiam-se o mais rápido possível, mas não eram rápidas o suficiente na lama e no esterco que cobriam o lado baixo da praça. A barra do vestido, que costumava ser muito clara, estava coberta de sujeira e pedaços de folhas, que voavam por toda a cidade naquela manhã de outono.

Arriscando uma olhadela para trás, ela descobriu que o garoto manco havia parado. Ele tinha perdido um sapato no alagadiço e tentava calçá-lo sem encostar o pé no chão. Maud saltou para um beco, correu dez passos, depois se moveu para o lado, entrando na passagem que dava a volta por trás do bar. Lá, esgueirou-se pela parede, com as costas grudadas na pedra.

Ela ouviu os passos do menino correndo pelo beco. Tentou manter os olhos fechados, imaginando que isso a ajudaria a não ser notada, mas não

resistiu a uma espiadela quando o ouviu se aproximando. Michael passou pela abertura da pequena viela onde ela se escondia.

– Maudy, cadê você? – ouviu-o gritando de mais longe. – Você está fora dos limites do jogo! O pátio da prisão termina aqui.

Maud sorriu, adentrando ainda mais o beco, que dava em outra rua, e de lá voltaria para sua base sem ser capturada, sem deixar os limites do jogo.

– Maudy! – gritou o garoto de novo. – Não vale roubar!

A voz estava mais longe. Ele havia seguido pelo beco principal. Estaria distante demais para pegá-la quando ela aparecesse do outro lado.

Enquanto Maud se esgueirava pelo corredor escuro e lamacento, suas narinas foram invadidas pelo odor de animais. À esquerda, a pequena viela dava para um pátio de pedra nos fundos da pousada, onde vários cavalos estavam amarrados. Havia semanas que ninguém limpava o lugar, e o cheiro era insuportável. Maud se esgueirou pela entrada do curral, tentando alcançar a passagem mais escura adiante, mas algo chamou sua atenção.

Na parte de trás da pousada, havia um quarto com a parede encostada no beco dos fundos. A persiana de uma das janelas estava um pouco aberta, e ela ouvia vozes de dentro, discutindo.

– Não pense que conseguirá convencer o Velho – disse uma das vozes. – Já houve Jovens antes de você, e eu continuo aqui.

Maud ficou intrigada. A voz do homem parecia cruel, e isso a assustou, mas também estrangeira, o que era interessante. Ele falava a língua dela, mas de uma maneira engraçada.

– Você não pode me impedir de falar com meu mestre – respondeu outra voz, que soava bem mais jovem. – Nós dois fizemos o mesmo juramento.

– Juramento! – retrucou o homem mais velho, quase cuspindo a palavra. – Esticado, é isso que estou. Há incontáveis anos.

O que ele quer dizer com "esticado"?, perguntou-se ela. Será que aquele homem era alto e magro? Será que havia sido torturado em um cavalete? Maud foi tomada pela curiosidade. Aproximou-se da janela devagar. Ao se erguer nas pontas dos pés, ela conseguia espiar pelo vão entre a persiana e a parede de alvenaria. A sala estava escura, quase tanto quanto o pequeno beco onde estava escondida, mas Maud viu o rosto de dois homens. Um mais velho e outro tão jovem que mal poderia ser chamado de homem. Porém nenhum dos dois parecia ter sido esticado.

– Você estava com uma mulher – afirmou o jovem. – Eu vi. No quarto do segundo andar.

O jovem também falava de maneira estranha. Não tinha um sotaque, como um estrangeiro, mas havia uma lentidão na voz, como se ele pensasse em tudo antes de falar, e as palavras deixassem a boca de modo equilibrado.

– Ninguém se importa com o que você viu – disse o homem mais velho.

– Nós nos distanciamos da humanidade para que nossas mentes fiquem claras. Esse é nosso juramento. O Velho ficará sabendo disso.

O jovem se mexeu, como se fosse sair para o pátio de cavalos, contudo o mais velho deu um passo à frente, bloqueando o caminho. Apesar de as vozes deles serem lentas, seus movimentos eram tão ligeiros que Maud não entendia como haviam atravessado a sala tão rápido. Ela foi obrigada a ajustar os pés para manter os dois dentro do seu campo de visão. Havia uma pequena fresta na madeira da persiana, e, ao mexer os pés, ela os enxergava através do buraco.

– O Velho não saberá de nada – respondeu o homem mais velho, estendendo o braço para cobrir a porta que deveria levar ao estábulo.

– Deixe-me passar – disse o mais jovem.

– Você só passará quando eu permitir.

O homem mais velho segurava algo reluzente, que não estava lá um instante antes. Maud achou que era uma faca, mas como teria aparecido na mão dele tão rápido? Ela notou que o jovem também segurava uma faca. As armas haviam surgido como em um passe de mágica.

– O que aconteceu com o Jovem antes de mim? – perguntou o homem mais novo, levantando a faca contra a do outro homem e analisando seu rosto. – Você foi responsável por aquilo.

– Será? – questionou o homem mais velho. – Você não estava lá. O Velho não estava lá. Quem poderia saber?

As facas foram desferidas. Da posição de Maud, a ação era como um borrão de muitos braços, com flashes de luz das lâminas piscando repetidas vezes. Uma das facas sumiu no peito do homem mais jovem.

Ele começou a desabar no chão. O mais velho levou a mão às costas do garoto, para guiá-lo até o chão sem fazer muito barulho.

– Eu anotei tudo. Absolutamente tudo – sussurrou o mais jovem, ao deitar-se no chão.

Sua voz era tão baixa que Maud demorou algum tempo para entender o que ele tinha dito.

O homem sacudiu o garoto pela gola da camisa.

– O que você anotou? – perguntou ele.

– Diversas coisas sobre você – respondeu o garoto, ainda mais baixo do que antes. – Outros saberão o que você é...

O homem o sacudiu com mais força.

– Onde?

Um sorriso se formou nos lábios do garoto, mas ele não falou mais nada. Encarava o homem mais velho, e, de alguma maneira, Maud sabia que o garoto não estava mais respirando.

Ela arquejou. Em sua curta vida, já vira muitos homens mortos. Durante o inverno, vez ou outra, pedintes morriam congelados na praça da cidade ou na estrada. No entanto, nunca vira um homem morrendo. Dando-se logo conta de que havia feito barulho demais, Maud abaixou-se o mais rápido possível para esconder a cabeça.

O homem demorou menos de um segundo para chegar lá, logo acima dela. Ele atravessou a sala em um piscar de olhos e estava parado junto à persiana. Maud ouvia a respiração dele.

A persiana se abriu de repente. A menina fechou os olhos, tentando ficar invisível, e encostou todo o corpo à parede, como se pudesse se espremer para dentro da pedra. Havia um parapeito largo sob a persiana. Ela o sentia acima de sua cabeça. Será que o parapeito era largo o suficiente para escondê-la do homem? Ela não sabia. Sentia a lama molhada na saia e nos braços, tornando-a nada mais do que um borrão escuro na penumbra do beco. Talvez fosse difícil enxergá-la.

De repente, o homem desapareceu da janela. Maud não esperou para descobrir o que ele faria. Levantou-se, apressada, e atravessou o minúsculo beco, tão apertado que ela foi obrigada a andar de lado. Na pressa, derrubou vários baldes perto do chiqueiro atrás do açougueiro vizinho, causando um estardalhaço de metais e animais grunhindo. Então, Maud começou a correr, morrendo de medo de ser perseguida pelo homem, com as paredes apertadas arranhando seus braços.

Por fim, alcançou uma via mais larga, cheia de pessoas. A rua estava tão lamacenta que engoliu seus pés até os calcanhares, mas ela não se importou. No final da rua, olhou para trás, aliviada ao descobrir que a praça estava tão movimentada quanto antes. Perdeu-se em meio aos homens e mulheres parados diante do açougue ou empurrando carrinhos de mão em direção às barracas de feira.

Quando Maud passou diante da pousada, uma mão agarrou seu ombro. Ela se virou e, com uma pontada de medo, encarou o homem que tinha visto na sala dos fundos. Ele vestia um longo manto sobre os ombros, mas o rosto continuava o mesmo.

– Você – disse ele.

Maud ficou imóvel. Ela esperava que uma faca surgisse de repente na mão dele.

– Traga-me água – disse o homem. – Vou tomar um banho.

O homem a confundira com uma das criadas da pousada. Ele não a esfaquearia. Ela afastou o ombro da mão dele e saiu correndo pela praça.

Um instante depois, foi agarrada de novo. Cerrando o punho, Maud se virou e golpeou o agressor. Ela acertou Michael, o garoto manco, bem no rosto. Ele desabou de costas em uma poça funda e lamacenta.

– Peguei você. É minha prisioneira! – anunciou ele, escorregando na lama e tentando se levantar.

– Está bem – concordou, aliviada em ver o amigo. – Sou sua prisioneira.

Ela segurou as mãos de Michael e o ajudou a se levantar.

Juntos, caminharam até o alto da praça, onde a maioria das crianças se reunia para mais uma rodada de base do prisioneiro. Triunfante, o garoto manco a guiou até os outros. Havia retornado com uma prisioneira, e não ligava muito para o fato de ela tê-lo acertado no rosto.

* * *

Semanas depois, quando já começava a afastar do pensamento a pousada e os homens com facas, Maud teve que sair de casa para receber um convidado de honra. Lavaram-na com afinco em uma banheira de água quente mais cedo naquela manhã, e sua mãe e a empregada se esforçaram

para colocá-la em um vestido elegante e muito desconfortável. Seu cabelo fora trançado e preso com fitas.

O pai de Maud era primo do lorde da região, o barão, e sua família vivia em uma mansão de pedra no alto do morro, acima do vilarejo. Embora costumasse fugir para brincar com as crianças, a menina sabia muito bem que não era uma delas. Era capaz de ler, por exemplo, algo que poucas crianças do vilarejo sabiam.

Sua educação, imaginava ela, era o motivo pelo qual estava sendo mandada embora com aquele visitante. Era o ano de Nosso Senhor de 1472, e ser mandado para fora de casa era algo muito comum. Seu irmão mais velho havia se juntado aos monges, para receber educação, e o outro era escudeiro do primo deles, o barão, que morava no castelo no morro do outro lado do rio largo, que ela via ao longe.

Meninas costumavam ser mandadas para servir grandes damas em terras distantes, mas estava claro que aquele visitante não era um representante de uma casa importante. Ele usava uma veste simples, como um monge, amarrada na cintura. Por cima, vestia um longo manto, que parecia conter vários bolsos internos, todos cheios de objetos cujas formas estranhas podiam ser vistas através do tecido. E era velho. Aos sete anos, Maud não tinha ideia da idade dele, nem se preocupava muito em saber. Já bastava notar que ele tinha cabelos compridos com mechas grisalhas e uma barba que passava do pescoço.

O pai de Maud não era carinhoso com ninguém e era temido por todos os moradores da casa, inclusive por ela. Mas tratava aquele velho de vestes simples como realeza. Criados foram chamados para buscar vinho e comida e ofereceram-lhe uma cama, além de mais vinho.

O velho respondeu às ofertas de maneira educada, porém aceitou apenas uma refeição simples. Toda a sua atenção estava voltada para Maud

quando foram apresentados. Ela logo decidiu que os olhos eram a melhor parte dele. Aqueles olhos a absorveram por completo. Enxergaram não apenas as roupas, os sapatos e os cabelos dela, que eram, afinal, coisas de sua mãe, mas algo mais, algo que se escondia dentro dela. O rosto dele era muito sério, contudo os olhos sorriam.

A princípio, Maud se recusou a ir com ele e ficou tão chocada quanto feliz ao ver a vergonha profunda estampada no rosto do pai. O velho visitante não discutiu. No entanto, inesperadamente, uma flor surgiu na mão dele. Maud não sabia como a flor havia parado ali, mas lá estava ela, como em um passe de mágica, e o velho a ofereceu a ela.

Ela ficou desnorteada por um instante, mas apenas por um instante. O cheiro da flor era doce, e o homem a prendeu atrás da orelha da menina. Antes que se desse conta, ela estava caminhando pela estrada com o velho, que carregava no ombro uma pequena bolsa com os pertences dela. Quando Maud olhou para trás, viu os pais no topo da estrada, observando-a partir. O pai costumava passar boa parte do tempo irritado com seu comportamento, e aquela era a primeira vez em que ele parecia sentir orgulho da filha.

– Você voltará a ver seus pais – disse o velho, ao notar que ela olhava para trás. – Prometo. Você os verá muitas vezes nos próximos anos.

Ele falava de uma maneira estranha. Suas palavras pareciam um cântico ou um poema. E algumas das palavras soavam engraçadas, como se ele não tivesse aprendido a falar do mesmo jeito que ela. Isso a deixou desconfortável no começo, mas ela já estava se acostumando.

– Quando vamos vê-los de novo? – quis saber Maud.

– Em breve – prometeu ele. – E depois de algum tempo, se não gostar da vida comigo, poderá voltar para eles. Por isso, não há o que temer.

– Como você fez aquela flor aparecer? – perguntou ela.

– Ela só estava no meu bolso.

– Não vi você tirá-la do bolso. Ela surgiu na sua mão de repente.

– Ah. Você é perceptiva. Admiro isso – disse ele, com um brilho nos olhos amigáveis. – Consigo me mover depressa quando preciso.

– Mas você nem se mexeu!

– Sim, me mexi. Muito rápido. E você também vai poder se mexer assim, depois de ser treinada por mim.

Maud sorriu. Ao conhecê-lo havia compreendido que ele pretendia lhe oferecer algum tipo de educação. Ela suspeitava que seria uma educação bem mais interessante do que a que seus pais haviam planejado, que era quase inteiramente voltada para a costura e os instrumentos musicais.

Os dois caminharam algum tempo calados, e Maud sentiu que aquele silêncio era muito agradável.

– Espero gostar da vida com você – comentou ela depois de algum tempo.

Quando ela conheceu o companheiro de viagem dele, no entanto, seu bom humor acabou. Já havia quase se esquecido do homem da taberna. No momento, ele estava bem a seu lado, sendo-lhe apresentado como um companheiro e professor. O homem a perscrutou com os olhos cruéis. Depois, acenou para o velho, mas não dirigiu uma única palavra de cumprimento a Maud.

A menina entrou em pânico por um instante. Será que ele a reconhecia da frente da pousada, quando ela ignorou sua ordem para trazer água? Será que a reconhecia do beco? Não, mesmo que ele a tivesse visto naquela ocasião, Maud estava suja, com roupas velhas, e ela não acreditava que aquele homem fosse capaz de reconhecer crianças individualmente. Para ele, era provável que todas fossem iguais.

– Devemos cuidar bem desta Jovem – disse o velho para o outro homem, com a voz firme.

O outro homem respondeu apenas com um grunhido, ao levantar uma mala até o ombro, e os três continuaram a caminhar pela estrada.

Maud segurou a mão do velho e sentiu algum conforto quando ele a apertou com firmeza. Havia três deles antes, ela compreendeu. O homem velho, o homem do meio e o jovem que ela vira na pousada. Eles passaram a chamá-la de "a Jovem". Ela estava substituindo o rapaz, que, por sua vez, havia substituído outra pessoa.

Maud não ousou olhar para o homem do meio enquanto caminhavam. Se o que ele tinha dito na pousada era verdade, existiram muitos jovens como ela antes, e todos estavam mortos. De repente, ela pensou em fugir de volta para casa, mas talvez isso fizesse o homem suspeitar dela e persegui-la. Além disso, ela não queria deixar o velho.

Talvez por notar a mudança de humor dela, o velho se aproximou e recomeçou a falar.

– Criança, se quiser ficar conosco, precisará saber que nos distanciamos da humanidade. Por quê?

Ele tamborilou o dedo na lateral da cabeça.

– Para que nossas cabeças fiquem livres para julgar. Temei, tiranos e malfeitores.

Eram as mesmas palavras que ela ouvira do jovem na pousada. Maud deu uma olhadela para o outro homem, mas, pelo rosto, dava para perceber que ele não estava ouvindo a conversa.

– No princípio – disse o velho, com um sorriso formando-se nos lábios –, havia o zumbido do universo...

Capítulo 25

John

– Não estou chorando! – disse John, enterrando o rosto na pilha de roupas.

– John, saia daí.

A voz de Maggie, do lado de fora do armário, era suave.

– Não estou chorando – repetiu ele, sentindo o cachecol azul da mãe absorvendo suas lágrimas.

A porta do armário tremeu quando Maggie tentou entrar. Ele agarrou os pertences da mãe na escuridão. Havia conseguido manter a porta do armário fechada enfiando um dos cachecóis de Catherine embaixo dela, mas Maggie estava forçando a porta, e um feixe de luz invadiu a escuridão.

Ele escondeu o rosto no tecido. Ouviu-a empurrando a porta; de repente, as mãos dela estavam sob seus braços, puxando-o para cima. Quando abriu os olhos, John viu o rosto enrugado de Maggie, que se ajoelhou diante dele dentro do armário.

– Não estou chorando – sussurrou ele mais uma vez, embora ainda sentisse as bochechas molhadas.

– O que é tudo isto? – perguntou ela, e seus olhos passaram pela pilha de itens amontoados no chão. – As coisas da sua mãe?

Havia cachecóis, chapéus, fotografias e pequenos itens que costumavam ficar nas prateleiras. Eram as coisas que mais lembravam John de Catherine.

– Eles estavam encaixotando as coisas. Estavam levando as coisas embora!

– John.

– O vovô disse que não posso ficar olhando tanto para os objetos dela. Gritei e pisei no pé dele. Eu o mandei para o inferno.

Maggie segurou o ombro dele com mais firmeza. Seus olhos, que costumavam ser gentis, assumiram uma expressão muito mais dura.

– Ele ama você, menino – disse ela.

– Não ama, não!

– Você sabe que ama, John.

Ela o sacudiu um pouco, para se certificar de que ele estava prestando atenção.

– Ele não quer vê-lo triste por tanto tempo. Já faz um ano. Ele está preocupado com você.

– Ele quer fazê-la desaparecer.

– Não. Ele está preocupado que você tente ser como ela. Não quer perdê-lo também.

– Mas eu *serei* como ela, vovó!

– John, você não deve me chamar assim. Não aqui, se quiser que continuemos juntos. Só lhe contei isso para que soubesse que tem outros familiares. Mas nossa ligação sanguínea é um segredo.

– Desculpe. Não repetirei isso.

– Na verdade, não sou sua avó.

– Você é a avó da minha mãe.

– Sou mais velha do que isso, menino. Venha.

Ela segurou a mão dele e o puxou para fora do armário. John deixou que ela o sentasse em uma colcha de retalhos muito antiga na caminha dobrável do quarto de empregada dela, na *Traveler*. O aposento ficava na plataforma mais baixa, onde o som do motor era grave e constante.

Havia vários quadros pendurados nas paredes, todos retratando castelos. Algumas das imagens eram fotografias; outras eram ilustrações de traço

fino. Maggie caminhou até o primeiro quadro e o retirou da parede. Era uma fotografia em preto e branco de uma fortaleza, com torres baixas e circulares, e um muro parcialmente destruído.

– Onde fica este castelo, Maggie? – perguntou ele.

– Na França. Mas o castelo serve apenas para me lembrar do que existe atrás dele.

Ela se sentou na cama ao lado do menino e virou a moldura, depois removeu o fundo com cuidado. Escondido entre um pedaço de pano e a foto, havia um pequeno maço de fotos. As mãos de Maggie tremeram um pouco quando ela as removeu da moldura e as deitou na cama, viradas para baixo.

– Queria mostrar isto só quando você fosse mais velho, John. Eu não mostraria agora se não achasse que você precisa saber.

Ela começou a virar as fotos sobre a colcha, uma a uma.

– Não temos fotos mais antigas, mas as que temos já revelam o bastante.

A princípio, John não conseguiu decifrar as imagens em preto e branco. Pareciam caóticas. Porém, de repente, elas entraram em foco absoluto em sua mente. Eram retratos da morte. Pessoas mortas em uma sala que havia sido devastada. Não era o tipo de morte que se via na televisão. Era muito pior, muito mais sujo.

As fotos mostravam um homem, uma mulher e quatro crianças, vestindo roupas de mais de um século no passado. Elas haviam sido cortadas. Alguém as cortara profundamente, de maneira cuidadosa e abundante.

O homem e a mulher estavam presos a uma parede, como se tivessem sido colados nela, com as cabeças caídas para a frente. Ao examinar as imagens mais de perto, John notou facas longas presas aos ombros deles, com as quais alguém os havia trespassado e fincado na parede de trás.

Não havia qualquer traço de vermelho naquelas fotos. Não havia cor alguma. Contudo algo na qualidade do preto e branco permitia que John imaginasse o carmesim profundo do sangue que corria daquelas feridas até o chão. As quatro crianças não haviam sido presas à parede, mas estavam deitadas em posições de agonia, com as roupas rasgadas onde haviam sido cortadas, e o sangue escurecia os tecidos. O mais jovem não devia ter mais de cinco anos. Estava deitado de barriga para baixo, perto das irmãs, e o sangue ao redor de sua cabeça formava uma auréola escura.

Em uma parte limpa da camisa branca do menino, algo havia sido traçado por um dedo molhado de sangue. Era o desenho de um animal.

– Quem são eles? – indagou John.

Maggie pegou uma foto que mostrava o menino em detalhes.

– O pequeno sobreviveu – disse ela. – Nós... O fotógrafo descobriu que ele ainda estava respirando. Foi um milagre, embora tenha ficado aleijado pelo resto da vida. Ele era seu tetravô, John.

Ele não conseguia desviar os olhos da imagem do pequeno garoto, menor do que o próprio John, jogado no chão ao lado da saia da irmã.

– Isto é um urso?

– Sim. É o símbolo da casa do homem que os assassinou – disse ela.

– Nós somos uma raposa – sussurrou John.

– Isso.

Havia mais fotos escondidas em outras molduras. Maggie as tirou da parede uma por uma e o obrigou a vê-las. As imagens eram um cortejo de horror, que atravessava o tempo, até John ver fotografias coloridas. Eram tios distantes, pais de avôs, primos de todos os tipos. As pessoas nas fotos, em sua maioria, eram jovens e morreram de maneiras terríveis: esfaqueadas, baleadas, estranguladas, afogadas. Em muitas das fotos, havia um animal desenhado em sangue em uma das vítimas.

Os rostos começaram a se misturar, mas John acabou reconhecendo uma jovem. Seus olhos azuis estavam arregalados e inanimados, e as mãos agarravam uma ferida enorme na barriga.

– Minha... minha mãe? – perguntou ele.

– Não, menino, mas elas eram muito parecidas, não eram? Essa era a irmã mais velha da sua mãe, Anna.

A menina era linda, apesar do corte que atravessava sua bochecha, e se parecia tanto com Catherine que John precisou se esforçar para acreditar que não era ela.

– Ela gravou tudo – disse Maggie baixinho. – Tenho o filme. Quero que você assista.

Havia um monitor fino de vídeo escondido em uma das molduras, que Maggie retirou e colocou no colo de John. Com um toque na tela, ela deu vida à imagem. O vídeo havia sido gravado, talvez, por um telefone caído, meio escondido sob uma cama, mas a imagem era clara o suficiente.

John não queria assistir, porém não conseguia desviar os olhos. Viu a irmã de sua mãe arrastando-se no chão, e um jovem com cabelos escuros parando entre ela e a câmera. As palavras do homem se perderam sob os gritos da menina, mas suas ações eram claras. Ele a cortava, de maneira lenta e terrível, de costas para a câmera. A certa altura, ele olhou para a direita, falando em tom animado com alguém em outra parte do quarto, e algumas de suas palavras foram audíveis: "... não ouviu... ele está irritado..."

A menina acabou se calando. Quando o homem se afastou, John viu o que ele havia feito. Ela estava morta em consequência do sangramento na ferida que ele abrira na barriga. E havia uma forma desenhada na blusa, com seu próprio sangue: um carneiro.

John começou a desviar os olhos, sem conseguir olhar, mas ainda havia mais. As últimas fotos eram de um quarto que ele reconhecia. Era a sala de

estar de sua mãe, como a vira pela última vez. A grande poça de sangue espalhava-se no chão, onde o corpo dela estivera. Ele testemunhara isso ao escapar daquela sala. Entretanto, não havia visto a forma de animal desenhada em um canto da poça seca de sangue: um carneiro.

Os cantos de seus olhos começaram a ficar escuros, e ele foi tomado pela náusea. Algum tempo depois, Maggie sacudiu seu ombro. Ele estava enroscado na cama dela, cobrindo a barriga com os braços.

– Sente-se, John – disse ela.

O tom dela era gentil, mas firme, e ele obedeceu. Ela estava ajoelhada, e seus olhos estavam emparelhados com os dele. Ele sempre a considerou uma mulher muito velha, contudo naquele instante ela parecia tão antiga quanto jovem, avivada pela emoção.

– Eles tentaram nos reduzir a nada, John. Só ficarão satisfeitos quando tiverem conseguido.

– Quem? – quis saber ele.

– Os outros clãs. Estamos no centro e início dos Seekers. Eles querem acabar conosco. Têm tentado nos apagar há séculos.

– Eles vão me matar também, não vão? – perguntou ele, com os olhos se enchendo de lágrimas.

– Eles certamente tentarão quando puderem.

John começou a chorar.

– Chore, se quiser – disse ela. – Mas as lágrimas são um caminho em direção à morte. Sua mãe escolheu um caminho diferente. Você compreende o caminho dela?

John voltou a olhar as fotos, espalhadas na cama, depois encarou Maggie de volta. Ele fez que sim com a cabeça.

– Preciso fazer o juramento – respondeu ele. – Recuperar o athame e fazê-los pagarem pelo que fizeram. Encontrar o livro dela, porque eles o

pegaram quando...

– Isso – disse Maggie. – Mas por quê?

John a encarou, sem saber o que responder.

– Com o athame e o livro, John, um dia você destruirá os clãs que nos prejudicaram. E colocará as coisas no devido lugar. Você vai se tornar o que éramos no início, poderosos, mas bons.

Ele ficou parado por um instante, sentado na cama, pensando no homem de cabelos escuros que havia assassinado a irmã de sua mãe. Já havia visto aquele homem antes, vira suas botas na sala de estar de Catherine, antes que aquelas luzes coloridas e aquele lamento agudo e terrível tivessem acabado com ela também.

– Você tem oito anos, John. É jovem demais, mas não há alternativa. Escolher o caminho de sua mãe significa que precisa crescer rápido. Você precisa estar disposto...

– A fazer o que precisa ser feito – concluiu ele. – Até matar. Eu sei.

– Falar é fácil. Muitas coisas vão tentar desviá-lo do caminho. O ódio será uma delas, e a outra será o amor. Os dois estão por toda parte, e os dois são perigosos.

– Parece que tudo é perigoso.

Maggie sorriu.

– Para você, sim.

– Eu já escolhi, Maggie – disse John. – Prometi a ela...

Ele indicou as fotos com a cabeça.

– E prometo para eles.

Sua voz soava diferente, como se ele tivesse envelhecido nos últimos minutos.

– Muito bem, John. Agora, precisa ouvir o que tenho a dizer sobre seu avô.

Ela segurou a mão dele, forçando-o a olhá-la.

– Ele gostava da sua mãe; precisava dela. Agora, ela se foi, assim como seu pai. Você é tudo o que restou. Ele é um homem fraco e quer mantê-lo em segurança.

– Prometi que começaria o treinamento...

– E começará. Nós convenceremos Gavin. Com o tempo. Por enquanto, deixe que ele fique feliz em tê-lo por perto. A posição e a casa dele têm o poder de proteger você enquanto for jovem. Tive minhas razões quando trouxe sua mãe para esta família.

Ela gesticulou para as fotos ainda espalhadas na cama, depois levou as mãos ao rosto de John, aproximando a cabeça dele da sua.

– John, seu avô pensa que é forte, mas não é. Então, não devemos perturbá-lo com nossos planos secretos. Entende? Faremos nossos planos em particular.

John assentiu de maneira solene. Ele entendeu.

– Nossos planos são secretos – disse.

– Enquanto isso, pedirei que ele traga instrutores até a *Traveler*, para ensinar você a lutar. Você gostaria disso?

John assentiu outra vez, e seus olhos vagaram para as imagens de morte na colcha ao lado. Seria bom saber como se proteger.

Maggie debruçou-se e sussurrou:

– E há mais um segredo. Você ama seu avô, e ele ama você. Mas, caso isso mude algum dia, temos uma maneira de controlá-lo...

* * *

– O menino quer pedir desculpas, senhor.

John estava parado do lado de fora dos aposentos do avô, segurando uma enorme caixa cheia de pertences da mãe. Maggie estava parada atrás

dele. Quando Gavin sorriu e se afastou para deixá-lo entrar, John sentiu a mão dela apertando seu ombro. Depois, entrou no quarto sozinho.

– Desculpe por tê-lo xingado, vovô – sussurrou ele. – Sei que não deveria ficar olhando as coisas da minha mãe o tempo todo.

– Está tudo bem, John – disse Gavin, sentando-se no pequeno sofá ao lado da lareira.

John sentou-se do lado dele, pousando a caixa com os pertences de Catherine perto dos pés.

Gavin pousou a mão na cabeça do neto e limpou a garganta, como costumava fazer, com um ruído estranho e áspero.

– Sua mãe me deu tanto, John. Quero que você se lembre dela.

Ele observava John com uma expressão gentil.

– Mas, quando passa o dia inteiro encarando as coisas dela, fico preocupado. Você não... Você não precisa fazer as coisas que ela fez. Coisas perigosas. Ela restaurou nossa fortuna. Mas isso acabou. Vamos sobreviver sem arriscar sua vida.

John olhou para o avô e acenou com a cabeça, como se concordasse.

– Entendo – sussurrou.

Gavin o puxou para perto, e os dois ficaram sentados por um instante, olhando tranquilamente para o fogo. Mas os olhos do menino logo vagaram para a caixa aberta no chão. Viu um retrato dele com a mãe no topo da caixa. Na foto, estavam sentados juntos no chão do quarto dela na *Traveler*, e ela abraçava John. Os olhos dela o encaravam de dentro da foto, e ele sentiu as lágrimas voltando a se formar no fundo da garganta.

Ele saiu do sofá e empurrou a caixa na direção do avô.

– Fique com isto, por favor, vovô.

Gavin espiou dentro da caixa, pegando a foto no topo e estudando as outras coisas de Catherine.

– Você deveria ficar com elas, John. São só algumas coisas.

– Não – sussurrou o menino. – Tem razão. Eu não deveria olhar tanto para elas. Não quero ficar triste e nervoso o tempo inteiro.

– Não quer ficar com a foto, pelo menos? – perguntou ele.

– Talvez quando eu for mais velho. Agora, eu me lembro dela aqui dentro – disse John, levando a mão ao peito. – Como você faz com meu pai.

– Sim, como faço com seu pai – murmurou Gavin.

Ele não mantinha fotos do filho morto à vista. Archie, que havia morrido antes de se casar com Catherine, antes de John nascer. Gavin dizia que os retratos do filho não o ajudavam a seguir adiante com a vida. John compreendeu. Ele também precisava seguir adiante, e seria uma vida perigosa, que exigiria toda a sua atenção.

Gavin fechou a caixa, escondendo a foto de Catherine. Mas John sentia que ela ainda estava com ele, que a irmã mais velha dela ainda estava com ele, que todos aqueles que haviam sido torturados e mortos ainda estavam com ele. Estavam todos dentro dele.

Capítulo 26

Quin

– No princípio, havia o zumbido do universo.

Shinobu e Quin estavam sentados de pernas cruzadas no chão da sala de treinamento. Alistair havia arrastado o velho quadro-negro até lá. Estava parado diante dele, com o ar mais professoral possível para um enorme guerreiro escocês. Até que havia começado bem, usando óculos sob os cabelos bagunçados e muito ruivos. No entanto, ele vestia uma regata justa que deixava seus enormes braços expostos. Usava também calças de professor, algo que fazia de vez em quando. Elas haviam sido passadas com afinco e tinham pregas na frente de cada perna, mas o visual era arruinado, de certa maneira, pelo fato de ele estar descalço.

O homem enorme voltou a dizer:

– No princípio, havia o zumbido do universo.

Ele olhou para os dois alunos.

– O que significa isso?

A mão de Shinobu saltou.

– Sim, rapaz?

– A vibração de todas as coisas – respondeu Shinobu.

Quin também levantou a mão.

– Sim, senhorita?

– Toda a matéria no universo vibra – disse Quin. – Átomos, elétrons e até coisas menores.

– Sim. Os dois estão corretos.

Alistair descruzou os gigantescos braços, pegou um pedaço de giz e começou a desenhar um átomo. Ele o apertou forte demais no quadro, quebrando o giz duas vezes antes de terminar o diagrama. Quin sorriu.

– Não ria de mim, criança – disse ele, bem-humorado. – Você fará com que eu me sinta pequeno, não é? Então. O que é um zumbido, senão uma vibração? Quando algo vibra, precisa de duas dimensões, não é mesmo? Precisa, no mínimo, mover-se para cima e para baixo, e de um lado para outro. Concordam?

Quin e Shinobu assentiram com a cabeça, impressionados com a quantidade de palavras que saía da boca de Alistair, que em geral falava o mínimo possível. Talvez aquela aula fosse tão empolgante para ele quanto era para os alunos, e por isso estivesse se esforçando tanto para assumir um tom professoral. Ele se virou e desenhou um diagrama de uma vibração ondular de duas dimensões.

Quin notou que Shinobu a olhava de soslaio. Os dois haviam completado quatorze anos no último mês, e, embora estivessem aprendendo a lutar havia anos, Briac só permitira que os dois começassem as aulas particulares com Alistair pouco antes. Isso significava que ele acreditava que os dois conseguiriam fazer os juramentos. Briac acreditava que eram bons o bastante para se tornarem Seekers. Ela sorriu para Shinobu, animada pelos dois.

Alistair limpou a garganta.

– Se você não consegue nem se concentrar na aula, filho, talvez seja melhor contar para ela, não é?

– O quê, senhor? – perguntou Shinobu, sobressaltado, e de imediato desviou os olhos de Quin.

Quin notou que as bochechas de Shinobu haviam corado, e ele pareceu se retrair. Era provável que o pai o tivesse surpreendido mentalmente

sonhando acordado com as muitas garotas que Shinobu conhecia em Corrickmore. Isso explicaria a maneira distante com a qual ele a encarava nos últimos minutos. Sua mente estava vagando. O rapaz era tão bonito que não era surpreendente o fato de tantas meninas estarem atrás dele. Para dar algum tempo para Shinobu se recuperar, Quin levantou a mão.

– Como consegue ler mentes, senhor? E por que eu não consigo?

– Como leio mentes? Eu não leio – respondeu Alistair. – Os pensamentos do meu filho estavam estampados no rosto dele. Não preciso ler mente alguma para perceber.

Ele tirou os óculos e os limpou com cuidado na barra da regata, com uma expressão professoral.

– E por que você não consegue ler mentes? A resposta é que talvez você consiga.

– Eu realmente não consigo, senhor.

– Talvez você *consiga*, menina, mas não há como saber se você *fará* isso. Pode acontecer de repente, a qualquer momento antes de você se tornar adulta, quando estiver treinando sua mente, como nós.

Alistair voltou a colocar os óculos no rosto, e Quin notou que eles não tinham lentes. Eram apenas cenográficos.

– Quando for adulta, saberá se consegue ou não. Eu não consigo. Sua mãe, Fiona, recebeu esse dom de repente, quando era apenas uma menina. Do dia para a noite, ela passou a ler mentes como se estivesse lendo um livro. Mas acho que não consegue mais fazer isso tão bem.

– Consegue, sim, senhor – disse Quin. – Em geral, quando estou pensando em algo que não quero que ela saiba.

– Ah, claro. Agora, se as bochechas do meu filho já tiverem parado de arder, poderemos continuar a aula. Digam-me, algo pode vibrar em três dimensões?

Os dois fizeram que sim.

– E em quatro?

Shinobu levantou a mão.

– Ah, menino, você sabe a resposta. O que é a quarta dimensão?

– O tempo, senhor – respondeu ele.

Eles já haviam aprendido isso, é claro, mas a relevância da informação ainda não estava clara.

– Exato. O mestre MacBain ganhará um pirulito depois da aula. Que ele poderá compartilhar, se quiser.

Ele lançou um olhar maroto para Quin, e Shinobu pareceu ficar desconfortável mais uma vez.

Alistair prosseguiu com a aula. No quadro-negro, desenhou um cubo tridimensional e uma longa flecha embaixo.

– O tempo. Qualquer vibração acontece através do tempo. Mas existe uma coisa muito estranha no universo...

– Mais estranha do que um homem usando regata com calças sociais, senhor? – perguntou Shinobu.

Quin conteve o sorriso. Desde a morte da mãe de Shinobu, Alistair era um pai e uma mãe para ele e dava bastante liberdade para brincadeiras. Mas, durante as aulas, nunca se sabia se aceitaria algo daquele tipo.

Felizmente, Alistair sorriu e soltou um enorme suspiro.

– Será que você não tem respeito por nada? Esta é uma regata social, não é? Agora, atenção, por favor. Existe uma coisa estranha no universo. As vibrações de átomos e elétrons e de partículas até menores não fazem muito sentido. Há algo de errado com elas, não é? Até compreendermos que estão vibrando em mais dimensões do que as que vemos ao nosso redor.

O coração de Quin bateu mais forte, com ansiedade. Alistair estava prestes a revelar algo importante. Ela sentia.

– Vemos três dimensões e sentimos outra: o tempo. Mas existem outras. Enroscadas nas menores vibrações do universo, encontram-se outras dimensões. Elas se movem entre nossas dimensões, como filamentos móveis e interligados.

Ele se voltou para o quadro-negro e desenhou algo parecido com filamentos trançados em um tipo de tecido.

– Sim, e o tempo. Aqui, ele se move desta maneira.

Alistair apontou para a seta longa e reta do diagrama anterior.

– Mas lá?

Ele deu de ombros.

– O tempo talvez não seja tão simples. E se desenrolássemos essas dimensões ocultas? E se conseguíssemos abri-las e entrar nelas? Como seria a sensação? Para onde elas nos levariam?

Os dois alunos ficaram em silêncio por algum tempo, olhando para Alistair e o diagrama simples.

– Podemos realmente fazer isso, senhor? – indagou Quin, por fim.

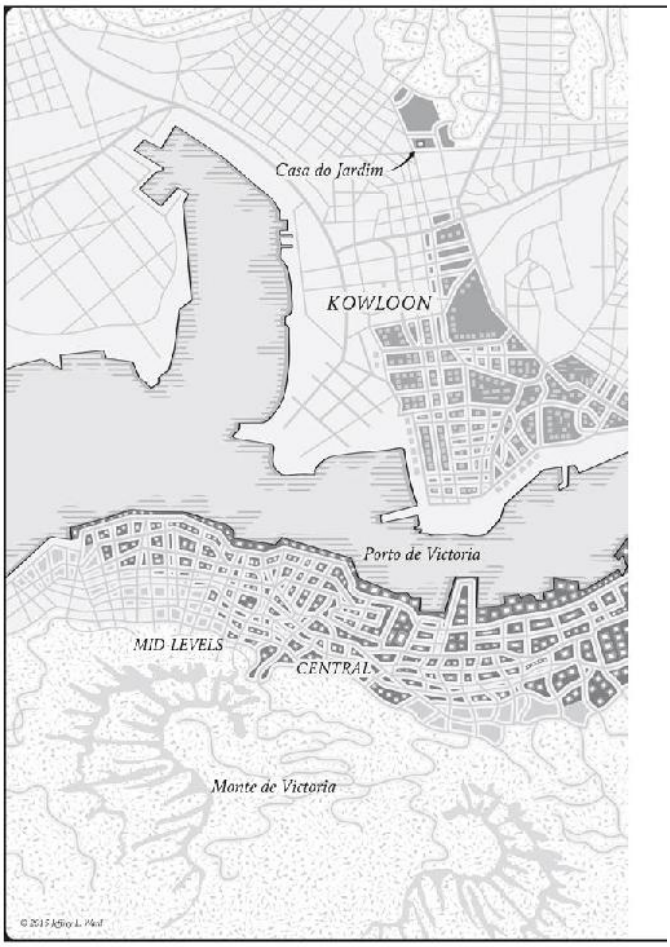
Alistair guardou o giz e cruzou os enormes braços. Depois sorriu.

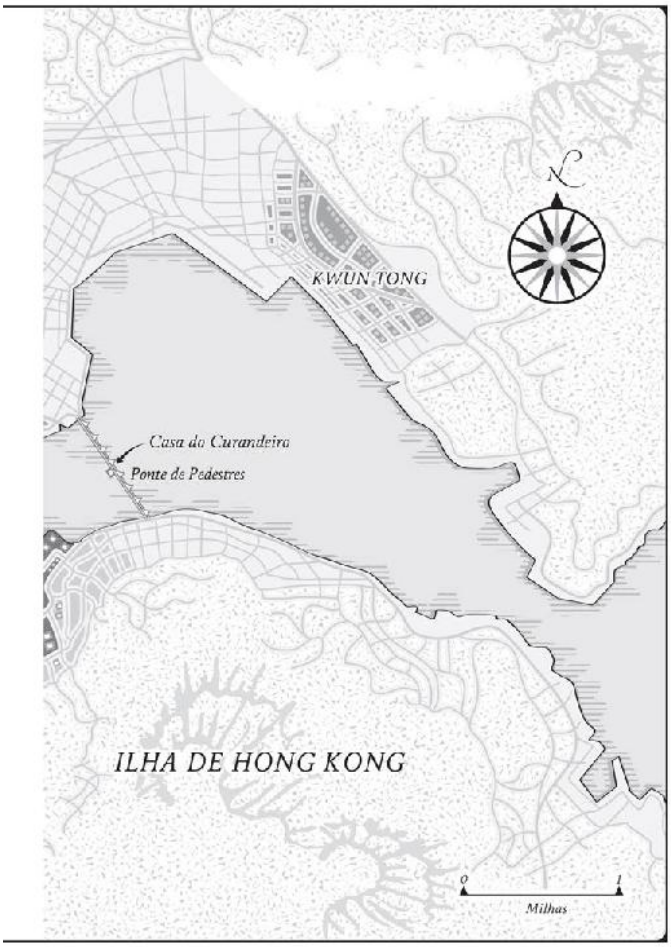
– Isso é tudo por hoje.

PARTE DOIS

Hong Kong

Dezoito meses depois


Casa do Jardim
KOWLOON
Porto de Victoria
MID LEVELS
CENTRAL
Monte de Victoria


N
KWUN TONG
Casa da Curandeira
Ponte de Pedestres
ILHA DE HONG KONG
0
1
Milhas

Capítulo 27

Porto de Victoria

O minúsculo submersível movia-se pelas profundezas do porto, fotografando tudo. Ele viajava em uma rota em zigue-zague, que permitia que cobrisse, lentamente, cada centímetro do fundo do porto. A cada manhã, voltava à superfície para recarregar as baterias no sol e transmitir as fotos de volta à terra. Em seguida, voltava a mergulhar, continuando o trajeto pelo fundo do mar.

Em algum lugar na terra, computadores examinavam as fotos enviadas, comparando-as com os pedidos dos clientes, e decidia se havia algo de interessante lá embaixo. Em um porto tão antigo quanto o de Victoria, e em uma cidade tão grande quanto Hong Kong, havia sempre algo de interessante embaixo d'água.

Naquele dia, quando voltou à superfície e boiou na onda formada por um grande navio, o submersível transmitiu, entre centenas de milhares de imagens, a foto de um objeto delgado feito de pedra e quase todo enterrado na areia. Para o olho humano, não parecia nada, mas o objeto estava visível o bastante para o computador identificá-lo com um pedido estranho de alguém do outro lado do mundo.

Capítulo 28

Quin

A água sob ela era muito profunda e muito gelada. Perto do fundo, onde a luz do sol nunca alcançava, havia escuridão. Havia algo lá embaixo, e estava se movendo. Ela sentia a coisa surgindo da escuridão e das profundezas gélidas, ascendendo devagar. Conforme a coisa subia, Quin começou a se movimentar mais depressa, entrando em um nível azul-escuro da água, que depois assumiu tons mais claros. Em pouco tempo, surgiria na superfície. De lá, continuaria ascendendo, passando pelos caibros da Ponte, por cada um dos níveis inferiores, até estar no quarto com Quin, por toda a sua volta. Ela a sentia, envolvendo-a e a puxando de volta para o oceano, onde ela se afogaria.

– Estamos indo!

Quin acordou.

Estava deitada na cama, perto de uma janela pequena e circular. Seus olhos se moviam pelo quarto sem reconhecer nada. Em uma das paredes, viu um gráfico do corpo humano, mostrando pontos de acupuntura e reflexos musculares. Perto do gráfico, havia um calendário com um dragão chinês no topo. Ela avistou um armário aberto, dentro do qual estavam penduradas roupas simples e escuras. Ao lado do armário, encontrava-se um esqueleto de medicina vestindo uma bandana e um avental azul, e, sobre o esqueleto, fotos de pessoas que pareciam completamente desconhecidas.

Quin virou os olhos para cima, e o teto baixo entrou em foco. Havia um mapa preso ao teto, cobrindo a maior parte dele. Em um estilo antigo de

água-forte, o mapa mostrava uma cidade densa que cobria uma ilha e escorria até o continente próximo. Era um mapa de Hong Kong; ela leu o nome em letras ornadas no centro.

No mapa, entre a seção continental da cidade, Kowloon, e a Ilha de Hong Kong, a garota viu uma grande ponte. É ali que *estou*, lembrou-se. Ela estava ali, em seu quarto, na casa que compartilhava com a mãe, na Ponte de Pedestres, que era um mundo particular entre Kowloon e a Ilha de Hong Kong, na cidade de Hong Kong, no continente asiático. Aquele era o lar delas, e talvez sempre tivesse sido.

Ela virou a cabeça para olhar pela janela. Viu os prédios altos do outro lado do Porto de Victoria e, mais abaixo, as águas cinzentas do porto, fugindo com a correnteza. Sentia-se um pouco tonta ao assistir à correnteza. Parecia ser de manhã.

– Você estava gritando alguma coisa.

A mãe estava parada na porta que dava para o quarto de Quin. Fiona usava um vestido claro de seda, com o cabelo ruivo-escuro preso em um penteado elaborado, que emoldurava a pele clara como porcelana e os olhos azuis. Ela hesitava; estava linda. Após alguns instantes, sentou-se com cuidado ao lado de Quin na cama, quase como se receasse que a filha fosse mordê-la. Quin notou que os movimentos da mãe eram seguros e graciosos, e isso significava que ela ainda não havia começado a beber naquele dia.

– Você está bem? – perguntou Fiona. – Estava falando alguma coisa sobre ir embora.

Quin fechou os olhos, ainda se sentindo tonta. A sensação do sonho ainda a incomodava, de algo ascendendo e ascendendo...

– Você está se sentindo bem? – insistiu Fiona.

A mão fria da mãe tocou sua testa. O sonho desapareceu e a tonteira diminuiu. Sua vida se assentou ao redor. Ela abriu os olhos.

– Aí está você – disse Fiona, sorrindo para ela.

Quin queria que a mãe tirasse a mão de sua testa. Quando foi a última vez que Fiona lavou as mãos? Todos os homens com quem se encontrava, e todas as drogas naqueles bares, tudo o que sua mãe tocava seria com aquela mão; pequenos pedaços de outras pessoas e lugares tocaram Quin. Isso fazia com que ela se sentisse mal.

Rolou na cama, afastando-se de Fiona e se aproximando da janela, e fazendo com que a mão deslizasse de sua testa.

– Não estou doente, Quin – disse Fiona baixinho.

– Eu não falei isso.

– Não precisou.

Sua mãe se levantou e se aproximou novamente da porta.

– Tenho um compromisso. Voltarei para o jantar. Se estiver disposta, poderemos comer juntas.

Quin não respondeu, então Fiona se virou e deixou o quarto.

Ela chama aquilo de compromisso, pensou Quin.

– Eles *são* compromissos – gritou a mãe, descendo a escada. – Como os compromissos de qualquer empresária.

Um instante depois, os sinos pendurados na porta da frente soaram, indicando que Fiona havia deixado a casa.

Quin fechou os olhos e cobriu a cabeça com a colcha. Passou vários minutos assim, mas o sono não voltou. De qualquer maneira, ela não sabia muito bem se queria voltar a dormir, pois o sonho ainda podia estar à sua espera.

Ela sentiu o local onde sua mãe a tocara. Aquelas partículas minúsculas estavam lá, na pele. Podiam ser invisíveis, mas Quin as sentia.

Jogou a colcha para longe e foi até o banheiro, onde passou vários minutos lavando o rosto e as mãos, evitando, como sempre fazia, olhar para

o braço esquerdo nu. Quando enfim se sentiu limpa, vestiu uma camisa de manga comprida, puxou-a sobre os pulsos e voltou a se olhar no espelho.

– Quin – disse, como se estivesse treinando a pronúncia do próprio nome.

Os cabelos escuros estavam longos, e a pele estava mais pálida do que nunca, porque ela passava a maior parte do tempo na penumbra da Ponte de Pedestres. Os olhos escuros pareciam mais velhos do que seus dezesseis anos, pensou.

Pegou a bandana branca do esqueleto no canto do quarto e a amarrou na cabeça. Pegou também o avental e o vestiu. O avental e a bandana a marcavam como uma curandeira. Aos dezesseis anos, ela era jovem para a profissão, embora, é claro, ainda estivesse em treinamento. Seus olhos percorreram as fotos presas à parede. Reconheceu-as: seus pacientes. Ela havia feito algo de bom para cada um deles. Tinha muita sorte de ter uma vocação tão nobre. De certa maneira, estava tornando o mundo melhor.

Encostou a testa no crânio ossudo do esqueleto e sussurrou:

– Ajudarei alguém hoje. Se eu tiver sorte, ajudarei várias pessoas. Se tiver muita sorte, eu...

Uma batida na porta do andar de baixo interrompeu seu ritual matinal. Antes de alcançar o meio da escada, ela ouviu outra batida, muito mais forte.

– Estou chegando! – gritou a garota em mandarim.

– Emergência! – disse a voz do outro lado, também em mandarim.

Aquela era uma das poucas palavras em mandarim que Quin conhecia bem. Ela abriu a porta e deu de cara com uma mulher asiática de cerca de quarenta anos com um garotinho nos braços.

– Emergência – repetiu a mulher, desta vez em inglês, depois de ver o rosto ocidental dela.

– O que aconteceu? – perguntou Quin, ao pegar o garoto dos braços da mulher e carregá-lo imediatamente até o quarto dos fundos.

Lá, deitou a criança na mesa de tratamento que ficava entre as prateleiras altas, cheias de ervas chinesas e caixas de agulhas de acupuntura que ela ainda estava aprendendo a usar.

– Foi algum tipo de droga – disse a mulher.

Seu sotaque era quase imperceptível, como se o inglês fosse sua primeira língua. Ela estava em pânico, mas falava de maneira clara. Não era alguém que perdia o controle com facilidade.

– O irmão mais velho dele... deve ter deixado alguma coisa na gaveta. Akio encontrou e engoliu. Não sei o que foi. Shiva, talvez, ou até ópio...

Shiva era uma das drogas que atualmente varriam os bares nos níveis inferiores da Ponte.

– Você sabe que ainda estou em treinamento? É melhor chamarmos o professor, Mestre Tan.

– Já estive lá – disse a mulher. – O Mestre Tan saiu. A mãe dele me mandou aqui.

Quin imaginava a mãe anciã e pequenina do Mestre Tan mandando aquela mulher ali. A casa do Mestre Tan ficava a apenas três portas de distância, mas isso não significava que ali era o melhor lugar para levar o garoto. A mulher estudava o rosto de Quin, como se procurasse outra coisa nele.

– Por favor...

Quin já havia começado a examinar o corpo desacordado do menino, os olhos, as unhas, a cor da pele, todos os lugares onde Mestre Tan a ensinou a procurar sintomas. Era estranho. O menino tinha o rosto da mãe, mas o cabelo era avermelhado. Algo que ela já vira antes, talvez. Inseriu depressa três agulhas de acupuntura, na cabeça, no pulso e no calcanhar do menino.

– Há quanto tempo ele engoliu a droga?

– Meia hora, talvez – disse a mulher.

– Acho que realmente deveríamos ir para o hospital... – começou a dizer Quin.

– Quin?

– Sim?

A mulher assentiu com a cabeça para si mesma.

– Quin, o Mestre Tan confia em você. A mãe dele me disse isso. Então, eu confio em você, Quin.

Era estranho como a mulher não parava de repetir seu nome, da mesma maneira que Quin fizera minutos antes no banheiro. A mulher pousou as mãos em seus ombros.

– Por favor. É tarde demais para ir a outro lugar. Ajude-o.

Quin fez que sim. Concentrou-se, forçando-se a entrar em um estado de observação profunda. O Mestre Tan dizia que aquela era a dádiva especial dela. Ele afirmava que a maioria dos curandeiros demorava uma vida inteira para atingir o que ela fazia com tanta naturalidade. Ao ver o potencial dela, Mestre Tan, um dos grandes curandeiros da Ponte de Pedestres, a adotara como aluna.

Parada sobre o menino, Quin acalmou a respiração dele. Ela esvaziou sua mente, concentrando-se apenas no menino deitado diante de si. Suas percepções começaram a mudar. Depois de alguns instantes, viu coisas que se escondiam sob o nível comum da visão. Observou linhas brilhantes e cor de cobre flutuando ao redor do garoto, o campo elétrico do corpo. Todas as pessoas tinham esse tipo de campo em volta do corpo; os campos podiam ser medidos com instrumentos especiais. Mas ver o campo, como Quin fazia, era algo extraordinário, um sinal de foco mental intenso. As linhas

brilhantes do garoto estavam rompidas por trechos escuros e irregulares, pairando sobre os órgãos afetados pela toxina.

– Ele precisa expelir o veneno – disse a jovem.

Ela havia ajudado o Mestre Tan com dezenas de casos parecidos. Havia sempre problemas com drogas na Ponte. Mas Quin nunca tratara alguém tão jovem.

– Você conseguiu fazê-lo vomitar?

– Não. Tentei...

Não havia muito tempo. O garoto estava entrando em choque. Quin permitiu que sua visão se aprofundasse. Viu o próprio campo energético, as linhas brilhantes correndo para cima e para baixo dos braços e o pequeno redemoinho lamacento ao redor da velha ferida no peito. Ela se concentrou e sentiu a energia escorrendo das mãos, como um rio elétrico. O Mestre Tan até poderia estar impressionado com a habilidade dela em controlar a mente, mas, para ela, parecia fácil, como se tivesse sido treinada para fazer aquilo a vida inteira. Talvez tivesse mesmo. Toda a sua existência antes da Ponte de Pedestres havia desaparecido da memória, e, portanto, ela estava livre para imaginar sua vida como bem entendesse. Gostava de acreditar que havia treinado a vida inteira para concentrar os pensamentos naquele tipo de ajuda às pessoas.

Ela correu os dedos pelas nuvens sobre os órgãos do menino, permitindo que sua energia se combinasse com a dele. As nuvens escuras se moveram e pareceram se espalhar por um instante. O menino gemeu.

– O que está acontecendo? – perguntou a mãe dele.

Quin não respondeu. Ela direcionou sua energia aos reflexos estomacais do menino. O corpo dele convulsionou.

Então ela o virou com delicadeza para o lado e pegou um balde. O garoto convulsionou outra vez. De repente, começou a vomitar, e seu corpo

inteiro se contraiu ao forçar o conteúdo do estômago para fora.

Ela viu as nuvens escuras mudando, começando a se dissipar. Os olhos do garoto estavam palpitando e se abrindo. Quin sentiu o pulso dele em vários lugares, depois começou a relaxar. Ele ficaria bem.

– Akio, Akio – sussurrou a mãe, debruçando-se sobre ele.

O garoto murmurou uma resposta.

Por um instante, a visão de Quin voltou ao normal, e o rosto da mulher e os cabelos ruivos do menino pareceram muito familiares. Ela quase os imaginou em um campo, com a luz do sol reluzindo na grama alta...

– Quin.

Ela levantou os olhos e viu que a mãe do menino estava ajoelhada no chão diante dela. Akio estava sentando na mesa de tratamento, parecendo fraco, mas muito melhor. O tempo passara, e Quin nem havia notado. Ela se deu conta de que seus olhos haviam ficado fechados, com a cabeça apoiada na mão. Estava sentada em uma das cadeiras e segurava um copo cheio d'água.

– Pensei que tivéssemos perdido você por um instante – disse a mulher.

– Perdão – respondeu ela. – Eu... me perdi.

– Quantos anos você tem? – indagou a mulher.

Havia algo de estranho no seu tom de voz, como se ela estivesse perguntando aquilo apenas para confirmar algo que já sabia.

– Dezesseis – respondeu ela.

Durante um tempo, enquanto se recuperava da ferida no peito, ela teve dificuldade em lembrar a própria idade, mas agora costumava lembrar isso a si mesma com frequência. Ela tinha quinze anos na época, e agora tinha quase dezessete.

– Dezesseis.

A mulher parecia estar fazendo alguma conta na cabeça, talvez tentando decifrar quanto tempo fazia que Quin estava estudando.

– Você se saiu muito bem. Tem amigos aqui?

– Amigos? Na verdade, não.

Quin ficou um pouco assustada com o tom pessoal da pergunta da mulher, mas também ficou incomodada com a resposta. Por que a ideia de ter amigos parecia um conceito tão estranho para ela?

Levantou-se e entregou o copo d'água à mulher.

– Peça que ele beba tudo, e mais três copos esta manhã. Preciso preparar um chá para ele. Pode voltar em algumas horas para buscá-lo?

Quando o menino terminou de tomar a água, Quin lavou as mãos com cuidado mais uma vez. A mulher tocara seus ombros algumas vezes, mas ela tinha quase certeza de que as mãos dela não haviam entrado em contato com sua pele. Ela não se preocuparia com os germes no tecido, apesar de saber que estavam lá. Se começasse a se preocupar, passaria o dia inteiro lavando roupa.

Ao terminar o que fazia na pia, ela desenrolou as mangas longas o máximo possível. A esquerda cobria uma mancha que a incomodava. Quin não gostava de olhar para ela.

Logo, a mulher estava saindo pela porta com o menino Akio nos braços.

– Obrigada, Quin.

A mulher repetiu o nome dela mais uma vez daquele jeito estranho e cuidadoso, como se gostasse do som da palavra.

Quando a porta se fechou, Quin ficou parada por vários minutos. *Salvei a vida de uma criança*, disse a si mesma. *Salvei a vida de uma criança*. Talvez a mulher a deixasse tirar uma foto do menino, para pregar na parede do andar de cima.

Ela sentiu algo repuxando as beiradas dos lábios. Isso a surpreendeu. Sua boca não estava mais acostumada a sorrir.

Capítulo 29

Shinobu

Shinobu estava suando. Sentia a umidade escorrendo da testa, dentro da máscara, embora a água estivesse gelada. Ele piscou para afastar o suor dos olhos e ajustou a lanterna presa à cabeça antes de nadar mais fundo. Seu amigo Brian mergulhava ao lado, e os dois carregavam pesadas ferramentas de recuperação presas aos cintos das roupas de mergulho. O barrigão de Brian o fazia parecer um enorme robalo, enquanto nadava em direção às águas mais escuras. *E eu sou uma barracuda*, pensou Shinobu. Havia emagrecido tanto no último ano que as costelas estavam ressaltadas, mesmo sob a grossa roupa de mergulho.

Eles haviam acabado de entrar na Trincheira, uma fenda profunda no fundo do Porto de Victoria, para onde as correntes oceânicas varriam e enterravam todo tipo de entulho do chão do porto. Enquanto nadavam entre os paredões altos da Trincheira, a água se tornou muito mais escura e gelada. Sob a luz das lanternas, as sombras se moviam loucamente, e Shinobu precisou piscar os olhos a cada intervalo de alguns segundos para se livrar do suor.

– Brian! – gritou ele. – Este lugar é assombrado.

Ele não estava realmente falando, já que o regulador de ar cobria sua boca, mas um jato confuso de som escapou, junto com várias bolhas. Como acontecia quando ele tentava conversar debaixo d'água, Brian o ignorou.

O suor estava enlouquecendo Shinobu. Ele puxou a máscara e deixou a água lavar seu rosto. Em seguida, soprou o ar para fora da máscara e nadou para alcançar Brian.

Um grupo de robalos de verdade passou perto deles, e a forma deles pareceu horripilante em contraste com o paredão da Trincheira. Shinobu havia usado alguns bastões de Shiva naquela manhã, queimando e inalando a fumaça da droga no quarto horrível que compartilhava com Brian, em cima de um cinema na periferia de Kowloon. Shiva mudava a maneira como as pessoas viam e ouviam as coisas, por isso nunca era uma boa ideia usar a droga antes de um dia de trabalho físico, especialmente um trabalho tão complicado quanto o mergulho, mas Shinobu não se divertia a não ser que estivesse completamente apavorado.

Ele agarrou o ombro de Brian.

– As sombras estão me seguindo! – gritou, causando outra avalanche de bolhas.

Brian puxou para a frente a prancheta presa à cintura e escreveu atrás, com uma caneta especial:

CALE A BOCA.

– Cale a boca você! – disse Shinobu, cuspindo bolhas e engolindo sem querer uma golada de água do mar.

Ele tossiu. Depois soltou uma risada, aterrorizado e exaltado. Mergulhar era o mais longe de sua antiga vida que ele conseguia chegar. Mais diferente até do que se lançar de prédios e pontes altas, o que ele fizera durante seus primeiros seis meses em Hong Kong.

Os dois estavam se aproximando do fundo da Trincheira. O solo estava coberto com fluxos elevados de limo, que escondiam todo tipo de tesouro. Em uma cidade do tamanho de Hong Kong, com um porto aberto para navios havia séculos, eles poderiam encontrar todo tipo de coisa. Certa vez, usando um maçarico subaquático, Brian e Shinobu recuperaram um Rolls Royce inteiro, peça por peça, do lado sul da Trincheira. Em outra ocasião,

usaram explosivos para atravessar o casco de aço de um antigo navio de abastecimento japonês e reaver um estoque de armas da Segunda Guerra Mundial.

Brian estava seguindo a barra de navegação de um aparelho preso a seu braço. Quando eles vasculhavam a área com as lanternas, as sombras começavam a enlouquecer novamente. Shinobu podia jurar que havia outros mergulhadores logo além de seu campo de visão, desaparecendo sempre que ele virava a cabeça.

Agarrou a prancheta de Brian e escreveu:

ELES ESTÃO NOS OBSERVANDO.

Brian afastou a mão de Shinobu com um tapa. Abaixo, o sedimento continha pedaços de utensílios de cozinha e uma velha televisão, em cujo monitor quebrado uma enguia se escondia.

Shinobu pegou a prancheta de novo e folheou as páginas à prova d'água, até encontrar a ordem de serviço deles. Tinha deixado a papelada a cargo de Brian antes do mergulho e nem conferira o que estavam procurando. Na parte superior da página, havia uma imagem do objeto que deveriam encontrar, fotografado por um submersível que viajava ao longo do solo do oceano. O objeto estava parcialmente enterrado, e era difícil enxergá-lo na foto. Ao lado dela, havia uma ilustração de como deveria ser a aparência o objeto. Era algum tipo de adaga, com um punho composto de vários anéis de pedra, um sobre o outro, e em cada anel havia símbolos entalhados.

Shinobu sentiu uma onda de pânico. Com os sentidos alterados pelo Shiva, parecia que uma mão gelada havia agarrado seus intestinos e os apertado. Os dois haviam sido enviados para encontrar o athame que ele mesmo lançara da Ponte de Pedestres, um ano e meio antes.

– Não podemos fazer isso! – disse a Brian.

Como antes, a única coisa que saiu de sua boca foram bolhas, e Brian nem se virou, então Shinobu estendeu o braço e agarrou-o pelo ombro.

– Pare! Precisamos voltar.

Estava tão agitado que se distraiu de novo e inalou uma quantidade enorme de água ao redor da boquilha. Enquanto ele tossia, Brian continuou a busca entre os sedimentos, ignorando-o. Quando Shinobu recuperou o fôlego, Brian já acenava para ele, com uma expressão triunfante, segurando o athame na mão esquerda.

Movendo-se o mais rápido possível pela água, Shinobu nadou até Brian e deu um tapa em sua mão, lançando a adaga de pedra, que rodopiou em direção ao fundo da Trincheira.

Brian seguiu o objeto na mesma hora, mas Shinobu agarrou-o pelo tornozelo e o puxou para trás. Brian Kwon era um rapaz grande e amigável e não se irritava com facilidade, porém ficou irritado. Ele chutou Shinobu, que desviou e o puxou de novo, afastando-o ainda mais do athame. A arma estava fincada na areia, três metros abaixo.

Brian empurrou Shinobu, que agarrou os braços dele e não quis soltar de maneira alguma. Brian girou a mão grande e sólida, livrando-a do punho de Shinobu, depois deu um tapa no peito dele e arrancou a mangueira da boquilha. Um jato de bolhas começou a sair da mangueira à medida que o oxigênio escapava pela água. Enquanto Shinobu sacudia os braços, tentando conter as bolhas, Brian mergulhou mais fundo.

A ameaça de morte forçou Shinobu a controlar o pânico. Ele se acalmou e não seguiu Brian. Estendeu a mão com cuidado até a válvula central do cilindro, fechando-a. As bolhas pararam.

Levou algum tempo para reconectar a mangueira à boquilha. Quando ele por fim recuperou o fluxo de oxigênio, engolindo uma quantidade enorme de ar, Brian já estava nadando em sua direção, com o athame bem

preso ao cinto. Seu enorme amigo parou diante dele e pegou a prancheta. Na ordem de serviço, sob a foto do athame, estava indicada a taxa de recuperação que receberiam por buscar o objeto. Brian apontou o dedo para a taxa várias vezes: receberiam três vezes o valor padrão para levar a adaga de pedra de volta à terra em condições perfeitas. Brian deu as costas para ele e nadou em direção à superfície. *O robalo venceu*, pensou Shinobu. *Ele nunca deixaria para trás tanto dinheiro.*

Shinobu ficou parado, flutuando, por alguns instantes. O efeito dos bastões de Shiva estava passando, e sua cabeça começava a doer. Ele seguiu Brian devagar, virando a cabeça de um lado para outro de vez em quando, na tentativa de avistar qualquer mergulhador flutuando fora de seu campo de visão.

Foi em um desses momentos que ele a avistou. A vara de relâmpago estava quase toda enterrada na areia. Apenas a extremidade da lâmina chata estava visível na água, ao lado de uma privada quebrada. Shinobu nadou até o objeto e o tirou do sedimento.

O instrumento de pedra continuava exatamente como o vira dezoito meses antes. A viagem até o fundo do Porto de Victoria, passando pelo solo do oceano, até a Trincheira, não o prejudicara de maneira alguma.

Ele olhou para Brian, que já estava distante. Parecia que ninguém estava procurando a vara de relâmpago. E, sem ela, o athame era inútil. Agarrou-a com as mãos e ergueu o joelho, pensando em quebrá-la em duas. Contudo se conteve, parando o movimento. Ele a jogara fora muitos meses antes, porém destruí-la era algo muito diferente. Pensou em enterrá-la sob o limo, mas também não conseguiu fazê-lo. Ela estava em suas mãos, um dos artefatos mais preciosos da humanidade, como seu pai sempre costumava dizer.

Meu pai... Não queria pensar nele. E, apesar disso, não conseguia afastar a sensação de que Alistair não gostaria que ele descartasse a vara de relâmpago.

– Droga! – gritou ele, enchendo a água ao redor de bolhas.

Aquele objeto havia sido usado para... coisas nas quais ele não queria pensar. Mas, a rigor, aquelas coisas não eram culpa da vara. Shinobu boiou na água por algum tempo, murmurando para si mesmo xingamentos cercados de bolhas, com a vara nas mãos. Por fim, guardou-a em uma bolsa presa à cintura.

Ele alcançou Brian, e os dois se encararam enquanto boiavam na água no ponto de passagem, esperando pela descompressão para nadarem o restante do caminho até a superfície. Após alguns minutos e encaradas irritadas, Brian escreveu:

POR QUE FEZ AQUILO?

Shinobu pegou a prancheta e escreveu:

DESCULPE, ROBALO. ERRO MEU.

O amigo grandalhão pareceu aceitar e, mais tarde, enquanto caminhavam pelo litoral do terreno da empresa de recuperação, Brian sorria e pensava em como gastaria o dinheiro.

– Mais bastões de Shiva? – perguntou ele, empurrando Shinobu de brincadeira.

– Não, ou nunca mais vou dormir.

– Desde quando você dorme? – indagou Brian.

– É, tem razão.

Eles conversavam em um dialeto que misturava mandarim e inglês, comum entre os jovens de Hong Kong. Isso funcionava bem para Shinobu. Ele era japonês e não chinês, é claro, e tudo o que sabia de mandarim havia aprendido no último ano e meio. Mas ele aprendia rápido.

Saíram da água em uma região conhecida como Kwun Tong, que oferecia uma vista do sudoeste ao longo do porto. De onde estava, Shinobu via a imensidão da Ponte de Pedestres que cruzava a água, com seu dossel superior projetado para parecer uma massa de velas de navios orientais e ocidentais. E, depois da ponte, do outro lado do porto, os arranha-céus delgados do Centro estavam ligeiramente visíveis sob a névoa do meio da tarde.

Shinobu olhou para o athame, ainda preso ao cinto de Brian, e se perguntou quando a arma seria entregue a quem quer que a tivesse encomendado. *E quem será que encomendou?*

A pergunta foi respondida quase na mesma hora. Dois homens caminhavam pelo pátio da empresa de recuperação, na direção deles, do outro lado de uma pilha de aparelhos eletrônicos, peças de carros e pedaços de velhos navios resgatados. O primeiro era o capataz, um filipino baixinho que vivia gritando com eles, mas nunca estava com raiva de verdade, desde que sempre trouxessem o que ele queria do fundo do porto. O segundo homem era branco e jovem, e não ligava a mínima para suas calças e sapatos enquanto caminhava pela lama.

Era John. É claro. Durante o último ano e meio, ele provavelmente contratara empresas de recuperação do mundo todo, e o athame o trouxera direto para Hong Kong. E, sem querer, direto para Shinobu.

Um lado distante de Shinobu sabia que ele deveria matar John. Deveria correr pelo litoral naquele instante e acabar com ele, sem pensar duas vezes. Seria a atitude honrosa a se tomar. Mas, na hora, ele sabia que não faria

isso. John era responsável pelo destino trágico de Alistair. Era responsável, porém não era o único. Briac também era bastante responsável, e até o próprio Alistair. O pai e o tio haviam escolhido fazer certas coisas... coisas sobre as quais Shinobu não se permitia mais pensar.

John era culpado por outras coisas: o ferimento de Quin, por exemplo, e a obsessão dela por ele. No entanto... Shinobu não era mais responsável por Quin. Ele se despediu dela e deixou tudo que tinha a ver com a Escócia para trás, incluindo seu pai. O que ele realmente precisava era de algo que o impedisse de se lembrar.

– Então, o que devemos fazer? – perguntou Brian, frustrado com o silêncio de Shinobu. – Que tal visitarmos um dos bares chiques de ópio?

– É, pode ser – respondeu Shinobu, distraído.

Ele ainda vestia a roupa de mergulho, e os cabelos ruivos haviam sido raspados e tingidos em um padrão amarelo e preto, como o de uma onça. Ele usava piercings no nariz e na sobrancelha, e estava mais alto e magro do que antes. Mas John havia passado anos a seu lado e, dentro de mais uns trinta metros, estaria perto o bastante para reconhecê-lo.

– E aí, qual dos dois? – perguntou Brian. – Ouvi falar em um bar no nível quatro da Ponte de Pedestres. Parece uma casa de ópio da China Imperial...

Shinobu levantou o braço e socou o rosto do amigo, interrompendo sua frase. O soco arremessou a massa corpulenta de Brian no chão, e Shinobu saltou sobre ele, lançando os punhos contra sua cabeça. Como Shinobu esperava, Brian o agarrou pelo pescoço e o rolou no chão, prendendo-o junto ao solo molhado. Em vez de tentar golpear o rosto de Brian, Shinobu agarrou punhados de lama fedorenta e os espalhou por todo o rosto e cabelo.

– Por que fez isso? – gritou Brian. – Não precisamos comprar ópio. Podemos escolher o que você quiser!

Ele estava enforcando Shinobu, que parou de se lambuzar de lama e começou a tentar arrancar do pescoço os dedos enormes de Brian, que pareciam salsichas. O capataz correu na direção deles, gritando para que seus funcionários ajudassem. Um instante depois, dezenas de braços puxaram Brian de cima de Shinobu.

Alguém ajudou Shinobu a se levantar, e ele se sentou no chão, tossindo e arquejando, coberto de lama da cabeça aos pés. De onde estava, viu John caminhando o restante do caminho até eles, com uma expressão preocupada, temendo que algo tivesse sido danificado durante a briga. O capataz examinou o athame com cuidado, recriminando Brian efusivamente por ter coberto o objeto de lama.

– Este negócio estava no fundo do oceano de qualquer maneira, chefe – disse Brian.

De repente, John parou sobre Shinobu, e o capataz limpou o athame e lhe entregou. John o pegou de maneira quase reverente e o levantou, examinando a pedra sob a luz do sol. A arma estava intacta, perfeita. O dedão acariciou a parte inferior do punho, onde, Shinobu sabia, havia um entalhe pequeno e delicado de uma raposa. O rosto de John exprimia uma mistura de esperança e alívio, quase triste de ver. Ele guardou o athame no casaco e retornou pelo declive lamacento, sem nem olhar para Shinobu.

Shinobu passou a mão na testa e viu o capataz contar o dinheiro e o entregar a Brian. O garoto voltou a suar profusamente e começou a sentir muita sede.

– Venha, deixe-me ajudá-lo.

Brian estendeu a mão e o levantou. Mas, assim que Shinobu ficou de pé, o amigo socou seu queixo, lançando-o de volta na lama.

Shinobu olhou para Brian e cuspiu um bocado de lama.

– Por que fez isso? – perguntou.

– O que há de errado com você, Barracuda? – resmungou Brian.

– É que um robalo estava sentado em cima de mim!

Os dois riram. Nada daquilo importava. O trabalho aquele dia estava acabado, e os bares de drogas os esperavam.

Os dois se lavaram com a água imunda que saía da mangueira do pátio de recuperação e vestiram roupas normais. As roupas normais de Shinobu e Brian eram calças jeans apertadas, jaquetas de couro, camisetas rasgadas e presas com alfinetes, bem como braceletes com pontas de metal tão afiadas que o fato de eles ainda não terem furado os próprios olhos era nada mais do que um milagre. Shinobu gostava de usar o bracelete mais grosso no pulso esquerdo, cobrindo a cicatriz que preferia não ver.

Ele estava tão magro que os jeans já não ficavam tão apertados quanto antes. Escondeu a vara de relâmpago em uma das pernas, com a ponta da lâmina cega enfiada na bota esquerda.

Notou que havia recebido uma mensagem da mãe, enviada para seu telefone quando ele estava embaixo d'água. Ela pedia que ele entrasse em contato com urgência. Devia ser algo importante. Ela nunca tentava falar com ele. Sua mãe, que não estava morta, mas muito viva, e que ele havia reencontrado havia apenas um ano e meio, já estava cansada do filho. E ele não a culpava por isso.

Shinobu ia ligar para ela, mas, de repente, Brian bateu na porta do vestiário, pedindo que se apressasse. Ele guardou o telefone de volta no bolso, sem pensar duas vezes. Juntos, os dois deixaram a empresa de recuperação e partiram para a cidade, enquanto a vara de pedra cutucava a perna de Shinobu.

Capítulo 30

Quin

Quin estava na sala dos fundos do consultório, arrumando as coisas depois de misturar um saco de ervas para o garotinho asiático ruivo. Os sinos na porta da frente tocaram, alertando-a de que alguém havia entrado na sala de espera.

– Mãe? – gritou ela.

Pela primeira vez em muito tempo, estava ansiosa para encontrar Fiona e contar que salvara o garoto.

Ela entrou na sala de espera e descobriu que não era Fiona.

Era um jovem. Um menino de idade próxima à dela, bastante bonito, com pele clara e cabelos castanho-escuros. Ele estava de costas para a porta de entrada, e seus olhos azuis a encaravam como se estivesse se afogando e ela fosse capaz de salvar sua vida.

De alguma maneira, Quin perdeu o controle das mãos e soltou a vasilha com as ervas. O objeto desabou no chão, derramando as ervas.

– Quin – disse ele. – É você, de verdade?

Ela temeu que a voz dele pudesse ser diferente, retorcida, e até aterrorizante, mas não era. A voz era bastante comum, e muito, muito familiar.

O rapaz a observava com atenção, como se receasse que ela fizesse algo perigoso ou insano. Os olhos a seguiram quando ela se agachou para catar as ervas. Quin também sentia que talvez fizesse algo imprevisível. Mas o quê?

Ela demorou para pegar a vasilha do chão e colocá-la com cuidado no balcão. De repente, seus movimentos pareciam estranhos, como se seus músculos tivessem parado de funcionar direito na presença dele.

– Quin – repetiu ele.

Ela conhecia aquela voz. Conhecia-a muito bem. E o conhecia também. É claro que o conhecia. Ele era importante na vida dela, de alguma maneira.

– Você me conhece? – perguntou ele, dando um passo em sua direção.

– É claro que sim.

Sua resposta foi automática, e ela percebeu que estava recuando para o batente da porta do cômodo de trás. Era bom sentir a parede sólida. Ela realmente o conhecia. Imaginou-se caminhando até ele e apoiando a cabeça em seu peito. Mas sua mente dizia que havia um bom motivo para não se lembrar dele.

– É claro que conheço.

Ele deu outro passo na direção dela, como se não conseguisse manter a distância.

– Qual é o meu nome? – indagou ele.

Quin mordeu o lábio inferior. O nome dele estava bem ali, na ponta da língua. Era algo comum, mas ela não lembrava. Fazia parte daquela área cinzenta de sua mente, onde outras pessoas achavam que as memórias deveriam ficar. Aquela região cinzenta era como o próprio Porto de Victoria, afogando os primeiros quinze anos de sua vida.

Ele estava se aproximando. A maneira como se movia... Ela já o vira em um celeiro e em um campo, longe dali. Havia um rio ao longe. Essas coisas eram como marcas deixadas em um mata-borrão depois que o papel é retirado... Ela as sentia, mais do que as via.

O garoto estava parado bem diante dela, e Quin estava espremida à parede. Ele cheirava a sabonete e água do mar.

– Qual é o meu nome, Quin?

– John – sussurrou ela.

Ela foi atravessada por uma sensação de tontura. Seus joelhos cederam, e ela começou a deslizar pela parede. John a segurou. Quin se levantou e o empurrou para longe, entrando na sala de trás.

Ela não se lembrava e, no entanto, era exaustivo não lembrar. Cambaleou. Derrubou outra vasilha de ervas e as ouviu se espalhando pelo chão. Não deveria ficar perto dele.

– Eu estava tão preocupado – disse ele. – Pensei que... desde aquela noite...

– Não.

Em um gesto instintivo, Quin levantou a mão para impedi-lo de falar. Ali estava o rosto de John. Ela o vira encarando-a, enquanto a dormência se espalhava por seu peito...

– Você está bem, graças a Deus – disse ele, ofegante, seguindo-a conforme ela cambaleava ao redor da mesa de exames.

Quin puxou outras vasilhas de uma prateleira, tentando se equilibrar. A velha ferida no peito doía. Ela estava desabando; suas pernas haviam cedido.

Em vez de atingir o chão, foi erguida pelos braços fortes de John. Aquilo parecia tão natural. Mesmo que fosse perigoso. Ele era perigoso, de alguma maneira. Assim como ela. Juntos, seriam muito perigosos.

– Peguei você – sussurrou ele. – Peguei você.

Ele a carregou escada acima, para o quarto, e era como estar no convés de um barco, balançando nas ondas. Ela não se importava com o toque dele ou com onde aquelas mãos haviam estado. Permitiu que seus olhos se

fechassem. De repente, estavam no quarto dela, e ele a deitava com delicadeza na cama.

A tonteira piorou. Isso já havia acontecido antes, durante os primeiros meses em Hong Kong. *É seu passado tentando dominar o presente*, explicara o Mestre Tan com paciência. *Você pode deixá-lo no passado, se quiser. Só precisa deixar o momento passar.*

– Estou aqui – sussurrou ele. – Estou aqui com você. Eu estava com saudade. Deus, lamento tanto...

Por que era perigoso estar com ele? Não fazia sentido. Ela podia dormir, pois ele estava lá para protegê-la. Estava tudo bem novamente, porque John estava lá.

– Também senti saudade – murmurou ela, segurando a mão dele ao perder a consciência.

Capítulo 31

Shinobu

Shinobu espiou o objeto em sua mão através de uma nuvem de fumaça de ópio. Estava vibrando. Ele se esforçou muito para focar os olhos e acabou descobrindo que o objeto era seu telefone. Quem estaria ligando? Era o meio do dia. A galera com quem ele e Brian andavam só acordava depois de escurecer.

Exalou outra nuvem de fumaça do cachimbo de ópio aninhado no braço. Já era o sétimo cachimbo, e ele estava atingindo aquele estado perfeito no qual ficava equilibrado entre o corpo e o céu: sem preocupações, problemas ou pessoas.

No entanto, o telefone continuou a vibrar. Estava vibrando havia horas, mas talvez fosse apenas o tempo do ópio. No tempo real, talvez fossem apenas alguns segundos.

– Por favor, cale a boca – sussurrou ele para o telefone.

O objeto não ouviu.

Desajeitado, Shinobu pousou o cachimbo na bandeja e se esforçou para se apoiar nos cotovelos, irritado. Esfregou os olhos e encarou o telefone.

– É minha mãe.

Empurrou Brian Kwon, que estava enroscado ao lado no catre, com o próprio cachimbo largado junto ao rosto. Brian grunhiu em resposta, depois murmurou:

– Mamãe Barracuda.

O telefone tinha parado de vibrar e agora bipava, indicando que ele recebera uma mensagem. A mãe nunca ligava. Algo atiçou sua mente. Ela

não havia ligado para ele naquele mesmo dia, mais cedo? Duas ligações da mãe no mesmo dia era algo notável. Seria mais fácil ser atingido por um meteoro no meio de um mergulho. Na última vez em que vira a mãe, ela o encontrara desacordado na cozinha, com bastões de Shiva ainda queimando, e o irmãozinho desabado no corredor por causa da fumaça. Mariko havia jogado uma panela enorme nele e gritado que não o queria nunca mais naquela casa. Isso acontecera meses antes, e desde então ele não tivera mais notícia dela.

Sem se dar conta, ele já estava deitado de novo. Levou o cachimbo de volta aos lábios e deu outra tragada profunda.

Seus olhos vagaram pela sala. Ele nunca havia estado naquele estabelecimento antes, com elegantes sedas drapeadas e catres de madeira entalhada e detalhes prateados. Existiam muitos bares de drogas mais baratos na Ponte de Pedestres. Ele frequentava os mais baratos, nos níveis inferiores, onde se deitava em pilhas de bolinhas de isopor de empacotar, apertado entre dezenas de outros viciados em ópio. Mas Brian tinha ficado ansioso para gastar o pagamento extra que haviam recebido do serviço daquele dia. Funcionários atraentes, em pijamas de seda, transitavam por aquele ambiente, preparando novos cachimbos e oferecendo bebidas aos clientes. Ele notou que usavam filtros sobre o nariz, para não se viciarem na fumaça.

Fumaça, pensou, e seu equilíbrio pacífico foi arruinado. *Fumaça e fogo. Eu deveria tê-lo matado, John, mas eu odiava Briac e Alistair ainda mais...* Lá estava o pai dele, com uma teia de fagulhas ao redor dos cabelos ruivo-escuros. Shinobu via aqueles cabelos como se estivessem do outro lado da sala.

Aos poucos, ele se deu conta de que os cabelos ruivos estavam de fato do outro lado da sala. Embora sua mente ainda vagueasse, seus olhos

recuperaram gradualmente o foco, e ele se deu conta de que estava olhando para uma mulher reclinada em um catre, do outro lado da casa de ópio.

Ela tinha menos de quarenta anos, e os cabelos ruivos eram do tom exato dos de seu pai. Era linda. Tão linda quanto ele costumava considerar sua tia Fiona. A mulher usava um vestido de seda no estilo chinês. Um empresário europeu mais velho a acompanhava, apoiando a cabeça no colo dela, enquanto ela segurava o cachimbo de ópio junto aos lábios dele. Usava um cachecol amarelo no pescoço, que ele sabia que a marcava como uma acompanhante. Era uma profissão legal na Ponte. O homem devia ser seu cliente, comprando a companhia dela enquanto se entretinha nos bares de drogas. Ela conversava baixinho com ele, com um filtro discreto posicionado nos lábios.

– Robalo, ela é igualzinha a Fiona – murmurou ele.

– Quem? – respondeu Brian, sonolento.

– Aquela mulher.

Ele tentou apontar, porém era difícil demais mexer as mãos quando estava flutuando tão longe acima delas. Soprou fumaça na direção da mulher, mas é claro que Brian estava deitado atrás dele e não via nada.

– Quem é Fiona? – balbuciou Brian.

– Bem ali – disse Shinobu, tossindo.

A mulher levantou o rosto de repente, como se tivesse ouvido as palavras, o que certamente era impossível daquela distância. Os olhos dela percorreram toda a sala, pararam no rosto de Shinobu, depois continuaram a se mover.

Era Fiona, *de verdade*. Não alguém parecido com ela, era a própria Fiona.

O estômago de Shinobu se revirou de maneira desagradável. A sensação de flutuação desapareceu. Ele voltou a si.

– *É* ela, é ela mesmo – sussurrou ele, estendendo a mão para sacudir o ombro de Brian. – Bem ali!

– Por favor, cale a boca, Barracuda – resmungou Brian, afastando a mão dele com um tapa. – Feche a boca. Feche-a como... como algo que mantém a boca fechada!

O pânico se arrastava do estômago de Shinobu para a cabeça. Ele não via ninguém de sua vida passada havia um ano e meio. E, em um único dia, já tinha visto John e Fiona.

– Por que hoje? – perguntou a Brian.

– Uma tartaruga – murmurou Brian. – Elas são silenciosas. Seja como uma tartaruga, Barracuda.

Shinobu se concentrou, esperando evitar as artimanhas do ópio. Se Fiona era uma acompanhante, provavelmente vivia na Ponte. De fato, ele havia deixado Fiona e Quin na Ponte aquela noite, tantos meses antes, sob os cuidados de Mestre Tan. Mas Shinobu não imaginou que elas ficariam por lá. Tornar-se residente da Ponte era difícil. Era preciso ter habilidades muito específicas. Enquanto observava Fiona do outro lado da sala, com seu rosto exótico e ocidental, sua cor de pele rara e sua beleza mais rara ainda, ele se deu conta de que talvez Fiona tivesse tais habilidades.

Tinha imaginado que Quin e ela deixariam Hong Kong assim que Quin estivesse curada, encontrando algum canto remoto do mundo para viver. Mas lá estava Fiona.

– Vá embora – sussurrou ele.

Fiona olhou mais uma vez do outro lado da sala, e seus olhos sondaram os catres. Shinobu escondeu a cabeça atrás do braço.

– Vá embora *você* – grunhiu Brian. – E, quando chegar lá, por favor, cale a boca.

Shinobu esperou atrás do braço, até a atenção de Fiona se voltar para o homem com a cabeça apoiada em seu colo. Depois, agarrou a lateral do catre e esforçou-se para se levantar, quase derrubando um atendente que passava. O homem baixinho fez um sinal para outros funcionários, e, juntos, ajudaram Shinobu a ficar de pé. Aos dezesseis anos, ele tinha um metro e oitenta e cinco de altura, e foram necessários três homens para evitar que ele caísse de cara no chão.

– Senhor, talvez devesse se deitar novamente?

– Não – disse ele, balançando o braço para afastá-los, e quase desabando em cima de Brian.

Ele se apoiou na parede e deu uma joelhada na perna de Brian.

– Bri, levante-se. Vamos embora.

– Shh, Barracuda – respondeu o amigo. – Tartaruga. Boca calada.

– Vou tirá-lo daqui! – retrucou, sacudindo o ombro de Brian.

– ... fazer uma sopa de tartaruga com você – rosnou o outro.

Brian levantou o braço maciço para tentar estapear Shinobu, que conseguiu desviar, agarrando a parede de novo para tentar se equilibrar.

– Então, vou embora sem você.

Ele jogou um maço de notas no funcionário que o seguia até a porta e saiu do bar cambaleando.

– Senhor, a Ponte de Pedestres tem regras muito rigorosas contra intoxicação pública. Você corre o risco de ter seu passe de visitante revogado.

Era verdade. Shinobu parou e agarrou uma das máscaras de oxigênio penduradas no teto ao lado da saída. Respirou por ela por alguns minutos, apoiando-se na parede. O que quer que estivesse saindo daquela máscara clareou sua mente na mesma hora. Ele ainda sentia um pouco da onda do ópio, mas recuperou a capacidade de controlar seus braços e pernas.

– Obrigado – disse ele, fazendo uma demonstração respeitável de como conseguia caminhar normalmente em meio à multidão rica do corredor adiante.

Aquele nível da Ponte era ladeado pelas mais caras boates e bares de drogas. Suas roupas sujas e seu cabelo de oncinha já atraíam atenção desnecessária. Ele se espremeu em direção aos aeroelevadores e, de repente, lembrou-se do telefone.

Sacando-o de um dos bolsos, descobriu que sua visão já estava clara o bastante para ler a mensagem da mãe. Os últimos vestígios da onda de ópio desapareceram quando viu o que ela havia escrito. Akio tinha ficado muito doente. O menino encontrara algo no quarto de Shinobu e quase morrera. Shinobu tentou se lembrar do que talvez tivesse esquecido lá, mas poderia ser qualquer coisa. Havia um ano e meio que as drogas eram suas companheiras constantes, e ele poderia ter deixado qualquer uma delas na casa da mãe. Uma mistura de culpa e terror se avolumou em seu estômago.

Ele sentiu um empurrão bruto e olhou para o alto, vendo Brian, que havia cambaleado para fora do bar atrás dele.

– E agora? – perguntou o amigo. – Outro bar? Ou comemos alguma coisa?

– Espere.

Ele leu a mensagem seguinte da mãe e foi tomado por uma onda de alívio. Akio estava bem. Shinobu levou alguns segundos para recobrar o fôlego.

– Preciso buscar uma coisa.

– Comida?

– Não, Robalo.

– Cerveja? Podemos beber como peixes, Barracuda.

– Preciso passar em casa primeiro.

Brian pareceu confuso.

– Que casa?

Estavam dormindo naquele quarto em cima do cinema havia um mês, enroscando-se com ratazanas e baratas, o que servia para lembrar Shinobu de que não estava mais no interior da Escócia, afinal.

– A casa da minha mãe – respondeu Shinobu.

Antes que Brian fizesse mais perguntas, Shinobu entrou no aeroelevador. Foi transportado até o nível superior da Ponte. O andar estava sombrio como sempre, escurecido pelo dossel, que deixava passar pouquíssima luz do sol. Multidões de visitantes do fim de tarde caminhavam pela via pública, passando por restaurantes que serviam todo tipo de comida asiática.

Brian saltou do aeroelevador um instante depois, e os dois se juntaram aos transeuntes que caminhavam pela Ponte. Os restaurantes eram encimados por apartamentos, a maioria com luzes acesas, dentro dos quais ele via figuras se movendo. Entre os restaurantes, havia consultórios de acupunturistas, herboristas e curandeiros com habilidades mais exóticas, que Shinobu não sabia nem como começar a descrever.

– Fica ali – disse Shinobu por fim, olhando para o endereço que a mãe enviara e atravessando rua.

– Aquela não é a casa da sua mãe.

– Cale a boca, Robalo. Se você for prestativo, prometo comprar uma cerveja para você.

Mas as coisas não aconteceram exatamente assim. Shinobu estava prestes a ter seu terceiro encontro estranho do dia.

Achou o consultório que procurava: uma pequena fachada sob um apartamento. Enfiou a mão na caixa de coleta de metal ao lado da porta e

pegou uma grande sacola plástica de ervas, com o nome de Akio escrito na frente.

Enquanto ele se afastava, guardando o saco sob a jaqueta, a porta do consultório se abriu de supetão. Antes que se virasse para olhar, foi derrubado no chão por uma figura que disparou pela porta correndo, como alguém desesperado para continuar vivo.

Capítulo 32

Quin

Gritos vinham do outro cômodo. De onde se encontrava, no quarto das crianças, ela ouvia muito claramente os sons de pessoas lutando. Os olhos da criança a encaravam, apavorados.

– O que está acontecendo? – perguntou o menino em francês, falando baixinho.

Ele tinha a língua presa, como muitas crianças.

– Nada – respondeu ela, também em francês. – Está tudo bem. Venha comigo.

O garoto estava assustado demais para se mexer.

– Venha comigo – repetiu ela, de maneira mais autoritária.

Não havia tempo a perder.

Ela puxou as cobertas dele e estendeu o braço para pegá-lo pela mão.

Um grito mais alto soou do outro cômodo. Parecia a voz de uma mulher, mas era difícil saber.

O garoto começou a chorar.

– Está tudo bem – disse Quin. – Vou tirar você daqui.

Ele não queria ir, mas não sabia como recusar. Ela segurou as mãos dele e o guiou até a porta. Viu os outros no cômodo maior no final do corredor. Ninguém olhava em sua direção.

Ela envolveu o menininho na bainha de seu manto. Segurando-a perto de si, atravessou o corredor correndo e desceu a escada. Em um segundo, saíram pela porta lateral e se afastaram da casa.

Ela o pegou no colo e atravessou correndo o relvado.

– Para onde estamos indo? – perguntou ele.

– Para longe daqui – sussurrou ela a seu ouvido. – Vou protegê-lo.

Enquanto corria com o menino nos braços, Quin sabia que não passava de um sonho. Aquilo não era real; as coisas não haviam acontecido assim. Entretanto, naquele único instante, ela estava fazendo a escolha certa, a escolha que deveria fazer, e se viu repleta de felicidade. Aquilo não era a verdade, mas a sensação de ser honrosa e corajosa era boa, mesmo em sonho.

Capítulo 33

John

John estava escorado na porta fechada do quarto de Quin, observando-a dormir. Naquele instante, ela sorria com o rosto encostado no travesseiro, como se estivesse presa em um sonho agradável. *Será que está sonhando comigo*, perguntou-se ele, *como sonhei com ela?*

Muitos de seus sonhos com ela, no entanto, não foram agradáveis. Da última vez que a vira, Quin estava do outro lado daquele estranho portal, com o sangue se espalhando pelo peito. Uma bala perdida da arma dele quase a matou, e a lembrança era como estalactite de gelo cravada na barriga. *Como pude permitir que aquilo acontecesse?*

Ao chegar ao consultório, esperou que ela gritasse e pedisse socorro ou que o atacasse. Qualquer uma dessas atitudes teria sido compreensível. Mas, embora parecesse reconhecer seu rosto, ela nem lembrou seu nome, a princípio. De alguma maneira, Quin recomeçara sua vida. Seria possível que não se lembrasse dos eventos de sua última noite na fazenda? E, se esse fosse o caso, será que ele estava perdoado? Será que teria outra chance com ela?

– Como você conseguiu esquecer? – indagou ele baixinho, voltando para a cama.

Quin se mexeu na cama, mas não acordou. John desabotoou a gola da camisa dela com delicadeza e a puxou para trás. Não queria olhar, mas sentia-se impelido pela culpa. Perto de seu ombro esquerdo, encontrou a cicatriz onde a bala saíra do corpo. A cicatriz era circular, enrugada e ainda vermelha. Ele imaginou que aquilo devia incomodar de tempos em tempos.

Se a bala a tivesse atingido um pouco mais perto do coração, Quin sem dúvida teria morrido.

– Pensei que tivesse matado você – sussurrou John, sentindo mais uma vez o horror do momento. – Pensei que estivesse morta.

Ele se deitou ao lado de Quin e fechou os olhos. O cheiro dela trouxe de volta memórias vívidas da última noite deles entre as árvores.

– Não quero fazer isso sozinho – sussurrou ele. – Preciso de você de volta.

– Preciso de você – murmurou ela, ainda dormindo, e o sorriso do sonho continuava estampado em seu rosto.

Quando ele sentiu a mão dela em sua bochecha, debruçou-se e roçou seus lábios nos dela. Quin o puxou para mais perto e o abraçou, sonolenta.

– Por que nós nunca... – disse ela, começando a acordar.

– Eu queria – sussurrou ele.

Ela aproximou a cabeça da dobra do pescoço dele.

– John.

Ela disse o nome dele junto a sua pele, como se fosse uma palavra estrangeira que acabara de aprender.

– John.

Ele a envolveu nos braços, sentindo a extensão do corpo dela contra o seu. *Muitas coisas tentarão desviá-lo do caminho. O ódio será uma delas, e a outra será o amor...* Ele queria pedir que sua mãe e Maggie se calassem. Será que não tinha o direito de viver um dia ou uma semana ou um mês em paz? Será que não podia ter Quin para si por um tempo? Mas a promessa que fizera continuava no centro de seu coração, como uma brasa incandescente, e as palavras delas nunca lhe saíam da cabeça.

Ele precisava da ajuda de Quin. Porém, não havia tempo para prepará-la para o que estava prestes a pedir. Havia sinais de Fiona por toda a casa.

Quin não vivia sozinha, e Fiona poderia retornar a qualquer momento. John tinha incendiado a fazenda e atirado na filha dela. Sabia muito bem que ela não o receberia bem.

Na verdade, se Fiona estivesse com a mente lúcida, era até possível que já tivesse sentido que algo estava fora do normal e estivesse voltando para conferir o que aconteceu. Ele precisava convencer Quin logo.

– Quin... você poderia me ajudar? – sussurrou ele. – Preciso da sua ajuda.

Os lábios de Quin encontraram a bochecha dele.

– É claro que posso ajudá-lo – sussurrou ela. – Pode pedir qualquer coisa.

Talvez ela ainda estivesse sonhando, mas ele se permitiu um pouco de esperança.

Sentou-se e deslizou para o lado, deixando que ela visse com clareza o objeto na cadeira ao lado da porta do quarto: o athame.

O encanto morreu de imediato.

Quin se afastou e se sentou na cama, de costas para a parede, protegendo-se com os braços.

– O que é aquilo? – perguntou ela. – Por que está aqui?

– Quin – disse ele –, você sabe o que é. Talvez demore algum tempo para lembrar, como quando você me viu lá embaixo. Mas sabe o que é.

– Não, não sei.

– Por favor, não tenha medo. Isto só está aqui para...

De repente, Quin levantou-se e disparou em direção à porta. John se apressou para chegar antes, bloqueando o caminho.

– Deixe-me sair – pediu ela. – Deixe-me sair daqui!

Ela o empurrou, mas John não abriu caminho. Ele apoiou as costas na porta, mantendo-a fechada.

– Ele só está ali – disse ele. – Não estamos nem tocando nele. Está tudo bem, Quin. Por favor.

Mas ela estava em pânico.

– Saia do meu caminho, John! – gritou ela. – Mãe! Fiona! – voltou a gritar, mais alto.

– Você não precisa pegar a adaga. Não precisa nem olhar para ela. Só preciso que me ensine.

Ela não estava ouvindo. Golpeou-o, acertando-o na bochecha.

– Deixe-me sair daqui! Mãe! Mãe!

Então os joelhos de Quin cederam, como havia acontecido no andar de baixo. Ela desabou no chão.

– Esta não sou eu – sussurrou ela. – Não mais. Faço coisas boas...

John se ajoelhou.

– Não estou tentando ferir você. Quero ficar com você. Eu só...

– Vou passar mal... Vou passar mal... – murmurou ela. – Deixe-me sair, por favor.

De fato, Quin parecia prestes a vomitar.

Ele a levantou com delicadeza e a guiou para fora do quarto. Os dois entraram juntos no banheiro, e Quin desabou no chão ao lado da privada, apertando a barriga. Longe do athame, ela se acalmou um pouco. John se agachou ao lado, tentando fazê-la olhar para ele.

– Por que está aqui? – indagou ela. – Não quero sentir o que sinto perto de você.

– Você ficou na fazenda. E sabe usar o athame...

– Não fale sobre ele! – sussurrou ela.

– Preciso falar. Briac se foi. Alistair...

Ao se lembrar de Alistair, John ficou em silêncio por um instante, tomado pelo arrependimento. *Foi um acidente*, lembrou a si mesmo. *E ele*

poderia ter me ajudado. Poderia ter feito a coisa certa. Afastou esses pensamentos e se concentrou em Quin.

– Você é a única – disse ele. – Ou Shinobu... Ele está aqui? Ele está com você?

John não havia pensado muito em Shinobu, mas a percepção súbita de que ele talvez ainda estivesse com ela o fez sentir uma pontada de ciúme.

– Não sei do que está falando – respondeu Quin, ofegante.

Talvez também tivesse esquecido Shinobu. Isso era bom.

– Ensine-me como chegar *Lá* – pediu ele. – Ensine-me. Depois vou embora se... se você quiser.

– Essa não sou mais eu – insistiu ela. – Não faço essas coisas.

– Ensine-me, e você... você nunca mais precisará olhar para a minha cara.

– John...

– Meu avô não pode mais me ajudar. Ele mal consegue ajudar a si mesmo – disse ele, desesperado. – Eu *prometi*, Quin. E agora o recuperei. Por favor, mostre-me...

– Pare!

Ela cobria os ouvidos com as mãos e se balançava para a frente e para trás no chão.

– Não me lembro dessas coisas! Não me lembro. Elas ficaram para trás.

John segurou os ombros dela com gentileza.

– Você não entende que tudo pode ficar bem? – sussurrou ele. – Nós estamos aqui... só nós. Juntos, podemos superar todas as coisas ruins que aconteceram. Podemos começar a decidir o que é certo para nós.

– Pare, por favor...

– Eu amo você.

Ele afastou as mãos dela dos ouvidos.

– Pode me ajudar, por favor?

Ele segurou as mãos de Quin, ajoelhando-se diante dela. O olhar da garota era como o de um animal selvagem encurralado na floresta.

– Venha – disse ele baixinho. – Não será bom ficarmos juntos? Como sempre imaginamos. Ensine-me a usar o athame.

Os olhos de Quin se moviam freneticamente. De repente, ela lançou a cabeça para a frente, atingindo a testa de John e o atordoando em uma explosão de dor.

Ela se levantou, cambaleante, e, mesmo depois de trombar no batente da porta, fugiu de John, descendo as escadas.

– Quin!

Ele se levantou. Agarrou o athame e correu atrás dela, escada abaixo.

Mas ela já estava na porta da frente. Abriu-a e saiu voando. Ele alcançou a porta a tempo de ver Quin se enfiar em uma multidão de pedestres e esbarrar em um deles, caindo estatelada na rua da Ponte.

John ainda sentia os lábios dela nos seus, mas não conseguiu segurá-la. Mais uma vez, falhara em convencê-la, e ela o abandonou.

Ele a observou se desenroscar do pedestre, levantar-se e voltar a correr. Ela estava fugindo, mas John não conseguia mais ver Quin ou a Ponte. Via a imagem de um menino de cinco anos agachado ao lado das irmãs mortas. Via uma dúzia de corpos, afogados, presos a paredes. Via uma jovem, muito parecida com sua mãe, gritando enquanto Briac Kincaid a fazia sangrar até a morte. Ele havia feito uma promessa para todos eles.

John voltou a se concentrar na Ponte. Gesticulou para os outros homens ao redor da casa de Quin. Soldados que ele trouxera, mas que tinha grandes esperanças de não precisar usar. Eles se materializaram ao redor dele, deixando os esconderijos, e se misturaram à multidão para seguir o rastro de Quin.

Capítulo 34

Maud

A mente da Jovem Pavor não vagava. Viajava em uma só direção pelo tempo necessário, depois viajava em outra. Um único pensamento poderia se arrastar de maneira indefinida se ela ainda não o tivesse concluído. E o pensamento que prendia sua atenção havia muito tempo era: *Vou matar o Pavor Médio*.

Às vezes, se imaginava matando-o em uma luta de espadas, outras com veneno, e outras ainda com uma faca enquanto ele dormia. Não eram apenas devaneios. Ela estava fazendo planos. Por enquanto, no entanto, eram apenas planos. O Médio estava longe, talvez já treinando um substituto.

Ela havia alimentado as vacas e as estava ordenhando. Só haviam sobrado duas delas, mas ajudavam a mantê-la viva. Ao terminar de encher o balde de leite, carregou-o do celeiro de ordenha até a área comum, em direção à oficina. Como o celeiro de ordenha, a oficina era um dos poucos edifícios da fazenda que não tinham sido queimados no ataque.

Por toda a área comum, madeiras carbonizadas e pilhas de pedras queimadas se encontravam nos lugares onde antes existiram chalés aconchegantes. À beira da floresta, grandes faixas de árvores também haviam queimado. Os chalés dos Pavores permaneceram intactos, mas ficar lá era como compartilhar um espaço íntimo com o Pavor Médio, e, por isso, ela escolheu ficar na oficina.

Seu caminhar imponente era perfeito para carregar leite, e o líquido mal se movia no balde. Ela sentiu uma pontada fraca na lateral esquerda do

corpo, onde o Pavor Médio a ferira, mas a dor não significava muito. A única coisa que a incomodava era a falta de treinamento. Estava ali havia um ano e meio, sozinha, envelhecendo.

A vida sem treinamento é como água derramada na areia. As palavras passaram por sua cabeça, como um cântico, enquanto ela andava. *Nenhum tempo é meu. Nenhum lugar é meu. Ninguém é meu.*

Aquela noite na floresta, quando o Médio a deixou e disse que ela deveria morrer, Maud quase obedeceu. Sua vida escorreu da ferida e foi absorvida pelo solo da floresta. Seus olhos se fecharam, e ela se perguntou o que aconteceria com alguém como ela quando a morte chegasse. Será que chegaria como um momento único e nítido, ou seria como quando ela era esticada, suspendida em um momento infindo que se estendia por todo o tempo?

Durante aquela noite, pairando à beira da morte, ela se sentiu desacelerando e percebeu que seu velho mestre a treinara para aquele instante. Ela fez o corpo quase parar, mas sem pará-lo de fato. Seu coração ainda batia, uma ou duas vezes por minuto; o ar ainda entrava aos poucos nos pulmões. Ela ficou deitada ali, em um estado de quase morte.

Passou a noite inteira naquele estado e, quando o sol nasceu na manhã seguinte, continuava viva. Em algum momento daquele dia, os funcionários voltaram para a fazenda e, durante sua busca por sobreviventes, acabaram encontrando-a entre as árvores. Pensaram que estivesse morta, até a garota mover a mão para agarrar o calcanhar de um deles. Ela ouviu o grito de surpresa do homem, e eles a levantaram e a carregaram para fora da floresta.

Ela passou um mês ou mais em um edifício estranho e alto, cheio de médicos, onde fizeram coisas estranhas com seu sangue, sua pele e seus ossos. Seu primeiro idioma havia sido o velho dialeto que se falava quando

ela era criança. Aprendera inglês, em suas muitas formas, à medida que o idioma mudava através das gerações, mas era difícil entender as palavras novas daqueles homens e mulheres que pairavam ao redor de sua cama e a cutucavam com instrumentos de metal.

Então, ela voltou para a fazenda, com uma longa cicatriz vermelha no lado do corpo, e cuidou de si mesma. Sabia caçar, e havia as vacas. Não estava preocupada com sua sobrevivência, mas com o fato de que estava sozinha. Ela não se sentia solitária. A solidão era agradável depois de tantos anos na companhia do Médio. O problema é que não havia ninguém para ensiná-la, e ninguém com quem praticar. Até o Médio, embora desagradável, cumprira sua função com ela de vez em quando, passando-lhe as técnicas dos Pavores.

– Seu professor fez isso com você? – perguntou o aprendiz, ao voltar para a fazenda.

Ele olhava para sua cicatriz, visível sob a ponta da camisa, e a atenção dele a perturbava. Aquele aprendiz que, de máscara, atacara a fazenda... sua posição entre os Seekers não estava clara.

Ele apareceu alguns meses depois de a Jovem Pavor ter voltado do hospital. Ela o encontrara na oficina certa noite, entre as armas, ao voltar para casa com um faisão para o jantar. John. Era o nome dele. E ele estava ali, entre as coisas dela.

– Você está sozinha? – indagou ele.

Sem responder, ela continuou com sua rotina, acendendo o fogo para cozinhar e depenando o pássaro. Ele a ajudou, sem falar muito. A Jovem Pavor notou que ficava alerta perto dele, mas o rapaz também a fascinava. Ela o vislumbrara algumas vezes quando ele era mais jovem, mas lá estava ele, talvez com a mesma idade dela. Como teriam sido aqueles outros anos

para ele, depois... daquela noite, quando ela viu o brilho de seus pequenos olhos debaixo do chão?

Seu fascínio era ampliado pelo fato de ela nunca ter passado quase nenhum tempo com pessoas de sua idade. Era difícil saber exatamente qual era sua idade, é claro, mas, se ela contasse o tempo passado no mundo normal, teria quinze anos, pelo senso comum.

Quando se sentaram, um perto do outro, comendo o faisão, começaram enfim a conversar.

– O athame que Briac Kincaid usava foi roubado da minha família – disse ele. – Você sabe disso, não é?

Da sua maneira lenta, ela respondeu:

– Segundo nossa lei, um athame deve permanecer com sua família, mas famílias Seeker se tornaram coisas complicadas, aprendiz. Dentro de uma família, nós, os Pavores, acreditamos que o athame acaba parando nas mãos daquele a quem ele pertence.

– E é o que acontecerá – afirmou ele. – Ele acabará nas minhas mãos.

Ela não disse nada àquele respeito.

– Quando eu o tiver recuperado – continuou ele –, precisarei de treinamento para aprender a usá-lo. Acha que seria justo me ajudar com isso?

Ela ficou em silêncio por algum tempo, enquanto um pensamento se formava em sua cabeça.

– Não é minha função – respondeu, por fim.

Foi então que ele notou a cicatriz. Ao notar a direção do olhar dele, ela tentou escondê-la com o braço, mas já era tarde demais. O rapaz lhe perguntou como havia se ferido, e ela contou. Não sabia muito bem por que contou, mas sentia em relação a ele um estranho senso de obrigação, que tinha começado naquela noite, anos antes.

– Se seu companheiro a abandonou para morrer, sua obrigação a ele acabou, não acha? – perguntou o rapaz. – Mas, se acha que lhe deve sua lealdade, não poderia me ensinar a usar o athame e voltar para ele depois que eu tiver aprendido a técnica? Caso você queira voltar, é claro.

– Caso eu queira – repetiu ela, tentando compreender o significado daquelas palavras.

– Ou você poderia ficar comigo – sugeriu ele. – Ensinar-me. Ser mestre de si mesma.

A mão dela disparou, agarrou o braço esquerdo dele e o virou, usando os dedos como um torno. Ela estudou o pulso dele, que estava perfeitamente liso, sem a marca queimada do athame.

– Você não tem a marca. Não é um Seeker – observou ela.

– Briac foi injusto comigo.

Ele deve ter detectado algo na expressão dela, porque continuou falando, baixinho:

– Você viu parte dessa injustiça, não viu?

Ele olhou os sapatos dela, feitos de um couro macio e velho.

– Sempre me perguntei quem era a pessoa mais baixa – acrescentou. – Até que um dia me dei conta de que sabia quem era. Era você.

Ela não respondeu, mas se lembrava de John ainda criança, encolhido no esconderijo sob o chão, fechando os olhos com força, como se isso pudesse interromper as coisas terríveis que estava vendo. Eles exageraram naquele dia; fizeram coisas que não eram parte de sua função. Será que ela poderia fazer algo para compensar isso?

– Ele se recusou a terminar meu treinamento – continuou John –, mas você pode fazer isso.

Ele a olhava como as pessoas comuns costumavam olhar, como se ela fosse, de repente, começar a sentir o que ele sentia e compreender o que era

importante para ele, apenas por encarar seus olhos.

Contudo ela não sentia o que John sentia. Ela era a Jovem Pavor. Existia havia centenas de anos em seus quinze anos de vida, e suas funções eram diferentes das dele. Ela e os outros Pavores se revezavam, estendendo-se através do tempo, acordando para supervisionar os juramentos dos novos Seekers, mantendo-se distantes da humanidade e tomando decisões justas. Aquele aprendiz era tão novo quanto uma folha de grama recém-nascida. Ele não poderia entender.

Exceto..., a mente dela respondeu. *Exceto pelo fato de que muitas decisões não eram justas. A justiça se tornou nebulosa, e tantas coisas foram feitas enquanto eu dormia.*

Ela havia se afastado de John e encarava o fogo. Ele fora embora.

Um pensamento permaneceu muito tempo em sua cabeça: *O que sou?*

Sozinha na fazenda, a Jovem Pavor entrou na oficina com seu balde de leite. Ela tinha parado de pensar em maneiras de matar o Pavor Médio e pensava então no que John dissera. Após a pequena refeição daquela tarde, o pensamento em sua cabeça era este: *Será que John retornará? O que farei se ele voltar?*

Capítulo 35

Quin

Quin atingiu o transeunte na Ponte com tanta força que os dois foram lançados no asfalto. Ela não parou, rolando sobre o corpo dele e se misturando às pernas de vários outros pedestres. John estava na porta de sua casa, a metros de distância, e em algum lugar na casa encontrava-se a adaga de pedra. Ela havia deixado a adaga e boa parte de sua memória no passado, jurando que ficariam por lá.

Ergueu-se sobre os joelhos, mas percebeu que não conseguia se levantar. Sua cabeça latejava por causa da cabeçada que dera na testa de John alguns segundos antes, e ela demorou algum tempo para se dar conta de que o garoto asiático que derrubara estava agarrado a ela.

– Ei! – disse ele, segurando-a com mais força. – O que está fazendo?

Quin percebeu que ele não era exatamente um garoto, mas um adolescente muito alto, com roupas assustadoras. Ela tentou se soltar, mas só conseguiu trazê-lo ainda mais para perto. Uma das mangas de sua camisa havia subido quando ela caiu, e as tachas pontiagudas do bracelete do rapaz estavam cortando seu pulso esquerdo. Ela começava a sangrar, e a dor a forçou a olhar para o braço. Ao lado de seu pulso, ela via o pulso do rapaz, com seu bracelete grosso, e, sob o bracelete, na parte interna do braço, uma cicatriz em forma de adaga marcava sua pele. Com um choque nauseado, Quin notou a cicatriz idêntica no próprio pulso, no local que ela se esforçava tanto para nunca olhar.

Por fim, parou de tentar se soltar e encarou o rapaz. Ele usava joias no nariz e na sobrancelha, e seu cabelo estava tingido, parecendo a pelagem de

uma onça. Mas nenhum daqueles detalhes superficiais importava. Ele era...

Ele a encarava de volta.

– Quin – disse ele, ofegante, e a soltou.

Pelo canto do olho, Quin avistou John na porta da casa. E havia outros homens escondidos nas sombras ao redor dele. Ela se desenroscou do rapaz asiático, cujo nome desconhecia, e se levantou, abaixando a manga da camisa. Ela voltou a se mexer, levando as mãos automaticamente à cintura, como se esperasse encontrar armas. *Armas não são permitidas na Ponte*, disse sua mente. *Você sabe*. Então, por que aquela sensação, como se parte de seu braço estivesse faltando?

Quin olhou para trás e viu John e seus soldados se movimentando em meio à multidão. Os minutos seguintes foram confusos. Um grupo de turistas ocidentais estava empacando o tráfego na via pública. Ela se espremeu entre eles, sentindo a todo momento que os soldados de John se aproximavam. De repente, ela estava saltando pelo aeroelevador, tão rápido que o elevador mal teve tempo de segurá-la antes que ela pousasse em outro andar, onde a música era alta, e as multidões, mais densas. Quin avistou seus perseguidores mais longe.

Após descer por outro aeroelevador, ela se misturou a multidões de visitantes ainda mais assustadores diante dos bares de drogas baratos. Continuou virando para a direita, percebendo tarde demais que seus perseguidores iam naquela direção.

A garota desceu desesperadamente por outro aeroelevador, menor e aberto apenas para os moradores da Ponte. Ao sair, deu de cara com uma passagem aberta, e um homem corria em sua direção por uma escada. Ela correu para a esquerda, único rumo que poderia tomar, e encontrou-se em um corredor largo e escuro.

Quin não conhecia aquela parte da Ponte. Não havia humanos lá, apenas enormes peças de equipamentos mecânicos, que enchiam o lugar com uma vibração rítmica e o chiado dos jatos de vapor. Os passos do homem a seguiam, aproximando-se, e os sons de seus sapatos combinavam com o pulsar das máquinas. Ele a alcançaria, o passado a alcançaria, e tudo aquilo estava acontecendo de maneira tão fácil. Ela nem havia gritado por ajuda.

Sem que percebesse, os olhos de Quin se fecharam. Mesmo correndo para salvar a própria vida, ela se perdeu por um instante, que talvez tivessem sido muitos. Quando abriu os olhos à força, estava no final do corredor, entre enormes aparelhos de ar-condicionado, que emanavam um calor com cheiro de óleo diesel. Ela não estava mais correndo. Virou-se devagar, descobrindo que estava cercada. Viu-se encurralada.

Havia cinco deles. Alguns eram jovens, mas todos eram muito mais velhos e maiores do que ela. Quin reconheceu o que estava mais próximo. Já havia visto seu rosto, com a barba escura malfeita, durante a perseguição.

Ela estava de costas para um dos gigantescos aparelhos de ar-condicionado. Os homens formavam uma espécie de semicírculo a seu redor. Alguns carregavam facas na cintura, embora os revistadores nos acessos à Ponte devessem impedir a entrada de qualquer objeto perigoso. Quin sentiu que se preparava para lutar, como se seus instintos estivessem tomando conta de seu corpo.

O sujeito com a barba malfeita lançou-lhe algo. Ela segurou o objeto por reflexo. Assim que sua mão o tocou sob a luz tênue, ela sabia que estava segurando a adaga de pedra. Lançou-a para longe, como se a arma a tivesse queimado. O homem interceptou a adaga antes que atingisse o chão e a enfiou mais uma vez na mão de Quin.

– Por favor, não a jogue novamente – pediu o Barba Malfeita.

Quin sentiu a pedra fria ao envolver o punho da adaga com os dedos.

– Diga-me que entendeu – disse ele.

Quin assentiu com a cabeça.

– Muito bem. Você demonstrará – ordenou ele.

– Demonstrarei?

Ele apontou para a adaga.

– Demonstrarei o quê? Não sei como. John... sabe o que vocês estão fazendo?

Embora aqueles homens obviamente trabalhassem para John, alguma parte de sua mente dizia que tudo ficaria bem se ela abaixasse a adaga e o encontrasse. John estava desesperado. Ela vira em seus olhos. Mas não queria machucá-la. Ele a amava.

Os homens se separaram um pouco para que ela visse o que havia atrás deles. John estava lá, agachado junto a uma parede. Ele a encarava com olhos sofridos.

– John...

Quin deu um passo na direção dele, mas os soldados a seguraram.

– Por favor, Quin – disse ele. – Preciso que você faça isso. Preciso que me ajude. Não diga não.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso... Não sei como...

– Você vai se lembrar, como se lembrou de mim – implorou. – Você pode me mostrar. Apenas me mostre.

Ela percebeu que estava ficando histérica.

– John, por favor! Esta não sou mais eu.

– Quin, eu preciso.

– Não posso! – insistiu ela, notando que sua voz soava desesperada, mas sem conseguir evitar. – Não posso mesmo.

John se esforçou para desviar os olhos dela. Encarando o chão, assentiu com a cabeça de leve. Sua cabeça desabou nas mãos, e os soldados se fecharam ao redor dela, voltando a escondê-lo. Quin se sentiu tonta outra vez.

– Demonstre – ordenou o Barba Malfeita.

– Não posso! – gritou ela.

Ele lançou o punho contra ela. Quin se esquivou depressa. O braço do homem se chocou no metal do ar-condicionado atrás dela, causando um estrondo terrível. Ele soltou um urro de dor, e um dos outros soldados a agarrou por trás, prendendo seus braços nas costas.

Barba Malfeita lançou o outro braço contra ela. Ela não conseguiu se soltar, e o punho dele atingiu sua barriga, fazendo-a se dobrar em uma explosão de dor. A garota ficou sem fôlego. Ele havia arrancado o ar de seus pulmões. *O passado pode ficar no passado.* Mestre Tan havia prometido. Ela não precisava lembrar.

O soldado atrás de Quin soltou seus braços, fazendo-a desabar no chão. Ela sentiu outra pontada de dor na velha ferida do ombro, e sua testa latejava da cabeçada que dera na testa de John. E o chão... estava tocando sua pele. Sujeira, germes, tudo. Ela começou a ser tomada pelo pânico.

– Sou apenas uma curandeira – disse, por fim. – Por quê...

– Mostre-nos – repetiu o soldado.

Ela o encarou, ainda segurando a adaga. De repente, um pensamento surgiu em sua cabeça: *Há algo faltando aqui!*

– Não posso – respondeu ela, arquejando.

Por trás do ronco dos motores, ela ouviu um ruído agudo. O quinto soldado, parado atrás dos outros, aproximou-se dela. No peito, estava preso um objeto enorme e feio, que lembrava um pequeno canhão. O objeto era feito de um metal iridescente, que cintilava de leve, mesmo à luz fraca do

ambiente. Conforme o guincho agudo que emanava dele aumentava, um estalar de eletricidade circundou seu cano.

– Você não quer usar isso – advertiu Quin, as palavras saindo de sua boca de maneira automática.

Prometera a si mesma que nunca mais seguraria aquela adaga de pedra. Também prometera, com certeza, que nunca mais olharia para aquela arma presa ao peito do homem. Ela sentiu o terror se assomar. *Fagulhas coloridas...*

No chão de concreto, Quin apertou a mão na adaga. *Eu poderia usar isto para sair daqui. Se... Se...*

O soldado correu a mão ao longo da lateral da arma, e o zumbido se intensificou. Havia dezenas de pequenas aberturas na arma. Quin viu um raio de eletricidade se arrastando pelos dedos do homem, que pairavam perto do gatilho.

– Eu vou mostrar a vocês – sussurrou ela. – Vou mostrar.

Dois homens a ajudaram a se levantar. Os outros soldados se movimentaram. John se aproximou para ouvir. Seu rosto estava pálido, magoado, como se quem tivesse sido agredido pelos soldados fosse ele, e não ela.

– Estes mostradores – disse ela, tocando os anéis de pedra no punho, com símbolos entalhados. – Você deve girá-los. Eles são suas... coordenadas.

Quin falava as palavras sem planejá-las. Era como acessar um roteiro que existia apenas em seu subconsciente. O medo da morte (*da morte, não, de algo pior!*, disse sua mente) trazia a explicação para a superfície.

– Primeiro, assim – explicou, alinhando uma série de símbolos ao longo do mostrador, consciente, de alguma maneira, de que estavam corretos –, e isso o levará para *Lá*.

– O que quer dizer com "*Lá*"? – perguntou o soldado mais próximo dela.

– Shh – disse John.

Seus olhos encontraram os dela, e a garota detectou vergonha neles, mas também outra coisa: ele parecia imensamente grato. Parecia novamente um homem se afogando, para quem um colete salva-vidas acabara de ser lançado.

– Deixe-a acabar. Este símbolo nos mostradores, para ir *Lá*. Por favor, continue, Quin.

Ela olhou para a adaga e os mostradores, mas a explicação havia se esgotado. Todos os olhos estavam voltados para ela, esperando que continuasse, porém ela precisaria de outro objeto para conseguir mostrar mais qualquer coisa. *Algo para a outra mão*, pensou. *Ele não quer me ferir; posso ver que não quer me ferir. Eu poderia ajudá-lo...* Por um instante, ficou paralisada, segurando a adaga de pedra. *Se eu ajudá-lo, voltarei a ser o que era antes. E John, ele se tornará...*

Estou pensando!, ralhou a si mesma. *Isso me fará falhar.* Ela forçou sua mente a clarear e logo viu uma linha de ação. Ainda era livre para escolher o que queria.

– Eu viro os mostradores – disse, segurando a adaga com ainda mais força –, depois o seguro com as mãos sobre a cabeça.

John a observava, em um estado de arrebatamento.

– Eu o giro, assim...

Ela baixou a adaga de pedra com o máximo de força possível, diretamente para o pescoço do Barba Malfeita. Ele levantou os braços para se proteger, tarde demais. O cabo da arma atingiu-o na garganta.

Por reflexo, as mãos de Quin saltaram para a cintura do homem e, de súbito, agarraram a faca dele. Ela chutou o corpo dele contra os outros

soldados. O segundo homem desviou do Barba Malfeita, que se debatia, e agarrou o braço de Quin. Ela levou a mão direita para o alto, talhando a garganta dele com a faca do outro soldado.

Quin ouviu um lamento agudo, que feria seus ouvidos, e, de repente, a arma presa ao peito do quinto soldado disparou fagulhas.

Despedaçador!, gritou sua mente.

Quin saltou para o chão, arrastando-se de quatro. Alguém a agarrou, tentando levantá-la. Um peso desabou sobre ela, depois rolou para o lado. Os braços e pernas de um dos homens se debatiam no chão, enquanto fagulhas elétricas das cores do arco-íris dançavam ao redor da cabeça e dos ombros dele.

John gritava para que não a ferissem. Outro homem a agarrou, e ela foi levantada do chão. Quin golpeou o ar com a faca, mas alguém segurou seu braço. Ela chutou, e o homem a derrubou. Subitamente, alguém se ajoelhou em suas costas, pressionando seu rosto no chão. Ela estava ficando tonta de novo. Desferiu outro golpe com a faca e sentiu tê-la cravado em um sapato. Um homem soltou um grito, mas, mesmo assim, ela não conseguiu se mover.

De alguma maneira, a luta acontecia sem ela. Golpes estavam sendo desferidos. O soldado que a prendia no chão cobriu-lhe o rosto com um pano molhado. Um odor a atingiu, como uma mistura de remédio e gasolina. Ela prendeu a respiração e se debateu, lutando contra a tontura. A faca havia sido arrancada de sua mão. Quin tentava afastar o homem de cima de si, desesperada para respirar. Ela começou a inalar. O que quer que estivesse no pano estava invadindo seus pulmões...

De súbito, o peso sobre ela sumiu. A garota estava de pé, e o braço de alguém envolvia sua cintura. Ela balançou a cabeça, respirando fundo.

– Venha – sussurrou a pessoa que a segurava pela cintura.

Era o rapaz do cabelo de onça, que começou a correr, puxando-a junto. Ela demorou um tempo para fazer as pernas voltarem a funcionar, mas depois começou a correr ao lado dele. Os sons continuaram atrás deles, enquanto disparavam pelo corredor escuro, em direção à área iluminada adiante.

– Com quem estão lutando? – perguntou ela.

– Com meu amigo Brian. Devem estar correndo atrás dele. Mas ele é mais rápido do que parece e conhece a Ponte melhor do que eles.

O garoto a puxou, passando pelo aeroelevador e entrando no corredor que se estendia do outro lado da Ponte.

– Eles iam, sabe, as *fagulhas*... – disse Quin, enquanto ele a puxava para a direita, adentrando um pequeno beco.

Os dois diminuíram o ritmo para passar por um espaço tão apertado que não lhes permitia ir mais rápido. Viraram novamente para a direita e se espremeram por uma fenda estreita, entre um enorme tanque de gás e um muro de concreto. Ele a deteve e passou para a frente. Na base do muro, havia um trecho grande de um preto mais escuro, que parecia algum tipo de abertura.

– Aqui – falou ele, ainda baixinho. – Este poço leva para baixo. Há uma escada lá dentro. Agarre-se a ela depois que eu tiver descido.

Ele se agachou e logo desapareceu no túnel. Quin o seguiu, tateando o caminho na escuridão e encontrando uma escada de metal. Ao começar a descer, ela enxergou a silhueta dele abaixo, movendo-se depressa. Tentou acompanhá-lo. A certa altura, uma nesga de luz atravessou os degraus: uma rachadura na parede. Ao olhar através dela, Quin viu água. Estavam dentro da couraça da Ponte.

A escada balançou de um lado para outro algumas vezes, e, depois que já haviam descido bastante, Quin viu uma abertura abaixo. Estavam saindo

na base da ponte.

– Cuidado – avisou ele. – O final é perigoso.

Ele estendeu o braço pelo vão da escada, abaixo dela, agarrou alguma coisa e puxou-se para fora de seu campo de visão. Quin desceu mais alguns degraus e encontrou um buraco no revestimento do poço, que dava passagem para a luz do sol. Inclinando a cabeça para fora do buraco, viu-o equilibrado em uma estrutura de caibros de metal. Ele agarrou-a pela mão e a puxou para perto. Ficaram juntos entre os caibros, com o Porto de Victoria cinquenta metros abaixo e a Ponte de Pedestres acima.

Ele a guiou por uma viga de metal longa a estreita. Enquanto ele caminhava à frente, Quin tentava não prestar atenção no abismo abaixo, concentrando-se nas roupas do rapaz. Ele se vestia como um membro de uma das gangues que compravam drogas legalmente dos fornecedores na Ponte e as vendiam ilegalmente nas ruas da cidade.

– Como sabia da existência deste caminho? – perguntou ela.

– Eu salto de coisas – disse ele, sem se virar – e as escalo por dentro, e, às vezes, nado sob elas. Tenho muitos esconderijos em Hong Kong.

Ele a guiou pelos caibros, até um lugar onde folhas de plástico haviam sido presas a vigas metálicas, formando um tipo de ninho em que uma pessoa poderia se sentar confortavelmente.

– Alguém nos encontrará aqui? – perguntou Quin. – Digo, pessoas com quem... você trabalha?

Depois do encontro com aquela gangue, ela não estava nada ansiosa para encarar outra.

– Ninguém mais gosta daqui – respondeu ele. – As pessoas têm medo de cair e morrer, ou algo assim.

Ele olhou para a água do porto abaixo. Um passo em falso, e qualquer um dos dois cairia e morreria. O garoto sorriu.

– Eu acho este lugar relaxante.

Quin subiu no ninho de plástico, notando que suas mãos estavam cobertas de sangue. E seu corpo inteiro estava imundo. Uma vez que ela estava em segurança por alguns instantes, sentiu os micróbios em sua pele.

– Preciso me lavar – sussurrou para si mesma –, preciso me lavar.

Respirou fundo. Não se permitiria entrar em pânico mais uma vez.

O rapaz a estudava, correndo a mão pelo cabelo estranho. Ela notou que as juntas de seus dedos estavam rasgadas em vários lugares.

– Você está diferente, não está? – perguntou ele.

– Perdão – disse ela –, mas qual é seu nome?

Capítulo 36

Shinobu

– Você está falando sério? – perguntou Shinobu.

Quin havia acabado de perguntar o nome dele. Shinobu riu, mas ela não parecia estar brincando.

– Estou certa de que sei – disse ela prontamente, olhando para as próprias mãos, cujas costas estavam cobertas de um sangue grosso e pegajoso. – Eu *já* soube. Vou lembrar, é só me dar alguns minutos. É só... que é difícil lembrar quando estou coberta de sujeira. Eu realmente, *realmente*, gostaria de lavar as mãos.

Shinobu olhou ao redor dos caibros vazios, como se antes talvez tivesse visto de passagem uma pia e uma grande barra de sabonete por perto, depois deu de ombros. As palavras nervosas dela pareciam um embuste. Quin nunca fora uma pessoa inquieta.

– Há alguma coisa no meu rosto? – quis saber ela, soando ainda mais desesperada. – Parece que tem sangue no meu rosto. Está perto da minha boca? Dá para ver?

– Pare com isso, Quin!

Ele a sacudiu pelos ombros, irritado, e viu os olhos dela entrando em foco. De fato, havia muito sangue em seu rosto, mas ele achou melhor não falar nada.

– Você não me reconhece? – perguntou ele. – Sou o Shinobu.

– Shinobu – repetiu ela, como se fosse a resposta de uma charada que a estava enlouquecendo, e um nome muito estranho para alguém ter. – Eu ouvi esse nome. Ele disse seu nome quando estava na minha casa.

– Ele?

– John – sussurrou ela.

– Ah, claro – respondeu ele, com a irritação profunda que sempre sentia quando ela falava de John; parece que ela não teve dificuldade nenhuma em se lembrar *dele*.

Quin estava mais uma vez transfixada pelas mãos sujas.

– Você tem água, Shinobu? Mesmo que seja só um pouco.

– Esqueça suas mãos!

Ele soltou um suspiro irritado. Havia acabado de salvá-la de uma abdução violenta, e ela estava preocupada com limpeza? Os dois tinham problemas piores, como a presença de John em Hong Kong, acompanhado de soldados armados, e a aparição do athame.

– De quem você acha que é este sangue? – perguntou Quin. – Será que é meu? Talvez eu esteja sangrando.

Shinobu sentiu uma pontada repentina de preocupação de que ela talvez tivesse se ferido sem saber. Examinou-a com mais atenção.

– Você não parece estar ferida – constatou ele, após algum tempo, aliviado, mas também um pouco desapontado, pois uma ferida talvez explicasse o comportamento dela. – Pelo menos, não seriamente.

– Não acho que eu esteja ferida... exceto por onde ele me atingiu – respondeu ela, mais para si mesma do que para ele, como se estivesse tentando encontrar um caminho em meio a uma névoa mental. – Parece que eu estava com uma faca – sussurrou –, e a faca cortou o pescoço de um deles.

– A faca cortou um deles, é? Que faca marota. Isso *realmente* explicaria tanto sangue.

– É só que... eu salvei a vida de um menino esta manhã. Ele teria morrido. Mas eu o curei.

Ela não conseguia desviar os olhos da sujeira nas mãos.

– Mas acho que não conta se eu... matei outra pessoa – acrescentou, e as últimas palavras saíram muito baixas.

– Já que está contando, acho que você matou dois soldados lá em cima – disse ele. – O que você atingiu primeiro não estava respirando muito bem quando fugimos.

– Não tive a intenção de matá-los! Você acredita em mim, não acredita? A faca estava... lá.

Ela encarava Shinobu com olhos agitados.

Irritava-o a dificuldade dela em admitir que havia lutado contra todos os cinco homens sozinha, antes de ele chegar. E era inquietante vê-la olhando para ele sem reconhecê-lo. Ele sentia um desejo violento de estapeá-la com força para que ela acordasse. Mas, a julgar pelos roxos que começavam a aparecer em seu rosto, John e os soldados já haviam batido nela várias vezes.

– Você não é irritante assim, Quin.

– Você não sabe o que sou – retrucou ela, com petulância.

Ele soltou uma risada desdenhosa.

– Tem razão. Talvez eu não saiba.

A garota ficou em silêncio por um instante, depois levantou o olhar das mãos.

– Desculpe. Obrigada por me salvar. Shinobu.

Ela pronunciou o nome com muito cuidado.

Ele deu de ombros, já desistindo de ter uma conversa normal.

– Imagine. Eu não tinha nada melhor para fazer.

– Seu nome é japonês? Você é japonês?

Quin não parecia estar tentando se lembrar, mas apenas ser educada.

– Se você não se lembra de quem sou, não adianta tentar explicar.

As palavras soaram mais rudes do que Shinobu queria, mas ele tentava esconder o fato de que ela o estava deixando triste.

– Mas conheço você, *sim*... – disse ela, como se tivesse enfim avistado os contornos de algo familiar em meio à névoa. – Como conheço John.

– É claro que você se lembraria de John antes de mim – murmurou ele.

– É só que eu o vi primeiro. Como ele me encontrou? Eu não estava... escondida, ou algo assim? Acho que estava escondida.

– Ele encontrou você porque encontrou o athame. Ao descobrir onde o athame estava, deve ter contratado pessoas para procurar por você. Você estava por perto.

– Athame.

Quin repetiu a palavra, como se fosse algo que tivesse ouvido em um sonho.

– John também o chamou disso.

– Provavelmente, porque é o nome daquela arma – disse Shinobu.

Ele enfiou a mão na jaqueta de couro e sacou o athame. Lá estava ele, de volta nas mãos dos dois. A adaga de pedra estava manchada de sangue, mas, fora isso, parecia intacta. Shinobu pousou-o numa folha de plástico ao lado dela, e na mesma hora ela se afastou dele.

– Por que você o pegou? – perguntou ela, com uma voz mais fina, em pânico. – Não quero isto.

– Eu também não. Mas não poderia deixá-lo com John, não é?

Quin não respondeu, mas seu silêncio indicava que talvez ela concordasse. Era alguma coisa, pelo menos.

– Talvez devêssemos jogá-lo no mar – sugeriu ela baixinho, como se estivesse experimentando dizer em voz alta.

– Você não é a primeira pessoa a ter essa ideia. Aqui.

Ele colocou a adaga nas mãos da garota e indicou que ela deveria lançá-la nas águas do porto. Quin se levantou do ninho e caminhou por um dos caibros, até ver a água embaixo. Shinobu viu o braço dela se erguer, preparando-se para lançar o athame. Mas ela não o lançou. Ficou parada lá, como uma estátua, com o braço levantado, encarando o Porto de Victoria.

Após alguns instantes, ela baixou o braço. Examinou a adaga com atenção, como se inspecionasse um objeto completamente novo. Ele viu os dedos dela traçando a raposa entalhada na base do punho. Quin acabou voltando para a prateleira de plástico e baixando o athame.

– Não posso jogá-lo fora.

– Por que não? – indagou ele, embora já soubesse a resposta.

– Quando está na minha mão... eu... não consigo – disse ela, parecendo se sentir tonta por um instante, mas depois melhorou.

– Devo devolvê-lo a John? – perguntou Shinobu, cuja voz carregava um sorriso oculto; estava tentando irritá-la.

– Não. – Ela desviou os olhos. – Não deve ficar nas mãos dele. Nada de bom resultaria disso.

Shinobu riu daquelas palavras, que soavam até otimistas demais, e esperou que ela risse junto. Mas Quin não riu. Era como se as partes agradáveis dela tivessem fugido, deixando para trás apenas a seriedade e o distanciamento.

– Então, o que quer fazer? – quis saber ele, depois de um longo silêncio dela.

– *Por que* ele está aqui?

– Quin, você sabe por que ele está aqui – respondeu o rapaz, frustrado. – *Pense.*

– Ele quer aprender a usar o athame – disse ela baixinho, olhando para a adaga. – Mas eu não lembro como usá-lo.

Shinobu não falou nada, então ela acrescentou:

– Talvez eu consiga me lembrar.

Quin ficou um tempo em silêncio, talvez pensando em tudo o que havia feito naquele um ano e meio. Shinobu se perguntou se as lembranças enterradas dela estavam brotando à superfície.

– Se eu não quiser lembrar, precisarei ir embora, não é? – disse ela por fim. – Agora, ele sabe que estou aqui. Continuará procurando por mim e pelo... athame. Talvez eu possa ser uma curandeira no Tibete, ou em algum outro lugar, onde ele nunca vai nos encontrar.

Então, quase em um sussurro, concluiu:

– Será que minha mãe virá comigo? Não tenho sido muito simpática com ela.

Shinobu suspirou e deslizou pelo plástico, aproximando-se dela. O efeito das drogas havia passado. Uma sensação nova e muito desagradável pairava no horizonte. Ele segurou o athame e o levantou diante dos olhos dela.

– Há uma falha no seu plano – explicou ele. – Eu joguei esta coisa para o fundo do porto. Este porto enorme, de onde entram e saem centenas de milhares de navios, e montanhas de lixo vão parar debaixo d'água. E aqui está ele agora, de volta na minha mão, um ano e meio depois. Fui eu quem o resgatou, é claro, mas não de propósito.

Ele largou o athame no colo e correu o dedo pela lâmina.

– E prometi a mim mesmo que nunca mais veria você, mas aqui está você, sentada comigo sob a Ponte.

– Você não queria mais me ver? – perguntou ela, com a mente ainda correndo na direção errada, a voz magoada pelo que ele disse.

– Você também não queria mais me ver – afirmou ele.

– Como sabe?

Os olhos escuros de Quin estudavam o rosto dele, como se ela realmente esperasse uma resposta.

– Você esqueceu meu nome, Quin.

– Eu esqueci tudo. Não apenas você.

– Você atendeu um paciente hoje de manhã – comentou ele, tentando mudar de assunto. – O que você salvou. Quem era ele?

– Um menininho. Overdose. Ele achou as drogas do irmão mais velho.

Shinobu sentiu uma pontada de vergonha ao apontar para si mesmo.

– Japonês, de cabelos avermelhados?

Ele inclinou o topo da cabeça na direção dela e viu Quin assentir devagar, notando que as raízes de seus cabelos cresciam ruivas sob a pintura de onça.

– Seu cabelo é ruivo – constatou ela.

Por um instante, até soou menos distante, mais presente, como se a cor do cabelo dele fosse um pequeno detalhe ao qual ela podia se agarrar.

– Sim, eu sou ruivo, prima Quin. O menino se chama Akio.

– Você é o tal irmão?

Shinobu sacou algo grande do bolso da jaqueta. Era a sacola de ervas que Quin havia enchido algumas horas antes, com o nome de Akio escrito na letra dela.

– De alguma maneira, não importa quão longe somos lançados – disse ele –, acabamos sempre voltando para você.

A garota pensou nisso por alguns segundos, enquanto esfregava as costas das mãos sujas nas calças.

– Talvez tudo esteja voltando para *você* – sugeriu ela.

Shinobu balançou a cabeça.

– Você me esqueceu. John não sabe que estou aqui. Minha mãe finge que não existo. Sou um fantasma, Quin. Se John viesse atrás de mim algum

dia, eu... eu me tornaria um fantasma de verdade. Estou procurando uma desculpa.

A maneira como ela esfregava as mãos deixava-o maluco, então ele as agarrou.

– Mas você... você parece estar presa a John, a não ser... a não ser que se livre dele.

– Como assim, "se livre dele"? – perguntou ela, embora compreendesse muito bem o que ele queria dizer.

– Não fique tão chocada – respondeu ele. – Ele a está forçando a fazer algo que você não quer.

Ele olhou para os jeans sujos. Estava margeando uma área das próprias lembranças aonde havia proibido a si mesmo de ir.

– Você pode se livrar dele, Quin. Ou pode dar o que ele quer. Você costuma dar o que ele quer.

Shinobu percebeu a amargura na própria voz. Mas era verdade. Ela sempre escolheu John. Mesmo naquele momento, Quin estava em silêncio, como se talvez quisesse passar um pouco mais de tempo com John antes de decidir se ele realmente era perigoso ou não.

Quin balançou a cabeça e com a voz mais alta disse:

– Não posso "me livrar" de ninguém. Sou uma curandeira. Não machuco as pessoas...

– Sim, é claro. E este sangue foi parar nas suas mãos por acaso. A faca feriu alguém por acaso. Você não teve nada a ver com isso.

– Não foi minha intenção! Você nem sabe se eles estão realmente mortos.

– Sim, talvez o pescoço daquele homem tenha crescido de volta. Pode acontecer.

Ele desviou os olhos. Se havia sentido uma conexão com ela antes, já não existia mais. Ela era enlouquecedora.

– Você não me conhece – disse Quin.

Tinha razão. Ele não a conhecia. Ela havia se tornado uma pessoa diferente em Hong Kong. Não queria a ajuda dele e não era mais responsabilidade dele. Ela trazia muitas lembranças desagradáveis.

– Gosto da minha vida aqui – disse Quin a si mesma. – Por que isso tinha que acontecer?

Shinobu ouviu uma gargalhada feia, que saía da própria boca.

– Nenhum de nós dois pode ter de volta a vida que tinha antes, Quin. Posso tirá-la da Ponte. E tenho algo para lhe dar, se você quiser. Depois, podemos seguir caminhos diferentes.

Ela assentiu com a cabeça, olhando através dos caibros para a água abaixo, que estava ficando cinza-escura com o fim da tarde.

Enquanto ela estava em silêncio, olhando para o outro lado, Shinobu olhou-a de soslaio. Viu alguns traços da velha Quin, de um ano e meio antes. Havia até um pouco da Quin que conhecera antes disso. Uma leve brisa ondulou os cabelos escuros ao redor do rosto dela, enquanto os olhos escuros encaravam o porto. Shinobu quase imaginou os dois muito mais jovens, esgueirando-se juntos entre as gramas altas que margeavam a área comum...

Ele se deteve.

– O sol vai se pôr. Quando a noite cair, poderemos ir.

Capítulo 37

John

– Não podemos afastar as fagulhas! – disse John. – Não é assim que funciona.

Fletcher, um dos soldados, havia enfim parado de sacudir os braços. Ele estava deitado no chão de concreto, e as únicas indicações de que continuava vivo eram um gemido ocasional e espasmos musculares. As fagulhas giravam ao redor de sua cabeça, em padrões tortos que até faziam a cabeça de John doer. Ele se sentia enjoado: havia acontecido de novo, um homem fora despedaçado.

E ele fora obrigado a ferir Quin. Ao ver Gauge agredindo Quin, sentiu-se pior do que quando ele mesmo levou um soco. Mas ela quase o ajudou; ela começou a ajudá-lo.

– Então, o que devemos fazer? Carregá-lo para fora da Ponte neste estado? – perguntou Paddon.

– Não se quisermos sair pelo caminho comum – disse John.

Ao esfregar a fronte com a mão, percebeu que sangrava e que sua testa estava inchada. Ele tinha levado um golpe pesado na cabeça durante a luta.

Paddon se aproximou para examinar o outro soldado, Brethone, que havia sido esfaqueado.

– Brethone está morto – afirmou, com a voz inexpressiva.

– E Gauge? – quis saber John.

Gauge era o soldado com a barba malfeita, que havia liderado o ataque.

– Ele sobreviverá – respondeu Paddon. – Ela esmagou a garganta dele, mas ele já está respirando normalmente.

Haviam perdido ainda um terceiro soldado. O homem que disparara o despedaçador estava caído perto dali, com o pescoço quebrado pelo asiático alto que surgira do nada. Dois homens mortos, um destruído, outro ferido.

– Quem eram os outros? – perguntou Paddon.

– Não sei.

O asiático alto e o outro, o grandalhão, pareciam criminosos comuns, do tipo que frequentava os níveis mais baixos da Ponte. Quando John levou a pancada na cabeça, Paddon perseguiu o grandalhão, mas o perdeu nas entranhas da Ponte. Pelo que John sabia, Quin havia simplesmente deixado a confusão com o athame na mão. Por quê? Ela nem queria tocá-lo antes. Após um ano e meio de busca, ele manteve a adaga na mão por apenas algumas horas, e arma já havia desaparecido de novo.

– Soldados morreram. Não será fácil explicar isso para meu avô.

– Provavelmente não – concordou Paddon, guardando o despedaçador em uma mochila.

– Quanto tempo durará o turno do nosso guarda?

Eles haviam subornado um agente alfandegário na entrada da Ponte. Teriam que deixar a Ponte enquanto ele ainda estivesse no posto, ou seriam questionados sobre sua entrada. E se as armas fossem encontradas...

– Mais vinte minutos, mais ou menos – informou Paddon, conferindo o relógio, e examinou o sangue na testa de John. – Precisamos nos limpar. Depois, voltar pelo caminho do qual viemos, separados.

Ele assentiu para si mesmo, calculando o tempo que seria necessário.

– Precisamos ir agora.

– Gauge consegue andar? – perguntou John.

Paddon debruçou-se sobre Gauge, que ainda estava com as mãos ao redor do pescoço, tentando aliviar a pressão causada pelo golpe desferido por Quin com a adaga de pedra. Ele tentou acenar com a cabeça.

– Sim, ele consegue andar – afirmou Paddon. – Mas precisamos... cuidar dos outros.

– Sim – concordou John, detestando a palavra que saíra de sua boca.

Ele se inclinou sobre Fletcher, que gemia entre as fagulhas do despedaçador. Caretas se formavam no rosto do homem, indicando a agonia que sentia por dentro. *Esteja disposto a matar*. Nunca era fácil, mas sua mãe teria considerado aquela uma morte pequena. John consolou a si mesmo com o pensamento de que, naquele caso, matar seria um ato de misericórdia.

Ele sacou a faca.

Capítulo 38

Quin

Quin estava no quarto das crianças, ouvindo o som dos outros, que vinha de algum outro ponto do corredor. Havia duas crianças no quarto com ela, um menino e uma menina. Talvez fossem gêmeos, mas era difícil saber. Estavam amontoados em um canto, junto ao papel de parede cuja estampa de flores lembrava manchas vermelho-escuras sob o luar.

Estou sonhando. Era um pensamento distante, vindo de algum canto longínquo de sua mente. *Sempre sonho com esta noite. Às vezes, há apenas uma criança, mas a verdade é que havia duas. Duas delas.*

– Estou assustada – disse a menininha em francês, os longos cabelos loiros desgrenhados ao redor dos ombros.

– Eu também – concordou o irmão dela.

Os dois pareciam aterrorizados, falando um com o outro, mas também com Quin, como se esperassem que ela fizesse alguma coisa. *Eles esperam que eu os ajude.*

Ela ouviu um grito vindo de outro cômodo. A voz de uma mulher ou de um homem. Era impossível dizer.

– É a mamãe? – indagou a menininha, arregalando ainda mais os olhos.

– Claro que não – respondeu Quin em francês, tentando acalmá-los, apesar de também sentir pontadas agudas de medo no peito. – Venham, vou tirá-los daqui. Segurem minhas mãos.

Eles estavam hesitantes. *Se eu os tivesse acalmado*, pensou ela, em uma parte distante de sua consciência.

– Venham, segurem minhas mãos – repetiu.

As crianças não seguraram, mas ela agarrou as mãos delas e as guiou até a porta. Escondendo-as sob seu manto, ela escapou do quarto e desceu o corredor.

Ao dobrar o patamar da grande escadaria, viu alguém perto da porta da frente, abaixo. Puxou as crianças para trás dos balaústres, escondendo-as. O menininho soluçava em arquejos baixos e desesperados junto à perna dela.

– Shh, shh – fez ela, ofegante. – Você precisa ficar quieto. *Por favor*.

A menininha chorava sem parar, mas quase sem emitir som.

– Muito bem – sussurrou Quin para ela.

Quin espiou de trás do corrimão e viu a figura perto da porta parar e olhar para cima, na direção do segundo andar. Será que os ouvira? Ela se virou, de costas para o largo balaústre, desejando que a pessoa não a tivesse visto. Uma bota pisou pesadamente no primeiro degrau, depois no segundo. Ouvira-os! Estava subindo a escadaria. Ela agarrou as mãos das crianças, pronta para correr pelo salão do segundo andar.

De repente, ouviu um ruído vindo de um cômodo mais distante, abaixo deles. Os passos do homem recuaram. Ela olhou para baixo e viu que ele se distanciava da escadaria, com o longo manto balançando ao redor das pernas, e caminhava rumo a outra parte da casa. Ele não era um homem qualquer, é claro. Era Briac. *Briac*, pensou ela, com a parte da mente que sabia que aquilo era um sonho. *É o nome dele, mas eu o chamo de outra coisa.*

Assim que Briac desapareceu, ela desceu a escadaria correndo, e as crianças se agarraram às suas mãos. A menininha tropeçou no primeiro degrau, derrubando um vaso pousado em uma pequena mesa encostada na parede. Antes que o objeto atingisse o chão, Quin agarrou as duas crianças pelo peito e correu para a porta da frente.

Ela ouviu o vaso se estilhaçar atrás deles, seguido de passos pesados se aproximando. Ele estava vindo.

– Quin! – gritou Briac. – Quin!

E se eu não tivesse parado?, perguntou-se ela, com a parte da mente que não estava sonhando. *E seu eu tivesse continuado a correr? Posso continuar...*

Ela atravessou a porta e alcançou o ar noturno. As crianças eram pesadas demais para continuar a carregá-las, mas então ela viu Yellen. Como por um milagre, seu cavalo esperava do lado de fora, batendo com o casco no chão, impaciente. *Yellen não estava lá*, disse sua mente. *Mas e se estivesse?*

Os passos irados das botas ficavam mais altas. As crianças ainda choravam, mas sentiam a urgência do momento e ajudavam. Desesperada, Quin jogou as duas nas costas de Yellen e saltou na sela entre elas.

Os passos de Briac pareciam um trovão. Ele havia acabado de sair pela porta.

– Segure-se bem! – ordenou ela ao garoto, que estava sentado atrás dela.

Ele abraçou-a pela cintura.

Uma sombra na entrada, uma voz irada, chamando seu nome. Ela não parou para olhar para trás. Enterrou os calcanhares nos flancos de Yellen, e o cavalo disparou pelo caminho de cascalhos que cortava o jardim iluminado pelo luar.

– Quin! Você precisa fazer isto! Você não tem escolha. Agora.

O sonho é meu, pensou. *Posso ignorá-lo. Posso consertar isto.* As crianças se agarravam a ela, o vento soprava nos cabelos, e Yellen levava os três para longe. Ela mal sentia as lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Capítulo 39

Quin

– Quin, você c... caiu no sono.

Alguém a sacudia. Ela acordou aos poucos. E percebeu que seu rosto estava molhado e espremido junto a uma folha de plástico duro. Sentou-se com esforço. Havia chorado enquanto dormia.

– Ah, meu Deus.

Suas mãos estavam encrostadas de sangue seco, e parte do sangue havia sido umidificada pelas lágrimas. Manchas vermelhas sujavam o plástico. Ela precisava desesperadamente tomar um banho, e todos os seus músculos doíam.

Eles estavam nos caibros sob a Ponte, e o sol havia se posto. Seus pensamentos pareciam muito mais claros do que antes, como se as lágrimas tivessem afastado as nuvens de sua mente.

– Preci... ci... cisamos i... ir, certo? Você dor... dormiu por muito tempo.

Shinobu. Shinobu, o ruivo, cujos cabelos não eram mais vermelhos. Ele estava sentado na beirada da folha de plástico, tremendo muito. O ar estava um pouco gelado, mas ele vestia uma grossa jaqueta de couro, que deveria mantê-lo aquecido.

– Meu D... Deus, vocês está com uma apa... aparência terrí... terrível – disse ele quando ela ajeitou o corpo.

– Você também.

O lado curandeiro de Quin o analisou à luz tênue. Havia círculos escuros sob seus olhos, e ele estava magro demais. Tremia tanto que as mãos batiam na folha de plástico.

– Como sairemos daqui? – perguntou ela.

– Nadando – respondeu Shinobu, com um sorriso, e seus dentes começaram a tiritar.

Quin riu, depois se deu conta de que ele estava falando sério.

– Descemos p... por uma pilastra, nadamos um p... pouco. Não é longe.

– Você está tendo uma crise de abstinência – disse ela, chegando de repente a essa conclusão. – Ópio? – indagou, estudando-o com um olhar de quem sabia.

– É... é difícil dizer – respondeu ele com um sorriso fraco. – Sh...Shiva, ópio, pode ser qualquer coisa, na verdade. N... não estava planejando resgatá-la hoje. Meu plano era passar o dia nos bares de drogas.

– Deite-se.

Quin gostou da firmeza que ouviu na própria voz. Até o sangue em suas mãos passou a incomodá-la menos assim que ela decidiu cuidar de outra pessoa.

– Não é uma boa ideia descer vários metros tremendo desta maneira.

– Vo... você deve ter razão – concordou ele.

O garoto se deitou, e Quin se ajoelhou ao lado. Ela concentrou os pensamentos e aos poucos deslocou a visão. Era como deixar que os olhos desfocassem até aspectos ocultos se tornarem visíveis. Ela via linhas de energia cor de cobre fluindo ao redor do corpo de Shinobu. Em uma pessoa saudável, as linhas formavam um padrão regular, quase belo em sua simetria. O campo ao redor de Shinobu, no entanto, estava quase todo partido por trechos escuros.

Quin fechou a mente para todo o restante do mundo e se concentrou na energia que corria por seus braços. Abrindo bem os dedos, ela flutuou as mãos sobre o corpo dele. Depois, imaginou a energia dele como um rio que fluía para baixo, derramando-se de seus dedos até as manchas escuras que

pairavam sobre os órgãos de Shinobu. Seu rio de energia lavaria as áreas escuras.

Para enxergar a energia daquela maneira era necessário usar um tipo de concentração muito estranho, como um músculo que estava sempre tensionado. Ela trabalhou muito tempo em silêncio, até as manchas começarem a se desfazer, e Shinobu parou de tremer. Ele permaneceu deitado, observando-a, enquanto ela terminava, e à meia-luz ela enxergava além das roupas, dos cabelos e dos piercings dele. Enfim, viu um rosto que reconhecia. *É claro*, pensou ela. *Shinobu. Meu lindo primo.*

Ela foi tomada por uma sensação de tristeza, pelas costelas dele, visíveis sob a camiseta, pelas roupas imundas, pelo vício. *Você não foi sempre assim*, pensou ela. *Isto é algo novo.*

– Isto combina com você – sussurrou ele, levantando a mão para tocar a bochecha dela.

Ele devia estar tão sujo quanto ela, ou até mais, mas não lhe causava repulsa.

– O que combina comigo?

– Usar sua mente para algo bom.

Shinobu permaneceu com os olhos fixos no rosto de Quin, como se quisesse que ela se aproximasse mais. Ele parecia ter ficado irritado antes de ela cair no sono, como se mal aguentasse estar em sua presença, mas, de alguma maneira, a raiva havia se dissipado.

– Não quero mais lhe causar nenhum problema – sussurrou ela, inclinando a cabeça para mais perto dele. – Se conseguir me tirar da Ponte, estará livre de mim. Eu prometo.

– Tenho tentado me livrar de você há muito tempo – disse ele, afastando os olhos. – Você sempre volta.

Ouvir aquilo foi doloroso, mas ele tinha razão. Ela havia trazido John e o passado de volta para a vida dele. Shinobu era um viciado, que já mal dava conta de cuidar de si mesmo. Independentemente do que tinham significado um para o outro no passado, cuidar dela já não era mais responsabilidade dele. Ela precisava cuidar de seus problemas sozinha.

Pouco depois, os dois atravessaram os caibros, até uma enorme estaca vertical. Havia degraus de metal enterrados na superfície de concreto, pelos quais Shinobu desceu, seguido de perto por Quin. O sol já se pusera e a lua estava no céu, e eles desceram os degraus em direção ao reflexo do astro, que flutuava na água abaixo. Em todas as direções, ela via as luzes brilhantes dos navios se movendo pelo porto, mas a água logo abaixo estava vazia e imóvel.

Ao se aproximar da água, Shinobu apontou para um retângulo que pairava logo acima da superfície, entre as pilastras onde estavam e outra idêntica, a cerca de cinquenta metros. O retângulo era o topo de uma espécie de poço que descia para o fundo do porto.

– Tem certeza? – perguntou ela.

Parecia uma distância muito longa para nadar no oceano escuro e pouco convidativo.

– É um poço de manutenção para o metrô e para os túneis que cruzam até o lado da Ilha. O porto é cheio deles. Brian e eu contamos mais de cinquenta uma vez e só paramos de contar porque estávamos ficando sem ar. Podemos usar os túneis para atravessar até Kowloon sob a água.

– Eu sei nadar? – perguntou ela, consciente de como a pergunta parecia estranha, mas ela realmente não lembrava.

– Rá! – Ele sorriu. – Vamos descobrir!

Em seguida, saltou do degrau para a água. E voltou à superfície um segundo depois, esperando por ela.

Antes que pudesse mudar de ideia, Quin saltou. Sentiu um choque congelante ao ser envolvida pela água do porto; em seguida, voltou à superfície, descobrindo que sabia nadar, sim. Juntos, Shinobu e ela partiram em direção ao poço, com o luar refletido na água, sempre um pouco à frente deles.

* * *

Ela se lavou, por fim. Nenhuma chuveirada jamais pareceu tão deliciosa quanto aquela. Quin esfregou a pele e o cabelo uma dúzia de vezes, até se livrar de cada rastro de sujeira e sangue. Estava na casa da piscina, escondida nos fundos de um enorme jardim. Após se certificar de que estava bem limpa, caminhou pelo chão aquecido do vestiário e vestiu um robe. Encarou suas roupas velhas, amontoadas ao lado do chuveiro. Ela não voltaria a vestir aquelas roupas de maneira alguma. Enfiou-as em uma lata de lixo e voltou a lavar as mãos.

Shinobu havia desaparecido dentro da casa principal. Em silêncio, Quin saiu da casa da piscina e atravessou o jardim, até se encontrar sob uma das janelas mais baixas da casa. A casa não era grande, mas era linda, no bairro mais rico que ela já vira em Hong Kong. Os dois haviam chegado ali após uma caminhada de uma hora através dos túneis escuros sob o porto, depois de andar pelas ruas noturnas e ridiculamente lotadas de Kowloon e, por fim, de viajar no banco de trás de um táxi, enquanto o motorista desconfiado espiava os dois passageiros molhados e sujos através do espelho retrovisor.

Ela viu Shinobu pela janela, saindo de um enorme closet com uma bolsa agarrada ao peito. Enquanto ela o observava, ele parou ao lado de uma pequena cama encostada em uma parede. Akio estava deitado lá, o menino que Quin vira aquela manhã no consultório. Shinobu debruçou-se sobre o

corpo adormecido do irmão e passou muito tempo sussurrando algo em seu ouvido. Depois, beijou a testa do menino várias vezes. Quando ele se levantou, Quin se escondeu sob a janela, para que o rapaz não percebesse que ela assistia àquele momento íntimo.

– Aqui – disse Shinobu, ao deixar a casa. – Algumas roupas. São minhas, então vão ficar grandes demais, mas estavam aqui na casa da minha mãe, então estarão limpas.

Ao voltar para o vestiário, ela vestiu as velhas calças jeans e o suéter de Shinobu, dobrando as mangas que pendiam sobre as mãos e enfiando as longas pernas das calças dentro das botas úmidas.

Ao sair, viu Shinobu sentado na grama próxima à piscina, junto ao athame no chão. Ao lado da adaga, encontrava-se outra arma, que parecia um chicote com um punho de espada.

Quando a garota se aproximou, ele estava dobrando a perna esquerda dos jeans. Havia uma lâmina plana de pedra em sua canela, enfiada na bota. Depois de sacá-la com cuidado, ele a deitou ao lado dos outros itens.

Quin sentou-se junto dele no chão e apontou para a arma enrolada.

– Um chicote?

– Uma espada-chicote.

– Espada-chicote – repetiu ela, achando óbvia a palavra.

– Eu a guardei para você – disse ele. – Quando você estava ferida. É melhor ficar com ela agora.

– É minha?

– É. Você realmente não se lembra?

– Sinto que eu deveria saber isso. Mas não sei, exatamente, ainda.

Ela estudou a espada-chicote sem tocá-la.

Shinobu ficou pensativo por um instante, encarando as botas arranhadas.

– Você estava quase morta quando a levamos até o Mestre Tan – contou ele. – Na verdade, acho que você *estava* morta, por alguns minutos, até ele a ressuscitar.

Quin não se lembrava. No entanto, algo sutil estava mudando em sua mente. Coisas que antes estavam no fundo do oceano passaram a flutuar um pouco mais perto da superfície.

– O Mestre Tan não sabia se conseguiria trazê-la de volta – continuou Shinobu, com a voz um pouco trêmula. – Você disse que não queria viver.

Ela lembrava, de alguma maneira.

– Como ele sabia? – perguntou ela.

– Ele é o Mestre Tan.

Shinobu tamborilou com o dedo na cabeça.

– Ele sabe das coisas... e você nos afastava sempre que tentávamos ajudá-la. Depois, ele deitou você na mesa. Eu tinha certeza de que você não voltaria mais. Mas, quando Mestre Tan disse que você poderia ter uma vida nova se quisesse, que poderia deixar a vida antiga para trás, você voltou a respirar.

Ele desviou os olhos.

– Somos Seekers, Quin, somos nós que fazemos coisas estranhas. Mas o Mestre Tan enfeitiçou você.

– Por que usa essa palavra? – indagou ela baixinho.

– Que palavra? "Enfeitiçou"?

– Não. "Seekers."

Ele se virou para ela, como se tentasse descobrir se as perguntas eram honestas.

– É o que somos, Quin – disse, ao perceber que ela falava sério.

Com cuidado, Shinobu retirou o bracelete grosso e espetado do pulso esquerdo. Em seguida, estendeu a mão e levantou a manga do suéter de

Quin. Alinhando seu pulso com o dela, traçou as cicatrizes idênticas em forma de adaga. Quin se forçou a examinar a forma queimada no braço. Não era uma simples mancha, como ela vivia repetindo para si mesma. Era algo completamente diferente: ela havia sido marcada.

– Uma Seeker – sussurrou Quin, experimentando a sensação daquele título.

Ela não gostava nada daquilo.

– Não é exatamente o que somos, eu acho – disse Shinobu baixinho. – É o que *fomos*. O que esperávamos ser.

Ele encarava a grama, sem olhar para ela. Havia uma fagulha de luz refletida em seu rosto, e Quin notou que uma lágrima escorria pela bochecha dele. Parecia que a presença da lágrima não era natural. Era como ver um animal selvagem chorar.

Shinobu enxugou a lágrima com a manga da jaqueta, espalhando mais sujeira no rosto. Ela desviou o olhar, envergonhada.

– Minha mãe estava aqui o tempo todo. Durante todos aqueles anos – contou ele, tão baixo que poderia estar falando consigo mesmo.

Quin ligou os pontos. A mulher no consultório aquela manhã, ela já a conhecia, de muito tempo antes... na Escócia. Sentiu um fluxo de emoções, uma mistura de tristeza e pavor. Ela estava começando a lembrar...

– Minha mãe estava *morta* – continuou Shinobu. – Era o que eu acreditava. Foi o que ele me disse. Mas ela não estava. Estava aqui, com meu irmão. Quando ela descobriu que estava grávida do Akio, meus pais bolaram um plano para ela fugir. Meus antepassados eram donos de propriedades aqui. Meu pai viveu sem minha mãe por sete anos, para que ela e Akio pudessem ser livres. Ele não podia me dizer, não podia me avisar, porque Briac... Mas ele nunca deixou de tentar nos libertar também, para que voltássemos a ser uma família.

– Livres de Briac – sussurrou Quin.

Briac, seu pai. Ela o vira em sonho. *Prometi a mim mesma que o mataria*, pensou. *Para que pudesse ser livre, junto com Fiona.*

– Abandonei meu pai lá, à beira da morte.

A voz de Shinobu soava vazia. Quin estendeu a mão, mas ele se afastou.

– Algum dia, vou me esquecer de comer, de conferir meu cilindro de ar, fumarei cachimbos demais no bar. Não sou um Seeker. Acho que nem sou mais uma pessoa. Sou um fantasma esperando a morte chegar.

Os dois permaneceram juntos em silêncio.

– Também me sinto assim – disse Quin, por fim. – Mas acho que talvez eu seja um fantasma esperando pela vida.

Ela levantou a espada-chicote com cuidado. O punho se encaixava com perfeição em sua mão direita. Sem parar para pensar, ela mexeu o pulso em um gesto automático. O chicote se desenroscou com um estalo, levando Shinobu a se esquivar, e Quin fez a arma tomar a forma de cinco diferentes espadas em rápida sucessão. Em seguida, agarrou a lâmina, observando-a se derreter ao redor de seus dedos. Levantou os olhos e encarou Shinobu.

– Ela me conhece – disse a garota.

– É claro.

Quin estalou a espada-chicote, fazendo-a tomar novas formas: uma cimitarra, uma rapineira, uma montante. Em seguida, agarrou a lâmina novamente, deixando que poças oleosas e escuras escorressem por sua mão.

– Nunca fui uma Seeker – murmurou ela. – Eu era um peão.

Ele não respondeu. Estava recomeçando a tremer, e ela esperava que fosse por causa do frio.

– Eu era o peão no jogo do meu pai – continuou ela, sem saber ao certo se aquilo era uma lembrança retornando, mas, de alguma maneira, *sabia* que era verdade. – Sempre fui o peão dele. E agora de John...

Quin estalou a espada-chicote, formando uma adaga, e a fincou na grama. Superou a relutância e pegou o athame, para estudar os símbolos ao longo do punho. Depois, prendeu-o a um dos passadores de suas calças.

Ela levantou a vara achatada de pedra que Shinobu havia escondido na perna das calças.

– Vara de relâmpago – disse ele.

– Vara de relâmpago – repetiu ela.

Quin enfiou a vara de relâmpago em outro passador das calças, prendendo as duas armas de pedra nos jeans emprestados, como revólveres. Ao pegar a espada-chicote do chão, sua mão se sujou de terra, mas ela não a limpou. Estava enfurnada em sua casa na Ponte havia mais de um ano, com medo até da própria sombra. No entanto, em um único dia, havia salvado a vida de uma criança e matado um homem, talvez dois. A sujeira poderia esperar.

Ela se levantou.

– Não quero mais ser um peão.

Atou a espada-chicote à cintura, depois sacou o athame e a vara de relâmpago dos passadores das calças. Ela observou os próprios dedos alinhando os símbolos ao longo dos mostradores do athame. De repente, seu coração começou a bater mais rápido. Estava aterrorizada, e a sensação era boa. Parecia que estava viva, após um sono de mais de um ano.

– Mostre-me – disse ela.

Shinobu se levantou e se aproximou. Estudou os símbolos que ela havia alinhado e assentiu com a cabeça.

– Sim... isso a levará para *Lá*. Então, você precisará das coordenadas do lugar onde pretende ir *depois* de lá.

– O que devo dizer? Ensine-me novamente.

Shinobu parou atrás de Quin e segurou os braços dela junto aos seus, posicionando o athame e a vara de relâmpago de maneira que pudesse bater um contra o outro. Com seu corpo junto ao dela, a tremedeira começou a diminuir. Ela notou que ele estava muito mais alto e, apesar de ter emagrecido bastante, era muito forte, como um muro às suas costas, sustentando-a.

– No princípio, havia o zumbido do universo – sussurrou ele em seu ouvido.

Com aquela frase, era como se ele tivesse aberto uma torneira na mente dela. As palavras começaram a escorrer da boca de Quin, e os dois a recitaram em uníssono:

– O athame encontra o caminho, cortando o tecido trêmulo para nos levar até *Lá*.

– Agora, o cântico – sussurrou ele. – Recite-o junto comigo.

Conhecimento de si, conhecimento de casa, uma noção clara de...

– *... de onde venho* – continuou ela –, *para onde vou...*

– Para onde você vai? – perguntou ele.

O corpo dele estava morno e firme atrás dela, mas Quin é que havia começado a tremer.

– Para onde acha?

Capítulo 40

John

John parou na porta do escritório, momentaneamente chocado pela visão do avô. Gavin estava debruçado sobre a mesa antiga; sua forma sombria contrastava com as janelas enormes do aposento, e suas costas tremiam. Tossia, mas também parecia estar chorando. O escritório cheirava a queimado.

– Vô?

Gavin levantou o rosto dos braços em um movimento brusco. John deu um passo involuntário para trás ao ver o rosto do avô. Os olhos dele estavam desalinhados, a pupila do olho direito tinha duas vezes o tamanho do esquerdo, e a parte normalmente branca dos dois olhos estava completamente vermelha.

– Feche a porta! – disse Gavin com dificuldade, entre tossidas. – Não quero que me vejam assim!

John olhou para os dois lados do corredor antes de fechar a porta. Ele concordava que ninguém deveria estar por perto para ver o avô naquele estado.

O velho voltou a tossir, mas, uma vez que a porta estava fechada, John notou, entre os acessos de tosse, um som sibilante que vinha de algum lugar no escritório.

– Onde está Maggie? – perguntou John, dirigindo-se apressado ao bar junto a uma das paredes e servindo um copo d'água, que levou até Gavin. – Que barulho é este?

O avô segurou o copo de maneira nervosa, só com a mão esquerda, e deu várias grandes goladas, tossindo água sobre o casaco.

– Onde está Maggie? – repetiu John.

O ruído sibilante estava mais alto, como o som de ar atravessando um cano. Deveria vir de algo próximo, mas o escritório estava escuro à luz matinal que vinha de fora, e, analisando a mesa, John não viu nada.

– Três dos meus soldados morreram na Ásia, John, e você acabará comigo – coaxou Gavin, antes de ter mais um acesso de tosse.

O copo já estava vazio. Ele havia bebido parte da água e derramado o restante.

John pegou o copo para enchê-lo mais uma vez.

– Vovô, onde está Maggie? Não a encontrei na nave.

– Onde está Maggie? – perguntou Gavin atrás dele, com a voz afinando, em um tom de histeria. – Você quer saber onde está Maggie? Eu a mandei embora. Eles querem me expulsar, querem roubar o que é meu. Inclusive Maggie!

Então, soltou um grito de dor.

John virou e viu uma chama azul e reluzente na mão direita de Gavin.

– O que está fazendo? – gritou ele, correndo de volta para a mesa.

No instante que levou para atravessar o quarto, John viu Gavin direcionar a chama na mão direita para a manga do braço esquerdo.

Era um maçarico. Um objeto muito pequeno, apenas uma lata do tamanho de uma mão, com um cano ondulante saindo da ponta, mas a pequena chama era de um azul intenso e chiava muito alto. Gavin o escondia sob a mesa. De repente, John lembrou que aquele era o maçarico que vira no armário do escritório, um ano e meio antes, entre os itens que haviam pertencido ao pai, Archie. Gavin, que antes gostava de acariciar

aqueles objetos, usava-os contra si mesmo. John sentiu mais uma vez um cheiro de queimado, forte e cáustico.

– Pare com isto!

Ele agarrou o pulso direito de Gavin, mas, em um momento de força selvagem, o avô soltou o braço e se levantou da mesa. Mirou novamente a chama contra si mesmo, soltando um grito de dor quando o fogo o queimou através do casaco.

John tentou detê-lo, mas Gavin girou o maçarico, e John foi obrigado a se esquivar, sentindo uma onda de ar quente atingir seu rosto. Viu, então, uma série de pontos queimados ao longo da manga do casaco de Gavin. Sob eles, notou trechos de pele rosada e ferida. Quanto tempo havia que o avô estava fazendo aquilo?

– Vovô, o que está fazendo? Você está se machucando!

– Eu não... eu... não...

Ele voltou a tossir.

– Estou concentrando minha mente. Archie usava isto quando consertava carros. Ele prestava tanta atenção... Se eu me concentrar... Conseguirei ver uma saída.

O olho direito de Gavin vagou para o lado, fora de sincronia com o esquerdo. Ele continuava balançando o maçarico contra John.

– Meu pai não se queimava com um maçarico – disse John. – Este não... não é você, vovô! Há quanto tempo Maggie foi embora?

– Eu a mandei embora logo depois que você viajou para a Ásia, John. Catherine falou... eles querem nos matar. *Todos* eles.

Em sua paranoia crescente, Gavin mandara Maggie embora, mas, ao fazê-lo, condenou a si mesmo. Estava perdendo a cabeça. John saltou em direção a ele, porém o velho deu um passo para trás, aumentando a chama do maçarico e o girando em um arco.

– Vovô, se Maggie foi embora, precisamos trazê-la de volta.

Ele tentou agarrar Gavin mais uma vez, mas o avô se manteve fora do alcance.

– Você não pode viver sem...

– Você matou meus soldados, John...

– Eu não os matei. Juro.

Ele tentou agarrar Gavin, mas deu de cara com outro sopro de ar quente quando o velho apontou o maçarico para seu rosto.

– Nós nos envolvemos em uma briga...

– Agora, eles vão me expulsar, com certeza... – começou Gavin, antes de se dobrar em mais um acesso de tosse.

John aproveitou o momento e o agarrou. Gavin jogou os braços para o alto, tentando afastar o neto. Ele era muito mais fraco do que John, mas estava sendo movido pelo desespero, e John não queria machucá-lo. O avô o agarrou com força, enterrando a mão esquerda na pele de John, enquanto a direita girava loucamente o maçarico. De repente, John sentiu uma dor lancinante no antebraço. Havia sido atingido pelo maçarico. A chama queimava sua pele.

Ele soltou um grito e empurrou o avô com força. O velho desabou, e o maçarico rolou por seu peito, queimando-o, antes de cair no chão. John saltou para pegar o maçarico, desligou-o e o chutou para o outro lado do escritório. Ao se virar, encontrou Gavin jogado no chão, pequeno, fraco e ferido.

O avô o encarou, aterrorizado. Devagar, seu olho direito se alinhou ao esquerdo. As pupilas continuavam desiguais, mas os dois olhos se fixaram no neto.

– Você também? – perguntou ele. – Você também está atrás de mim, John?

John ajoelhou-se diante dele e segurou-o pelos ombros.

– Não estou atrás de você. Este não é você!

Ele forçou Gavin a encará-lo. Em seguida, falou as palavras que estava tentando evitar havia anos.

– Nós... nós envenenamos você, vovô. Entendeu? É o veneno que está fazendo você pensar assim.

Gavin se arrastou para longe de John, ainda o encarando com olhos loucos, mas pareceu absorver o significado do que John disse. Aos poucos, seu rosto ficou mais calmo.

– O quê? – perguntou ele. – Como assim?

O escritório ainda estava escuro à luz do início da manhã, mas John viu bem a mancha vermelha em seu braço, que já estava formando bolhas graves. Todo o seu braço, do pulso ao ombro, havia começado a doer. Agarrou o braço esquerdo do avô e estudou a fileira de queimaduras. Eram graves, assim como as queimaduras no peito dele. John precisaria chamar um médico para os dois.

Sentou-se com dificuldade no chão ao lado de Gavin.

– A tosse. É um dos sintomas... espasmos na traqueia. Os espasmos musculares e tiques. As pupilas dilatadas. A confusão mental. São efeitos do veneno.

– Vocês me envenenaram? – sussurrou Gavin com um olhar arrasado. – Veneno mesmo, de verdade?

– Minha mãe – respondeu John.

Respirou fundo, devagar, rangendo os dentes para afastar a agonia que escalava seus braços em ondas escuras, no mesmo ritmo da respiração. Ele segurou o braço mais perto do corpo.

– Foi Catherine, há anos.

Ele sentiu uma vibração no quadril. Com o braço saudável, retirou o telefone do bolso e estudou a imagem que apareceu na tela. Por um instante, esqueceu a dor e sentiu uma onda de esperança. Ela estava entrando em contato. John não pensou que ela faria isso, mas ela o havia contatado. Ele poderia conseguir, se mantivesse Gavin são por um instante e contasse com a ajuda dele mais uma vez.

– Catherine me envenenou – disse Gavin baixinho, encarando o chão.

Seu coração estava partido. O olho direito estava ficando desalinhado de novo.

– Por que ela faria isso?

– Foi antes de ela conhecê-lo direito, antes de vocês se tornarem próximos. Ela... ela queria controlá-lo de alguma maneira, caso você se tornasse uma ameaça.

– Ela me deu tanto. Eu nunca, nunca...

– Foi um erro, vovô. Um erro terrível. O veneno vem minando sua sanidade há anos. Ela não deveria ter feito isso. Ela... ela nunca acreditou que podia confiar em ninguém. Essa não era a melhor qualidade dela.

– Eu nunca me oporia a ela – disse ele, encarando as queimaduras ao longo do braço, como se só naquele momento começasse a senti-las. – Então, estou morrendo?

– Não sei. O veneno vive permanentemente no seu corpo.

John tentou falar de maneira delicada. Ajustou o braço, tentando encontrar uma posição que doesse menos.

– Você tem recebido o antídoto desde muito antes da morte dela. *Maggie* tem lhe dado o antídoto. Mas não está mais funcionando como antes. Não sei por quê. Porém desde que você mandou Maggie embora não tem mais recebido antídoto.

Gavin desviou o olhar das queimaduras. John esperava que ele estivesse com raiva, contudo viu um olhar de alívio tomar conta do avô.

– Eu não sou louco? – indagou ele. – Não estou perdendo o juízo?

– Você se queimou com um maçarico, vovô – disse John. – É possível que esteja louco. Mas a culpa não é sua. Perdão.

Era estranho pedir desculpas se fora Gavin quem o queimara, mas, ao ver o velho naquele estado descontrolado, tudo o que John sentiu foi remorso.

Ele viu a paranoia começar a tomar conta da expressão de Gavin mais uma vez. Os olhos do velho perderam o foco, saltando pela sala, e ele sussurrou:

– Eles estão vindo atrás de mim. Vão se livrar de mim.

– Não – retrucou John com firmeza, agarrando-o com o braço saudável. – Não há ninguém aqui agora, vovô. A *Traveler* continua em nosso poder.

Ele colocou a mão sob o queixo de Gavin e virou o rosto do velho, para que o encarasse.

– E eu estava tão perto. Eu o segurei nas minhas mãos.

Ele olhou o telefone, no chão, ao lado. Depois, voltou a encarar os olhos ensandecidos do avô. Uma risada áspera e involuntária escapou de sua garganta. Sua mãe queria que ele ficasse com Gavin como uma forma de proteção e estabilidade, mas o que o avô oferecia era justamente o oposto. Ele se tornara mais um peso que John era obrigado a carregar.

– Maggie voltará para ajudá-lo – disse John. – Depois, já sei para onde devo ir. Desta vez, eu *realmente* o pegarei de volta.

Capítulo 41

Quin

O tempo estava ficando mais longo. Quin ouvia a própria respiração no escuro, e cada inalação e exalação se estendia, parecendo levar minutos até se completar. A eternidade a cercava, como a água do rio que corria ao redor da fazenda.

As palavras do juramento flutuavam em sua cabeça, desconexas... *aos caminhos ocultos entre, surgindo sombriamente ao meu encontro...*

Ela havia perdido a meada do cântico do tempo. Conhecia as palavras. Estavam na ponta de sua língua. Ali mesmo, ela havia estado ali antes...

Muito devagar, sua respiração preencheu os pulmões. *Por que se preocupar em respirar?*, perguntou-se. Era mais fácil parar entre as respirações e pairar ali, permitindo que a escuridão a carregasse para longe.

Morrerei aqui!, pensou de repente. Essa percepção foi forte o bastante para acelerá-la novamente. Ela exalou mais depressa, depois voltou a inalar.

Conhecimento de si. As palavras do cântico voltaram. *Conhecimento de casa.*

Ela forçou as palavras a saírem da boca, em voz alta.

Uma noção clara de onde venho, para onde vou, e a velocidade do que há entre garantirão meu retorno a salvo.

Aquilo era o *agora*. Mesmo que o tempo não existisse naquele não lugar, ela havia trazido o próprio tempo consigo. *Minha mente clareará*, disse a si mesma. E realmente clareou. Com um sentimento de gratidão, ela compreendeu que o trabalho como curandeira havia mantido seus músculos mentais aguçados.

Ela sentiu o athame e a vara de relâmpago em suas mãos. O athame emitia um brilho tênue o bastante para enxergar a silhueta da arma.

Entoou o cântico novamente: *Conhecimento de si, conhecimento de casa, uma noção clara de onde venho, para onde vou...*

Ela sabia que precisava ir. Virou os mostradores ao longo do punho, sob o brilho fraco da adaga de pedra, sentindo a forma dos símbolos com os dedos. Aquelas coordenadas haviam sido as primeiras que o pai a forçara a decorar e estavam gravadas em sua mente, abaixo do nível da consciência.

... e a velocidade do que há entre garantirão meu retorno a salvo...

Ergueu o athame e girou-o na direção da vara de relâmpago. Mas, antes de atingir a vara, o athame atingiu outra coisa. Quin estendeu a mão, e seus dedos tocaram um tecido. Lã, como usava quando era criança, grossa e irritante ao toque. Ela enterrou os dedos na lã, encontrando algo mais macio por baixo, talvez pele.

Aproximou o athame de si, tentando enxergar o que estava tocando sob a luz vaga. Analisando o tamanho e a posição, Quin teve quase certeza de que era uma forma humana, imóvel como pedra. Ela não enxergava detalhes, mas, com as mãos, distinguiu a cabeça e os ombros de alguém muito mais alto do que ela. Tateou mais e começou a estranhar aquilo. Havia membros demais, e estavam nos lugares errados...

Havia quanto tempo que ela estava ali com aquela figura? Quantas respirações haviam se passado? Dez? Cem? Era impossível contar, ainda mais quando seus pulmões se moviam de maneira tão gradual.

Conhecimento de si. As palavras brotavam devagar, como bolhas em melaço. *Conhecimento de casa...*

Ela não podia ficar ali, ou não sairia nunca. Afastou-se da figura silenciosa, atingindo a vara de relâmpago com o athame. Quando a

vibração a envolveu, ela talhou outra anomalia, do maior tamanho que conseguiu.

As gavinhas claras e escuras se separaram e se tornaram uma borda sólida diante dela, criando um portal sibilante. Sua energia emanava da escuridão, em direção ao mundo lá fora. Do outro lado, havia um céu noturno, árvores, uma floresta de árvores.

Uma noção clara de onde venho, para onde vou...

Ela se virou e voltou alguns passos, tateando as costas da estranha figura. Apoiando as mãos nela, Quin a lançou para a frente com toda sua força. Era pesada e difícil de manusear, mas estava tão congelada que Quin conseguia empurrá-la como uma estátua. Ela a empurrou várias vezes, deslizando-a, aos trancos e barrancos, em direção ao buraco entre o nada e o mundo. Por fim, com um último empurrão, a figura congelada alcançou a beira do portal, cujas bordas pulsantes ajudaram a carregá-la até o outro lado. Desabou no chão da floresta, e Quin saltou atrás dela.

Seus pés tocaram o chão, e ela ficou parada por um instante. Estava em uma clareira, cercada pela floresta densa. O leste estava ficando mais claro. Já era quase manhã lá. Sua respiração e seu batimento cardíaco estavam acelerando, voltando ao normal.

Sob o luar, ela enxergou mais claramente a figura que havia trazido de *Lá*. Não era um homem, mas três, com mantos e capuzes, os braços entrelaçados. Um deles agarrava o braço do segundo, enquanto este segundo segurava os ombros do terceiro. Eles continuavam parados ali, deitados na mesma posição, com as pernas apontadas para fora do chão, de maneira estranha.

A primeira figura era um homem que ela não conhecia. Mas reconheceu o segundo. Embora não localizasse lembranças específicas sobre ele, o nome logo saltou à sua mente: *o Grande Pavor*. Isso destravou outra coisa: a

lembrança dos dois Pavores, um dos quais era muito menor. *Uma garota*, disse sua mente. *Eu me lembro dela.*

O terceiro homem era Briac Kincaid.

Quin havia trazido o pai de volta para a fazenda.

Capítulo 42

Shinobu

Shinobu continuava sentado perto da piscina, observando o local por onde Quin havia atravessado a anomalia e desaparecido. Era doloroso demais estar na presença da prima, por causa das lembranças que ela trazia. Por outro lado, ele sentia os lugares do corpo nos quais ela havia se apoiado, como se estivessem ressaltados por seus sentidos. Será que ela sentiu a mesma coisa quando ele a envolveu nos braços, para ajudá-la com o athame? Ou será que ele continuava sendo um primo distante, bonito como uma pintura, mas igualmente intocável? Não. Naquele momento, pelo menos, ele estava sujo demais para ser considerado bonito.

Uma mão em seu ombro o surpreendeu. Sua mãe, Mariko MacBain, estava agachada ao lado, na grama, vestindo um roupão para se proteger da brisa fria da noite.

Embora ele esperasse que a mãe estivesse irritada, ela não estava. Sua expressão, no entanto, era cautelosa, como se temesse que Shinobu tentasse agredi-la. Isso o envergonhou.

– Você veio – disse ela baixinho. – Aquela era Quin?

– Você viu? – perguntou ele prontamente.

A ideia de que ela talvez tivesse visto Quin atravessando a anomalia o preocupava. Sua mãe havia deixado para trás a vida na fazenda, e ele não queria trazer isso de volta.

– Vi o quê? – indagou ela.

– Você a viu indo embora?

– Não. Ouvi a voz dela perto da casa há alguns minutos.

Ela se aproximou dele, mas não perto o bastante para tocá-lo.

– Quin salvou seu irmão hoje de manhã. Ela não sabia quem eu era, mas eu a reconheceria em qualquer lugar. Ela está muito bonita, não está?

Shinobu pegou o saco de ervas. O plástico espesso manteve o conteúdo seco.

– O remédio que você pediu – disse ele. – Lamento muito o que aconteceu com Akio, mãe.

Shinobu sentiu o peso dos olhos dela sobre ele.

– Suas desculpas não corrigem o estrago que foi feito, Shinobu. Seu irmão quase morreu hoje de manhã.

Ela não parecia nervosa, mas exausta. O que era ainda pior.

– Vou dar uma geral no quarto para garantir que não haja mais nada...

– Já fiz isso, é claro.

– Meu plano era deixar as ervas aqui sem você me ver. Por favor, perdoe-me por ainda estar aqui. É melhor eu ir embora.

Ele sempre se tornava mais japonês perto de Mariko. Na infância, ouvira sermões sobre bons modos, honra e coisas do tipo. Aqueles sermões significaram muito para ele em uma época em que ainda acreditava que sua vida seria cheia de honra.

– Talvez seja melhor ir embora mesmo. Antes que eu volte a ficar com raiva. Hoje de manhã, eu poderia ter matado você se estivesse por perto.

– Perdão, mãe.

Ele se levantou.

– Diga-me... como Quin veio parar em Hong Kong? – perguntou ela, antes que ele se afastasse.

– Da mesma maneira que eu vim parar aqui – respondeu ele, enfiando as mãos nos fundos dos bolsos da jaqueta, para conter a tremedeira. Ele se virou para o portão do jardim.

– Na mesma época?

Ela se levantou, alcançando-o. Perto de Shinobu, ela era minúscula, com pouco mais de um metro e meio de altura. O rosto extremamente japonês estava voltado para cima, encarando-o com olhos penetrantes.

– Sim – respondeu ele. – Viemos juntos.

– Você nunca me contou. Pensei que tivesse escapado sozinho.

– Não importa. Nunca estivemos juntos de verdade.

– Você a está ajudando?

– Não... sim – corrigiu-se, depois encarou as próprias botas, úmidas e sujas. – Com uma coisa, apenas.

– Desde que você era pequeno, eu já notava algo entre vocês dois. Seu pai sempre gostou dela, pobre menina.

– Vou embora agora – avisou ele, virando-se.

– Você está pensando no seu pai – disse ela, atrás dele. – Tudo bem. Penso nele também, o tempo todo. É isso que ele queria... você aqui, comigo e com Akio.

– Eu sei, mãe. É o que ele queria.

– Por favor, Shinobu. Você pode... mudar. E voltar a ficar conosco.

Ela tentou soar firme, mas ele percebeu o tom de súplica.

Ao reencontrar a mãe, o garoto tentou lhe contar sobre o que havia acontecido com Alistair, sobre aquela última noite na fazenda, mas não encontrou palavras. Mariko sentiu que ele estava tentando confessar algo e disse que aquilo não era importante. Disse que o passado estava perdoado e que eles não precisavam mais falar daquilo.

A princípio, aquele perdão foi maravilhoso para Shinobu. O que ele não compreendeu era que seria muito mais difícil perdoar a si mesmo. As únicas coisas capazes de oferecer esse tipo de misericórdia eram os bares de drogas. As drogas o impediam de estar perto da família e quase mataram seu irmão

mais novo, mas os bares na Ponte eram os únicos lugares onde ele encontrava algum alívio. Como poderia abrir mão disso?

– Não estou pensando no meu pai – mentiu ele, aproximando-se do portão sem olhar para trás. – Estou pensando em um fantasma.

* * *

Brian Kwon não era um fantasma, mas não estava muito longe disso. Após duas horas de busca, Shinobu o encontrou agachado na calçada suja, atrás de um enorme latão de lixo, a duas quadras do Hospital Queen Elizabeth, de onde parecia ter fugido arrastando tubos intravenosos e curativos meio soltos.

– Eu precisei ir embora – explicou Brian. – Eles começaram a fazer perguntas.

Um de seus olhos estava coberto por um curativo, e um corte no ombro havia sido lavado, mas suturado apenas até a metade. O sangue pingava na camiseta. O rosto e o pescoço estavam cobertos de hematomas.

– Você está com uma aparência terrível – disse Shinobu.

– Você precisava ver como ficou o outro cara – respondeu Brian com dificuldade.

Brian havia despistado os últimos soldados de John pela Ponte, enquanto Shinobu fugia com Quin. Shinobu examinou o torso do amigo e encontrou outros hematomas feios.

– Não é tão grave – insistiu Brian. – A pior parte foi esta.

Ele apontou para um longo hematoma, que começava na testa, descendo pelo rosto até o peito.

– Bati em um cano de vapor ao levá-los até aquele corredor leste. Eles não me seguiram por muito tempo, depois de descobrirem que sua

namorada não estava comigo. Eles me deram algumas injeções para a dor... O hospital, não os caras na Ponte.

– Você é um bom saco de pancadas, Robalo – disse Shinobu, ajudando seu grande camarada a se levantar. – Mas ela não é minha namorada.

– Vou fingir que acredito, Barracuda. Realmente, estou sempre me metendo em brigas de facas por meninas que são apenas minhas amigas.

– Ela é minha prima... de terceiro grau. Bem, *meio* que de terceiro grau.

Brian soltou um longo gemido ao se levantar.

– O que é um primo de terceiro grau?

– É... uma pessoa que praticamente não é relacionada a você, Robalo, mas que ainda se considera seu parente.

– Ah. Que pena.

Shinobu estava tentando estabilizar Brian, que fazia uma careta, aparentemente mais pelas parcas chances que Shinobu tinha com Quin do que pela dor que sentia. Deu um passo incerto, então desabou sobre o amigo como uma parede de concreto. Shinobu grunhiu sob o peso, mas ajeitou Brian até deixá-lo meio que montado em suas costas.

Ele não sabia ao certo como conseguiu carregar Brian até um ônibus, depois até a Ponte.

Já era meia-noite quando chegaram ao lado de Kowloon da Ponte de Pedestres, com seu dossel de velas desaparecendo em meio às brumas que atravessavam o porto.

– A quem devo endereçar seu pedido de entrada? – quis saber o guarda da fronteira.

O homem fez a pergunta como se nada fosse mais normal àquela hora da noite do que um membro de gangue sujo, carregando nas costas outro membro de gangue igualmente sujo, mas que era muito maior e estava visivelmente ferido.

– Mestre Tan – respondeu Shinobu.

O homem se debruçou para tirar uma foto de Shinobu, que seria enviada à casa de Mestre Tan para aprovação. Shinobu abriu um sorriso encantador para a câmera, e Brian continuou a gemer em suas costas.

– Ele provavelmente se lembrará de mim.

Capítulo 43

Maud

Em algum século passado, a fazenda escocesa era mais selvagem e mais povoada. A vida era centrada no castelo, empoleirado no promontório sobre o rio. Naquele dia, no entanto, a fortaleza de pedra, vista de fora, estava imóvel e silenciosa. Os habitantes se mantinham invisíveis quando os Pavores estavam presentes, permanecendo do lado de dentro e saindo apenas pelo portão dos fundos quando precisavam resolver incumbências.

Era a tarde de um dia frio de verão, e a Jovem Pavor fez uma pirueta no pátio de areia do castelo. Seu pé esquerdo tocava o chão, girando-a em círculos rápidos, enquanto os braços e o pé direito bloqueavam os objetos lançados contra ela pelo Pavor Médio.

– Pegue! Bloqueie! Bloqueie! Pegue! – gritou ele, lançando grandes pedras e facas afiadas na direção dela.

A Jovem agarrou uma faca e a lançou de volta, bloqueou duas pedras com a perna, depois agarrou uma terceira pedra com a mão esquerda.

– Mais rápido! – berrou ele.

Sua perna esquerda doía, do pé ao quadril, mas isso pouco importava. Durante o treinamento dos Pavores, alguma parte do corpo sempre doía. Ela lançou sua consciência para os músculos, ordenando-os a se mover mais rápido. Para alguém de fora, se tivesse tido a coragem de assistir ao treinamento, seus braços pareceriam um borrão.

O Médio lançou uma série de facas, cada uma mirando com precisão letal as partes vulneráveis do corpo dela.

– Pegue, pegue, pegue! – gritou ele.

Cada vez que ela pegava uma faca, precisava lançá-la de volta, mirando-a tão precisamente contra ele quanto ele havia mirado contra ela. O Pavor Médio acompanhava o ritmo dela com tanta facilidade que tinha muito tempo de sobra para encontrar objetos desagradáveis para lançar entre uma facada e outra. Os objetos seguintes a serem lançados foram um pequeno pedaço de corrente e uma ferradura.

– Bloqueie! – ordenou ele. – Mais rápido!

O Mestre se aproximava. Enquanto a maior parte da mente de Maud estava ocupada com os projéteis que eram lançados contra ela, uma parte pequena assistia à aproximação do Velho Pavor. Ela notou que os movimentos dele estavam mais lentos do que no dia anterior. Havia mais de uma semana que ela o via desacelerar, atingindo movimentos oníricos. Ele parou perto dela e ergueu a mão muito lentamente, encerrando a sessão de treinamento.

O Pavor Médio parou de lançar as facas e pedras, recolocando-as no chão, ao redor do corpo. A Jovem Pavor se desenroscou da pirueta e caminhou até o Mestre. Enquanto isso, uma última pedra foi lançada pelas mãos do Médio, na direção da cabeça dela, rápida e violenta, tentando pegá-la desprevenida. A Jovem Pavor ergueu o braço no último instante a fim de rebater a pedra para o chão.

– Vamos caminhar – declarou o Velho Pavor.

Sua voz era tão baixa e lenta que ela mal o ouviu. Seus olhos estavam semicerrados.

Deixado sozinho, o Pavor Médio sacou a espada-chicote e se moveu ao redor do perímetro do pátio deserto. A Jovem e o Velho cruzaram devagar o portão principal do castelo e seguiram rumo à floresta.

– Você não vai gostar de ouvir isto – começou ele. – Chegou a hora do meu descanso.

– Mas já fomos esticados tantas vezes, Mestre – disse ela. – Não há descanso para você nesses momentos?

– Sim. Mas não o suficiente. O descanso sobre o qual estou falando será mais longo. Você realizou pequenos saltos comigo, uma dúzia de anos, vinte anos, quarenta anos. Preciso passar muito mais tempo na escuridão.

– Quer se sentar, Mestre?

Havia uma pedra boa para se sentar perto deles, e eles caminhavam a um passo tão lento que não parecia fazer sentido continuar.

Ele balançou a cabeça. Para um homem comum, aquele movimento duraria poucos segundos. Para o Mestre, durou meio minuto.

– Preciso de todas as minhas forças para me manter em pé e em movimento. Se me sentar, será o fim para mim. Não descansarei até chegar *Lá*.

A Jovem Pavor olhou para trás, para o outro lado do portão, onde o Médio treinava com a espada-chicote e a girava depressa ao redor do corpo, parecendo criar uma nuvem escura e letal. Se o mestre fosse mesmo embora, ela ficaria apenas com o Médio, sozinha com ele por anos.

– Por quanto tempo? – perguntou ela.

– É difícil dizer. Cem. Talvez duzentos.

– Duzentos anos!

– Talvez mais, criança.

Era um número chocante.

Após provar ser uma boa aluna e de se despedir da família, a Jovem Pavor passou um ano com ele na escuridão *daquele lugar*, retornando a um mundo um ano mais velho, embora ela não tivesse envelhecido um único dia. Passou mais um ano treinando. Em seguida, visitou aquele lugar escuro por mais dois anos. E assim continuou, alternando o treinamento com o que os Pavores chamavam de “se esticar” ou “descansar”, o que, na

realidade, significava deixar o tempo e o espaço para trás. O salto mais longo foi de cinquenta anos, e, assim, um século se passou desde que o Mestre a levara da casa de sua família. No entanto, ela tinha apenas doze anos. Estavam em 1570, ou algo em torno disso.

– Não é tanto tempo quanto você acha. Quando tiver treinado um pouco mais, poderá saltar o mesmo número de anos.

– Como treinarei mais, sem você por perto?

O Velho Pavor parou, pousando as mãos nos braços dela.

– O Médio tem muitas habilidades valiosas. Você pode aprender muito com ele.

A Jovem Pavor não respondeu. Esperava que seu silêncio fosse testemunho suficiente do temperamento do Médio, de sua crueldade e até de coisas que o mestre nunca vira, como o jovem na pousada, o antigo Jovem Pavor, o garoto que foi esfaqueado por se opor ao comportamento do Médio.

As pálpebras do Mestre estavam quase se fechando, mas ela o sentiu analisando-a com cuidado.

– Você é forte – disse ele, como se tivesse ouvido todos os seus pensamentos. – Você conseguirá se defender.

– Conseguirei? – perguntou-se ela.

O outro Jovem Pavor, o garoto na pousada, era mais velho do que ela e não conseguiu se proteger. Ou será que ela havia notado algo a mais nos olhos do garoto, como um desejo de se libertar? Será que ele desejou morrer para escapar do Médio?

Um longo silêncio se seguiu. Ela viu o tórax do Mestre subindo e descendo, como ondas quebrando em uma praia larga. Por fim, ele voltou a falar.

– É para isso que você treinou, criança. Você é a Jovem, por ser a mais jovem. Mas você é um Pavor, assim como eu, assim como o Médio. Você decide o que é justo, como um Pavor deve fazer. O Médio entende que você deverá estar viva quando eu acordar. Ou ficarei com raiva.

Ela nunca vira o mestre com raiva e, por isso, não sabia se isso seria uma possibilidade assustadora para o Pavor Médio. O Mestre era velho. Embora ela já tivesse visto pistas de suas habilidades uma vez ou outra, desde que o conhecia ele estava cansado. O Médio ainda respondia ao Velho, mas a Jovem Pavor não sabia quanto tempo isso duraria.

– Posso adivinhar os pensamentos que atravessam sua mente, criança – disse ele. – Quando estou descansado, sou um homem muito diferente. Eu deveria ter ido há anos. Fui detido pela... sua chegada.

Causada pela morte prematura do antigo Jovem Pavor, pensou ela.

– Agora, estou atrasado.

– Como você acordará daqui a duzentos anos, Mestre?

Uma sombra de sorriso atravessou os lábios do Velho.

– Esse é um segredo que você aprenderá com o tempo. Quando eu tiver descansado, você aprenderá muito comigo. Tudo. Você entenderá.

O Velho Pavor estendeu a mão para se equilibrar no ombro dela, depois se sentou com dificuldade no chão.

– Chame o Médio para mim, criança. Ele está com o athame. Não perca tempo. Preciso descansar *agora*.

Seus olhos estavam quase fechados. Seus ombros se moviam para baixo, como se estivessem se dobrando sobre si mesmos. A Jovem Pavor se virou para o castelo e correu.

Capítulo 44

Quin

Quin estudou o pai sob os últimos raios de luar.

– Você está vivo.

As palavras saíram como pedras lançadas em um lago, criando marolas que alcançaram os lugares mais longínquos de sua mente.

A lembrança da última vez que o vira voltou de repente. Ele estivera deitado na área comum, que não devia ser muito longe de onde estavam, e seu rosto encontrara-se distorcido, com uma expressão de ódio.

Na madrugada, a pele dele estava gelada, e suas mãos agarravam com firmeza o tecido do manto do Grande Pavor. Nenhum dos três homens respirava. Não demonstravam nenhum sinal de vida, mas suas peles estavam rosadas, saudáveis e macias ao toque. Não era a temperatura que congelava os corpos, mas o tempo. Ela se perguntou como havia topado com eles *Lá*. Quais eram as dimensões daquele não espaço?

Quin sentiu um estranho duelo se formando dentro de sua cabeça. Pouco tempo antes, ela havia insistido para Shinobu que era uma curandeira e não queria machucar ninguém. Naquele momento, no entanto, sentia um ímpeto muito diferente. Soltou Briac dos outros, arrancando os dedos dele do manto do Pavor com força e puxando-o, até ele ficar de costas. Enquanto ela o movia, os braços e as pernas dele se mantiveram em posições estranhas.

Depois de virar o corpo do pai, fazendo-o encarar o céu, ela sacou a espada-chicote. Deixou a mão se mover sozinha (seus músculos conheciam os movimentos melhor do que sua mente), estalando a espada-chicote e

fazendo-a assumir o formato de uma longa adaga. Quin a levantou sobre o peito de Briac.

– Eu falei que mataria você se John não o fizesse – sussurrou ela.

Aquela lembrança havia alcançado a superfície e trazia à luz outras lembranças.

Os olhos de Briac estavam virados para o lado, sua boca estava parcialmente aberta, como se ele tivesse sido congelado enquanto falava. Ela levantou mais o braço, planejando golpeá-lo com uma única investida certeira. Mas seu braço pairou sobre ele por muito tempo.

– Ah, Deus – disse ela, suspirando, sem concluir a ação.

Era impossível fazer aquilo com ele apenas deitado ali, indefeso. Ela esfregou as mãos no rosto. Deixá-lo vivo significaria...

Significaria o quê, exatamente?, perguntou-se. *Mais*, era a resposta. *Mais do que fazíamos antes*. Ela não sabia ao certo o que havia feito com Briac, porém o contorno de suas ações estava no fundo de sua mente, enorme e obscuro, como um gigante adormecido que ela não queria perturbar. *Se ele continuar vivo, temo acabar lhe obedecendo, como sempre fiz*. Apesar disso, ela descobriu que não conseguiria atacá-lo daquela maneira.

O amanhecer se aproximava. Quin tentou calcular quanto tempo havia passado *Lá*. Era difícil saber, em termos subjetivos. Sua memória lhe dizia que foram apenas alguns minutos, mas também que ela passou dias naquele nada escuro. Ela havia deixado Hong Kong perto da meia-noite. Hong Kong estava sete horas à frente da Escócia, portanto onze da noite em Hong Kong seriam quatro da tarde na fazenda. No entanto, já era madrugada, o que só podia significar que a breve viagem para *Lá* tinha durado, no mínimo, quinze horas, ou talvez ela tivesse perdido um dia e meio, ou até mais.

À luz crescente, ela notou uma mancha escura na perna da calça de Briac. Passou a mão na coxa dele, e seus dedos ficaram molhados e escuros. Sangue. A camisa dele também estava manchada, no ombro direito. Ele havia sido baleado um ano e meio antes. Ela lembrava. Tantas memórias continuavam ocultas, mas Quin viu aquela com clareza total. John havia disparado duas vezes contra ele. *Está aí, uma cicatriz que combinará com outra que você conhece muito bem!*, dissera John. *O que ele quis dizer com isso?*, perguntou-se ela.

Durante todos aqueles meses, enquanto Briac estivera perdido *Lá*, o sangue não havia sequer secado. Simplesmente parou de correr, assim como Briac e os outros pararam de respirar, e seus corações pararam de bater.

Ela examinou os outros homens mais de perto. O mais velho, cujo rosto estava escondido atrás de um grosso capuz de lã e uma barba espessa e cinza, não parecia ferido. O outro, que chamavam de Grande Pavor, tinha um corte no peito, que havia sido mal enfaixado com um pedaço rasgado de seu manto. A ferida também estava molhada.

Quin se perguntou se era por causa das feridas que o pai e o Grande Pavor ficaram presos *Lá*. Parecia que as feridas os distraíram de entoar os cânticos do tempo, o que os deixou presos.

Ela se levantou, notando pela primeira vez onde estava exatamente. Tinha entrado pela anomalia em uma clareira na floresta. Havia um menir à esquerda, e, olhando através de uma trilha, ela viu a área comum a distância. É aqui que tudo começou. Bem aqui, pensou. Olhou uma última vez para o pai e começou a descer a trilha.

Ao alcançar o vasto prado, Quin viu as pilhas de escombros queimados que costumavam ser chalés, mas, até então, não viu nenhum sinal de vida na fazenda.

As memórias começaram a vir à tona mais rápido, e mais imagens daquela noite brotaram em sua mente: Quin se escondendo perto de seu chalé em chamas, lançando uma faca contra um homem que segurava sua mãe. Ao se lembrar, sua mão direita se contraiu, e ela encarou as duas mãos, sentindo suas muitas habilidades ocultas.

Ela passou por uma grande estrutura, com um espaço aberto onde antes ficava uma enorme porta. O interior estava escuro, mas, fora a porta, a estrutura parecia intacta. O nome do lugar brotou em sua mente: *a oficina*. Mais adiante, encontrava-se o celeiro de treinamento, que não estava tão bem. O telhado não existia mais, exceto por um pequeno trecho esfarrapado no canto. As paredes de pedra estavam cobertas de manchas pretas, e o interior, coberto por pedras caídas.

Agachando-se para passar pela porta queimada do celeiro, Quin percebeu que o interior estava frio e mais escuro do que o lado de fora. Ela enxergou vestígios de prateleiras de armas nas paredes, todas chamuscadas e em ruínas. Havia um quarto de equipamentos em um dos cantos, cheio de entulhos. Lá dentro, Quin encontrou apenas um objeto de interesse: um pequeno baú de metal no canto, quase enterrado sob pedras e argamassa.

Outra lembrança brotou em sua mente: o pai de Shinobu na clareira da floresta, abrindo um baú cheio de armas. Quin abriu o baú, mas não encontrou arma alguma, apenas um emaranhado de coldres e bainhas. Quase sem pensar, prendeu um cinto de um material preto e borrachudo na cintura e pendurou a espada-chicote em um dos clipes. Experimentou sacar a espada e prendê-la novamente, de maneira preguiçosa.

Perto do fundo do baú, descobriu bainhas finas, projetadas para serem usadas dentro da roupa, junto à pele. Quin as prendeu na cintura, por dentro das calças. Os jeans que usava eram tão largos que ela encaixou com facilidade o athame e a vara de relâmpago nas bainhas. Não sabia o que

esperava encontrar na fazenda, mas decidiu que seria melhor não guardar aqueles apetrechos onde alguém pudesse ver.

A área principal do celeiro de treinamento estava coberta de escombros, mas havia uma trilha muito clara no centro, como se alguém tivesse visitado o local depois do incêndio. Ela sacou a espada-chicote da bainha nova, fechou os olhos e deixou o corpo assumir o controle.

Desde que ela não tentasse pensar, seus músculos saberiam o que fazer. Suas mãos estalaram a espada-chicote, que tomou a forma de uma montante, e ela correu pelo centro do celeiro, golpeando o ar com a arma, em uma sequência de movimentos tão natural para ela quanto caminhar.

Ao terminar, parou ao lado da porta aberta, girando os braços para aliviar a dor que já começava a se espalhar. Estava completamente fora de forma, e a ferida no ombro doía.

O céu estava ficando mais claro, e ela notou um movimento distante. Alguém caminhava pela área comum. Quando a figura se aproximou, Quin notou suas feições e a maneira como se movia, como uma dançarina, lenta, fluida e imponente. Em seguida, viu os cabelos muito longos, castanho-claros. De imediato, um nome brotou em sua cabeça: *a Jovem Pavor*.

A garota se dirigia à oficina, e Quin caminhou naquela direção para interceptá-la. Quando a Pavor saiu do campo e atravessou as árvores que o margeavam, Quin sentiu o impulso estranho de sacar uma faca e lançá-la contra ela. Sua mente trouxe uma imagem muito clara da Jovem Pavor: os músculos esbeltos e tesos da menina explodindo em movimento para pegar uma faca no ar e a jogar de volta contra Quin.

Ela certamente havia visto Quin vindo de longe, mas nada em seu comportamento indicava isso, até que a Pavor parou bem na frente dela. Seu percurso não havia mudado, nem a direção de seus olhos.

– Olá – disse Quin.

A garota carregava um pequeno cervo no ombro. Havia sangue no pescoço do animal, onde a flecha o atingira.

A Pavor não respondeu, mas fez uma reverência lenta com a cabeça, de maneira solene, depois deu a volta ao redor de Quin e continuou o caminho, entrando na oficina. Colocou o animal no chão e caminhou até a prateleira dos fundos, onde Quin a perdeu de vista entre as sombras.

– Posso entrar? – perguntou Quin, após esperar alguns segundos por um convite da garota.

A Jovem Pavor se virou para ela, derrubando algo da prateleira, e sua mão disparou para agarrar o objeto antes que ele atingisse o chão. Quin ficou surpresa em ver a garota se atrapalhar daquela maneira. Seus movimentos eram tão precisos que qualquer erro parecia pouco característico. A Jovem colocou o objeto de volta em algum lugar da prateleira e se virou para encarar a garota.

– Pode entrar – disse ela.

O timbre da voz da Jovem Pavor combinava com a de uma adolescente, mas seu tom jamais seria descrito dessa maneira. As palavras se formavam de maneira lenta e clara e, ao deixarem a boca, soavam irrefreáveis, como gotas d'água que, com o tempo, poderiam cortar granito.

Quin entrou na oficina de maneira quase tímida. A Jovem era uma garota pequena, mas entrar no espaço particular dela era como invadir a toca de um gato selvagem. Quin escrutinou a sala com cautela, notando que uma fogueira para cozinhar havia sido construída perto da enorme porta da frente, com enormes pedras posicionadas em um círculo e cinzas de fogos antigos.

Perto da fogueira, havia uma área onde a Pavor preparava os animais que comia. Havia vários couros secando na tábua de corte, e Quin notou que a menina vestia um colete de pele de cervo, costurado à mão.

Um dos cantos estava coberto de palha, com lençóis dobrados, e havia quinquilharias encontradas pela fazenda nas prateleiras, bem como uma estante de facas e espadas que pareciam ter sido resgatadas do celeiro de treinamento.

A Jovem Pavor prendeu o cabelo longo e desarrumado em um nó atrás do pescoço e começou a cortar o cervo.

– Você ficou aqui o tempo todo? – perguntou Quin.

A Pavor não se deu ao trabalho de responder, nem de parar o que estava fazendo. Continuou a esfolar o cervo com movimentos delicados e destros, como Quin imaginava que uma princesa viking faria. De qualquer maneira, a resposta era óbvia. A Pavor não era o tipo de pessoa que fazia passeios de ônibus pelo campo ou tours pelos teatros de Glasgow.

Quin se aproximou dela, levantando o pulso esquerdo, onde a cicatriz em forma de athame estava visível na pele pálida.

– Como pode ver, sou uma Seeker empossada.

Os olhos da Pavor passaram por seu pulso sem parar, depois voltaram para o cervo. Quando ela enfim falou, havia um tom de surpresa em sua voz.

– Você não precisa me mostrar sua marca. Fui eu quem a marquei.

– Certo – disse Quin, só então se lembrando, e se sentindo uma idiota. – Você me marcou. Na floresta. Você assistiu ao meu juramento.

– Sim – concordou a Jovem Pavor.

– Você precisa responder qualquer coisa que eu perguntar, não é?

Quin lembrou que alguém tinha dito isso. John. Ele falara isso, no celeiro sobre o desfiladeiro.

– Não – respondeu a garota. – Isso é uma cortesia entre Seekers. Outros Seekers são obrigados a responder suas perguntas. Seu pai, por exemplo. Nós, os Pavores, temos nosso próprio conhecimento.

– Ah.

Ela não estava certa de já ter sabido disso. Achava que não. Os Seekers e os Pavores; dois conhecimentos diferentes. O que significava isso, exatamente?

A Pavor ficou algum tempo em silêncio enquanto começava a eviscerar o cervo.

– Você pode me fazer uma pergunta – disse ela, por fim. – Talvez eu responda.

Quin pensou no que deveria perguntar. O que queria saber? A resposta era: *tudo*. Se não quisesse mais ser um peão, deveria aprender tudo que era possível. Mas queria saber uma coisa antes de mais nada.

– O athame com a raposa entalhada no cabo é o único que restou?

A Pavor girou a cabeça para encarar seus olhos. Aquilo era desconfortável, como ser encarado por um tigre, mas Quin resistiu ao impulso de se afastar para se proteger.

– Você está com o athame? – perguntou a garota.

Quin não respondeu.

– Quem é seu mestre, jovem Seeker?

– Eu... eu não tenho mestre.

Suas palavras soaram mais confiantes do que a maneira como se sentia, mas ela estava sendo sincera.

– Sou meu mestre agora.

Talvez fosse apenas a imaginação dela, mas isso pareceu agradar a Jovem Pavor.

– Não – disse a Pavor –, o athame com a raposa não é o único.

Após eviscerar o cervo, a Pavor cortou peças de carne para cozinhar.

– Quantos existem? – insistiu Quin.

– Não posso responder, porque não sei.

Ela ficou novamente em silêncio, pegando toras de uma pilha de lenha e começando a construir uma fogueira.

– Nos últimos anos, vi três deles – continuou a Pavor, acendendo o fogo. – Um foi destruído aqui... ele tinha a marca de uma águia.

Outra memória: a águia era o símbolo da família de Shinobu. Eles tinham um athame, mas havia sido destruído.

Pouco depois, o fogo estalava, e o calor fez Quin se dar conta do frio que sentia desde que chegara à fazenda. A Pavor pegou uma grelha de metal, posicionou-a sobre as chamas e cobriu-a com peças de carne.

– Com quem está o outro? – perguntou Quin.

– O outro é o athame dos Pavores.

– O athame dos Pavores – repetiu Quin baixinho; é claro que os Pavores tinham um athame. – O símbolo da minha família é um carneiro. Por que nosso athame não tem esse símbolo?

Um silêncio longo se passou antes de a Jovem Pavor responder:

– Essa não é uma pergunta para mim.

A voz da garota não abria espaço para argumentações. Quin tentou outra estratégia:

– Você disse que viu três athames "nos últimos anos". Houve outros antes?

– Já respondi uma pergunta – disse a garota, como se isso encerrasse o assunto.

Ela ficou imóvel, encarando o fogo.

Quin também ficou em silêncio, e o odor da carne no fogo dominou toda a sua atenção. Após alguns minutos, o cervo foi tirado da grelha e as duas comeram. Depois, comeram mais. Quin não se lembrava da última vez que fizera uma refeição e, na pressa para consumir sua porção, acabou queimando a boca. A gordura do animal escorreu por seus dedos, fazendo-a

desejar desesperadamente ter água e sabão, mas isso não a impediu de devorar a comida. Ela esfregou as mãos gordurentas nas calças e se deu conta de que aquilo não a incomodava tanto quanto imaginava.

Por fim, suja e de barriga cheia, estudou o rosto da Jovem Pavor e ousou fazer outra pergunta.

– Nosso propósito já foi nobre algum dia? – quis saber. – Quando eu era criança, pensava... As histórias sobre Seekers ajudando o mundo, "temei, malfeitores", "temei, tiranos"... Tudo isso não passava de mentira?

A Pavor ficou muito tempo em silêncio. Tanto tempo que Quin pensou que ela não responderia. Mas, após algum tempo, a garota começou a falar:

– Nós, os Pavores, existimos para assegurar que as três leis sejam seguidas. Você conhece as três leis?

Quin hesitou, esperando para ver se a lembrança surgiria, mas nada apareceu.

– Acho que não.

– Jovem Seeker, são nossas leis secretas. Seu pai deveria tê-las ensinado a você antes de tudo.

– Briac deveria ter feito várias coisas que não fez – respondeu Quin baixinho.

– É verdade – concordou a Pavor. – As três leis devem ser recitadas corretamente antes do juramento, mas Briac Kincaid as omitiu, e o Pavor Médio não se opôs. Muito bem. A verdade é que ele não foi o primeiro a fazer isso.

Ela fez uma pausa, como se suas palavras a perturbassem.

– As leis são simples – continuou –, mas as pessoas que as violam devem ser punidas com a morte. A primeira lei: é proibido a um Seeker tomar o athame de outra família. A segunda lei: é proibido a um Seeker matar outro

Seeker, exceto em legítima defesa. Terceira lei: é proibido a um Seeker fazer mal à humanidade.

– Mas nós... – começou Quin.

– Você já violou pelo menos uma dessas leis, não é? Talvez várias vezes – disse a Pavor. – Nem sempre foi assim – acrescentou, com palavras tão cuidadosas quanto as que um comerciante medieval usaria ao contar moedas de ouro num balcão. – Nossas leis já foram sagradas. Com o tempo, as sombras se assomam. O que era claro fica anuviado.

Quin viu a luz do fogo refletida nos olhos da garota. Ela estava perdida no passado.

– Famílias se casam entre si. Como nós, Pavores, podemos saber quem é o dono legítimo de cada athame? Talvez muitos tenham reivindicações válidas. Um Seeker mata outro Seeker, mas tem provas de que o outro representava um perigo, ou representaria no futuro. Como nós, Pavores, podemos julgar? Será que foi legítima defesa ou assassinato? E a humanidade... é muito fácil afirmar que, ao ferir alguns, você está salvando muitos outros. É isso que todo Seeker afirma quando prejudica a humanidade: "Eu fiz isso pelo bem maior. Foi necessário, eu juro."

– Então, quem decide? – perguntou Quin em voz baixa. – Quem decide se as leis foram violadas?

– Quando meu Mestre está descansando, como tem estado há muito tempo, o Pavor Médio decide – contou a Jovem. – O Pavor Médio decide, usando um julgamento pouco confiável. Ele não escolhe quem está certo ou errado, mas quem prefere, quem ele quer que tenha o poder. Ultimamente, tem favorecido seu pai. E, antes disso, outros como ele.

– Então... suas leis não valem nada – constatou Quin.

– Nas mãos do meu Mestre, as leis eram muito valiosas. Quando olha para um Seeker, ele o enxerga por dentro. Já o vi fazer isso. Mas as leis são

inúteis nas mãos do Pavor Médio. Você tem razão. E, através do julgamento dele, destruímos Seekers e suas famílias, ou as mantivemos vivas. Por isso, somos conhecidos como Pavores.

Outro silêncio se seguiu, mas, por fim, a garota voltou a falar:

– Você me pergunta se tudo não passou de mentira? Já vi os dois lados. Já houve Seekers verdadeiros. Homens e mulheres de honra. Durante séculos, lutaram contra homens injustos e cruéis e ajudaram os bons. As histórias que você ouviu na infância são verdadeiras.

Quin sentiu uma centelha de felicidade, mas sabia que a Jovem Pavor tinha mais a dizer.

– Mas já houve outros que usaram seus athames apenas em busca de riqueza e poder – continuou a Pavor. – Eles fizeram coisas vergonhosas. Apenas porque viram nelas algum ganho pessoal.

– Como Briac – sussurrou Quin.

– E como muitos antes dele. Mas talvez Briac seja o pior.

Então, as duas passaram um longo tempo em silêncio, até que a Jovem Pavor limpou as mãos em um trapo e levantou os olhos, fitando Quin pelo que pareceu um milênio. Quando voltou a falar, parecia que o assunto a deixava desconfortável.

– Você amava o outro aprendiz.

Quin sentiu vergonha. Pouco antes, ela deixou John carregá-la até seu quarto, na Ponte. Ela o abraçou e o puxou para perto de si.

– Sim – sussurrou ela.

– Ainda o ama? – perguntou a Pavor.

Ela queria muito dizer que não. Afinal, John deitara na cama a seu lado, a beijara, mas depois não fez nada enquanto aqueles homens a agrediam. No entanto, alguma parte dela compreendia o desespero dele.

– Não sei o que sinto – disse ela, enfim.

A Pavor desviou os olhos, e Quin pensou detectar confusão no olhar da garota. Era uma emoção que não combinava muito com alguém tão confiante.

– Por que está perguntando sobre ele? – indagou Quin. – Você o conhece? Além de vê-lo enquanto treinávamos na fazenda?

– Não o conheço – declarou a Jovem Pavor com firmeza. – Mas já conversamos. E eu me pergunto... me pergunto que tipo de pessoa ele é.

Quin lançou um galho fino na fogueira, tentando descobrir como responder.

– Quando estou com ele – respondeu, depois de algum tempo –, sinto que ele me ama. Vejo isso nos olhos dele.

Ela fez uma pausa, vendo o galho queimar.

– Mas agora sei que ele quer mais o athame do que a mim, mais do que qualquer outra coisa.

Fez outra pausa e, em seguida, concluiu, com a voz grave e séria:

– Ele veio atrás de nós naquela noite, aqui na fazenda, para se vingar. O que ele faria se pegasse o athame? Não seria nada bom. Como poderia ser?

A Pavor voltou a encarar o fogo. Era impossível adivinhar o que a garota sentia, mas Quin sentiu que ela estava incomodada.

– Eu o vi – contou devagar a Pavor.

Algo na maneira como ela falou não parecia certo.

– *Recentemente?*

A garota fez que sim com a cabeça.

Quin sentiu o estômago desabar, como se tivesse entrado sem querer em um aeroelevador e descido dois andares.

– Onde? – perguntou. – Aqui?

A Pavor não respondeu.

Quin se levantou. Percebeu que estava se afastando da garota. Será que ela estava ajudando John? Quando será que haviam conversado? Será que isso significava que ele viria atrás de Quin mais uma vez?

A Jovem Pavor permaneceu sentada diante da fogueira, olhando as próprias mãos. Ao olhar ao redor da sala, uma coisa que não parecia pertencer àquele lugar chamou a atenção de Quin. Ela deixou os olhos seguirem a linha da parede, procurando por algo. Havia uma coisa na prateleira, na parede dos fundos. Um cabo elétrico.

Ela ficou surpresa ao perceber que havia eletricidade na fazenda, mas a oficina de fato estava quase intacta, então talvez isso fizesse sentido. Porém era ainda mais surpreendente a Jovem Pavor ter qualquer coisa que precisasse de eletricidade para funcionar. Por que a garota teria algo assim?

Quin caminhou em direção ao cabo, notando que a Pavor virou a cabeça para observá-la, mas não se levantou. Quin seguiu o cabo ao longo da prateleira, até uma pilha de trapos. Enfiou as mãos sob os trapos e encontrou...

Um telefone celular.

A tela estava acesa, e havia palavras nela: *Mensagem Enviada*. O registro de envio era de uma hora antes, quando Quin entrara na oficina. Ela notou a data. Havia perdido quase dois dias entrando *Lá*.

A Pavor a observava do outro lado da sala. O rosto da menina estava imóvel, mas Quin pensou detectar um ar de vergonha em sua expressão.

– Foi John quem lhe deu este telefone? Você contou que estou aqui?

Não era exatamente uma pergunta, mas uma declaração.

– Você estava me enrolando, para me segurar aqui.

A garota assentiu devagar, como um juiz confirmando uma sentença de morte.

– Por quê... Por que faria isso? Ele ainda nem fez o juramento.

Ela tentava calcular onde John poderia ter estado uma hora antes e quanto tempo levaria para chegar à fazenda, daquela localização hipotética.

– Uma injustiça foi cometida – disse a Jovem Pavor, como se aquilo explicasse suas ações.

– E *isto* não é injusto? – perguntou Quin. – Sou uma Seeker empossada. Só queria algum tempo para lembrar, para decidir o que fazer.

– Eu... Eu queria... – recomeçou a Pavor. – Eu queria compensar coisas que foram feitas. Meu Mestre saberia acertar as coisas. Meu Mestre teria detido Briac. Mas eu... eu estou dividida.

– Briac – disse Quin, lembrando que seu pai estava deitado em uma clareira na floresta. – Certo. Vou cuidar disso agora. Antes que eu arrume outra pessoa para me perseguir.

Ela se virou para sair da oficina, mas, após andar alguns passos, fez outra conexão mental. Estava furiosa, porém tinha dificuldade em direcionar a raiva à Jovem Pavor. Quin também ficara dividida entre ajudar John ou não.

– Seu Mestre – disse, virando-se. – Descreva-o.

A Jovem Pavor começou a descrevê-lo, mas, antes que ela tivesse completado duas frases, Quin saiu correndo da oficina, gritando:

– Venha comigo!

O sol estava no alto do céu quando ela viu os três homens. Continuavam deitados na clareira, perto do menir, com os braços e as pernas posicionados de maneira estranha. Entretanto, Quin logo notou que algo havia mudado. Os membros do pai haviam se assentado, como se os músculos tivessem amaciado aos poucos.

E os homens estavam respirando. Os peitos subiam e desciam de maneira tão gradual que era quase impossível enxergar o movimento, mas certamente estava ocorrendo, mudando a aparência deles, de estátuas para

criaturas vivas. Algo também se movia: o sangue havia voltado a escorrer das feridas.

A Jovem Pavor arquejou ao ver o velho barbado. O homem era o que menos se movia... talvez tivesse passado mais tempo *Lá* do que os outros. Um segundo depois, a Jovem estava ajoelhada a seu lado, segurando a cabeça dele com muito cuidado. Levou a orelha à boca dele, tentando ouvir a respiração. Ela lhe falou baixinho em uma língua que soava um pouco como inglês. Em seguida, sacudiu o peito dele e voltou a falar, com mais firmeza.

Quin sacou a espada-chicote, ajoelhou-se ao lado de Briac e levantou o braço. Estava na hora de cumprir sua promessa. Se acordasse, ele a lembraria de coisas das quais ela não queria lembrar e a forçaria a fazer coisas que não queria fazer, e Quin não achava que conseguiria enfrentá-lo. Nunca conseguiu. Precisava acabar com aquilo de uma vez.

Briac piscou.

Foi um movimento lento. Seus cílios desceram aos poucos, até os olhos se fecharem, depois fizeram o movimento reverso. Seu olhar se virou muito, muito devagar, até encará-la.

Agora!, disse Quin a si mesma. *Agora, ou nunca fará!*

Ela o golpeou com a lâmina. Mas, de repente, por reflexo, os braços meio congelados de Briac ganharam vida. Sua mão direita afastou a espada-chicote com um tapa; a mão esquerda agarrou o pescoço de Quin. Em seguida, ele voltou a ficar completamente paralisado, e suas mãos se congelaram em sua nova posição. O perigo o havia lançado de volta para o fluxo temporal de Quin, mas apenas por um instante. Ela afastou os braços dele e voltou a erguer a espada-chicote.

– Quin!

A cabeça dela saltou para cima. John estava na beirada da clareira, com outros dois homens por perto. Ela reconheceu um deles da Ponte. Os três apontavam armas para ela.

– Quin, por favor – disse John. – Por favor, abaixe a espada.

Capítulo 45

John

– Você trouxe armas desta vez. – Apontou Quin quando John se aproximou. – Você deve realmente ter medo de mim.

– Bem, você ignorou as facas na Ponte – salientou ele, tentando minimizar a tensão.

Ele não gostava de apontar armas para ela.

De pé, Quin estava imóvel, com os braços levantados e a espada-chicote no chão, ao lado dos pés. John viu os olhos dela se movendo dele para os dois soldados que trouxera consigo. Ela parecia muito mais alerta do que dois dias antes, na Ponte. E mais perigosa.

Todo o braço esquerdo de John doía por causa da queimadura de maçarico e estava enfaixado sob a camisa. Era um lembrete de que, desta vez, precisava ser bem-sucedido. O avô perdera a sanidade e logo perderia também o controle sobre seu império. Ele não conseguiria mais ajudar o neto.

– Parece que você não consegue ficar longe de mim – sussurrou Quin quando ele parou a seu lado.

A intenção dela era feri-lo, mas, mesmo assim, suas palavras soaram íntimas, e John ainda esperava que ela o ajudasse. Só aquela vez.

– Não quero ficar longe de você – sussurrou ele de volta. – Quero que fiquemos juntos.

Perto deles, a Jovem Pavor estava agachada sobre um velho deitado de maneira estranha no chão da floresta. Havia outros dois homens no chão, que pareciam ter sido congelados enquanto praticavam uma atividade

cansativa. Os dois vestiam capuzes que cobriam os rostos, mas respiravam muito, muito devagar. O velho, no entanto, estava imóvel como uma pedra. A Jovem Pavor falava com ele em uma língua que poderia ser inglês, mas talvez um inglês tão antigo que John não entendia.

Quin vestia calças jeans largas demais, presas com um cinto grande, e, depois de guardar a arma no bolso, John deslizou a mão pela cintura dela, procurando pelo athame. Era difícil não pensar em sua mão na pele dela, mas ele afastou esses pensamentos. Precisava se concentrar. Quando seus dedos tocaram algo duro, algo feito de pedra e aninhado no quadril direito dela, seu coração acelerou. Quin se virou para ele, e os soldados de John levantaram as armas, atentos.

– Não pegue, John – disse ela, com uma expressão de súplica. – Não pegue.

Ela colocou a mão na dele, tentando afastá-lo do objeto sob suas calças.

– Você poderia facilitar tanto as coisas. Mudar de ideia. Decidir me ajudar.

– Eu estou ajudando, prometo – disse ela. – Tudo piorará quando você estiver com o athame. Acredite.

– Não, Quin. As coisas vão melhorar. Finalmente.

Por que ela não entendia? A mão dela estava na sua, e ele imaginou como seria levantá-la até seus lábios. Se ela o ajudasse, ele estaria livre para beijá-la... Mas John apenas puxou o objeto, retirando-o das calças dela.

Era a pedra cinza do athame, ligeiramente morna devido ao contato com a pele de Quin. Ele ficou tão animado em ter a adaga em mãos que deslocou o peso para longe de Quin, a fim de estudar a arma. Com dois passos rápidos, ela colocou-se atrás dele, encaixando John entre ela e os soldados armados. No instante que ele levou para se virar para ela, Quin agarrou a espada-chicote e correu em direção às árvores.

– Droga, Quin! Não faça isso de novo!

Ele esfregou as mãos no rosto, arrasado. Em seguida, fez um gesto para que os soldados a perseguissem. Na mesma hora, eles partiram. John queria ir junto, mas não sabia se manteria a mente clara. Antes de chegar à fazenda, ordenara que os soldados evitassem que Quin escapasse, mesmo que precisassem atirar na perna dela, pois John nunca conseguiria fazer isso.

Seus olhos baixaram para o objeto em sua mão, e ele percebeu seu erro. Não estava segurando o athame. Aquilo era outra coisa. O objeto tinha o formato de uma espada curta, com um punho e uma lâmina chata e curva, mais cega do que uma faca de manteiga. Certamente se parecia com o athame, mas não era. Seria um engodo? Mas, se fosse, por que não fazer algo mais parecido com o athame verdadeiro? Aquele objeto era feito da mesma pedra do athame, ele tinha certeza. Então, o que era aquele item nas mãos?

– Mestre, Mestre – murmurava a Jovem Pavor perto dele, ainda falando com o velho em um tom baixo e firme, como um cântico.

John se aproximou dos outros dois homens congelados para examiná-los melhor. Notou que um deles era um Pavor, um homem que chamavam de Grande Pavor durante seus tempos de treinamento. O rosto do terceiro homem continuava oculto sob o capuz, mas, quando John parou sobre ele, encontrou-se encarando Briac Kincaid.

A sensação de ódio foi imediata e sobrepujante. John se sentiu de volta no velho celeiro, encarando a figura definhada de sua mãe sobre o leito hospitalar, sendo provocado por Briac por não ser bom o bastante, porque nunca seria bom o bastante para fazer o juramento. Briac havia tratado John e Catherine como se fossem pequenos, fracos e fáceis de matar. Nunca mais. A casa de John estava voltando a ascender, e era hora de acabar com Briac Kincaid.

Ele baixou a estranha espada de pedra de Quin, e seus dedos roçaram a arma guardada no bolso. Mas, em vez de pegar a arma, ele levou a mão à espada-chicote. Achou apropriado trazê-la aquele dia, no retorno à fazenda. Com um movimento gracioso, estalou-a.

Briac estava com os braços erguidos sobre o rosto, como se estivesse se defendendo de um golpe. John se ajoelhou e afastou os braços do homem, mas eles voltaram lentamente para a mesma posição, e os olhos de Briac focaram em John. Estava acordando.

John ouviu gritos da floresta, seguidos de um único disparo. Levantou a cabeça, tomado pelo pânico. Seus soldados eram ótimos atiradores, mas, mesmo assim, poderiam cometer um erro. *Por favor, não a machuquem...* Apertou os olhos na direção do disparo. Contudo, de onde estava ajoelhado, não via nada além das árvores. Teria que confiar que os soldados seguiriam suas ordens.

Com algum esforço, voltou a atenção para a clareira, notando que o Grande Pavor também movia os braços e as pernas. Seus movimentos eram espasmódicos e vagarosos, com contrações seguidas de movimentos minúsculos e lentos. Ele também estava acordando.

Algo no manto do Pavor chamou a atenção de John, um objeto saltando do bolso interno. Sua forma e cor... John se esqueceu de Briac e do disparo e engatinhou até o Grande Pavor, enfiando a mão no manto dele e agarrando um punho frio de pedra.

Era outro athame. Ele sentia os mostradores na mão ao sacar o objeto do manto do Grande Pavor. Segurou toda a forma do objeto por um breve instante à luz do sol na clareira... E, de repente, havia movimento por toda parte.

A cabeça da Jovem Pavor virou-se para cima e ela olhou para ele e o athame em suas mãos. Ela o ignorara até ele tocar a adaga de pedra.

Atrás de John, Briac estava se movendo, rolando devagar para longe. No mesmo instante, o Grande Pavor girou e se ajoelhou, em um movimento fluido, ficando cara a cara com John. Na mesma rapidez com que havia se movido, o Grande Pavor ficou paralisado outra vez, mas segurando a espada-chicote, cuja ponta quase tocava o peito de John, vibrando, em um movimento residual, após ser estalada na forma de uma arma sólida.

O Pavor parecia inanimado outra vez, assim como Briac, e John pensou que talvez demorasse algum tempo até que voltassem a se mover. A Jovem Pavor continuava agarrada às vestes do velho, aninhando seu torso no colo, mas John sentiu que ela se preparava para dar o bote nele. Sua única chance era correr, e logo.

Ele se levantou prontamente, agarrando com a mão esquerda o athame que acabara de encontrar e a espada-chicote com a direita, e disparou para fora da clareira.

Durante muito tempo, apenas correu, sem ousar olhar para trás. Em um trecho da floresta onde as árvores eram mais esparsas, alcançou os soldados.

– Quin? – perguntou ele, com urgência. – Vocês...

Gauge balançou a cabeça.

– O disparo foi apenas para detê-la.

O soldado apontou com a cabeça para um tronco largo, uns trinta metros adiante. John entendeu. Quin estava encurralada ali. O pânico se dissipou um pouco.

Ele permitiu que os olhos varressem a floresta. Não havia sinais de perseguidores. Voltou a olhar para a árvore onde Quin estava escondida. Independentemente de qual athame estivesse em suas mãos, ele precisaria que alguém o ensinasse a usá-lo. E queria que fosse Quin. Mesmo que ela nunca tivesse ouvido falar em athame ou nos Seekers, ele ia querer que fosse Quin. *Não dê as costas para mim, por favor*, implorou.

O outro homem de John, Paddon, estava dando a volta pela floresta para cercá-la pelo outro lado. Ele fez um gesto, indicando a localização de Quin, e abriu a boca para falar.

Como em um toque de mágica, um cabo de faca surgiu na nuca dele. Paddon cuspiu um borrifo de sangue e emborcou para a frente.

John virou e viu a Jovem Pavor se movendo a passos largos e constantes entre as árvores, com outra faca na mão, pronta para ser lançada.

Ele ouviu um farfalhar de folhas do outro lado do tronco. Quin não esperou para ver quem seria o próximo alvo da Jovem Pavor. Disparou para as profundezas da floresta, afastando-se deles, em direção ao celeiro no desfiladeiro.

John correu atrás dela. Ouviu a Jovem Pavor continuar a persegui-lo, mas ela ainda não o havia matado. Ele decidiu que isso era um bom sinal.

Capítulo 46

Quin

As pernas de Quin estavam prestes a ceder. Ela correra mais nos últimos dois dias do que em todo o ano anterior, e seus músculos não aguentariam muito mais. Estava saindo da floresta a todo o pique. As árvores adiante começaram a minguar, e ela avistou o céu azul entre os galhos.

A Jovem Pavor havia matado um dos soldados de John, mas, da última vez que Quin ousara olhar para trás, o outro homem ainda a perseguia. E John, é claro... não estava muito atrás.

A visão do homem sendo lançado para a frente com uma faca enterrada no pescoço não a afetou tanto quanto deveria. *Então, estou acostumada com a morte?*, perguntou-se, e a resposta veio de imediato: *Sim, estou acostumada demais com a morte.* Ainda havia manchas escuras em sua mente, porém as coisas se tornavam cada vez mais claras.

Alguns instantes depois, ela alcançou o campo aberto. Cem metros à frente, encontravam-se a beirada do desfiladeiro e, abaixo dele, o rio. De onde estava, ela ouvia a água. Perto da beirada do desfiladeiro, havia um velho celeiro de pedra. E, à esquerda do celeiro, outro caminho, que voltava para a floresta. Suas lembranças voltaram... aquele caminho a levaria para as ruínas do castelo.

Quin hesitou. Se seguisse por ali, eles a perseguiriam, e ela precisava descansar antes de voltar a correr. E qual era o plano? John estava com a vara de relâmpago. Sem ela, o athame era inútil. Quin precisava pegá-la de volta. A única outra opção era dar o athame a ele, ensinar John a usá-lo e parar de correr.

Ela começou a caminhar em direção ao celeiro.

– Quin, pare.

Era a voz de John. Sem parar, Quin virou a cabeça e o viu nos limites da floresta, sozinho. Ele olhou para trás, entre as árvores, à procura do último soldado.

– Talvez a Jovem Pavor tenha pegado os dois – disse ela, ao alcançar a porta do celeiro.

Ela estava perto do desfiladeiro (o outro lado do celeiro ficava bem na beirada) e já ouvia melhor o rio.

– Quin, pare. Por favor.

Ele sacou a arma do bolso e começou a engatilhá-la. A vara de relâmpago não estava em suas mãos. Devia estar escondida nas roupas.

– Você vai mesmo atirar em mim? – perguntou a garota. – Não acho que vai atirar.

Sem esperar uma resposta, Quin entrou no celeiro escuro. O lugar cheirava exatamente como ela esperava, a solo úmido e palha velha. Atravessou o recinto frio, até a escada do outro lado, e a subiu depressa, alcançando o mezanino. De lá, através das enormes janelas circulares sob o telhado, tinha uma vista do desfiladeiro, do rio e dos morros mais adiante.

– Eu queria que você me ajudasse naquela época – disse John, gritando da porta abaixo. – Aquele dia, neste celeiro.

Quin ficou em silêncio.

– Qual é o símbolo da sua família? – indagou ele.

– Um carneiro – respondeu ela.

– Há uma raposa entalhada no cabo deste athame, o símbolo da minha família.

Ela não respondeu.

– Você nem quer o athame, Quin. Por que quer impedir que ele fique comigo?

Era verdade, ela não o queria antes. Queria esquecer o athame e todo o resto. E ela havia sido um peão. Mas e agora?

Quin olhou pela beirada do mezanino e o viu parado abaixo. Ele segurava a arma, mas estava abaixada, como se sua presença o envergonhasse.

– Vou subir aí – avisou John, segurando a escada.

Ela se preparou, concatenando um plano simples. Respirou fundo, inspirando e expirando.

De repente, ele já estava no topo da escada, pisando no mezanino. Em vez de se afastar, como ele esperaria que ela fizesse, Quin se aproximou e o agarrou. Com um passo para trás, girou o corpo, desequilibrando os dois e lançando John da plataforma. Ele se salvou, agarrando um caibro, mas sua arma caiu no chão do celeiro.

Por um instante, suas pernas balançaram sob a beirada, e ele se esforçou para subir de novo no mezanino. Enquanto John se esforçava, Quin deslizou a mão pelas costas dele e ao redor de sua cintura, procurando pela vara de relâmpago. Não estava lá. Ela passou os dedos por algo duro dentro da jaqueta dele, um objeto sólido, mas pequeno demais. Será que ele entregara a vara para os soldados? Será que a deixara na floresta?

Quin se afastou. Havia uma tábua comprida e estreita ligando o mezanino a um conjunto de caibros do outro lado, sob a segunda janela. Ela seguiu até o meio da tábua, mas parou ao ouvir a voz de John.

– Não quero forçá-la, Quin – disse ele.

Ao olhar para trás, ela viu que ele tinha voltado para o mezanino e a acompanhava sobre a tábua.

– Não seria melhor se ficássemos juntos? Quero que você escolha ficar comigo.

– E quanto ao que eu quero? – perguntou ela, engatinhando pela tábua, em direção à segunda janela. – Quero que você seja o John que eu conhecia. Aquele que desejava fazer coisas honrosas, ajudar as pessoas.

– Mas eu *sou*, Quin.

Ele se aproximava pela tábua.

A garota subiu no parapeito da janela. Era apenas uma abertura, sem vidro. Do parapeito, ela estendeu a mão e agarrou a viga cumeeira sob os beirais do telhado, pendurando-se para fora do celeiro.

Olhou para a direita, esperando ver os galhos de um grande olmo. Shinobu e ela haviam escalado aquela árvore dezenas de vezes quando eram crianças. Ela esperava descer o tronco da árvore e entrar na floresta antes que John recuperasse a arma e a seguisse.

Mas o olmo não estava lá. Uma tempestade devia ter caído em algum momento durante o último ano e meio, e a árvore havia sido derrubada, arrancando um pedação de terra junto com as raízes. Sentindo um frio na barriga, Quin constatou que havia uma queda livre sob a janela, passando pelos restos do tronco da árvore, direto para a face do precipício que dava na água. Uma brisa fria subia do desfiladeiro, e os pés dela balançavam no ar.

Sacudiu as pernas freneticamente, tentando alcançar a viga acima, e, ao fazê-lo, viu o celeiro por um novo ângulo. Havia uma imagem entalhada ao lado da janela, que, até aquele momento, estava escondida pelo olmo: três formas ovais interligadas e cinzeladas profundamente na pedra, criando um diagrama simples de... Parecia um átomo.

Ela não teve tempo de estudar o símbolo. John escalava os caibros, a poucos metros da janela, e ela estava pendurada sobre um penhasco.

Escalou até o telhado com dificuldade.

Encontrando um caminho entre telhas rachadas até o outro lado, Quin espiou pelo canto do telhado e descobriu que era alto demais para saltar até o chão. Talvez ela pudesse escalar para baixo e depois saltar, mas não havia tempo. John já estava escalando as telhas atrás dela. Um dos lados era alto demais para saltar, e, do outro lado, havia a queda íngreme do desfiladeiro até o rio.

Quin se virou para encará-lo. A ideia de lutar contra John, depois de passar um ano e meio sem treinar, era quase risível. Mesmo assim, sacou a espada-chicote e a estalou. Talvez por estar pensando em Shinobu, escolheu a forma de uma katana, uma espada samurai japonesa. Ao levantá-la sobre a cabeça, sentiu que Shinobu estava atrás dela, encorajando-a. Quin não seria mais peão de ninguém.

– Você está fora de forma, e eu, não – disse John, do outro lado do telhado, com a espada-chicote ainda enroscada ao lado. – Acho que não conseguirá me derrotar – concluiu de maneira quase delicada.

– Você é uma pessoa boa, John. Apesar do que fez até agora. Se eu entregar o athame, você não será mais bom, nem eu.

– O athame não nos torna maus. Só nos oferece a liberdade de escolha. Só isso.

Ela balançou a cabeça, segurando a espada-chicote com mais força.

– É mesmo? Pense no que você já fez só para tentar pegá-lo. Atirou em mim, no Shinobu, cortou a garganta da minha mãe! Você a feriu, John!

– Tentei de tudo para não os machucar! Por que você não entende, Quin? E por que só se importa com o que *eu* fiz?

Seu rosto estava mudando. Ela percebeu que ele tentava conter a raiva, mas não estava conseguindo.

– E quanto ao seu pai? – perguntou ele, com palavras cheias de ódio, enquanto se aproximava dela devagar pelo telhado. – O que *ele* fez para conseguir o athame? O que os outros fizeram?

A espada-chicote de John foi para sua mão, como se tivesse mente própria.

Quin sabia que ainda não tinha controle total de sua mente. No entanto, havia algo a mais ali. Ela sentia que ele dizia algo que ela ainda não sabia. Estava prestes a lhe contar algo que ela não queria saber.

– A questão é exatamente essa – respondeu ela, certificando-se de que estava pisando em um lugar seguro e se preparando. – Seja lá o que ele tiver feito, não quero que você fique como Briac.

– *Não* sou um torturador – disse ele, cuspindo as palavras como se não tivesse controle sobre elas. – *Não* sou um monstro!

A espada-chicote estalou, e ele a golpeou, tomado pelas emoções.

– Não sou como Briac!

Os músculos de Quin reagiram automaticamente, bloqueando o golpe. Mesmo depois de mais de um ano sem treinar, seu corpo não havia esquecido. Ela usou a espada-chicote para afastar a dele, e os dois cambalearam no telhado.

– Você não é como Briac – concordou ela, equilibrando-se. – E espero que continue sendo como é.

– Você espera que eu continue sendo como sou?

As palavras dela pareceram deixá-lo com mais raiva ainda.

– Você gosta de mim indefeso, é isso? Derrotado pelo Briac! Minha mãe *assassinada*, todos assassinados. Minha casa arruinada!

Ele a atacou, mas Quin se defendeu mais uma vez. Ela não sabia do que ele estava falando. O que aconteceu com a mãe de John? O que Briac fez?

– Eles vêm decidindo o destino da minha família há séculos. *Séculos.* Mas minha casa ascenderá novamente. Entendeu?! Chegou a hora.

– Você quer uma casa de assassinos, John?

– E *você*? É uma assassina, Quin?

Naquele momento, ela viu um lampejo no canto dos olhos. Era a Jovem Pavor na margem da floresta, aproximando-se do celeiro, mas Quin não ousou virar a cabeça.

John a golpeou com mais força. Ela quase não conseguiu bloquear o golpe, porém, ao fazê-lo, percebeu que ele estava protegendo mais o braço esquerdo.

– Você ia matar o Briac – disse ele. – Eu vi.

Sua espada voltou a atingir a de Quin com força. A velha ferida no ombro esquerdo dela doía.

– Vai me ajudar? – gritou Quin para a Pavor, que se aproximava devagar.

– Você está me julgando, Quin. Mas e quanto às coisas que *você* fez? – perguntou John, e continuou a golpeá-la, empurrando-a para trás.

Como ele sabia o que ela havia feito? Como poderia saber, se nem ela sabia, nem queria saber? John a estava empurrando na direção da beirada do telhado. E, na mente dela, empurrava-a na direção de outro tipo de desfiladeiro, que separava a Quin do presente da Quin de um ano e meio antes.

Com mais dois passos, ele a levou até a beirada. Não havia mais para onde ela ir.

– Por favor! – gritou Quin para a Pavor.

A garota estava parada abaixo deles.

John ergueu a espada, mas não atacou.

– Diga-me, Quin. O que você e Briac fizeram?

De repente, ela sabia a resposta. A última cortina cinzenta se abriu em sua mente, e ela viu com clareza os eventos que quis esquecer mais do que qualquer outra coisa.

Quin fizera exatamente o que acusava John de querer fazer. Ela havia feito essas coisas com as próprias mãos. O peso delas a atingiu como uma força física, e ela quase caiu de joelhos. É claro que havia esquecido. É claro que tinha começado sua vida do zero. A ignorância fora maravilhosa.

– Nós os matamos – sussurrou ela, deixando as palavras pairarem no ar.

Ela golpeou John sem muita força, tentando se afastar da beirada.

– Se Briac é um monstro, eu também sou.

– Quem vocês mataram? – perguntou ele, afastando-se um pouco e dando espaço para ela.

– Várias pessoas, John, várias pessoas.

Uma vez que começou a admitir, ela não conseguiu mais conter as palavras. Havia um alívio em dizê-las em voz alta. Finalmente.

– Aquelas crianças... Tentei fugir. Ele me impediu. Disse que eu não tinha escolha. Já havíamos feito tanto. Os pais delas, a babá... Não havia escapatória...

Ela viu Briac, naquela noite, ao pé da grande escadaria na mansão de campo. As crianças se escondiam atrás dela.

– Prometi para elas que tudo ficaria bem, depois as levei de volta para Briac.

– Ele forçou você a fazer aquilo – disse ele, com a voz mais baixa, como se ela pudesse ser perdoada pelo que havia feito, como se ele entendesse e não a culpasse. – Você não teve escolha. Aquelas mortes não fazem de você uma assassina.

– Elas pensavam que eu as estava ajudando, John! Sonho com aquelas crianças. Tentei fugir com elas, mas Briac me impediu. Ele chutou a arma

das minhas mãos quando viu que eu hesitava. Depois, ele...

Ela foi incapaz de colocar as palavras para fora. Briac pegou aquelas crianças e fez o que faziam com todos naquelas missões, tarde da noite. Mesmo que ela não tivesse... *resolvido* as coisas com as crianças por conta própria, havia tantos outros, feridos e assassinados por sua espada-chicote. Nas missões seguintes com Briac não havia crianças, e foi um alívio tão grande que... seu pai não precisou pressioná-la tanto para fazer o que ele queria. *Já estou condenada*, pensou ela na época. *O que importa agora?*

– Briac é um monstro – disse John. – Ele poderia ter escolhido missões mais fáceis, algo mais justo. Ele estava tentando abalar você, ferir você.

– Eu queria ser uma *Seeker*...

– Quin... você não é a primeira Seeker a matar para sobreviver. De onde acha que veio a fortuna do meu avô? De onde vem sua fazenda?

– Foi o que Briac disse!

– Mas não é o que Briac fez! – gritou John. – Matar por dinheiro, para restaurar nossas fortunas... isso é sobrevivência. Toda casa precisa fazer isso de tempos em tempos. Minha mãe fez isso quando foi preciso. Ela escolhia missões com as quais podia viver, matando... da maneira mais justa possível... pessoas que mereciam aquilo. Mas seu pai, e aqueles outros... eles matariam qualquer um. E *nos* mataram. Você entende? Famílias inteiras de Seekers. Crianças, mães, pais. Por simples inveja, tentaram reduzir minha casa a pó. Então... você não entende que preciso corrigir isso?

Eles pararam de se atacar. Abaixaram as espadas enquanto respiravam com dificuldade. Ela não conhecia a história que John parecia conhecer. Briac não compartilhara nada daquilo com ela.

– E isso... nos dá o direito de matar? – perguntou Quin, notando o tom de descrença em sua voz. – Desde que selecionemos uma vítima aceitável?

Ou desde que matemos por vingança? Não há problema, desde que as espadas não estejam voltadas contra você?

– Eu... eu não escolhi esta vida, Quin. Ela foi escolhida para mim. Tomarei as melhores decisões que puder. Tentarei ser justo. Mas prometi...

– John, está ouvindo o que está dizendo? Acha que pode matar pessoas e não ser transformado por isso? Acha que pode escolher alguém que merece morrer e que isso fará tudo ficar bem? As coisas não funcionam assim.

– Sei que nossas vidas são difíceis...

– Eu queria fazer algo bom – disse ela, interrompendo-o, exausta. – As coisas eram tão simples quando eu era criança.

– Você *pode* fazer algo bom. O athame permitirá que decidamos... aonde ir, o que fazer. Ele é bom.

O sol estava atrás de John, escondendo-o nas sombras, mas, pela primeira vez, Quin o viu com clareza. Ela havia treinado com o pai na esperança de realizar algo honroso com sua vida. Era tudo o que desejava, mesmo que sua esperança fosse falsa. John pensava que queria a mesma coisa, um propósito nobre, justiça, mas já havia visto o caminho de Briac e estava disposto a segui-lo. Ele era como uma espada que fora entortada ao ser forjada. Uma lâmina assim sempre será torta, e seu coração havia sido entortado pela vida e pela morte da mãe, sobre a qual ele nunca quis falar. Naquele momento, ainda era o John que ela conhecia, mas não ficaria assim se ela o ajudasse.

– Não – disse ela, balançando a cabeça. – Ele não é bom.

Usando suas últimas forças, Quin de súbito o golpeou com a espada-chicote, mirando seu lado ferido. Ele foi pego de surpresa e bloqueou o golpe com dificuldade usando o braço enfraquecido. Ela aproveitou a vantagem, agarrou as duas extremidades da espada e empurrou-a contra a lâmina dele. Por um instante, John perdeu o equilíbrio, e, por reflexo, Quin

enganchou o pé no dele, derrubando-o. Ele deslizou pelo telhado, em direção à beirada, desalojando uma enorme chapa de ardósia do telhado. Quando ele enfim se segurou, freando a queda, metade de seu corpo estava pendurado sobre o penhasco.

Quin ensaiou segurá-lo, receando que ele caísse, mas viu que ele agarrava o telhado com firmeza e já se puxava de volta.

Quin!

Ela se virou a tempo de ver um objeto voando pelo ar. Era a vara de relâmpago que John havia tomado dela. A Jovem Pavor jogara a vara de relâmpago para ela. Quin só se deu conta de que a Jovem não havia chamado seu nome em voz alta depois de pegar o objeto. Ele havia sido gritado diretamente para dentro de sua cabeça.

Ela sacou o athame da cintura. Reconheceu todos os símbolos no punho e ajustou os mostradores sem demora.

Acima dela, John escalava o telhado até uma parte mais segura, longe do penhasco. Em um instante, estaria novamente de pé.

Ela atingiu o athame com a vara de relâmpago e foi banhada pela vibração. Correu até a beirada, logo acima do abismo, e olhou para o rio abaixo. Em seguida, estendeu o athame para baixo, desenhando um círculo no ar. A adaga abriu uma abertura, pairando sob ela, com o tecido preto e branco das bordas pulsando e se tornando sólido diante dos olhos de Quin.

John escalava até o topo do telhado, e Quin saltou do outro lado da construção. Quando ela começou a cair, seu estômago revirou e a brisa gelada que subia do penhasco bagunçou seus cabelos. Muito abaixo, ela viu o rio, que corria depressa, encostado na íngreme face da rocha. Seu corpo lhe dizia que ela acabara de saltar para a morte. Mas estava caindo para a anomalia e, um instante depois, atravessou o limiar, interrompendo a queda.

Quin se virou. Acima, encontrava-se a abertura que ela cortara no espaço, e, através dela, viam-se o telhado do celeiro e o céu. John estava em pé na beira do telhado, com um olhar arrasado. Ele deu alguns passos para trás, preparando-se para saltar, mas o círculo já estava começando a se desembaraçar, com seus fios chiando ao se juntar. John freou na beirada do telhado, quando o portal sobre Quin se fechou, lançando-a para a escuridão.

Capítulo 47

John

Não dava mais tempo de saltar. O buraco bocejante que pairava no ar sob o telhado do celeiro estava colapsando. John viu seus limites perdendo a forma. Como fiapos pendurados de um tecido rasgado, braços finos pretos e brancos cresciam no centro, vibrando com energia ao se costurarem novamente. Após alguns instantes, o buraco desapareceu.

Quin o abandonou mais uma vez, como fez aquela noite na fazenda, quando guiou Yellen através de outro portal escuro. Daquela vez, ela olhou para trás, para John, mas chamou por Shinobu e não por ele. Talvez ela nunca fosse escolhê-lo. Essa percepção pesou no peito enquanto ele encarava o rio no abismo.

Sua mente repassou os últimos momentos de Quin no telhado, antes do salto. Ela havia batido com o athame naquela outra lâmina. Era evidente que o objeto era o par do athame, igualmente importante para se viajar para *Lá*. Por que a mãe nunca mencionou aquele segundo objeto? A resposta era simples: *Ela estava sangrando até a morte no meio da sala de estar. Não teve tempo de entrar em detalhes.*

John se afastou da beirada do telhado, avistando a Jovem Pavor no chão.

– Você a ajudou. Pensei que fosse me ajudar.

A garota estava assistindo à fuga de Quin, mas então virou os olhos para encarar os dele. Ela não respondeu.

– Onde está a justiça dos Pavores? – questionou John, sendo tomado mais uma vez pela raiva. – Você poderia ter me matado na floresta, mas não

matou. Sabe que tenho razão, mas deixou-a levar o athame que deveria ser meu. Por quê?

Havia um olhar de incerteza no rosto da Jovem Pavor, porém, mesmo assim, ela não disse nada. Encarava-o como se estivesse decidindo o que fazer.

Do esconderijo dentro da jaqueta, ele sacou o outro athame, que havia tirado do manto do Grande Pavor. Aquela adaga era diferente da que Quin havia levado. Para começar, era menor, talvez com vinte e cinco centímetros de comprimento, e parecia mais delicada. E também havia algo de diferente nos mostradores, não havia? Parecia haver mais deles, todos finos e perfeitamente interligados. Na base da adaga, no lugar onde as outras tinham imagens de animal, John via três formas ovais.

Ele moveu os mostradores, traçando com o dedo o contorno dos símbolos entalhados em cada face. Cada símbolo devia representar um lugar, ou uma possibilidade, e, juntas, as possibilidades eram quase infinitas.

O som de gravetos estalando o acordou de seu devaneio. Duas figuras caminhavam entre as árvores, surgindo na clareira. A primeira era o Grande Pavor. Ele se movia com passos compridos e estranhos, que começavam e terminavam com uma pausa, como se as juntas de seu corpo pudessem frear por fricção a qualquer momento.

A segunda figura era o velho, que John imaginava ser um terceiro Pavor, o Velho Pavor. John observou esse homem dar um passo muito lento, um movimento inteiro ocorrendo em velocidade glacial, seguido por vários passos tão rápidos que ultrapassaram por um momento o outro Pavor. Em seguida, o processo se repetiu, e ele ficou novamente para trás, ao dar outro passo lento.

Juntos, os dois homens davam a impressão de ser um rolo de filme cinematográfico girando em tempos inconsistentes. Mas, ao deixarem as árvores e avistarem John no telhado, mudaram simultaneamente para um ritmo novo e ofuscante e, de repente, estavam bem debaixo do celeiro.

– Não se aproximem! – gritou John, segurando o athame de modo que pudessem vê-lo. – Ou vou quebrá-lo.

O Velho Pavor estava mais próximo, examinando John com olhos que pareciam enxergar muito além, para as nuvens distantes.

Um longo silêncio se seguiu, enquanto o homem revelou sua voz. As palavras brotaram dele em um fluxo constante, como um cântico:

– Seria ruim para todos.

– Seria pior para vocês – disse John. – Por favor, afastem-se.

Os Pavores não se moveram.

Foi a vez de a Jovem Pavor se pronunciar:

– É difícil destruir um athame – alertou ela.

– É feito de pedra, não é?

Ele olhou ao redor, aproximando-se mais da beirada do telhado sobre a queda que dava para o rio.

– Até pedra pode ser quebrada, se lançada longe o bastante.

John notou que o Grande Pavor tinha uma ferida no peito de onde pingava sangue, mas ele a ignorava. Seu rosto, encarando John, parecia uma estátua esculpida para representar o ódio.

– Talvez – concordou o Velho Pavor. – Mas talvez não. Seria tolice tentar. O objeto nas suas mãos é único.

John balançou o athame sobre a queda.

– Não é único – gritou. – Quin está com o outro.

– Não – disse o Velho Pavor. – É parecido, mas não é igual. O que você está segurando é especial.

Ao estudar mais uma vez a adaga de pedra em sua mão, John notou uma peça separada: uma lâmina de pedra longa e fina. Projetada de maneira inteligente, ela se encaixava ao longo da lâmina do athame com tanta perfeição que, à primeira vista, eles pareciam um único objeto. Mas, ao ser empurrado para baixo com o dedão, o objeto fino se soltou.

O Pavor Médio fez um movimento espasmódico, e, de repente, havia uma faca em sua mão. John sabia que aquele homem poderia matá-lo com muita facilidade, mesmo ferido e naquele estado meio adormecido. Contudo o Velho Pavor fez um sinal para que o Pavor Médio parasse.

– Você valoriza sua vida? – indagou a Jovem Pavor.

– E *você*? Valoriza a sua? – replicou ele. – Primeiro, você me ajuda, depois trabalha contra mim. Você não tem permissão para tomar decisões próprias?

– Se valoriza sua vida, não usará as ferramentas que estão nas suas mãos – disse ela, ignorando-o. – Sem treinamento, elas acabarão com você num instante, e, quando o fizerem, você perderá o athame e a vara de relâmpago sob o oceano ou no coração flamejante de uma montanha. Nunca conseguiremos recuperá-los.

John bateu o athame com delicadeza no outro objeto, que ela chamou de vara de relâmpago, ainda segurando os dois sobre a queda que dava no rio. Na mesma hora, uma vibração grave teve início. Ele a sentiu correndo pelos pulmões e pelo coração, alterando sua respiração e seus batimentos cardíacos. Ela também alcançou seus ouvidos, distorcendo outros sons. John distanciou o athame da vara e esperou a vibração cessar. Durante quase um minuto, a vibração não parou e continuou a incomodá-lo. E aquilo havia sido apenas um choque delicado. O que aconteceria quando ele batesse um no outro de verdade?

A Jovem Pavor tinha razão. Mesmo com o athame nas mãos, ele não poderia fazer nada sem treinamento.

Quin se recusara a ajudá-lo. Ela não queria ajudar, e ele não queria forçá-la. No entanto, havia poucas pessoas no mundo que poderiam ensiná-lo a usar as ferramentas de um Seeker. Briac Kincaid era uma delas, mas nunca ajudaria John. A Jovem Pavor deveria ajudá-lo, porém acabara de provar que não o faria. Quin. Ele sempre acabava voltando para Quin.

Deslizou a vara de relâmpago com cuidado de volta à fenda na lâmina do athame, até ouvi-la se encaixar. Depois, sacou a espada-chicote e a estalou em sua forma sólida.

– Você ousaria lutar contra os Pavores? – perguntou o Pavor Médio, enfim rompendo o silêncio.

– Tenho escolha? – respondeu John.

O Velho Pavor voltou a fazer um movimento minúsculo com as mãos, que parecia dizer: *Deixe que cuido disto*. Ele se voltou para John.

– Devolva nosso athame, e não machucaremos você – disse o Velho.

John quase acreditou nas palavras do Velho Pavor. Olhou para a Jovem. Era impossível decifrá-la, mas ele sentiu que ela seguiria o Velho. Em seguida, voltou-se para o Pavor Médio. Ao encarar o rosto dele, tudo o que via era a própria morte. John suspeitava que aquele Pavor, e outros como ele, eram os responsáveis por praticamente erradicar sua casa. John tomou uma decisão.

– Obrigado pelas palavras gentis – disse ele.

E lançou o athame com o máximo de força possível sobre o penhasco. A adaga girou no ar, depois começou a cair, desaparecendo de vista.

O Velho Pavor atirou os braços para cima, apontando para o athame, em um gesto que ordenava os outros dois a segui-lo. Ele nem precisava ter

feito isso. A Jovem e o Pavor Médio já disparavam na direção da beirada do abismo, procurando um caminho até o rio.

O Velho Pavor voltou os olhos para John, mas não se aproximou. John não esperou para ver o que o Velho faria. Correu até a beirada do telhado mais longe do desfiladeiro. Pendurou-se de lá e saltou para o chão. O teto era alto, contudo ele aterrissou bem. Levantando-se aos trancos e barrancos, disparou em direção à floresta, sem olhar para trás.

PARTE TRÊS

Para onde levam todos os caminhos

Capítulo 48

Shinobu

– Não vou resolver as coisas para você – disse Shinobu, abrindo caminho pela multidão na via principal da Ponte.

Algumas pessoas viraram para olhá-lo.

– Vocês acham que estou falando com vocês? – latiu para as pessoas.

Quando elas lhe deram as costas, algumas assustadas, mas a maioria irritada, ele voltou a murmurar:

– Continuo na Ponte, continuo fazendo suas tarefas. Você prometeu que eu me livraria de você. Mas aqui estou eu.

Shinobu estava, de fato, falando com Quin, embora parte dele soubesse que ela não estava realmente ali. Ele nem se preocupou em usar a máscara de ar pendurada na entrada no bar de ópio e estava ziguezagueando perigosamente entre os pedestres, seguindo na direção da porta da casa de Quin.

Ao avistar a casa dançando, torta, diante de seu campo de visão, pairando entre vários outros edifícios parecidos no meio da Ponte, ele se esforçou para recobrar o equilíbrio. As autoridades da Ponte não gostavam muito que visitantes intoxicados perambulassem fora das áreas designadas para isso.

– Você nunca me deu valor – disse ele a Quin.

Suas palavras saíram muito embaralhadas, mas, como Quin estava ausente da conversa, ele imaginava que ela não ligaria.

– Pedindo sempre o que você precisa. “Encontre minha mãe.” “Salve minha vida.” “Me dê um banho.” E quanto ao que eu preciso?

Ele freou de maneira brusca diante da porta de Quin e descansou a cabeça na madeira por um instante, só para conseguir ficar de pé. Depois, bateu gentilmente à porta. *Do que preciso?*, perguntou-se. Afinal, Quin só pedira que ele avisasse a sua mãe que ela estava bem. Ele já havia feito isso dias antes. Mas, desde então, tinha ficado direto na casa de Quin.

A porta à qual estava encostado foi aberta de repente, surpreendendo Shinobu, que nem se lembrava de ter batido. Ele desabou porta adentro, nos braços de Fiona, e caiu com um joelho no chão, enquanto Fiona o puxava pela camisa. Ela também não parecia muito estável.

– E quanto ao que eu preciso? – perguntou ele.

– Do que você precisa, Shinobu? – indagou Fiona, com os cabelos ruivos desarrumados, soltos ao redor do rosto. – Diga.

Ela fechou a porta, arrastou Shinobu pela sala dianteira e o sentou em uma cadeira na sala de exames de Quin, quase perdendo o equilíbrio. O leito de tratamento havia sido transformado em cama, com lençóis e cobertores, e Brian Kwon estava deitado nele, como um filhote de baleia, ainda se recuperando das feridas.

– Do que preciso? – repetiu Shinobu, tentando se lembrar de como havia passado da porta da frente à cadeira. – Eu preciso...

Ele não tinha certeza. Tinha alguma coisa a ver com Quin. Lembrou-se do corpo dela junto ao dele, dos braços dele ao redor dela. Ainda sentia a impressão que ela havia deixado nele.

– Você não precisa de ópio, com certeza – comentou Fiona, enrolando a língua. – Já usou demais.

Ele se esforçou para focar os olhos, estudando as prateleiras mal iluminadas e cheias de ervas e a forma gigante de Brian, observando-o da cama.

– Só dois cachimbos – contou Shinobu.

– Não é o que seu corpo diz.

– Ou doze, talvez. Era um número com dois. Talvez vinte, ou vinte e dois ponto dois. Duzentos e vinte e dois...

– Humm – disse Fiona.

Ela foi até a cozinha, enquanto tentava amarrar o cabelo em um coque. Em seguida, ocupou-se em preparar um chá.

Brian se apoiou no cotovelo.

– Seja bonzinho com ela – pediu. – Ela... não está se sentindo bem.

– Ela está bêbada.

Três dias haviam se passado desde a luta nos andares inferiores, e o corte feio no ombro de Brian estava melhorando. Suas muitas costelas quebradas estavam atadas com firmeza, dando a ele a aparência de uma enorme linguiça chinesa.

– Foi mal por não trazer nada para você, Robalo – disse Shinobu, presumindo que Brian o estivesse olhando com aquela expressão de desaprovação porque ele não lhe trouxera drogas. – Você sabe que não deixam as pessoas saírem do bar com cachimbos. Você deve estar morrendo de vontade de usar alguma coisa.

– Fui convidado para jantar na casa do Mestre Tan – falou Brian. – Ele disse que posso começar a andar mais um pouco hoje.

– Bem, não espere que ele vá lhe dar ópio.

Brian não riu.

– Não estou à procura de ópio. Tenho meu chá.

– Se é o que diz, Robalo.

Brian fez uma careta e jogou as pernas para fora da cama, sentando-se na beirada. Levou um pé ao chão com muito cuidado, então o outro. Sua careta piorou quando ele lançou todo o corpo sobre os pés. Mas, depois de alguns instantes na posição vertical, pareceu ficar bem.

– Não estou nada mal hoje – murmurou ele.

Shinobu o observou enquanto ele atravessava a sala, cambaleante, até suas roupas, limpas e dobradas em uma cadeira. Com uma dificuldade enorme, ao que parecia, Brian começou a vestir a camisa pela cabeça. Isso foi acompanhado de muitos palavrões chineses.

– Precisa de alguma ajuda? – perguntou Shinobu.

– Não, obrigado – respondeu Brian. – Você acabaria quebrando mais algumas das minhas costelas.

– É, provavelmente.

Fiona voltou com o chá, que forçou Shinobu a segurar, embora o rapaz tenha derramado um pouco. Com a ajuda dela, Brian enfim vestiu todas as suas roupas, incluindo os sapatos, embora Fiona parecesse fazer o processo durar mais. Já vestido, Brian pousou um pé diante do outro com cautela, saindo da sala.

– Já que você está de pé, venha comigo para os níveis inferiores esta noite – gritou Shinobu para ele. – O que acha? Fiona não pode nos manter trancados aqui para sempre.

– Como assim "trancados"? – berrou Brian de volta. – Ela nem quer você aqui. Mas você sempre volta.

– Então, você vem comigo?

– Parei com o ópio.

– Está bem... Eu estava pensando em usar Ivan3 hoje, de qualquer maneira.

Brian o ignorou. Com um tilintar de sinos, a porta da frente se abriu, e, antes que ela se fechasse, Shinobu ouviu Brian respirando de maneira ofegante e xingando novamente antes de ir embora.

– Chá. Agora – ordenou Fiona, empurrando a bebida contra o seu rosto.

Shinobu bebericou o chá e o cuspiu de volta para dentro da xícara. Era uma daquelas misturas saudáveis que o Mestre Tan andava preparando para Brian.

– Onde está seu chá? – indagou ele.

Os olhos de Fiona o fulminaram. Ela havia prendido o cabelo, mas uma grande mecha ainda estava pendurada em um lado do rosto.

– Ou você bebe este chá ou vai embora desta casa. E, quando for embora, espero que seja preso ao tentar deixar a Ponte.

– O chá só funciona com viciados em ópio? Não com alcoólatras?

Era ridículo ela tentar dar lição de moral neles, quando mal conseguia ficar em pé de tão bêbada.

– Não há motivo para você me chamar assim – disse ela, tentando não enrolar a língua. – Se bebo um pouco de vez em quando, ninguém tem nada a ver com isso. Você enche seu corpo com todo tipo de porcaria.

– É a mesma coisa – protestou ele.

– Não é, não.

– Seu veneno vem em uma garrafa. O meu vem em um cachimbo, ou em bastões ou agulhas. É a única diferença.

– *Não* é a mesma coisa.

Ela se ocupou em fazer a cama de Brian, mas os lençóis não estavam cooperando.

– Você não vê o que eu vejo. Não ouve coisas que prefere não ouvir, certo?

– Ouço coisas que preferiria não ouvir o tempo todo – replicou ele. – Venha visitar minha mãe, e eu mostrarei.

– Sua mãe? – perguntou ela, confusa por um momento, então retomou sua linha de raciocínio. – Por acaso você tem uma filha, Shinobu? Uma filha que escondeu seu passado, mas vê coisas nos sonhos? E, quando ela vê

essas coisas, existe uma chance de que você as veja também? Você saberá exatamente quais coisas ela fez? As coisas que a deixei fazer?

Shinobu observou Fiona terminar de fazer a cama. Fios de cabelo ruivo continuaram a cair em seu rosto, mas ela estava cada vez menos bêbada.

– Você só vê o que está na superfície – continuou ela. – Você nunca foi casado com Briac Kincaid, ou foi? Se tivesse sido, não ia querer ver o que há na mente dele, garanto. Talvez você também bebesse de vez em quando para tornar o mundo um pouco mais agradável.

Shinobu não tinha respostas. Ela poderia até ser uma bêbada, mas... não estava tentando ser uma boa mãe para Quin, afinal? Ele continuava tonto, então começou a bebericar o chá asqueroso em obediência.

Alguém bateu vigorosamente à porta. Fiona se ajeitou e deixou a sala dos fundos para atender. Instantes depois, Shinobu ouviu vozes que pareciam pertencer a autoridades exigindo acesso à casa. Procuravam alguns jovens que haviam se envolvido em um distúrbio nos níveis inferiores da Ponte, no começo da semana.

Ele ouviu Fiona, com uma voz calma e razoável, quase sem enrolar a língua, perguntar por que haviam escolhido a casa dela. Shinobu não esperou para ouvir a resposta. A possibilidade de ser preso pelas autoridades da Ponte o deixava em pânico. Os guardas da Ponte eram muito rígidos, e, embora não pudessem colocá-lo na prisão, poderiam facilmente cortar seu acesso a drogas, talvez até para sempre.

Ele se levantou com um salto e subiu correndo as escadas, saindo pela porta da sacada. Não ouviu o que disseram, porque só voltou a ver Fiona dos caibros acima da casa, olhando a rua da Ponte de cima de um ninho escuro, acessível apenas para ratos de bueiro como Shinobu. O coração dele continuou batendo freneticamente por algum tempo. Ser banido da Ponte tornaria a vida bem desagradável.

Dos caibros, ele viu Fiona deixando a casa, ainda caminhando de maneira um pouco instável. Estava cercada por vários homens, dois dos quais tinham seus braços ligados aos dela, quase como se estivessem forçando Fiona a ir com eles. Ao se agachar no esconderijo e observá-los até sumirem do campo de visão, um pequeno pensamento atiçou a mente de Shinobu: *Estranho*.

Quando a onda de ópio passou, horas depois, ele se deu conta de várias coisas. Em primeiro lugar, os homens que levaram Fiona não eram guardas da Ponte; não vestiam uniformes. Além disso, um dos homens caminhando com Fiona era John. Por último, Shinobu tinha permanecido na casa de Fiona com a intenção de protegê-la (apesar de não querer admitir), contudo se entupiu de drogas e fugiu diante do menor sinal de perigo. Um perigo que não era nem contra ele, mas contra sua fonte segura de substâncias intoxicantes.

Essas três coisas tornavam outra muito clara: ele, Shinobu MacBain, ex-Seeker, atual mergulhador escocês-japonês e viciado em ópio, poderia até dizer a si mesmo que ainda era uma boa pessoa, porém a verdade é que não passava de um ser humano imprestável. Fez as escolhas erradas quando havia mais coisas em jogo, deixando que outros pagassem o preço: as vítimas mortas em suas missões com Briac, Akio quase morto, seu pai destruído por aquelas fagulhas dançantes, e agora Fiona capturada, bem debaixo de seu nariz.

Capítulo 49

Maud

O sol estava se pondo. A dor brotou na bochecha de Jovem Pavor quando o Médio a golpeou no rosto. Ela caiu de joelhos perto da fogueira que haviam construído ao lado das ruínas do castelo. Escolheu não bloquear o golpe.

– Por que você ajudou a garota? – perguntou o Médio.

Antes que ela se levantasse, ele a empurrou com o pé, lançando-a de volta ao chão. O Médio a examinava, como se ela fosse um rato que ele planejava fatiar lentamente.

– Esta raiva é desnecessária – disse o Mestre.

Ele estava do outro lado da fogueira, cuidando de Briac Kincaid. Desde que acordara, Briac estava em agonia. O Velho Pavor extirpou as balas das feridas, um procedimento acompanhado de muitos gritos. O Velho estava cobrindo as feridas com ervas que haviam colhido e as atava firmemente com tiras de tecido, enquanto Briac continuava a gemer e se debater.

O Médio e a Jovem haviam descido o caminho íngreme que levava do celeiro no topo do desfiladeiro até a margem do rio. Lá, ela nadou até a outra margem, em cuja grossa camada de limo o athame havia aterrissado, intacto. Estavam perto das ruínas do castelo, onde ela havia treinado centenas de vezes, muitas centenas de anos antes, enquanto o castelo aos poucos se despedaçava e era engolido por grama e terra.

O Pavor Médio controlou sua voz e voltou a perguntar:

– Por que ajudou a garota?

Ela se sentou e limpou o sangue do canto da boca.

– Ela não é uma *garota* – disse a Jovem Pavor ao Médio. – É uma Seeker empossada, a última detentora do athame da sua família, e estava correndo perigo. Por que eu não a ajudaria?

– Briac Kincaid é o mais velho integrante da casa – disse o Mestre em tom gentil. – Ele considera que o direito à adaga é dele.

– Não acreditamos que o athame sempre termina nas mãos daquele a quem ele pertence? – retrucou ela.

Briac se sentou com muito esforço e a encarou do outro lado da fogueira. Tudo o que ela viu em seus olhos cruéis era ódio.

– Não. Você interferiu e entregou a ela a vara de relâmpago. Você permitiu que ela fugisse com algo que me pertence – disse ele, se esforçando para controlar a voz, apesar da dor que sentia. – Agora, os Pavores precisam recuperá-la para mim.

– Entendeu? – perguntou o Médio. – Você cometeu um erro. Por causa desse erro, agora precisamos recuperar o athame de Briac Kincaid e acertar as coisas.

Mais uma vez, o Pavor Médio estava ajudando Briac Kincaid, distorcendo as regras para agradá-lo. A Jovem Pavor se perguntou mais uma vez que tipo de segredos Briac escondia para o Médio, que tipo de poder Briac tinha sobre ele. Ela mesma sabia de muitos atos injustos perpetrados pelo Médio, porém Briac devia conhecer mais. Muitos desses atos deviam ter sido perpetrados pelos dois juntos.

– Acertar as coisas? – zombou a Jovem Pavor. – Mestre, que palavra é essa que ele usa?

O Velho Pavor a encarou do outro lado do fogo, mas não disse nada.

– Você não é um Pavor? – perguntou o Médio. – Temido pelos Seekers por sua justiça? Você cometeu um erro e precisa corrigi-lo.

– E você? – indagou ela. – Fará a justiça?

Ele a golpeou com a mão pesada, mas, desta vez, a Jovem não quis ser agredida. Ela se moveu para o lado, afastando-se dele com um giro sinuoso. De maneira inconsciente, a faca dela foi parar em sua mão, como em um passe de mágica. O braço dela disparou contra o Médio. A lâmina se chocou na faca do Médio, que havia aparecido em sua mão. Ambas as armas brilhavam com um tom alaranjado à luz do fogo.

– Chega – ordenou o Velho Pavor.

A Jovem e o Médio congelaram, detendo as facas, mas sem guardá-las.

– Sou uma pessoa, Mestre? – quis saber ela.

– Uma pergunta desnecessária, criança – respondeu ele.

– Sou uma pessoa ou uma posse? – indagou ela. – Tenho livre-arbítrio?

– Sim, tem – disse o Mestre.

– Você me entregou aos cuidados do Médio e afirmou que eu deveria obedecer-lhe.

– Foi isso que eu disse, criança?

As palavras do Velho Pavor eram delicadas.

Ela golpeou com a faca. O Médio defendeu-se com a dele. De repente, ele lançou a mão esquerda para a frente, segurando outra faca.

O Médio havia feito um curativo na ferida do peito, mas, mesmo assim, estava ferido, e a Jovem esperava que isso lhe oferecesse alguma vantagem. Ela lançou o corpo para o lado e escapuliu, sacando outra faca da bainha na cintura.

– O juramento dos Pavores: preservar as três leis e se distanciar da humanidade, para que nossas cabeças estejam claras para julgar – disse ela. – Mestre, você sabe o que aconteceu com o Jovem Pavor antes de mim?

O Médio a golpeou com as mãos. Ela bloqueou as duas armas dele.

O Velho Pavor não respondeu.

– Você sabe o que aconteceu com o Jovem Pavor antes de mim? – perguntou ela mais uma vez. – E com a mãe de John? O Médio lhe contou? Ele sempre fala sobre *meu* juramento. E quanto ao dele?

O Médio não respondeu. O Mestre da Jovem Pavor, sentando do outro lado da fogueira, também permaneceu em silêncio. O Velho Pavor a encarava em silêncio, e a Jovem se deu conta de que o mestre sabia, ou pelo menos suspeitava, das coisas que o Pavor Médio havia feito na ausência dele. Como não saberia? Lia a mente da Jovem com tanta facilidade quanto respirava. Ele provavelmente também lia a mente do Médio.

Ela havia ficado muito feliz em descobrir o Mestre na fazenda, certa de que enfim acertaria as contas com o Médio. Mas parecia que ele sabia o que o Médio era e não fazia nada para detê-lo. Em um lampejo de compreensão, a Jovem se deu conta de que o Velho, seu bom mestre, estava ligado ao Médio, de alguma maneira.

Mas ela, não.

– Deixe-me matá-lo! – pediu ela.

O Mestre não respondeu. Naquele momento, o silêncio tinha um significado. Se o Velho Pavor não ordenasse que parassem, nada a impediria de fazer isso. Ela poderia tirar o Médio de sua vida. Poderia puni-lo por tantas injustiças...

Seu corpo entrou em velocidade máxima de combate. Suas facas desenharam manchas pelo ar, em arcos alaranjados, refletindo a luz da fogueira. O Médio respondeu devagar demais. Ainda não havia voltado de todo a si, após passar tanto tempo *Lá*. Ela investiu para a frente. Mas, de repente, percebeu seu erro.

O Médio a guiara para um terreno desnivelado. Ela estava perdendo o equilíbrio. Em um movimento rápido, ele arrancou a faca de sua mão e atingiu sua orelha com o punho da arma, derrubando-a na terra.

Antes que ela se recuperasse, ele pisou no pulso esquerdo dela, prendendo a mão e a faca no chão. Em seguida, abaixou-se e arrancou a parte da frente da camisa dela, rasgando-a com cuidado do pescoço à barriga e jogando o tecido para o lado. Os pequenos seios dela ficaram expostos. Ela tentou se cobrir com o braço direito, mas ele pisou no outro pulso também. O Médio estava em pé sobre ela, encarando sua nudez com uma expressão enojada. Ele se debruçou, aproximando o rosto do dela, e beliscou um de seus seios com força. Ele sorriu quando a Jovem Pavor fez uma careta de dor.

– Você ainda não é uma mulher – disse ele, em tom inexpressivo. – É uma menininha. É uma Pavor só porque não temos ninguém melhor, porque seu mestre sabe que não vale a pena gastar nosso tempo matando você.

Ele a encarou por alguns segundos, para que ela não tivesse dúvidas de que estava à mercê dele. Depois, afastou-se.

A Jovem Pavor se cobriu com o manto, mas não se afastou da terra fria. A raiva e a humilhação a deixaram imóvel por um bom tempo.

* * *

Muito depois, a Jovem Pavor continuava sentada onde o Médio a derrubara, enrolada no manto, cobrindo a roupa rasgada. Ela se balançava para a frente e para trás, mas, ao notar o movimento, parou. Controlaria o ódio. Ficaria completamente imóvel.

Briac havia adormecido, em um sono perturbado, porém seus gemidos logo deram lugar a palavras murmuradas em sonho. O Pavor Médio havia se enrolado no manto e deitado perto do fogo, com os olhos fechados.

Transfixados pelo Médio, os olhos da Jovem observavam seu peito subir e descer. O coração dele estava em algum lugar dentro daquele peito,

batendo, mantendo-o vivo. *Até parar de bater*, pensou ela.

O Mestre não havia feito nada para ajudá-la a matar o Pavor Médio. Talvez tivesse permitido que lutassem apenas como uma lição, para que ela soubesse que o Médio sempre a derrotaria e que ela deveria lhe obedecer.

Mãos delicadas apalpavam a lateral de sua cabeça, tocando a orelha que o Médio ferira com o punho da faca. A pele estava aberta, ela sentia.

– Não é nada sério – disse o Velho Pavor, examinando a ferida à luz do fogo.

Após um instante, ela sentiu o alívio gelado da pomada de ervas que ele esfregou na ferida.

– Deixe-me ver a outra – disse ele. – A ferida que ele finge não ter feito em você.

A Jovem desenrolou o manto e deixou-o examinar a cicatriz no lado do abdômen, onde o Médio a esfaqueara. O tecido sob a pele era grosso e viscoso, mas as linhas da ferida estavam desaparecendo. A medicina daquela época tivera um efeito estranho em sua pele, permitindo que se curasse quase perfeitamente. Os dedos do Velho Pavor traçaram a fina cicatriz.

– Ele é cruel – disse por fim.

– Ele é cruel. E você me deixou sob os cuidados dele.

– Ele é meu – falou o Mestre. – Eu o criei assim. Ele luta bem, por motivos ruins. Mata de maneira desnecessária e com muita frequência. E comete erros, como viajar para *Lá* com uma ferida grave o bastante para distraí-lo. Ele poderia ter ficado perdido no *entre* para sempre.

A Jovem manteve uma expressão neutra ao pensar na possibilidade.

O mestre continuou:

– Mas fiz certas promessas...

Ele fez uma pausa.

– Lamento que você seja obrigada a viver na presença dele.

Então permita que eu o mate!, ela quis gritar.

– O que aconteceu com nosso propósito nobre, Mestre? – questionou ela em voz alta.

Era uma pergunta que Quin havia feito, mas a Jovem Pavor já se perguntava isso havia séculos.

O Velho não respondeu de imediato. Seus pensamentos pareciam se dobrar sobre si mesmos.

– O objetivo do athame é permitir que uma grande mente, uma mente habilidosa, se mova através das fronteiras da vida humana – declarou ele por fim, em uma voz grave e solene. – Por que uma mente assim deveria ficar presa a uma única localização? Se ela conseguisse se mover livremente, agir livremente, imagine o que seria capaz de fazer. Ao usar um athame, um Seeker poderia aparecer em qualquer lugar... em fortalezas cercadas de guardas, nos cômodos particulares de um rei, em uma grande universidade do outro lado do mundo. E assim poderia... auxiliar o destino. Ele poderia buscar o melhor caminho para a humanidade, não é? Eu acreditava que grandes mentes, munidas das ferramentas apropriadas, tinham o poder de mudar a história.

Ele voltou os olhos para ela. Eles continham uma expressão quase desesperada.

– Vimos algumas dessas mudanças com os próprios olhos. Seekers determinaram o desfecho de grandes batalhas, derrubaram tiranos...

– Mas não foi só isso que eles fizeram, Mestre.

Os olhos dele observaram o acampamento e os restos da fogueira.

– Não – concordou ele. – Alguns usaram o athame para a ganância, o rancor e a vingança.

– Não foram apenas alguns.

– Temos leis – retrucou ele, com uma voz que soava oca, como se tivesse sido esvaziada de vida, apesar das palavras de protesto.

– Você fala... como se tivéssemos começado com você – disse ela. – Como se o athame tivesse vindo de você. É isso?

A Jovem virou a cabeça um pouco, vendo um dos cantos da boca do Velho Pavor se dobrar em um meio-sorriso.

– O athame... Sua origem é um conto para uma futura ocasião, criança. Se eu sou o primeiro, também sou o último. Mas qual extremo da nossa história será o início? E qual será o fim? Entre o agora e o fim, ou o início, devo passar boa parte do meu tempo adormecido, esticado, tentando me manter vivo, para acertar as coisas. Nossos corpos não são projetados para as coisas que nós, os Pavores, os forçamos a fazer. Existem temporadas para nossas vidas. Quando as desafiamos, não ficamos bem. Mais uma vez, fui acordado cedo demais. É sempre cedo demais. Temo que eu precisasse de mil anos para me recuperar. Mas não tenho tanto tempo assim. Vamos acertar as coisas aqui, depois vou me estender mais uma vez.

Os dois permaneceram em silêncio, até que a Jovem Pavor ousou perguntar:

– Você foi uma grande mente, Mestre?

Um sorriso de verdade apareceu no rosto dele.

– Por que você não pergunta se eu *sou* uma grande mente, criança? Porque agora falo baboseiras? Deixe-me dizer: um dia pensei ser uma grande mente.

– E agora?

– Agora não importa. Não queremos grandes mentes. Apenas bons corações. Bons corações escolhem com sabedoria.

– Como podemos encontrar um bom coração?

– É uma questão de sorte, criança. Sempre sorte. Com você, tive muita sorte.

Capítulo 50

Shinobu

– Por que você acha que eu lhe daria algo assim? – perguntou o Mestre Tan a Shinobu.

Ele estava em pé diante de uma mesa do consultório e moía uma planta verde-clara com um almofariz e um pilão, mexendo as mãos com a destreza de um especialista, com os olhos livres para estudar o visitante, cuja expressão era de vergonha.

– Nossas vidas são uma escolha – respondeu Shinobu. – Ouvi você dizer isso para Quin.

– Quando falei isso, exatamente?

Ele testou a consistência da planta com dois dedos e continuou o trabalho com o pilão.

– Você sabe muito bem.

– Ah – murmurou o Mestre Tan, ao se lembrar. – Talvez eu tenha realmente dito isso. Foi uma noite agitada. Ela escolheu a vida, é claro.

Ele era muito velho, com mãos retorcidas fortes, mas macias, e, no entanto, seu rosto quase não tinha rugas. Encarava Shinobu com interesse, como se estivesse estudando uma nova erva à venda no mercado de Kowloon.

– Você a teria deixado morrer se ela quisesse. Você ofereceu essa escolha – insistiu Shinobu em tom obstinado. – Eu ouvi.

– É isso que está pensando? Que sempre deixo pessoas morrerem? – perguntou o velho, como se a ideia o fascinasse. – É por isso que tantas pessoas vêm me visitar na loja? Porque sou um caminho fácil para a cova?

– Você gosta de ajudar as pessoas, velho – respondeu Shinobu com a voz grave e soturna. – Você deveria me ajudar e me dar o que estou pedindo. Eu...

Ele pensou em dizer: *Eu desapontei pessoas boas quando elas mais precisavam de mim. Além disso, sou um assassino.* Mas ele não conseguiu colocar as palavras para fora. Elas morreram em algum lugar na garganta, muito antes de alcançar a superfície, da mesma maneira que sua confissão sobre Alistair e o despedaçador morreram na garganta antes que ele contasse tudo para a mãe.

Shinobu não queria discutir com aquele homem. Já havia decidido o que precisava fazer e estava experimentando uma sensação de paz diante da inevitabilidade obscura do que estava por vir. *Eu deveria ter feito isto há um ano*, pensou.

Ele encarou os próprios pés, então tentou outra tática.

– Ninguém sentirá minha falta, Mestre Tan, exceto os donos dos bares de drogas. E nem sentirão tanta falta assim. Eles sempre pedem que eu tome um banho, e quase nunca faço isso.

– Que tipos de drogas, em geral? – inquiriu o Mestre Tan, interessado. – As drogas que você gosta de usar... quais são? Ópio? Ivan3? Quais bares de drogas sentirão mais sua falta?

– O que isso tem a ver?

As perguntas perturbaram seu temperamento estável. Ele não estava mais a fim de conversar.

– Não faço esse tipo de coisa todo dia. Preciso de um motivo para ajudá-lo. Por favor, explique quão mal você está. Quais drogas?

Com um suspiro, Shinobu começou a ditar uma longa lista. Mestre Tan anotou tudo, pacientemente, enquanto balançava a cabeça e murmurava comentários como:

– Terrível, terrível. Cigarros também? Meu Deus. Vodca? Que coisa, meu jovem...

Shinobu começou a achar que estavam fugindo demais do assunto. Com as mãos mergulhadas nos bolsos, falou:

– Olhe, eu... Meu pai...

Ele parou de falar, depois tentou novamente.

– Minha mãe, meu irmão e Fiona. Eu... quero protegê-los. Isso vai protegê-los. Você poderia me ajudar a fazer pelo menos uma coisa na vida sem falhar?

– Diga-me. Essa coisa de você se matar resolverá as outras coisas?

Shinobu deu de ombros.

– Não posso corrigir as coisas. Elas já aconteceram. Mas posso impedir que todos contem comigo. Posso me impedir de arruinar as coisas de novo. Porque *sei* que vou arruiná-las. Entende?

O Mestre Tan continuou a estudá-lo em silêncio por alguns instantes, como se pesasse a decisão.

– Sim, o argumento faz sentido – disse ele, por fim. – Não vou tentar detê-lo.

Shinobu, que encarava seus sapatos, ficou um pouco desapontado pela concordância repentina. Mas, afinal, era aquilo que havia esperado.

O velho colocou na mesa a mistura na qual estava trabalhando e caminhou até o enorme armário, que se estendia até o teto abobadado da sala. Era cheio de minúsculas gavetas, mais de mil delas, cada uma etiquetada com caracteres chineses. O Mestre Tan acessava as gavetas por uma escada com rodinhas, que empurrava de um lado para outro ao andar pela sala, enchendo um grande saco plástico. Sempre que Shinobu achava que ele tinha acabado, o Mestre Tan se lembrava de mais uma coisa e voltava a subir a escada. Após quase meia hora, o saco estava quase

transbordando. O curandeiro cantarolou baixinho ao incluir o último ingrediente e saltar da escada.

– Eu poderia ter morrido de tédio mais rápido do que isso – murmurou Shinobu.

Estava grato pela ajuda do Mestre Tan, mas a animação do velho realmente o irritava. Seria pedir demais que o curandeiro ficasse um pouco chateado com a situação?

Ainda cantarolando um pouco, Mestre Tan passou por Shinobu e começou a preparar um chá com a pilha de ervas.

– Gostaria que você *não* se matasse – disse a Shinobu, como se estivesse discutindo sobre o clima. – Na verdade, isso não importa muito para mim. Mas as autoridades médicas da Ponte de Pedestres exigem que eu diga que preferiria que você *não* se matasse. Não cai muito bem quando curandeiros começam a ajudar pessoas a cometer suicídios abertamente. Estou certo de que você entende isso.

Shinobu fez que sim com a cabeça.

O chá logo ficou pronto e o Mestre Tan o derramou em uma grande garrafa térmica.

– Você precisa beber tudo de uma só vez – explicou ele. – Sem deixar evidências que outras pessoas possam encontrar. Sugiro que vá a algum lugar tranquilo e seguro, mas perto do sistema de eliminação de resíduos da cidade. Talvez uma caçamba de lixo? Assim, será mais fácil lidar com seu cadáver. E não demore. O chá perderá a potência em pouco tempo.

Shinobu agarrou a garrafa térmica das mãos do Mestre Tan e, pouco depois, segurava-a junto ao peito enquanto caminhava pelas vigas de aço da Ponte. Ele estava perto do lado de Kowloon e, dali, via as luzes da cidade brilhando através da densa névoa à direita. Ao andar pela viga estreita, afastando-se do centro da Ponte, em direção aos limites da estrutura,

começou a ver a água muito abaixo. Estava bem escura aquela noite, sob as brumas.

– "Gostaria que você *não* se matasse", diz ele, enquanto pega as ervas venenosas – falou Shinobu a si mesmo. – Ele mal podia esperar para se livrar de mim. Você está mesmo no fundo do poço quando um *curandeiro* quer se livrar de você.

O porto não era tão fundo naquele ponto quanto no centro da Ponte. Um lugar mais raso será melhor, pensou ele. Eles encontrariam o corpo rápido, mas era mais seguro saltar. Dois métodos diferentes de morrer eram melhores do que um. E ele preferia não morrer em uma caçamba, apesar de o Mestre Tan parecer achar essa ideia adorável.

Ao atingir a ponta da viga, Shinobu se sentou e deixou as pernas penderem da beirada. Abrindo com cuidado a tampa da garrafa térmica, ele cheirou o chá e sentiu vontade de vomitar. O líquido soltava um odor horrível e era quase tão espesso quanto melaço. Era uma pena que aquilo seria o último gosto que ele sentiria. Deveria ter comprado uma casquinha de sorvete para comer após beber o chá. *Da próxima vez que for me matar, precisarei planejar melhor*, pensou. *Rá, rá*.

Ele olhou para a queda sob seus pés, para se certificar de que o caminho estava livre até a água. Não queria quicar em vigas de aço no caminho até lá. A viga onde estava sentado se estendia mais do que as outras; abaixo, havia quase cinquenta metros de ar vazio. Perfeito.

Não havia por que arrastar aquilo. Se hesitasse, mudaria de ideia e acabaria traindo outra pessoa, provavelmente Quin. Ele se recusava a fazer isso. *Agora que eu a encontrei, Quin, não conseguirei ficar longe de você.*

Shinobu tapou o nariz e engoliu todo o conteúdo da garrafa térmica sem parar para respirar.

O efeito foi imediato. Ele sentiu uma câimbra tão repentina e intensa no estômago que se dobrou e teve que agarrar a ponta da viga para não cair.

Quando a primeira onda de cólicas começou a abrandar, ele se levantou com dificuldade. Tinha começado a tremer. Muito. Sofreu outro ataque de cólicas que quase o derrubou.

Apoiando-se em outra viga, tirou todas as roupas, menos a cueca. Em seguida, jogou a garrafa térmica vazia e as roupas da Ponte. Um bom tempo depois ouviu quando elas atingiram a água.

Seu corpo tremia e sofria cólicas tão violentas que ele foi forçado a mexer seus pés aos pouquinhos, preocupado em perder o equilíbrio antes de estar preparado. Por fim alcançou o ponto mais distante da viga, e os dedos de seus pés ficaram pendurados para fora. Respirou fundo, pronto para o fim.

E então saltou.

Seu estômago pulou para a garganta e as veias foram inundadas pela adrenalina. Ele estava desabando! Estava prestes a morrer!

A queda era muito longa. Longa o bastante para que ele observasse o esqueleto de aço da Ponte passando depressa diante dos olhos. Longa o bastante para ver a água escura correndo ao seu encontro através da neblina. Planejara atingir a água do porto de barriga, o que o mataria na mesma hora. Mas, durante a queda, foi dominado pelo instinto. Ele já havia até saltado de pontes antes, por diversão. Sem querer, atingiu a água em uma posição vertical perfeita, com os pés primeiro, e deslizou pela superfície como um mergulhador de penhascos se exibindo para turistas.

Seu plano B era atingir o fundo com tanta violência que morreria com o segundo impacto. Infelizmente, ele havia se equivocado a respeito da profundidade sob aquele trecho da Ponte. A água ali podia até ser mais rasa do que no centro, mas, quando ele parou de afundar, ainda não havia

atingido o fundo. Alguns instantes depois do salto, Shinobu continuava vivo, bem abaixo da superfície, com todos os seus membros intactos. O frio foi um choque, mas também melhorava a dor no estômago.

Pela experiência como mergulhador, ele sabia que seu corpo logo o forçaria a inspirar, mas, naquele momento, por ter respirado antes do impacto, ainda tinha meio minuto de ar nos pulmões, talvez até mais. Então, em vez de subir para a superfície, mergulhou mais fundo, nadando cegamente.

A cada braçada poderosa, Shinobu se impulsionava para a frente, e algo estranho começou a acontecer, algo além do terror e da adrenalina do salto. Seu estômago estava se revirando e apertando, e seus músculos estavam tremendo, contudo uma sensação mais poderosa tomava conta de seu corpo. Ele estava *zunindo*.

Era uma palavra estranha, mas parecia ser a mais adequada. Ele continuou nadando em direção ao fundo, porém parecia que cada célula de seu corpo vibrava por conta própria, soltando todo tipo de coisas, algumas físicas e outras, não.

Primeiro, o atordoamento, causado pelas drogas que o dominaram durante o último um ano e meio, foi chacoalhado para fora de sua cabeça. Enquanto seus braços o puxavam pela água escura, ele sentiu uma nitidez mental que não experimentava havia muito tempo. Em seguida, seu coração foi lançado em um movimento furioso e começou a bombear sangue em um fluxo selvagem, como um guerrilheiro disparando uma metralhadora no réveillon. Os pulmões de Shinobu começaram a reclamar, mas ele continuava indo mais fundo.

Enfim, suas memórias começaram a se soltar:

* * *

Ele estava na fazenda, perto do celeiro no desfiladeiro. Tinha procurado Quin por toda parte e por fim se dado conta de que ela deveria estar ali. Os dois haviam realizado sua primeira missão como Seekers na noite anterior. Sua nova marca, o athame queimado no pulso, latejava sob o curativo. Ele havia passado quase vinte e quatro horas enjoado.

Encontraria Quin e a levaria embora com ele. Iria convencê-la a deixar a fazenda naquele dia, levando apenas as roupas do corpo. Poderiam atravessar o rio na base do penhasco e seguir pela outra margem até o vilarejo mais próximo.

Quin provavelmente ainda amava John, mas Shinobu a faria entender. John estava indo embora. Briac estava se livrando dele. Shinobu e ela é que deveriam ficar juntos. Poderiam deixar a noite anterior para trás, deixar a fazenda e ir para um lugar onde nunca mais veriam os pais. E um dia, quando estivessem juntos em algum lugar distante e seguro, ela o encararia e o veria de maneira diferente. E ele a beijaria...

Ao chegar à porta do celeiro, Shinobu foi surpreendido por vozes que vinham de dentro. Ele parou à porta, ouvindo. Quin estava lá, e John também. John havia chegado primeiro.

Em silêncio, Shinobu entrou na escuridão do celeiro. Os dois estavam no mezanino. Falavam baixinho, mas parecia que estavam discutindo. Shinobu pensou que talvez eles estivessem terminando o relacionamento. Ele se esgueirou pela parede e, depois de algum tempo, viu John, parado ao lado da janela redonda na plataforma alta.

Decidiu esperar ali, entre as sombras. Mandaria John embora, depois subiria a escada e a convenceria. Mesmo que ainda fosse apenas seu primo, não teria problema. Os dois poderiam construir uma vida nova.

Mas John não foi embora. Enquanto Shinobu assistia, Quin se levantou e se aproximou dele. Em um instante, os lábios de John estavam nos dela, e

eles estavam se abraçando.

* * *

Shinobu estava na mansão no campo, em sua primeira missão. Ele viu Quin descendo a grande escadaria, seguida de perto pelas duas crianças do quarto. Ele logo entendeu o que ela pretendia fazer. Quin e ele já haviam sido forçados a participar da morte dos pais das crianças, mas Quin se recusava a fazer algo além. Ela estava levando as crianças embora, ajudando-as a fugir. Desafiando Briac. A ideia dela o fez se sentir mais forte.

Shinobu se virou para procurar o pai. Poderia roubar o athame e a vara de relâmpago de Alistair e se juntar a Quin. Com os dois, eles poderiam salvar as crianças e ir para qualquer lugar no mundo.

Contudo ele não encontrou o pai em lugar algum. E, quando voltou para a escadaria, Quin estava sentada com a cabeça apoiada nas mãos, e as crianças haviam desaparecido.

* * *

Shinobu estava na área comum, treinando com John. Usavam antigas espadas de metal, e o tinido das lâminas ecoava entre as árvores. Shinobu tinha doze anos, e John, treze.

Shinobu lutava melhor do que John, mas não muito. John havia aprendido a lutar antes de ir para a fazenda.

John bloqueou bem, então desferiu um belo contragolpe. Shinobu defendeu o golpe, mas sua força foi suficiente para empurrá-lo.

– Você está aprendendo – disse Shinobu de maneira um pouco arrogante.

– Sou mais forte do que você – respondeu John.

– Mas eu sou mais rápido.

Ele acertou a perna de John com a parte plana da espada, fazendo-o saltar para trás.

– Você cresceu aqui – observou John. – É claro que é mais rápido.

– Meu pai diz que a fazenda é o melhor lugar para um Seeker crescer. Há algo no ar, na água, nas rochas.

– Pode ser – disse John –, mas minha casa é mais segura.

Naquela idade, John estava sempre procurando maneiras de parecer mais forte, melhor e mais importante. Qualquer coisa para compensar o fato de ter começado o treinamento quatro anos atrasado.

Shinobu desarmou John com habilidade, lançando sua espada na grama. Em seguida, baixou a própria espada.

– Por que sua casa é mais segura? – perguntou ele, curioso. – Como um lugar poderia ser mais seguro do que a fazenda?

John tinha a expressão de alguém que acabou de cometer um erro e que não deveria falar sobre aquilo, mas a tentação de se gabar foi mais forte do que ele.

– A *Traveler* foi construída especialmente para mim – contou ele, procurando sua espada em meio à grama. – Nenhum Seeker pode entrar nela. Assim, estarei seguro dos Seekers. Qualquer um pode entrar na fazenda.

– Mas teria que lutar contra meu pai – disse Shinobu, levando a mão ao peito. – E contra mim.

John encontrou sua espada em seguida, e os dois voltaram a lutar.

* * *

Mais novo, Shinobu estava mais uma vez na área comum, sentado e escondido nos limites do campo, entre folhas de grama com quase um metro e meio de altura. Abelhas iam de flor em flor e havia um odor de madressilva no ar. Era o começo do verão e o dia estava quente. Quin estava sentada de frente para ele, com as pernas cruzadas e os cabelos escuros presos em um laço. Eles tinham nove anos.

De repente, Shinobu debruçou-se e beijou-a na bochecha.

– Você pode me beijar? – indagou ela com uma risadinha.

– Por que não? – disse ele. – Nossos pais são parentes, então nós também somos, e eu sempre beijo minha família. E já começamos nosso treinamento, então já somos praticamente adultos.

Quin pensou, depois se inclinou para a frente e o beijou de volta.

– Eca – disse ele. – Isso é nojento.

– Não é, não.

– É, sim.

Ele a beijou de novo. Os dois comiam pão com mel, que haviam roubado da cozinha de Fiona, e o beijo foi um pouco grudento.

Shinobu se deitou, olhando para o céu enquadrado pela grama.

– O papai disse que, desde que haja duas pessoas juntas, tudo ficará bem. Mamãe está morta, mas nós dois continuamos aqui, o papai e eu. E nós somos dois – disse ele, segurando a mão dela. – Você e eu somos dois, então está tudo bem.

Em seguida, Quin o beijou de novo, e, desta vez, os lábios dela roçaram nos dele.

– Foi nos lábios! – exclamou ele.

Eles se separaram e começaram a cuspir desesperadamente no chão.

– Por que os adultos gostam disso? – perguntou ela.

– Eles são estranhos.

– Será que seremos estranhos quando formos adultos?

– Com certeza – disse ele, voltando a beijá-la.

* * *

Enquanto nadava, Shinobu atingiu o braço em alguma coisa. Sentiu a lama e o lodo escorrendo entre os dedos. Ele havia alcançado o fundo do oceano. Encontrara o fundo do porto e o início de seus sentimentos por Quin.

Seus pulmões ardiam. Em alguns instantes, seu corpo o forçaria a engolir água do mar, e ele se afogaria. Mas seu corpo havia parado de tremer, e sua mente estava limpa.

Desgraçado, pensou, *aquilo não era veneno!*

Aos nove anos, deitado na área comum com Quin, as coisas eram boas. Perfeitas, na verdade. Entre aquele momento e o presente, ele havia cometido uma longa lista de erros terríveis.

Se eu morrer agora, pensou, *eles serão erros para sempre.*

Se enchesse os pulmões de água, congelaria o passado exatamente como estava. Mas se vivesse...

Shinobu levou os pés ao solo e deu um impulso com o máximo de força que seus músculos permitiam. Começou a subir pela água, os braços o puxavam e as pernas chutavam. Os pulmões estavam no fim de sua tolerância. Ele precisaria respirar, mesmo que isso o matasse. Seu corpo inalaria o que estivesse disponível: água, lodo, pequenos peixes, fraldas velhas, qualquer coisa. Ele precisava respirar; precisava respirar.

E então respirou. Ele puxou uma golada para dentro e percebeu que seu rosto havia alcançado a superfície, e que estava respirando o ar nebuloso de Hong Kong.

Capítulo 51

Maud

Ele deixou Briac Kincaid amarrado e vendado no que um dia havia sido o pátio do castelo. O Mestre da Jovem Pavor tinha enchido mais uma vez as feridas de Briac de ervas e dado raízes de valeriana para ele mastigar, o que abrandava um pouco a dor. Briac estava deitado, semiconsciente, sob um trecho suspenso do muro do castelo, gemendo para si mesmo sob a luz da manhã.

A Jovem Pavor tinha mais ou menos a mesma opinião de Briac que tinha do Médio, por isso não sentia muita pena dele. Apesar disso, ficou aliviada quando desceram até o que havia sobrado da cripta do castelo, bem abaixo do solo, e a terra acima abafou seus gritos.

Boa parte da cripta, onde ainda ficavam os caixões de pedra dos antigos lordes escoceses que haviam sido seus familiares, estava em ruínas. A maior parte do chão do castelo acima tinha desabado, enterrando grandes trechos do espaço e o escondendo. O trajeto que seguiam, no entanto, fora aberto através dos séculos, um trabalho realizado pelos Pavores. A própria Jovem já tinha afastado pedras dezenas de vezes, mas nunca fora mais fundo do que a cripta. Naquele dia, ela iria.

O chão da câmara sepulcral se inclinava para baixo, dando no que parecia ser um muro sólido de pedra. Eles seguiram esse muro até o canto direito, onde os dedos do Pavor Médio tatearam uma das dobras naturais na parede irregular. Após um instante, a mão dele deslizou para um canal oculto, um apoio escondido entre os desníveis da rocha. O Velho ajudou a Jovem a posicionar as mãos de maneira correta, e juntos os três Pavores,

usando toda a sua considerável força, giraram uma grande prancha de pedra para o alto e para longe do muro.

Atrás da prancha, degraus haviam sido cavados, levando ao interior da terra. À luz de uma tocha, eles desceram na cripta, e, à medida que iam mais fundo, as paredes de pedra ficavam mais estreitas.

Os últimos degraus davam em um espaço amplo. Atravessaram um túnel longo, com o teto arqueado de pedras rústicas logo acima de suas cabeças. No final do corredor, havia outra parede. Camuflada entre as pedras amontoadas da parede lateral e a parede lisa no fim do corredor, havia uma abertura acidentada, que mal permitia a passagem de um homem.

Seguindo os companheiros, a Jovem Pavor atravessou o pequeno vão, alcançando mais degraus. As paredes de pedra e terra tornaram-se ainda mais estreitas, tão estreitas que os homens diante dela foram obrigados a andar de lado. Eles continuaram descendo, arrastando a pele na terra. O ar ali era antigo e denso, e a tocha o enchia de fumaça. Entretanto, ainda era possível respirar.

Por fim, as escadas se curvaram, quase formando um círculo perfeito. Quando os degraus acabaram, os Pavores foram parar em um espaço tão amplo que só poderia ser chamado de caverna. Parecia uma formação natural, com um teto de rocha três metros acima da cabeça dela, e a superfície era escorregadia e molhada à luz do fogo. Redes de túneis ramificavam-se da câmara central, mas a tocha apenas sugeria suas profundidades e distâncias.

Conforme os Pavores entravam na caverna e os olhos da Jovem absorviam o enorme espaço pela primeira vez, ela tomou consciência de um trecho de rocha que havia sido claramente entalhado por mãos humanas. Ali, a superfície naturalmente desnivelada da caverna tinha sido trabalhada

e transformada em uma parede lisa. Os outros Pavores se direcionavam para ela e, ao se aproximarem, a luz da tocha tremeluziu na rocha lisa, revelando entalhes ao longo da superfície. Um grupo de imagens estava incrustado tão profundamente na rocha que ficaria visível por milênios. Na verdade, talvez já estivessem ali havia um milênio.

Este lugar deve pertencer aos Pavores, pensou a Jovem. Perguntou-se quanto do conhecimento dos Pavores ainda estava oculto para ela, e, de repente, pensou: *Há quanto tempo meu Mestre vive? Ele fala de coisas antigas como se tivessem ocorrido ontem.* Será que havia criado aquela caverna?

Ela contou dez entalhes na parede, a maioria retratando algum animal. Estavam arranjados em um círculo. A figura mais alta ficava acima de sua cabeça, e a mais baixa, perto de seus pés. Sob cada uma delas, encontrava-se um buraco retangular onde um pedaço grande de pedra tinha sido removido. Sob cada buraco, havia uma fenda em forma de diamante, gravada com minúcia.

A parede emanou faíscas inesperadas de luz ao ser iluminada pela tocha. Ela não examinava uma rocha comum, mas algo mais precioso. A tocha soltava uma luz alaranjada, mas a Jovem notou que a parede devia ser de um branco acinzentado e luminoso, como...

Como um athame.

Os entalhes começaram a fazer sentido. Um cavalo, uma raposa, um carneiro, um javali, um veado, uma águia, um urso e duas criaturas mais fantásticas: um dragão e um gato-selvagem, com presas. O último entalhe, no topo do círculo, não era um animal, mas três formas ovais, interligadas. Como uma flor, mas mais uniforme.

A Jovem Pavor conhecia aquele símbolo. Estava entalhado no punho do athame dos Pavores, que, naquele instante, estava guardado em segurança no bolso do manto do Mestre.

– O símbolo? – perguntou o Mestre.

Estavam em silêncio havia tanto tempo que a voz dele foi um choque para a Jovem Pavor, ecoando nos limites distantes da caverna.

– Uma raposa – respondeu ela.

– Tem certeza? – perguntou o Médio.

– Tenho. O outro, com a águia, quebrou durante o ataque. Tive muitas oportunidades de estudá-lo.

Depois que você me abandonou para morrer na fazenda, pensou ela, sem verbalizar.

O Mestre sacou o athame dos Pavores e o enfiou na fenda em forma de diamante sob a imagem entalhada da raposa. A adaga se encaixou no buraco com perfeição, deslizando suavemente até o punho.

Todos os outros athames que ela já vira eram maiores do que o do mestre e não encaixariam nas fendas sob as figuras. Portanto, aquelas dez fendas deveriam ter sido construídas especificamente para aquele athame, o athame dos Pavores.

O Velho e o Médio começaram a entoar um cântico. Enquanto cantava, o Mestre sacou uma pequena vara de metal de um de seus muitos bolsos. A Jovem nunca vira aquele objeto antes. Mais uma vez, perguntou-se que tipos de tesouros encontraria se esvaziasse todos os bolsos escondidos no manto do Mestre.

O Velho Pavor bateu ritmicamente com a vara de metal na parede de pedra, ao lado do punho protuberante do athame. À medida que o metal batia na rocha, a própria parede começou a vibrar.

O processo durou vários minutos, com o Velho Pavor batendo na parede no ritmo do seu cântico. Logo, toda a caverna começou a tremer, como se a própria terra tivesse absorvido o tremor. Quando a vibração se tornou insuportável, e a Jovem tinha certeza de que pedras começariam a desabar,

o cântico cessou. A caverna se estabilizou e o zunido da parede morreu aos poucos.

Quando ele me ensinará tudo isso?, perguntou-se a Jovem Pavor. *Se eu quiser sobreviver e me tornar uma Pavor de verdade, precisarei saber essas coisas.*

O Mestre guardou a vara de metal mais uma vez no bolso, depois retirou o athame da rocha.

– Agora, criança, esperaremos.

Capítulo 52

Quin

Quin emergiu no parque atrás do Monte Victoria, em Hong Kong, em algum momento da noite. Ela memorizou aquelas coordenadas havia muito tempo, quando o pai lhe ensinava sobre o athame. Ele lhe explicava que o Monte era como uma autoestrada para Seekers. As coordenadas eram simples e o ponto de entrada do athame era pouco povoado, mas era perto de multidões, entre as quais os Seekers poderiam se misturar e se esconder com facilidade.

Ela desceu o Monte a pé, pelas ruas íngremes e sinuosas, passando por prédios altos e torres empresariais, até alcançar o litoral. De lá, seguiu pelo oeste ao longo da costa, em direção ao lado da Ponte de Pedestres que dava na Ilha de Hong Kong. No caminho, passou por um letreiro que piscava a data e a hora e viu que era quinta-feira, quase meia-noite. Ela havia perdido mais dois dias.

Ao entrar na Ponte, com o dossel de velas se agigantando sobre a cabeça de Quin no ar noturno, apresentou as mãos e o rosto para a varredura de segurança, foi confirmada como moradora e seguiu caminho em meio à escuridão, juntando-se aos outros transeuntes.

Ela achou a Ponte de Pedestres menos familiar depois que suas lembranças haviam retornado. Não se sentia mais tão em casa ali, nem tão segura quanto antes. Mas as luzes de sua casa estavam acesas, convidando-a calorosamente a entrar. Ela se deu conta de que estava ansiosa para ver a mãe, mais ansiosa do que em todo aquele ano. Quin enxergava as coisas com mais clareza. Fiona era uma vítima de Briac Kincaid, assim como ela, e

Quin queria compensar a frieza com a qual tratara sua mãe nos últimos tempos. Abriu a porta.

– Mãe? Você está em casa?

Ela ouviu alguém na sala de exame ao subir a escada.

– Shinobu avisou que eu estava bem? Suba comigo para o segundo andar! – gritou ela.

Ela não esperou a resposta de Fiona. Perseguia uma imagem na mente e temia perdê-la: três formas ovais.

Ao chegar ao quarto, revirou o armário, afastando lençóis dobrados e jalecos do chão. Mas não encontrou o que procurava.

– Mãe? – gritou. – Preciso da sua ajuda!

Ela parou por um instante, estendendo a mente para os meses estranhos em que ainda era nova na Ponte e naquela casa, quando estava se recuperando da ferida quase fatal no peito. Onde havia colocado aquilo?

Foi até o quarto da mãe e abriu o baú de madeira ao pé da cama. Estava cheio de vestidos de seda, grampos de cabelo, sandálias ornamentadas: itens cujo objetivo era tornar Fiona uma acompanhante linda para os homens que vinham visitá-la na Ponte. Infelizmente, Quin também encontrou pelo menos uma dúzia de garrafas vazias de bebidas alcoólicas.

No fundo do baú, encontrou uma pequena caixa de metal.

– Aí está você – sussurrou ela.

Durante um ano e meio, ela havia se esforçado muito para esquecer aquela caixa e o que ela continha. Ao retirar a caixa do baú e pousá-la no chão, suas mãos tremiam.

Quando levantou a tampa da caixa e examinou os itens que havia dentro, foi tomada por uma onda de vertigem. Eram as coisas que estava carregando no manto no dia em que chegou na Ponte de Pedestres. Eram objetos que desejou nunca mais ver, mas que não conseguiu jogar fora. Nos

primeiros dias na Ponte, ela entregou os objetos para Fiona e os afastou da mente.

Havia uma faca velha, muito afiada e com equilíbrio perfeito para lançamentos. Ao vê-la, Quin se lembrou de um homem caindo de um cavalo, agarrando a própria garganta. Havia uma mecha da crina de Yellen. O pelo estava preso aos dedos dela quando Shinobu a carregou de *Lá* para Hong Kong. Havia um lenço de seda com as beiradas sujas de sangue seco. O lenço foi um presente de John, que o trouxe de uma de suas viagens anuais para Londres. Ele o deu para ela sob uma árvore, na floresta, depois Quin o beijou... O sangue que sujava o lenço também era dela, da bala que ele disparou contra ela na noite do ataque.

Por alguns instantes, Quin esqueceu o que estava fazendo ali, sentindo-se tonta. Quando a sensação finalmente passou, ela encontrou o que procurava. Sob os outros itens, havia um livro grosso, com encadernação de couro.

A capa estava gasta e lisa, pois foi manuseada por muitas pessoas ao longo dos anos, mas as manchas de sangue nas bordas pareciam mais recentes. Quin se perguntou se o sangue seria dela ou se pertencia a outra pessoa que estivera antes com o livro.

Maleável, o livro se abriu ao toque. Dentro, havia páginas e mais páginas de relatos de diário, alguns em uma letra feminina e moderna, outros em uma letra antiga, apertada e parecida com aranhas. Certos textos tinham sido colados no livro e outras páginas estavam soltas, algumas em papel e outras em materiais mais antigos e delicados, como papel-pergaminho e velino, dobrados e enfiados com cuidado entre as páginas. E havia dezenas de ilustrações.

Ela folheou o caderno, vendo ilustrações simples de animais e paisagens rústicas em tinta. Na seção superior de uma das páginas, localizou o

diagrama do qual se lembrava: três formas ovais e interligadas. Esse símbolo tinha algo a ver com a origem dos Seekers, Quin tinha certeza. O texto sob o símbolo não estava escrito em inglês moderno, mas em um idioma mais antigo.

Briac sempre mantivera a história deles em segredo. Mesmo quando o assunto eram os Pavores, suas explicações eram muito breves, descrevendo-os apenas como juízes que estavam lá para supervisionar os juramentos. O silêncio de Briac significava que havia coisas que ele não queria que os aprendizes soubessem. Aquele símbolo deveria ser uma delas. Quantas coisas será que ela ainda precisava aprender? Parecia que ele tinha lhe mostrado apenas os topos das árvores mais altas e que havia toda uma floresta por baixo, esperando para ser explorada.

Após examinar o diagrama das formas ovais por algum tempo e de traçar as linhas com o dedo, ela se forçou a fechar o livro. O volume de couro merecia ser examinado com calma e minúcia, mas primeiro ela queria ver a mãe para lhe contar tudo que havia acontecido nos últimos dias. Quin trouxe a mente de volta para Hong Kong e para o quarto ao redor.

– Mãe! Fiona! – gritou.

Agarrada ao livro, levantou-se e virou-se para deixar o quarto, quase dando de cara com duas figuras paradas no corredor.

Ela deu um passo para trás, assustada. Nenhuma das duas figuras era sua mãe. Uma era o Mestre Tan, pequeno e aprumado no jaleco de curandeiro. O outro era um grande adolescente asiático, coberto de hematomas amarelados. A empolgação em ter encontrado o livro evaporou. Pelo olhar dos dois, ela logo imaginou o que havia acontecido.

– Minha mãe... ela não está aqui?

Mestre Tan fez que sim com a cabeça em um gesto solene.

– Sim, aconteceu ontem à noite – respondeu ele.

– Foi John? – perguntou ela.

Nenhum dos dois parecia ter a menor ideia de quem era John, mas Quin já estava assentindo para si mesma. É claro que havia sido John. Ele não desistiria até que estivesse de posse do athame. E Fiona era o caminho.

– Shinobu lamenta muito o que aconteceu – disse o garoto grande. – Sei que ele se arrepende do quanto foi estúpido em fugir. Ele sabe que até um idiota ou uma criancinha teria conferido primeiro quem estava na porta. Shinobu não é uma criancinha, mas talvez seja um idiota. Meu nome é Brian, aliás. Ele e eu estávamos aqui.

– Shinobu estava aqui? Com Fiona?

Depois da luta na Ponte, ele concordou em contar para Fiona que Quin estava bem. Mas ela não pediu mais do que isso. Ele pareceu ansioso em se livrar dela.

– Estava. Shinobu viu sua mãe sendo levada – explicou o garoto. – Ele deveria tê-la protegido.

– Deveria?

Brian deu de ombros.

– Ele achou que era uma boa ideia. E até teria sido se ele não tivesse fugido.

– Ele decidiu se matar, como forma de reparação – disse Mestre Tan em tom grave.

– Se matar?

Quin olhou de um para o outro, esperando uma explicação melhor, ou pelo menos por mais urgência. Como os dois continuaram em silêncio, ela disse:

– Não pedi para ele... Ele está... Quer dizer... Vocês estão me dizendo que ele está *morto*?

– Bem, acho que não – respondeu Mestre Tan, balançando a cabeça. – Eu ficaria muito surpreso se estivesse.

– É pouco provável – concordou Brian.

– Na verdade – continuou Mestre Tan com calma, sacando um antigo relógio de bolso e examinando-o –, a não ser que ele tenha feito algo muito inesperado...

Ouviram-se um estrondo alto e o soar violento de sinos quando a porta da frente foi aberta de supetão. Quin se espremeu entre os dois e correu escada abaixo, e os dois a seguiram de perto. Por um breve instante, ela imaginou que talvez a mãe tivesse voltado. Mas não era Fiona.

Enquadrado pela porta, encontrava-se a figura muito alta e muito molhada de Shinobu, completamente nua, exceto por uma cueca decorada com personagens de histórias em quadrinhos. O próprio Shinobu se parecia muito com um personagem de histórias em quadrinhos. Com músculos esbeltos delineados pelos postes de luz atrás dele, e a água que pingava no chão, ele poderia ser um semideus lançado à Terra por um pai raivoso. O cabelo curto estava grudado na cabeça, e ele tremia muito.

– Você ainda está com meus jeans – disse Shinobu quando Quin parou ao pé da escada.

Por algum motivo, isso a deixou muito ruborizada.

Fora a falta de roupas, havia algo muito diferente em Shinobu desde a última vez que ela o vira. Ele não estava olhando para o lado, nem desviando os olhos dela, nem a encarando por baixo do capuz ou enquanto estudava os tênis gastos. O garoto a encarava diretamente, com uma intensidade nos olhos da qual ela se lembrava. Era o olhar que ele tinha quando lutavam juntos, um olhar que alertava as pessoas para a força dele e para o quanto ele era leal e, ao mesmo tempo, mortífero.

Se Shinobu estivesse com esse mesmo olhar alguns dias antes, ela o teria reconhecido de imediato. Aquele olhar lhe dava vontade de se aproximar e tocá-lo, como se aquele momento fosse a verdadeira reunião entre eles.

– Prometo que traremos Fiona de volta. Tenho um plano. Você não vai gostar. Bem, talvez goste. Não, com certeza não vai gostar. Na verdade, estou bastante certo de que não vai gostar. Não mesmo.

As palavras saltavam de sua boca em rebentos rápidos e inconstantes.

– Mas é o que podemos fazer em uma enrascada, que é como nos encontramos agora, já que não sabemos o que John está planejando. Pelo menos, eu não sei. E você provavelmente também não.

– Você está falando de maneira estranha – disse Quin com cuidado.

Sua vontade repentina de abraçar Shinobu a envergonhava. Ela deu um passo na direção dele, mas se conteve antes de se aproximar mais.

– Ele me deu alguma coisa – respondeu Shinobu, apontando um dedo acusador na direção do Mestre Tan.

Quin olhou para o curandeiro.

– Era completamente natural, garanto – disse Mestre Tan a ela. – Mas eficaz. Eu disse para você ir a um lugar seguro, Shinobu. Você *saltou da Ponte?*

– Eu estava tentando me matar, lembra? E, quando cheguei à superfície, todos os pensamentos que não tive durante um ano e meio invadiram minha cabeça ao mesmo tempo.

Ele olhou para os três, que ainda o encaravam com preocupação.

– Alguém poderia me dar uma toalha? Eles não me deixariam passar pelo portão assim, é claro. Tive que escalar de volta. Estou morrendo de frio.

O Mestre Tan foi buscar uma toalha, gritando:

– Uma caçamba de lixo também teria funcionado muito bem.

Shinobu revirou os olhos.

– Qual é a desse cara com caçambas de lixo?

Depois, voltou-se para Quin e Brian.

– Meu plano...

– Você vai me deixar de fora deste plano, não é, Barracuda? – indagou Brian. – Algumas das minhas costelas continuam intactas.

– Não, não, Robalo. Sua parte é a melhor.

* * *

O porão era estreito e longo. Era cheio de armários ornamentados e baús empilhados de maneira organizada ao longo das paredes, com um pequeno corredor entre eles. Havia um clima asiático muito forte ali. Quin crescera com Shinobu na Escócia e vira o lado escocês dele durante quase toda a sua vida, mas ali, na casa de sua mãe, ela testemunhou o lado japonês dele. Havia pelo menos umas dez katanas, ou espadas samurai, montadas em uma estante de madeira sobre um armário preto esmaltado, entalhado e incrustado com imagens de águias, o símbolo da família de Shinobu. Os baús de madeira empilhados ao redor do porão pareciam muito antigos, e todos eram decorados com imagens cotidianas de samurais, e, por todo lado, havia gabinetes com gravuras tradicionais japonesas, retratando dragões e monges.

Shinobu havia se acalmado um pouco, mas ainda se movimentava duas vezes mais rápido do que um ser humano normal. Isso significava que ele estava se mantendo ocupado, sem perceber o desconforto de Quin. Ele havia vestido algumas roupas velhas, mas a mente dela não parava de voltar para a maneira como ele havia aparecido na porta dela e para sua expressão, que deixou claro que ele faria *qualquer* coisa para ajudá-la...

Ele estava do outro lado do porão, forçando a tampa de uma grande caixa de metal. Quando por fim a abriu, as laterais da caixa desabaram, revelando um amontoado de tiras, pentes e tubos de metal. Suas mãos se moveram depressa pela bagunça, arrumando e montando tudo ao mesmo tempo. Em poucos minutos, o objeto havia começado a tomar forma.

– O que é isto? – perguntou Quin.

Parecia um pouco um arnês de paraquedismo com foguetes acoplados. Na verdade, era exatamente isso.

– Passei algum tempo saltando de edifícios quando cheguei aqui. É muito divertido. Minha mãe tinha pavor, e fui preso algumas vezes. Isso não foi divertido, mas conheci muitas pessoas interessantes. Prisões são assim mesmo.

As palavras jorravam de sua boca, porém ele fez uma pausa, notando a maneira como ela encarava o arnês.

– É perfeitamente seguro – disse ele, antes de concluir: – Não. Na verdade, não é nada seguro. Não sei por que disse isso. Mas eu não menti. É claro. Estou bem aqui!

– Esses prédios eram muito altos?

– Sim, bastante.

– Tão altos quanto...

Ela perdeu o fio da meada. O athame continuava escondido na bainha que descia por sua perna esquerda, fazendo a pele coçar. Quin o agarrou por cima dos jeans e notou que a pedra emitia uma vibração muito sutil. Ao tocar a adaga, a vibração aumentou de maneira constante, enviando um tremor por seus ossos, até chegar aos dentes.

– O quê? – perguntou ele.

– O athame está tremendo.

Ele estendeu a mão e subiu a mão pela perna dela, tentando sentir o athame. Quin deu um passo para trás, surpreendida pela proximidade repentina.

– Ele... ele parou – disse ela. – Que estranho. Algo o ativou.

– Há uma linha de metrô perto daqui – sugeriu Shinobu, voltando a mexer no equipamento de paraquedismo. – Será que ele está captando a vibração? Às vezes, quando estou aqui embaixo, sinto o metrô sob meus pés. Mas, quando uso bastões de Shiva, parece que tudo está tremendo, então é difícil ter certeza. Você não usou Shiva, então talvez seja isso.

Ele retirou cartuchos de foguete do arnês e os guardou. Então, carregou o equipamento até a frente do porão e o colocou perto da porta.

– Roupas novas – comentou ele. – Por sorte, minha mãe já planejou isso para nós há muito tempo.

Ele abriu o armário perto de Quin, revelando uma grande variedade de armaduras, algumas muito antigas e apropriadas para um samurai e outras modernas.

– O avô do avô do avô... esqueço quantos avôs... do meu avô – disse ele, apontando com a cabeça para a armadura samurai, feita de peças complexas de madeira laqueada, unidas por finas tranças de seda.

– É linda.

– Ainda funciona, contra espadas e coisas assim.

– E as outras coisas... por quê?

Ela se referia a várias armaduras altamente tecnológicas.

– Quando minha mãe veio para cá, pensava que Alistair viria logo depois e que talvez Briac o seguiria. Ela pensou que talvez isso resultasse, sabe, em uma grande batalha. E comprou coisas pensando nisso. Ela costuma se antecipar. É o tipo de pessoa que compra três, quando um bastaria, provavelmente por ter muito dinheiro.

Ele vasculhou os itens e logo sacou vários que pareciam caber em Quin.

– Isto parece um pouco uma cota de malha – explicou, estudando uma veste completa de algo fino e brilhante, enquanto a segurava junto ao corpo dela. Ele enfiou a roupa nas mãos dela. – E talvez estas? – indagou, entregando-lhe um par de luvas que combinava com a roupa.

Em seguida, pegou um colete à prova de balas, que jogou para Quin.

– Vamos logo – disse a Quin, ao começar a montar uma pilha parecida de armaduras para si mesmo. – Vista-as.

Ela hesitou. O espaço entre as paredes era estreito. Quin não conseguia se despir na frente dele, ainda mais depois de ver quão impressionante era o corpo dele.

– É só que... acho que sou tímida – explicou ela, sem graça.

– Desculpe. Eu não estava pensando direito. É claro que eu adoraria vê-la pelada. Tenho sonhado em ver você assim desde que tínhamos treze anos. Talvez até antes. Tirei as roupas de algumas garotas do vilarejo, mas você...

De repente, ele se calou, ficando completamente vermelho. Encarou-a por um instante, chocado. Em seguida, abriu a porta do armário, criando uma espécie de biombo ao redor dela, que também o escondia. Eles ficaram um bom tempo em silêncio.

– Desculpe, foi o chá – disse por fim, do outro lado da porta. – Inacreditável – murmurou, mais baixo.

Quin sorriu. Ela não conseguia afastar da cabeça a imagem dele despido à porta. A ideia de que ele pensava nela encheu seu estômago de borboletas.

Ela começou a se despir e ouviu Shinobu do outro lado da porta, fazendo o mesmo. Enfiou as pernas e a cintura no traje brilhante, mas a

parte de cima da roupa era dividida em vários segmentos, que deveriam ser conectados de maneiras pouco óbvias.

– Quin? Você está bem? – perguntou ele, após algum tempo.

– Estou tentando decifrar como vestir isto – respondeu ela, tentando, pela terceira vez, juntar as tiras na parte de cima da roupa.

– Deixe-me ajudá-la.

Ele passou a mão pela beirada da porta, preparando-se para afastá-la, e Quin logo se cobriu. Quando ele surgiu de trás da porta, usava a mesma armadura fina, que, como a de Quin, não estava de todo fechada, expondo metade do peito dele. Ainda visivelmente envergonhado, Shinobu não a olhou no rosto enquanto estudava o traje.

– Bem, esta parte deve subir e se conectar com a frente – disse ele, gesticulando para uma das abas penduradas ao lado da roupa. – Você consegue alcançar...

Ela tentou, mas quase derrubou a peça que cobria o peito.

– Não exatamente – retrucou ela, tentando não parecer envergonhada enquanto se esforçava para se cobrir. – Ela escorrega...

– Aqui...

Ele deslizou as mãos pelas costas de Quin, que o sentiu prendendo dois segmentos da roupa. Em seguida, ele ergueu o traje pelas costas dela. O traje escapuliu uma vez, e o peito dele roçou acidentalmente no dela quando ele o segurou.

– Desculpe – murmurou ele.

– Tudo bem.

Quin notou que estava encarando o chão, enquanto ele endireitava a parte de trás da veste dela sobre os ombros, para conectá-la à parte da frente. Era difícil não notar o calor das mãos de Shinobu. E ele era forte, pensou ela, forte o bastante para levantá-la se quisesse, para seus braços...

Ela interrompeu o pensamento, mantendo os olhos afastados dele, enquanto enfiava os braços nas mangas penduradas, que ele fechou firmemente com velcro. A veste parecia uma longa, fina e apertada roupa íntima, com um brilho metálico.

– Estas conexões permitem que você mexa os braços para todos os lados, apesar de a veste ser apertada – disse ele, quando ela deu passo para trás, a fim de criar um espaço entre eles. – Já experimentei usá-la algumas vezes, quando fui obrigado, sabe, a lutar contra alguém.

Quin treinou alguns golpes com os braços, descobrindo que a armadura era surpreendentemente flexível.

– Você pode me ajudar com a minha? – pediu ele, ainda sem olhá-la.

Ela descobriu como conectar a parte da frente ao pescoço da veste dele. Depois, prendeu a parte de baixo da camisa à cintura com velcro. Para isso, ela foi obrigada a colocar os braços ao redor dele por alguns instantes, e seu coração ignorou suas ordens e começou a bater mais rápido.

– Esta armadura serve para se defender de coisas como facas – explicou ele. – Mas, se alguém esfaquear você com toda a força, ela não aguentará. Um golpe direto vai furar a roupa. Mas ela evitará queimaduras. A não ser que seja algo muito, *muito* quente.

Quin assentiu com a cabeça. Era difícil se concentrar no que ele dizia. Ela não via Shinobu *de verdade* desde que eram crianças. Estivera distraída demais com John. Mas, naquele momento, o viu.

Ela se esforçou para baixar as mãos. Precisava abandonar essa linha de raciocínio. Ele devia estar certo, as ervas eram as responsáveis pelo que disse. E, de qualquer maneira, os dois eram primos, ou algo assim. O que eram, exatamente? Primos de terceiro grau? Quão próximos eram primos de terceiro grau? E um bisavô distante deles não havia se casado uma segunda vez? Quin se lembrava de ter ouvido isso, o que significava que eles

compartilhavam apenas metade da quantidade de sangue em comum esperada, não é? De repente, a conexão entre eles pareceu distante, mas Shinobu sempre a chamou de “prima”.

– Agora, vamos cobrir as vestes – disse ele, virando-se para olhá-la.

Eles se ajudaram a vestir camisas comuns por cima das armaduras, ainda evitando os olhos um do outro. Quin imaginou reverter tudo aquilo: despir-se das camisas, das armaduras, dos anos que havia passado com John. Shinobu poderia carregá-la escada acima...

Ela deu as costas para Shinobu, de modo que ele não visse seu rosto, e vestiu as calças. Shinobu vestiu uma ceroula sobre a fina camada de armadura. E tudo aquilo, imaginou ela, logo ficaria sob uma armadura externa mais complexa.

Ele começou a vesti-la com o colete à prova de balas, prendendo-o com firmeza ao seu corpo.

– Está confortável? – perguntou ele.

– Está ótimo.

O rosto de Shinobu ficou a centímetros do dela, enquanto ele ajustava o colete. Quin viu as raízes de seus cabelos, que cresciam com o tom ruivo-escuro do qual ela se lembrava. Ele havia tirado os piercings do rosto, deixando as feições limpas e perfeitamente imaculadas. Sem lhe pedir permissão, ela levou as mãos ao peito dele, mantendo-as lá e sentindo o coração dele.

– Você está quente – sussurrou Quin.

Ele a encarou de cima, com os olhos escuros perto dos dela. As mãos dele estavam na cintura dela. Será que ela estava imaginando coisas, ou ele a estava puxando delicadamente para perto de si?

Quin não se segurou. Debruçou-se e roçou os lábios nos dele...

Um tinido incrivelmente alto soou a alguns metros de distância, do outro lado da porta do porão, e os dois logo se afastaram.

A porta foi aberta de supetão por Brian Kwon, que parou ao pé dos degraus de pedra que levavam ao quintal do lado de fora. Uma das mãos de Brian agarrava a alça de uma carroça cheia de paletes, que cambaleava nos degraus. O palete estava empilhado com dezenas de cilindros de metal, pilhas de objetos que pareciam fogos de artifício e uma grande quantidade de equipamentos de solda, que pareciam ter passado algum tempo submersos. O som fora causado por um cilindro muito pesado, que havia rolado do palete, quicando escada abaixo e se chocando no chão de metal do porão.

– Assaltei o pátio da empresa de recuperação, Barracuda – contou ele, gemendo ao levantar o cilindro e colocá-lo de volta. – Espero que não esteja planejando pedir seu emprego de volta. Aproveitei e fiz algumas outras paradas.

Shinobu sorriu e deu um tapa no ombro de Brian ao passar pelo amigo e subir a escada para examinar os itens. Quin o seguiu, sentindo-se corar sob o olhar confuso de Brian.

Ele ficou satisfeito com a aquisição de Brian, e os três guardaram todo o material com cuidado em mochilas. Em seguida, terminaram de se vestir, e Quin cobriu-se com o velho manto de Shinobu para esconder o athame e a vara de relâmpago nos bolsos.

Assim que ficaram prontos, Brian e ela esperavam no quintal, enquanto Shinobu desapareceu na casa. Os pensamentos de Quin se voltaram para o livro de couro que ela havia tirado do baú no quarto da mãe.

– Brian, você tem um telefone? – perguntou.

Pouco depois, Shinobu apareceu em uma janela próxima. Estava no corredor da casa da mãe, vestindo a armadura samurai de seus ancestrais

por cima do colete à prova de balas e das botas de motoqueiro. Ela observou sua mãe e seu irmão mais novo, Akio, fazerem uma reverência longa e formal, e Shinobu retribuiu o gesto com outra reverência.

Capítulo 53

John

– Como está ele? – perguntou John, olhando a imagem do avô no monitor de segurança.

Gavin estava deitado em uma cama, dobrado sobre si mesmo em um ataque de tosse e ainda com curativos das queimaduras no peito e braço.

– Ele está melhor do que ontem, mas não tão bem quanto estará amanhã – respondeu Maggie.

Maggie, com seus quase noventa anos, cabelos compridos e grisalhos e uma postura que continuava ereta, tinha a vida de Gavin nas mãos. John a trouxe de volta para a *Traveler* no dia de sua viagem para a fazenda. Assim que chegou, ela começou a administrar a maior dose possível de antídoto para Gavin, mas o corpo dele estava demorando muito para responder ao tratamento. Ele era velho, e deixar de tomar o antídoto por várias semanas quase o matou.

Com o avô confinado no quarto, John controlava a *Traveler*. Os parentes realmente estavam envolvidos em uma batalha judicial pelo controle dos títulos da família, porém o avô havia exagerado o perigo imediato que representavam. O veneno o fez ver inimigos por toda parte. *Até parece que já não temos adversários suficientes*, pensou John.

– Quer algo para beber, Sra. Kincaid? – perguntou Maggie.

Fiona estava sentada a uma mesa no canto da sala, com a mão algemada a uma corrente, cuja outra extremidade estava presa à parede. Ela tinha bastante espaço para se movimentar, mas não havia qualquer dúvida de que era uma prisioneira na nave.

– Não, obrigada – disse Fiona, sem desviar o rosto da janela, pela qual observava Londres passando diante de seus olhos.

Ver a algema ao redor do pulso dela deixava John extremamente triste. *De alguma maneira, preciso fazer isso dar certo sem ferir Quin ou ela.* As mesmas palavras passaram por sua cabeça centenas de vezes nos últimos dois dias, mas ele temia não conseguir manter Quin e Fiona seguras, pois nenhuma das duas estava disposta a fazer qualquer coisa para ajudá-lo.

Ele navegou entre os canais do monitor de segurança, vendo imagens rápidas das câmeras externas da *Traveler*, seguidas de imagens das ruas de Londres. Havia ordenado que os soldados rondassem a cidade, seguindo o trajeto da *Traveler*, à espera da chegada de Quin. Tinha certeza de que ela viria atrás da mãe.

– Posso oferecer-lhe algum outro tipo de conforto? – perguntou para Fiona quando Maggie deixou a sala.

– Você poderia soltar a algema e me soltar – sugeriu Fiona. – Isso me deixaria muito mais confortável.

– É a única coisa que ainda não posso fazer – respondeu John em tom delicado, então desligou o monitor e se sentou ao lado dela. – Agora, é só esperar. Não quero que fique assustada, nem que se sinta mal. Está com fome?

– Para um sequestrador, até que você é educado.

– Estou tentando me lembrar dos meus modos – disse ele, esperando que ela sorrisse, o que não aconteceu.

– Ao contrário daquela noite na fazenda? – indagou ela friamente.

– Sim, ao contrário daquilo – respondeu ele baixinho, sentindo um pouco do terror que sempre sentia quando pensava naquela noite.

– Não estou com fome. Obrigada, John.

Apesar da resposta, o garoto detectava uma espécie de fome nos olhos de Fiona. John reconhecia essa fome de seus tempos como aprendiz. Ela havia sido uma ótima professora, responsável pelas aulas de idiomas e matemática, mas, ao final da tarde, sua mente estava sempre enevoada.

John pegou uma licoreira de cristal em um armário do outro lado da sala e serviu uma dose generosa de conhaque em um dos copos pesados do avô. Sem uma única palavra, voltou a se sentar e deslizou o copo até o outro lado da mesa. Fiona levantou o copo e deu um gole demorado, sem encarar os olhos dele.

– Mesmo aos doze anos de idade, eu tinha pena de você, Fiona, por ter um marido como Briac – disse, esperando que ela compreendesse que estava sendo sincero.

Ele se lembrava muito bem dela durante os primeiros anos como aprendiz, do lindo rosto e dos olhos inexpressivos. Da maneira como ela se continha quando Briac estava por perto e da suavidade de sua voz, acusando um choro preso. Parecia que Quin e Shinobu nunca haviam ligado para ela, mas John a compreendia. Ele sabia como era viver sob uma nuvem e ter alguém próximo que não dá a mínima para sua sobrevivência e só quer seu mal.

– Briac tratava você como me tratava. Somos mais parecidos do que você imagina.

– Não somos parecidos em nada, John – sussurrou Fiona.

– Não diga isso. Só preciso de ajuda. Ainda tenho esperanças de que Quin entenderá e me ajudará.

– Por que ela faria isso? Ela não está em condições de ajudar ninguém.

– Ela já voltou a si mesma, Fiona. Eu vi. Não pode me ajudar a convencê-la?

– Você acha mesmo que me sequestrar é a melhor maneira de conquistar nosso apoio? – perguntou ela com um tom debochado.

– Precisei trazer você aqui para que ela trouxesse o que é meu e me ensinasse a usá-lo. Ela ama você. Vai trazer o athame para ter você de volta. Então, você estará livre.

– Você acha que o athame é seu – disse Fiona com a voz pensativa, depois voltou a beber do copo, com a algema pesando no pulso. – Não é a primeira pessoa a alegar isso.

– Por favor, não fale como Briac. Você sabe que o athame me pertence.

– Isso depende do quanto você está disposto a olhar para o passado.

– O athame pertence à minha família há centenas de anos, provavelmente mais. Você deve saber, Fiona.

– Durante centenas de anos, uma família se torna uma árvore grande e retorcida, John. Alguns dos galhos se estendem tanto que fica difícil reconhecê-los. Como você pode ter tanta certeza de que deve ficar com o athame?

Ela pousou o copo na mesa. Estava vazio.

Por alguma razão, a palavra "retorcida" o fez pensar em sua mãe, sangrando no chão do apartamento, com os membros posicionados de maneira estranha ao redor do corpo. De repente, ele começou a perder o controle sobre suas emoções.

– Será que não há um único momento em que a simples justiça é considerada? – questionou ele, detestando o tom de desespero em sua voz. – Quando algo é realizado simplesmente por ser a coisa *certa*?

Ele se deteve. Não fazia sentido ficar reclamando sobre justiça para uma mulher que havia sido casada com Briac Kincaid. Como John, ela já sabia que a vida não era justa. Nós é que temos que *fazer* nossa justiça.

John precisou de um instante para se recompor, depois atravessou a sala e serviu outra dose de conhaque. Então, decidiu mudar de assunto.

– Por que escolheu Hong Kong? – perguntou.

Ele entregou-lhe o copo cheio, e Fiona o levou novamente aos lábios.

– Ficamos lá enquanto Quin se recuperava. Da ferida de bala. Você se lembra dessa ferida?

Os olhos dos dois se encontraram por um instante. Ela levou a mão ao pescoço, onde ainda era possível ver a marca quase invisível de uma cicatriz. *Precisei fazer isso*, lembrou-se ele, a respeito da ferida no pescoço dela. *Mas fui longe demais aquela noite. Será que estou indo longe demais agora? Será que Quin tinha razão? Estarei me tornando como Briac?*

– Pensei que estivéssemos em Hong Kong apenas de passagem – continuou Fiona. – Mas Quin passou muito tempo extremamente fraca e, quando melhorou, decidiu ficar.

John deixou os olhos se afastarem dos dela.

– Imagino que você tenha ficado feliz em estar longe de Briac, onde quer que fosse, independentemente do que estivesse fazendo.

Isso serviu de consolo para ele depois daquela noite terrível na fazenda, em que Fiona fugiu de Briac. No entanto, o informante que o ajudou a encontrar Quin na Ponte notou que a mãe dela usava um cachecol amarelo de acompanhante no pescoço. Para ele, isso parecia um destino particularmente cruel.

Fiona voltou a olhar pela janela. Era possível ver o Tâmisa, vermelho e dourado sob um fiapo desgarrado de luz do sol, que atravessava as nuvens em direção ao horizonte.

– Entendo por que você o odiava, John – disse ela. – Muitas vezes, também o odiei. Ele usou o que aprendemos como aprendizes, mas de uma forma corrompida. Porém, era meu marido. Eu tentava ser leal a ele.

– Por que você está falando no passado? – perguntou ele, voltando a ser tomado por raiva ao pensar em Briac. – Eu ainda o odeio, ainda mais do que antes, se é que é possível. As coisas que ele forçava Quin a fazer...

De repente, ele se deu conta: a última vez que ela vira seu marido fora naquela noite na fazenda, quando Briac estava deitado e ferido na área comum.

– Você acha que ele está morto – constatou ele, ofegante. – Acha que eu o matei.

Fiona se virou bruscamente para ele, e, pela expressão em seu rosto, John percebeu que tinha razão.

– Eu não tinha certeza, mas pensei que talvez...

– Desculpe, Fiona.

Ele não sabia quais palavras poderia escolher para abrandar a mensagem.

– Briac... ele está vivo. Eu o vi há alguns dias na fazenda.

Fiona colocou o copo na mesa, quase derramando a bebida. Estudou John, e as linhas em seu rosto se agravaram com um medo sutil, mas profundo.

– Você... você planeja...

– Quer saber se pretendo entregar você a ele? É isso que está pensando? Em troca do athame?

Fiona assentiu com a cabeça de maneira muito solene.

– Não. Já tentei isso uma vez, lembra? Briac não aceitou nada em troca do athame, nem sua linda esposa – disse John da maneira mais gentil possível. – Mas Briac não está com o athame. Quin é que está.

– Ele não me aceitaria agora, de qualquer maneira – murmurou ela, sem ouvir o restante do que John disse. – Sei que não me aceitaria.

De repente, John entendeu tudo. Fiona era uma mulher inteligente e muito bonita. Ao deixar a fazenda, poderia ter se tornado muitas coisas, mas escolheu se tornar acompanhante. Escolheu uma profissão que a tornaria intocável aos olhos de Briac. Ela suspeitava de que o marido estava morto, mas considerou necessário se proteger até mesmo da ideia dele. Ao se degradar, esperava escapar do poder dele, assim como todos esperavam.

– Não – concordou John. – Você está livre dele.

Capítulo 54

Maud

A Jovem Pavor não conseguia desviar os olhos do rosto do Mestre. Ele havia raspado a barba e cortado o cabelo, e a mudança era quase inacreditável. De alguma maneira, seu mestre, que ela suspeitava ter nascido havia tanto tempo que devia ter visto os romanos na Bretanha, parecia pertencer àquela era moderna desconfortável e densamente povoada na qual se encontravam.

Claro, ele não estava vestindo suas roupas de sempre. No lugar do manto de monge, usava calças e um suéter, com sapatos modernos que para ela pareciam muito doloridos. Ela também havia recebido sapatos e um vestido, que deveria usar. Os sapatos eram bem desconfortáveis, e o vestido pendia de seu corpo esbelto de maneira estranha, fazendo-a parecer uma pantera forçada a vestir uma fantasia.

Mas o Mestre não parecia diferente apenas por causa do rosto raspado e das roupas. Algo no modo como se movia também parecia diferente. Até a voz havia mudado. Ele estava conversando com a enfermeira, e suas palavras quase imitavam as dela. Até usava os estranhos termos médicos que a Jovem Pavor ouvira tantas vezes, deitada em um quarto de hospital como aquele, recuperando-se da facada do Médio. Ele fora esticado durante centenas de anos e acordara havia poucos dias quando Quin o puxou para fora de *Lá*, trazendo-o para a fazenda. Onde o Mestre tinha aprendido a falar daquele jeito?

O Velho Pavor e a enfermeira discutiam o estado de Briac Kincaid, que estava deitado no leito do hospital com a perna e o ombro suturados e

enfaixados. A Jovem acompanhava o suficiente da conversa para compreender que, com o tempo, Briac ficaria curado. Os médicos haviam até colocado algo nas feridas que o curaria mais rápido por dentro. Isso não a agradava. Ao vê-lo gemendo e se debatendo, ela esperou que as feridas fossem fatais.

O Médio estava em pé do outro lado do quarto, com os braços cruzados e o manto pendurado nos ombros. Permitiu que o corte no peito fosse suturado, mas nada havia mudado em sua aparência. Ele parecia rude e selvagem naquele ambiente ordenado do hospital.

A enfermeira terminou sua conversa com o Velho Pavor e, com algumas palavras finais para o próprio Briac e um olhar nervoso na direção do Médio, deixou o quarto.

– Você ficará aqui – disse o Velho Pavor a Briac, transformado por seus maneirismos, voltando a ser o Mestre que ela conhecia.

De alguma maneira, ele transitava com perfeição entre o antigo e o moderno, como um ator vestindo máscaras diferentes.

– Voltaremos para buscá-lo quando a questão estiver resolvida. E então você terá...

O Velho parou de falar e levou a mão ao bolso interno do sobretudo, onde o athame estava escondido.

Após um instante, a Jovem também sentiu a vibração. Estava ficando mais forte. Em algum lugar no mundo, Quin Kincaid estava usando o athame dela. Depois do ritual na caverna, o athame do Velho Pavor deveria vibrar em uníssono sempre que a adaga de Quin fosse atingida.

O Médio, que havia passado todo aquele tempo imóvel como uma peça de mobília, entrou em movimento, atravessando o quarto e fechando a porta.

O Velho sacou o athame do sobretudo e o segurou com leveza. A vibração se intensificou, até preencher todo o quarto, fazendo a porta tremer. Através das vidraças que davam para o corredor, que também vibravam, a Jovem viu médicos e enfermeiras levando as mãos aos ouvidos ao serem atingidos pelo tremor.

O Velho segurava a adaga de pedra diante do corpo, equilibrando-a nas palmas. Após um minuto, a vibração começou a enfraquecer.

– Ela foi para *Lá* – disse o Mestre da Jovem Pavor.

Eles deveriam esperar pela próxima vibração, a segunda. O segundo estremecer, quando Quin batesse com o athame e passasse de *Lá* de volta para o mundo, revelaria onde ela tinha saído.

A Jovem Pavor sabia que Quin poderia demorar algum tempo para voltar para o mundo. Perder-se *Lá* era um dos maiores perigos ao se usar um athame. Até as mentes de Seekers veteranos poderiam vagar, flutuando, congelando, tornando-se estáticas, se eles não mantivessem o foco mental. Seekers usavam um cântico do tempo para alcançar esse foco, mas, mesmo com tal ajuda, o athame era um meio de transporte perigoso. Quin ainda era uma novata, e o risco de se perder ao atravessar o *entre*, por pouco ou muito tempo, era considerável.

O athame demorou duas horas para ganhar vida mais uma vez, um intervalo de tempo que a Jovem Pavor achou bem curto para uma Seeker tão inexperiente. O controle mental de Quin deveria ser muito bom.

Os Pavores esperaram o tempo todo no quarto do hospital. Enfermeiras entraram e saíram, visivelmente assustadas pelo olhar fixo do Médio. Os três Pavores ficaram parados, de costas para a porta, segurando o athame entre eles, quando a adaga começou a vibrar pela segunda vez. A Jovem, o Velho e o Médio posicionaram os dedos em volta dos mostradores.

O segundo tremor foi muito, muito mais forte do que o primeiro. Engolfou imediatamente o quarto, e, um instante depois, eles ouviram vozes apavoradas vindas dos corredores do hospital. O estremecer das paredes estava prejudicando o funcionamento dos aparelhos hospitalares nos quartos ao lado. Uma vidraça estilhaçou em outra parte do corredor.

Por trás do tremor mais amplo, havia ecos menores e intensos que atravessavam os mostradores do athame. O Velho gritou o nome de dois símbolos, indicando que os sentira vibrando com mais intensidade do que os outros. A Jovem gritou os nomes de mais dois, e o Médio gritou os nomes de outros.

O tremor parou, ressonando em seus ouvidos por mais alguns segundos, então desapareceu. O Velho voltou a guardar o athame no bolso do sobretudo e pegou caneta e papel da mesa de cabeceira ao lado do leito de Briac. Para a Jovem Pavor, mais uma vez ele pareceu se tornar um homem moderno, ao levar a caneta ao papel e anotar depressa os seis símbolos que haviam identificado em voz alta.

O Mestre estudou o papel e o apresentou aos outros. Juntos, os símbolos representavam uma coordenada: o local onde Quin e o athame haviam emergido.

– Londres – disse ele.

– Ela está indo até John – respondeu Briac do leito.

Suas palavras soavam sonolentas, porém ele estava se sentando.

Havia uma expressão em seus olhos, um brilho do qual a Jovem não gostava. Briac não queria apenas o athame de volta, mas também vingança.

Voltou-se para o Velho Pavor e perguntou:

– Você conhece a casa de John?

Capítulo 55

Shinobu

– Está ventando mais do que eu gostaria – comentou Shinobu para ela. – Mas, quando estivermos um pouco mais abaixo, devemos ficar mais protegidos das rajadas.

Era noite, e eles estavam empoleirados sobre um edifício de cento e dez andares em Londres. O vento soprava ao redor, fazendo o prédio balançar suavemente de um lado para outro, como o convés de um navio. E o vento não era a única coisa com a qual precisavam se preocupar. A julgar pelas nuvens distantes, logo estaria chovendo.

Eles estavam perto do parapeito que cercava o telhado. Atrás, erguendo-se em uma inclinação íngreme, encontrava-se uma pirâmide decorativa que formava o topo da torre. Havia apenas um pequeno espaço para andar entre a pirâmide e o parapeito, e eles tinham arrumado todo o equipamento nesse espaço estreito.

O athame de Quin os levou para Londres, e depois, por meio de um processo de tentativa e erro com todos os seis mostradores, abriram uma anomalia até o interior do prédio onde estavam. De lá, usando o equipamento de solda e um pouco de força bruta, alcançaram o telhado.

A rota da *Traveler* por Londres era conhecida, e uma pesquisa rápida na internet forneceu-lhes um mapa. De onde estavam no telhado, Shinobu avistou a enorme nave aérea virando no final do trajeto em forma de oito, preparando-se para voltar na direção deles.

O vento balançava os cabelos de Quin ao redor de seu rosto de modo a distrair Shinobu. Ele estava apertando o arnês dela, uma tarefa complicada,

enquanto ela tentava afastar os fios de cabelo do caminho dele.

– Você vai mexer no seu cabelo, ou vai prestar atenção? – perguntou ele, parando para ajustar a correia de queixo do capacete de samurai de seus ancestrais, apertado na cabeça.

Na verdade, toda a armadura estava apertada. Ele a vestiu por orgulho familiar e pela esperança secreta de que talvez o ajudasse a restaurar sua honra, mas seu tetravô devia ser o tampinha da família.

– Ou você quer que eu ponha em prática todo o plano sozinho?

– Isto não é um plano! – disse ela, levantando a voz por trás do vento. – Ela enfiou a mão no bolso da calça e pescou um elástico para prender o cabelo. – Estamos apenas saltando de um prédio!

– Mesmo assim, precisamos nos preparar. Pare de mexer no cabelo!

– Você está fazendo isso de novo! – reclamou a garota, e olhou para Brian, que preparava o equipamento deles sob o parapeito.

– O quê, exatamente? Tentando evitar que a gente morra?

– Não, gritando.

– Está barulhento aqui em cima!

Sem uma única palavra, Brian entregou uma garrafa plástica com um líquido amarronzado para Quin. Ela tirou a tampa e ofereceu a Shinobu.

– Beba! – ordenou ela. – Mais do que alguns golinhos desta vez. Quero que você beba metade antes de falar qualquer coisa.

– Então, quer que eu cubra você de vômito em alguns minutos? Acho que isso não vai facilitar nossa aterrissagem.

Mesmo assim, ele pegou a garrafa e começou a beber. Sabia que estava passando por crises de abstinência de ópio, de Shiva, e talvez também de várias outras drogas. O Mestre Tan havia preparado uma quantidade enorme de um chá mais nojento do que o outro para ajudá-lo a superar as crises, e Brian tinha guardado garrafas do treco em todas as mochilas. O

gosto não melhorava quanto mais ele bebia, mas, sem o chá, Shinobu provavelmente estaria deitado em algum canto, contorcido, gemendo e se debatendo. Talvez isso fosse até melhor do que o que estavam prestes a fazer.

Quin esperou pacientemente enquanto ele engolia metade da garrafa, sentindo cólicas e tremedeiras por alguns minutos, antes de sua mente começar a clarear.

– Desculpe – murmurou ele.

De onde se encontravam, a vista noturna de Londres era linda, mas ele notou que Quin mantinha os olhos em coisas mais próximas. Brian continuou acocorado sob o parapeito, evitando a vista. Por lealdade ao treinamento de Seekers, Quin e Shinobu concordaram em não explicar para Brian como chegariam a Londres, e ele pareceu preferir não saber. No entanto, depois que o vendaram e arrastaram através da anomalia desde Hong Kong, o enorme asiático se manteve muito calado. Ele estava cortando os estopins dos foguetes e os arranjando com cuidado no mecanismo de disparo, enquanto murmurava para si mesmo. A maioria das palavras era carregada pelo vento, mas, volta e meia, Shinobu ouvia coisas como “bruxaria” e “insanidade”.

– Ele sabe alguma coisa sobre foguetes? – perguntou Quin, apontando com a cabeça para Brian.

– O bastante. Usávamos muitos explosivos nos grandes mergulhos de recuperação.

– E fogos de artifício? – indagou ela, desconfiada.

– São parecidos.

– Você sabe que não estamos debaixo d’água, não é?

– Não? Quer dizer que não vamos usar o bote inflável que eu trouxe?

Ela sorriu, e Shinobu ficou feliz por não estar mais gritando com ela.

– Estou nervosa – admitiu Quin.

– Que tal um pouco de chá?

Ele lhe ofereceu a garrafa. Ela voltou a sorrir.

– Não, obrigada.

– Tente se concentrar em outra coisa enquanto for possível.

Os olhos de Quin se acenderam quando ela se deu conta de uma coisa.

– O que aconteceu com meu cavalo?

– Seu cavalo?

– Yellen. Quando nós... atravessamos até Hong Kong.

Shinobu balançou a cabeça, lembrando-se, como se fosse um sonho, do emaranhado de braços e pernas e sela e rédeas ao qual haviam sido reduzidos quando escaparam para *Lá*, após o ataque.

– Eu não sei, de verdade – disse ele. – Tive medo de que você fosse morrer. E a verdade é que você realmente morreu. Acho que Yellen não atravessou conosco. Mas, se tiver atravessado, talvez tenha se tornado um animal de estimação em um quintal qualquer. Você sabe como são aquelas casas no Monte Victoria.

Uma expressão pensativa tomou conta do rosto de Quin. Em seguida, Brian começou a jogar cilindros para eles. Prenderam-nos em todos os espaços livres das correias de seus arneses. Era difícil encontrar um lugar livre no corpo de Shinobu. Ele já estava carregando uma corda de rapel e uma lanterna de plasma, com um enorme cilindro de combustível.

Depois de conseguirem prender tudo, Shinobu experimentou se mexer e descobriu que o equipamento quicava muito. Parecia que ele estava se movendo com martelos de carpinteiros pendurados por todo o corpo. Não importava como pulassem, a aterrissagem seria dolorida.

– Preciso do meu sistema de orientação, Robalo! – gritou Shinobu.

Brian jogou um cilindro que se parecia muito com o conjunto de fogos de artifício que estava preparando. Shinobu o prendeu ao quadril esquerdo. Em seguida, Quin e ele vestiram luvas.

Shinobu escalou até a beirada do parapeito, com o equipamento pesado, e se sentou, com as pernas penduradas para dentro, na direção do telhado. Quin o seguiu, com os olhos voltados para cima. O vento no parapeito estava ainda mais forte, mas as rajadas tornaram-se menos frequentes.

A *Traveler* estava a cerca de oitocentos metros de distância, aproximando-se do sul, e seu exterior refletia a luz da cidade. Eles colocaram os visores.

Ao saltar da Ponte em Hong Kong, Shinobu se lembrara do que John disse certa vez sobre a *Traveler* ser "protegida de Seekers". Ele se deu conta de que o veículo aéreo devia ter sido projetado de modo que ninguém conseguisse embarcar nele usando um athame. As coordenadas que alcançavam com o athame de Quin eram todas localizações estacionárias. A adaga não os levaria para um ponto em movimento, como a *Traveler*, cujas coordenadas mudavam o tempo todo. Portanto, Shinobu bolara um plano para chegar lá de outra maneira.

– Está pronta? – perguntou ele.

– Você não estava mentindo para mim, estava? – indagou ela. – Quando disse que já havia feito isto antes?

Era uma questão de opinião. Shinobu havia saltado muitas vezes de prédios altos em Hong Kong, mas nunca com tanto equipamento, em um clima tão ruim, ou com a intenção de pousar em um alvo em movimento. Naquele instante, no entanto, ele não queria entrar em detalhes.

– É claro que já. Muitas vezes.

Com muito cuidado, ele ficou de pé no parapeito, virando de lado e olhando para sua extensão. A base tinha cerca de meio metro de largura,

porém Shinobu, com tudo o que estava carregando, era mais largo do que isso. Ele se equilibrou. Em seguida, ajudou Quin a subir, e ela ficou na frente, de costas para ele, também encarando a extensão do parapeito. Brian firmou as pernas deles.

Shinobu a viu olhar para baixo. O edifício despencava de forma abrupta, em um mergulho vertical de cento e dez andares, até a calçada. Quin pisava com cuidado, movendo-se devagar para trás, até ficar a poucos centímetros dele. Prendeu a parte de trás do arnês dela à frente do dele com mosquetões, trazendo-o para muito perto dela.

– Meu Deus – disse Quin, ofegante, após virar a cabeça na direção da vista, e Shinobu viu os olhos dela varrendo a distância de onde estavam, observando a forma da *Traveler*, que se aproximava.

A nave estava a quatrocentos metros de distância e muito mais próxima do chão.

– Está tudo bem – sussurrou ele no ouvido dela.

Brian estava no parapeito, perto dos pés deles, e também observava a aproximação do veículo. Levantou o lança-foguetes até o ombro e enfiou o primeiro foguete.

– Estou pronto, Barracuda – anunciou ele.

– Acho que não conseguirei fazer isso! – sussurrou Quin.

Ela esticou a mão para trás e agarrou a de Shinobu. Ele a apertou. Sentiu-a tremendo sob todo o equipamento. Não dava para negar que o que estavam fazendo era aterrorizante. Não havia muito o que ele pudesse fazer para mudar isso.

– Quin? – perguntou.

– Sim?

– Você tentou me beijar no porão?

A cabeça dela estava virada para o outro lado, e, por isso, ele só via parte da bochecha e da orelha esquerda dela, mas, quando as duas ficaram muito rosadas, ele percebeu que a distraiu por um instante.

Sem avisar ou permitir que ela tivesse mais tempo para se preocupar, Shinobu saltou do prédio, puxando-a consigo.

E, em um instante terrível, de dar frio na barriga, eles estavam caindo a uma velocidade que parecia rápida demais e completamente descontrolada. Quin gritou. O estômago de Shinobu apertou, e suas entranhas tentaram subir para a garganta, enquanto o corpo confirmava que eles certamente morreriam.

Mas Shinobu já havia saltado de prédios. Assumiu sua posição de queda livre, puxando o corpo dela para a postura correta sob o dele. A *Traveler* estava adiante. Ele a via claramente. Inclinou-se na direção dela. O vento chicoteava seus rostos, e as rajadas os martelavam.

– Abra o paraquedas! – gritou Quin.

– Ainda não! – gritou ele de volta.

Milhares de janelas passaram voando pela visão periférica de Shinobu, e os arranha-céus foram reduzidos a borrões à medida que a *Traveler* se aproximava.

– Abra o paraquedas! – berrou ela.

Uma mancha preta zuniu pela esquerda, rumando para a *Traveler*. Um instante depois, uma explosão cor-de-rosa encheu o campo de visão deles, e um estrondo ecoou ao redor. O primeiro fogo de artifício havia estourado bem diante do nariz da *Traveler*.

– Abra o paraquedas!

– Sei o que estou fazendo! – gritou Shinobu, maravilhando-se com a própria capacidade de soar confiante, quando suas palavras eram apenas vagamente verdadeiras.

O chão se aproximava a galope. Eles estavam quase sobre a nave e cercados pelos lampejos rosados e a fumaça pungente dos fogos de artifício.

– Shinobu! – berrou ela.

Ele abriu o paraquedas.

Capítulo 56

Maud

De um prédio mais baixo, os três Pavores observavam o progresso da *Traveler* sobre as movimentadas ruas londrinas. Briac Kincaid estava com eles. Ele havia insistido que era seu direito, como proprietário do athame, acompanhá-los na busca. Ao que parecia, Briac não confiava que nenhum dos Pavores cumpriria a promessa.

Ele estava andando, graças ao que quer que os médicos tivessem colocado em sua ferida e a uma enorme quantidade de cápsulas brancas que havia engolido logo antes de fazer o salto até Londres. A Jovem Pavor até que estava feliz por ele ter vindo. Embora sua perna estivesse funcionando cada vez melhor, Briac continuava muito ferido. Em sua condição, era muito provável que ele fosse morto.

A Jovem estava ao lado do Velho, olhando por baixo do capacete de couro para o veículo flutuante a distância. Ela se perguntou se uma máquina poderia voar daquela maneira. Seu mestre lhe avisara, centenas de anos antes, que o mundo estaria muito diferente cada vez que ela acordasse, e, apesar disso, as transformações que viu nas últimas vezes em que acordou tornavam todas as outras banais.

Os Pavores passavam boa parte do tempo na fazenda, ou seguindo novos Seekers nas missões, e, por isso, em sua longa vida, ela raramente ia a uma cidade. Da última vez em que esteve em Londres, quatro séculos antes, já havia considerado a cidade grande. No momento, Londres parecia ser dez vezes maior, uma gigantesca floresta de metal e vidro, estendendo-se até onde os olhos da Jovem podiam ver.

O Velho Pavor vestia o manto de monge outra vez, mas o rosto continuava estranho, sem a barba. Seus olhos seguiam a nave com atenção, enquanto os dedos ajustavam os mostradores da adaga de pedra. Eles haviam seguido o athame de Quin até Londres, e, embora ela tivesse se afastado do ponto de entrada, seu destino final era óbvio.

Da localização atual dos Pavores, no prédio, precisariam primeiro ir *àquele lugar*, é claro. De lá, seu mestre precisaria determinar as coordenadas da nave em movimento com precisão. Nenhum outro athame poderia levar um Seeker até um ponto em movimento, e nenhum outro homem além do Mestre encontraria o caminho até algo se mexendo tão depressa quanto aquele veículo. A Jovem Pavor compreendia que a nave havia sido criada para impedir que Seekers a atacassem com athames comuns. No entanto, quem quer que a tivesse projetado não havia compreendido que ela não tinha o poder de evitar Pavores que possuíssem o athame especial de seu Mestre e sua destreza em usá-lo.

– Não vou matá-la, Mestre – disse a Jovem, baixinho.

Ela havia se aproximado dele, e os outros dois estavam a certa distância.

– Não acho que você a matará – concordou ele.

– Seria injusto – sussurrou ela.

– Se é o que diz.

– Vamos mesmo entregar o athame a Briac Kincaid?

Ele não respondeu de imediato e manteve os olhos na nave a distância. Mas a *Traveler* estava mais perto do que antes, flutuando na direção deles entre os prédios.

– Nós prometemos acertar as coisas – disse ele, depois de algum tempo. – Se isso significa colocar o athame nas mãos apropriadas, não deveríamos fazer isso?

– E quem escolhe as mãos apropriadas? – perguntou ela baixinho.

Depois de uma pausa, ele respondeu:

– Nós três, Pavores, não deveríamos estar acordados ao mesmo tempo. Um de nós já deveria bastar para decidir o que é justo, quando todos tivermos sido treinados. Um athame é algo pequeno. Entregá-lo a alguém requer apenas uma única mão. De quem será essa mão?

Conforme a *Traveler* se aproximava, a Jovem esperava em silêncio que o Velho respondesse à pergunta. Mas ele disse apenas:

– Está na hora. Preparada?

– Estou.

Em seguida, ele pediu para Briac e o Pavor Médio se aproximarem, fez os ajustes finais nos mostradores e bateu com o athame na fina vara de relâmpago. Enquanto eles eram envolvidos pela vibração, os olhos da Jovem Pavor notaram um movimento bem acima, perto de um edifício tão alto que, de onde estavam, era difícil ver o topo. Lançando sua visão, ela viu duas formas saltando do céu em direção ao veículo flutuante. As formas eram de pessoas, em um emaranhado de armas e membros.

De repente, explosões de cores encheram o ar noturno, afastando seus olhos das figuras em queda. Uma explosão rosada aflorou ao redor da ponta da *Traveler*, depois se tornou azul, então verde. Estrondos graves e ribombantes os atingiram. Parece que Quin estava chegando à nave de maneira extremamente extravagante.

O Velho Pavor cortou um portal. A Jovem desviou os olhos dos flashes que cobriam o céu e o seguiu para o portal que zumbia. O Médio foi depois, e logo atrás Briac, que arrastava a perna ferida ao atravessar o portal ondulado entre onde estavam e *Lá*.

Antes que o portal tivesse se fechado, os dedos do Mestre dispararam nos mostradores do athame. Depois, ele bateu na vara de relâmpago mais uma vez. Com a primeira anomalia ainda pairando atrás deles, rasgou outro

portal, que se abriu para um corredor e um corte transversal de assoalhos. Estavam olhando para o interior da *Traveler* através de um buraco que havia sido cortado entre andares, sem espaço para entrarem de maneira segura.

Sem hesitarem, os dedos do Velho Pavor voltaram a correr para os mostradores, fazendo um ajuste sutil. Ele bateu com o athame na vara de relâmpago uma terceira vez, virou o corpo um pouco e cortou outro portal. Esse portal se abria para o mesmo corredor, que estava bem diante deles. A Jovem se sentiu tonta por um instante, ao encarar as duas anomalias, cada uma mostrando um ângulo ligeiramente diferente do mesmo espaço.

Nos dois portais, via-se o caos. As luzes interiores da *Traveler* piscavam, homens gritavam, e explosões de luzes coloridas invadiam o ambiente sobre suas cabeças.

Sacando suas armas, os três Pavores e Briac Kincaid atravessaram o portal e entraram na nave.

Capítulo 57

Quin

Shinobu puxou o cordão, e o paraquedas saltou do invólucro, desenrolando-se sobre eles e os puxando para cima, o que desacelerou a queda de maneira abrupta. Assim que o paraquedas se abriu, uma rajada de vento os soprou mais para o alto e os empurrou para o lado com violência.

Eles morreriam. Quin não tinha a menor dúvida de que morreriam. Os fogos de artifício explodiam ao redor, lançando brasas ardentes por todos os lados. Suas calças estavam em chamas. Ela tentou bater uma perna na outra para apagar o fogo, mas o combustível verde dos fogos de artifício estava corroendo o tecido.

A *Traveler* estava bem abaixo deles. Embora o veículo parecesse silencioso de longe, os imensos motores de suspensão emitiam um rugido enorme de perto. Shinobu estava xingando e puxando as cordas de controle do paraquedas, porém o vento continuava a soprar, tornando quase impossível guiá-lo.

Outro fogo de artifício explodiu, lançando rabiscos dourados ofuscantes por todo o universo. O som era ensurdecedor. Shinobu começou a xingar mais alto. Quin inclinou o pescoço para cima e viu que um rio flamejante de cinzas douradas havia ateado fogo nas tranças de renda da armadura de samurai dele. Além disso, estava abrindo um buraco no paraquedas. Eles tinham sido soprados bem para trás da *Traveler*, e Shinobu estava perdendo visivelmente o controle.

– Segure-se! – gritou ele. – Vire-se!

Os ouvidos de Quin se encheram com o som de combustível de foguetes queimando enquanto eles eram lançados em uma rotação acelerada. Shinobu havia acionado o propulsor preso ao quadril esquerdo, e o dispositivo os impulsionava com força na direção da nave flutuante.

Quin foi lançada de cabeça para baixo, e então Shinobu segurou o propulsor na mão enluvada, mirando-o para trás. Eles se ajeitaram e, de repente, voltaram a estar sobre a *Traveler*, cuja massa enorme pairava bem abaixo deles.

– Segure-se! – repetiu ele quando outro fogo de artifício estourou.

Quin o viu jogando o propulsor fora. Em seguida, ele cortou as cordas do paraquedas, e os dois desabaram em queda livre, sem um paraquedas auxiliar, sem qualquer esperança de salvamento caso errassem o alvo.

Durante dois segundos terríveis, as entranhas de Quin viraram geleia. Até que Shinobu e ela aterrissaram violentamente na nave, depois começaram a rolar. O que parecia quase plano de cima, na verdade, era uma superfície inclinada. As mãos e os pés de Quin procuraram socorro, e os cilindros presos ao arnês batiam ao redor de seu corpo como pequenas bigornas. Shinobu e ela deslizaram por metros, e Quin pensou que, a qualquer momento, alcançariam a beirada e cairiam. Mas foram detidos pelos lemes dos motores de suspensão traseiros.

Shinobu logo se ajoelhou, puxando Quin para seu lado e soltando os mosquetões que os conectavam.

– Você está bem? – perguntou ele, parecendo fragilizado.

Ainda ventava muito, e o garoto estava quase gritando.

Ela experimentou mexer braços e pernas, notando que, ao deslizar, o fogo em sua roupa havia sido convenientemente apagado. No entanto, boa parte das calças estava queimada, revelando a armadura brilhante, que havia evitado que a pele fosse chamuscada.

– Não quebrei nada – constatou ela, surpresa por ainda conseguir falar. – E você?

– Posso ter feito xixi nas calças. Não sei.

Os dois riram um pouco por ainda estarem vivos e intactos. Mas Shinobu logo entrou em ação. Localizou um pitão de cavar em um dos bolsos e bateu com ele no casco. A ponta de metal afiada furou o revestimento da *Traveler*, depois automaticamente girou mais fundo, oferecendo um ponto sólido de sustentação. Eles se ancoraram ao pitão com as cordas de rapel e os mosquetões, como Shinobu a instruiu enquanto guardavam os equipamentos nas mochilas, em Hong Kong.

Quin notou que a armadura de samurai dele ainda queimava, com brasas atiçadas pelo vento. Enquanto ele ajustava as cordas, ela socou a armadura até apagar o fogo.

– Obrigado – disse Shinobu.

Daquela posição, olharam para o outro lado do telhado inclinado da *Traveler*, na direção da proa. Atrás deles, encontravam-se os quatro motores traseiros, e, mais adiante, o casco superior se inclinava em um ângulo acentuado, depois terminava.

Outro fogo de artifício estourou perto da ponta da nave. Eles se abaixaram, protegendo a cabeça com os braços, enquanto pedaços grandes de faíscas azuis caíam como granizo. Quin ficou cega por um momento e torceu para que o lampejo também ofuscasse as câmeras de segurança da *Traveler*.

– Pegue o maçarico! – berrou Shinobu, por trás do vento, tentando afastar as faíscas incandescentes.

Ela soltou o volumoso maçarico de plasma da parte de baixo das costas dele e lhe entregou. Shinobu engatinhou para a frente, arrastando-o atrás de si.

Após dez metros, gritou:

– Encontrei uma escotilha!

Quin rastejou na direção de Shinobu, que acendia a chama azul do maçarico, depois inclinou-se sobre o casco e começou a cortar.

Grandes gotas de chuva começaram a cair na nave, bombardeando o rosto de Quin, e chiavam e se transformavam em vapor ao entrarem em contato com a chama. Quando ela alcançou Shinobu, ele já havia cortado metade de um canal grosso ao redor da escotilha.

Ele prendeu outro pitão no casco, e Quin, ainda de joelhos, agarrou o pitão para se equilibrar, desatou o mosquetão e o soltou no casco. Ela prendeu a espada-chicote com firmeza ao lado do corpo. Em seguida localizou as facas que havia escondido pelo próprio corpo.

Quin desenrolou o manto de Shinobu, que estava enrolado e preso às costas dele, envolveu-se no tecido e conferiu os bolsos. Após sacar o athame e a vara de relâmpago do bolso, ela os fixou na cintura, depois se certificou de que os outros itens estavam escondidos no manto. O athame não poderia levá-los até um alvo em movimento como a nave, mas seria perfeito para retirá-los de lá, desde que Quin não o perdesse.

Ela tirou uma correia longa do arnês, enrolou-a no ombro, apertou-a e prendeu nela vários cilindros de metal.

– Pronto! – anunciou Shinobu.

Ele havia aberto um caminho ao redor da escotilha. Estava chovendo mais forte, e isso significava que os fogos de artifício, embora ainda ofuscantes, não os incendiariam mais com tanta facilidade. A chuva também estava resfriando rapidamente o corte incandescente criado pelo maçarico. Em poucos instantes, o metal havia esfriado o bastante para que eles enfiassem os dedos, protegidos por luvas, no sulco. A portinhola era pesada e difícil de mover, mas, após muitos xingamentos de Shinobu e um

bocado de esforço dos dois, conseguiram levantá-la e empurrá-la para o lado.

Sob a portinhola, havia uma escada que levava para a nave. As luzes de emergência piscavam, e Quin ouviu vozes desesperadas vindas de dentro.

O coração da garota voltou a disparar, com uma mistura de medo e excitação. *Posso fazer isto. Posso fazer isto.* Ela encaixou a máscara de gás sobre o rosto.

– Estou pronta! – disse.

Shinobu agarrou os ombros dela e a fez olhá-lo.

– Tem certeza? – perguntou ele.

– Tenho!

A adrenalina corria no sangue.

Shinobu assentiu com a cabeça, e Quin se deitou no casco, puxando-se na direção da abertura. Shinobu agarrou a tira no torso dela e levou para baixo, de ponta-cabeça, através do buraco de bordas irregulares.

Ela se deparou com um corredor largo. Havia homens no final dele, correndo de um lado para outro entre duas salas de controle, enquanto os fogos de artifício continuavam a estourar ao redor da nave.

Ainda pendurada de cabeça para baixo, ela soltou um dos cilindros da tira ao redor do ombro. Depois de girar a trava, lançou o cilindro pelo corredor, na direção da sala de controle. O cilindro girou pelo ar, quicando no chão em direção à proa da nave e soltando nuvens de gás em espiral pelo caminho.

Capítulo 58

John

O gás enchia os corredores; nuvens espessas e esfumaçadas flutuavam pelo ar. Prendendo a respiração, John saiu da atmosfera limpa e selada da sala de controle superior e atravessou depressa um corredor cheio de gás, abrindo caminho entre homens que tossiam e caíam de joelhos. Ele não podia parar para ajudá-los, ou também seria vítima da fumaça.

Tentou se manter calmo e controlar seu batimento cardíaco para chegar ao final do longo corredor superior sem respirar. Precisou correr os últimos vinte metros, com o peito ardendo, mas alcançou seu apartamento, onde entrou e fechou rapidamente a porta.

Respirando fundo o ar mais limpo do apartamento, ele começou a abrir armários até localizar o kit de emergência. Esvaziou-o no chão, vasculhando os suprimentos, e vestiu a máscara de gás. Em seguida, pegou o despedaçador do cofre e prendeu as correias ao corpo.

Ao voltar para a porta, passou diante de um espelho e parou. Seu reflexo era assustador. A máscara embaçava suas feições e o despedaçador parecia um aparelho de tortura medieval, preso ao peito.

O despedaçador precisava ser assustador. Sua função era causar medo, lembrou-se. *Estou com a mãe dela. Estou com o despedaçador. Não importa o que ela estiver planejando, posso assustá-la até fazê-la ouvir e convencê-la. Ela não se machucará.*

Ao sequestrar Fiona, ele esperava que Quin viesse para Londres negociar a soltura da mãe. Já que o athame dela não a ajudaria a embarcar na *Traveler*, John tinha certeza de que os soldados e ele a veriam chegando de

longe. Era a vantagem de se viver em uma nave. No entanto, parecia que ele estava errado. Metade de seus soldados estava nas ruas de Londres, procurando por Quin. Mas ela teve outra ideia.

Através de uma das janelas do apartamento, ele assistiu aos fogos de artifício estourando no estibordo da nave. Com intervalos de poucos segundos entre si, as explosões de luz sobrecarregavam as câmeras exteriores da nave. Ele sentiu um momento de dúvida e se perguntou: *Será que é só Quin que está vindo?* E se os Pavores também estivessem atrás dele? Já haviam se metido com a família dele antes, mas John não estava com nada que pertencesse a eles. Nenhum athame, nenhum livro. Ele nem era um Seeker. Não, planejara atrair Quin até Londres, e ela viera atrás da mãe.

John conferiu se a máscara de gás estava bem selada e voltou para o corredor, encontrando a *Traveler* ainda mais caótica. Havia homens desmaiados, espalhados pelos corredores. Ele se ajoelhou ao lado de dois deles e sentiu os seus pulsos. Os batimentos cardíacos estavam fortes. O gás era eficaz, mas não era venenoso.

Ela não é uma assassina, pensou. *Nem eu. Juntos, tomaríamos boas decisões. Pouparíamos as pessoas que devem ser poupadas.*

Ele alcançou um grupo de três homens ainda conscientes, que se arrastavam em direção à escada, à procura de ar puro.

– Há máscaras no segundo andar, no final do corredor – avisou, ajudando-os a se levantar. – Corram. Encontrem armas, mas não disparem até eu mandar!

Os homens desceram as escadas, cambaleantes.

John deslizou a mão pela lateral do despedaçador, ligando-o. Seu lamento elétrico perturbador cortou o som ao redor, ajudando-o a se concentrar. Ele também tinha os próprios fogos de artifício. Se a assustasse

a ponto de ela lhe dar ouvidos, ele poderia acabar com toda aquela loucura sem precisar lutar.

Capítulo 59

Shinobu

Shinobu se agarrou à popa da nave, bem preso pela corda, enquanto o vento e a chuva tentavam soltá-lo. Sua missão era deixar a *Traveler* no escuro, depois se juntar a Quin, do lado de dentro.

Abriu o casco externo de um dos motores com o maçarico. Logo abaixo da couraça exterior da *Traveler*, havia um emaranhado de válvulas, fios e tubos que alimentavam o próprio motor e se enroscavam em direção ao mecanismo central da nave. A única coisa que ele se esqueceu de trazer foi uma lanterna, e estava difícil enxergar o poço ao redor do motor, exceto quando algum fogo de artifício explodia, deixando o céu tão claro que quase o cegava.

Pesquisando na internet, ele havia encontrado sugestões de diagramas da parte elétrica da famosa nave *Traveler*, mas ali, diante da nave, percebeu que aqueles desenhos eram inúteis. Ele precisaria contar com seu conhecimento de fiações elétricas, que se baseava quase inteiramente em cortar máquinas velhas debaixo d'água.

Apertando os olhos, encontrou uma rede de fios elétricos e os seguiu até localizar um feixe grosso como um braço. Enfiou o maçarico no buraco e cortou a maioria dos fios com delicadeza. O problema é que o maçarico não era nada delicado e acabou cortando mais do que apenas os fios. Cortou também tudo o que havia sob eles, atravessando quase trinta centímetros de cabos, válvulas e outros equipamentos mecânicos que pareciam muito importantes.

Abaixo, o motor logo começou a fazer um som crepitante, e, pela janela à esquerda, ele viu as luzes se apagando na nave. De repente, a nave inteira guinou, e um alarme começou a soar, tão alto que ele o ouvia apesar do vento e da chuva.

Shinobu esperou, desligando o maçarico enquanto conferia suas armas, e se preparou para entrar na nave. Mas o alarme parou logo depois, as luzes se acenderam, e ele sentiu os motores da nave se estabilizando. A nave certamente contava com sistemas de backup, e backups dos sistemas de backup.

Ele começou a procurar outros equipamentos para cortar.

Capítulo 60

Maud

A Jovem Pavor precisava respirar, é claro. Mas, se necessário, conseguia passar muito tempo sem ar. Ela e os outros atravessaram os corredores esfumaçados da grande nave, seguindo o som das pessoas que ainda não haviam apagado por causa do gás. A Jovem, como os outros Pavores, havia lançado sua mente para os pulmões e o coração e estava forçando o corpo a se mover, o sangue a continuar circulando, sem qualquer consumo de oxigênio pelos pulmões.

Ela não poderia fazer isso para sempre, mas ainda tinha cerca de dez minutos. Já havia prendido a respiração por esse tempo antes, submersa, com o Pavor Médio a segurando embaixo d'água.

De repente, a nave guinou para a esquerda, desequilibrando-os, e todas as luzes se apagaram. Ela ouviu um lamento agudo, tão alto que não sabia se seus ouvidos sobreviveriam. Continuaram caminhando, ignorando o ruído.

Um instante depois, a nave se estabilizou, e outras luzes se acenderam. Eram mais opacas, deixando os corredores a meia-luz. O lamento cessou.

Briac Kincaid não estava conseguindo acompanhá-los. Após ter prendido a respiração pelo máximo de tempo possível, respirava fundo sob o manto enrolado com firmeza ao rosto. O manto não filtrava todo o gás. Ele caiu de joelhos, tossindo, ao lado da Jovem Pavor, e se dobrou para a frente.

O Velho Pavor encarou a Jovem em silêncio, como se dissesse: *Briac caiu. O que quer fazer a respeito disso?*

Antes que ela formasse uma resposta, o Médio correu pelo corredor à frente. Voltou instantes depois, com uma máscara, que devia ter tirado da cabeça de outro homem. Depois de cobrir o rosto de Briac com a máscara, o Médio o levantou, e Briac engoliu ar puro. A tosse cessou, e eles voltaram a andar.

Esses dois guardam segredos um para o outro, pensou ela mais uma vez, ao seguir adiante. *E mantêm um ao outro vivos.* Ela sabia o que teria que enfrentar no futuro, mas havia evitado o momento de fazê-lo. Quando o Mestre voltasse para *Lá*, para se esticar novamente por centenas de anos, ela ficaria sozinha com o Médio e Briac. A Jovem tinha atacado o Médio abertamente e expressado seu desejo de matá-lo. Não havia por que acreditar que o Médio ou Briac deixariam que ela sobrevivesse.

Capítulo 61

Shinobu

Shinobu havia cortado vários outros pedaços da fiação da *Traveler*, e a nave tinha absorvido o ataque sem reclamar. Àquela altura, ele já devia estar lá dentro, ajudando Quin, então passou a cortar com mais agressividade, procurando os fios elétricos que desligariam a eletricidade interna sem derrubar o veículo.

Um conjunto torcido de cabos elétricos isolados corria ao redor do revestimento do motor. Shinobu o evitara, temendo danificar o motor, mas, agora, virando o bocal do maçarico para o lado, para minimizar o impacto, mirou os cabos.

– Por favor, não danifique o motor. Por favor, não danifique o motor... – disse em voz alta, e o vento carregou suas palavras para longe.

O maçarico fez um corte longo e profundo, partindo com facilidade os cabos elétricos e abrindo uma fenda no motor. Por um instante, Shinobu encarou a chama azul do maçarico, que invadia profundamente o aparato giratório de propulsão; de repente, um ar fervente começou a jorrar ao redor, criando nuvens de vapor em ebulição sob a chuva.

– Droga! – gritou Shinobu, esquivando-se para o lado a fim de evitar a rajada ardente.

O visor salvou seus olhos, mas ele sentiu pontadas abrasadoras de dor atravessando suas bochechas, onde o vapor o queimara.

O motor fazia um som terrível e a nave começou a se sacudir com violência, lançando Shinobu para fora do minúsculo poleiro. Ele desabou, depois foi detido com um solavanco, balançando de sua corda e do pitão,

quando o enorme volume da *Traveler* pareceu se inclinar para cima dele. De súbito, sua visão foi invadida pelas ruas de Londres, movendo-se vertiginosamente a distância.

Uma nova pontada de dor atravessou sua perna, e ele se deu conta de que o bocal do maçarico quicava no tornozelo, e a chama estava atravessando as pernas da armadura samurai, as roupas e a camada de armadura à prova de calor abaixo, alcançando sua pele. Ele gritou e chutou o bocal, depois tentou agarrá-lo, mas o maçarico e ele estavam balançando loucamente pelo ar.

A nave se recuperou, e os outros motores rugiram com o esforço de manter o veículo estável. Shinobu voltou a chutar várias vezes o maçarico, que enfim apagou.

Ele ficou pendurado na ponta da corda por um instante, aliviado, e se esforçou para tentar se agarrar à nave. A armadura de seus ancestrais, embora meio queimada pelos fogos de artifício, continuava apertada, e ele não conseguia estender os braços. Enterrou os dedos na parte queimada das tranças de renda, arrancou a armadura e a lançou para as ruas, desculpando-se mentalmente à sua mãe.

Tentando agarrar algum apoio, conseguiu se erguer até o casco mais uma vez. Mas, antes que ele se sentisse aliviado por estar em uma superfície segura, outro motor explodiu com um estrondo ensurdecedor, e a nave embicou rumo ao solo.

Shinobu foi lançado aos motores da popa e, de repente, estava voando sobre o casco superior da nave, para muito além da escotilha que havia cortado, na direção da ponta do veículo. A corda o segurou, com um solavanco violento, e ele se chocou contra o vidro que cobria a proa. Um instante depois, os motores voltaram a ligar, detendo a queda da nave,

enquanto ele se esforçava para encher os pulmões com o ar que lhe havia sido arrancado pelo impacto.

Quando voltou a respirar, notou que seu rosto estava pressionado contra o vidro. Estava escuro do lado de dentro, mas algo se movia. Fagulhas coloridas dançavam na escuridão. De repente, as fagulhas estavam bem na frente dele, rodopiando do outro lado do vidro, a centímetros de seu rosto. Alguém lá dentro estava disparando um despedaçador. E provavelmente contra Quin.

O vidro estava escorregadio por causa da chuva, e Shinobu deslizou os pés enquanto manobrava o maçarico de plasma diante de si. O tornozelo e as bochechas ardiam, as costelas doíam, mas ele quase não prestou atenção a essas coisas ao voltar a acender o maçarico.

Capítulo 62

Quin

O corredor estava esfumaçado e escuro, por causa dos cilindros de gás que a própria Quin havia lançado enquanto seguia rumo à enorme sala adiante. O interior da máscara também estava enevoado, obscurecendo ainda mais sua visão. Nos pés, ela sentiu as vibrações inconstantes dos motores, e um alarme ensurdecedor soava por todos os lados.

Diante dela, na parede à direita, agigantava-se a enorme porta entre o corredor e a grande sala. Dali, viu figuras no espaço vasto; havia quatro sob a cobertura de vidro da proa. Duas eram guardas com máscaras de gás, e, perto deles, uma figura estava largada em uma cadeira. Quin vislumbrou cabelos ruivos: Fiona. Sua mãe estava a metros de distância.

John também estava lá, com uma máscara de gás e um despedaçador preso ao peito, que o faziam parecer algo saído de um pesadelo. Será que seria mesmo capaz de usar o despedaçador nela ou em sua mãe? Quin se lembrou daquela noite na fazenda, e um espasmo de terror atravessou seu corpo. *Sim, talvez ele o use*, pensou. *Está desesperado.*

Ninguém na grande sala viu Quin, que estava do lado de fora, no corredor, com as costas na parede. Ela olhou para trás, para o corredor. Onde estava Shinobu? O que estava acontecendo com os motores?

O alarme parou, mas a vibração atravessando o chão estava mais forte. De repente, um tremor profundo e inquietante sacudiu toda a nave, e a *Traveler* tombou para trás.

A luz se apagou outra vez, e Quin foi lançada para a frente. Por um instante, a nave voltou a se nivelar, depois foi sacudida por uma explosão

em um dos motores. A *Traveler* começou a mergulhar com a ponta inclinada na direção das ruas de Londres.

Quin foi derrubada, rolando pelo corredor e passando direto pela porta da grande sala. Avistou cadeiras, livros e mesas caindo e deslizando em direção à proa da nave, e as quatro figuras humanas se debatendo entre eles. Após um clarão, um enxame de fagulhas multicoloridas girou no ar. O despedaçador de John havia disparado.

Quin se agarrou à beirada da porta, puxando o corpo pelo corredor inclinado, e se arrastou para a grande sala. Aliviada, viu que as fagulhas do despedaçador estavam girando e se dispersando ao longo da cobertura de vidro acima. Se as faíscas estavam soltas no teto, ninguém havia sido atingido. Pelo menos, ainda não.

Ela ouviu outro ronco dos motores, e a nave desacelerou, freando o mergulho vertical e passando a flutuar lentamente.

Uma figura estava se esforçando para escalar o chão inclinado. Quin voltou a ver os cabelos ruivos. Era sua mãe, consciente, mas sem máscara de gás. Ela tossia muito. Quin deslizou pelo chão, em direção a ela, enquanto Fiona se arrastava para perto da parede, com braços e pernas trêmulos, batendo com o punho em alguma coisa. Um zunido tomou conta de todo o ambiente quando os purgadores de ar se abriram. Um ar frio e molhado invadiu a sala, dispersando depressa o gás.

Quin respirou fundo o ar filtrado uma última vez, então retirou a máscara embaçada para enxergar um canto mais escuro e baixo da sala. John e dois soldados estavam embolados entre as pilhas de móveis, junto à parede da proa, mas já começavam a se soltar. A luz dançante das faíscas do despedaçador ainda se movia no teto de vidro. Porém essas faíscas tinham apenas uma cor, a cor da chama do maçarico de plasma de Shinobu.

Fiona continuava de quatro, respirando o ar já limpo. Quin também estava respirando. Agarrou a mãe, e elas passaram juntas por uma avalanche de livros, engatinhando em direção ao corredor.

No meio do caminho, ela levantou os olhos e viu quatro figuras: os Pavores e seu pai. Estavam em pé, firmes, no chão inclinado, respirando fundo. De repente, todos os quatro pares de olhos se voltaram para o athame e a vara de relâmpago na cintura de Quin.

Ela puxou a mãe na direção oposta e tentou alcançar as portas do outro lado da sala, mas um dos soldados de John já estava lá, bloqueando o caminho.

John também se soltou da pilha de objetos e já escalava o chão na direção dela, tateando o despedaçador preso ao peito, à procura dos controles. Ela sabia que precisava agir logo, antes que ele disparasse a arma.

– John! – gritou Quin.

Ela sacou o athame e a vara de relâmpago da cintura e os lançou, girando no chão, na direção dele.

O Pavor Médio e a Jovem Pavor se viraram de imediato, seguindo o caminho da adaga de pedra. De repente, ela ouviu disparos trovejantes, e balas ricochetearam nas paredes atrás dela. Os soldados de John estavam atirando contra os Pavores.

Para a surpresa de Quin, Briac não seguiu o athame. Começou a caminhar na direção dela. Sua perna e seu ombro estavam feridos, mas ele empunhava sua espada-chicote e parecia disposto a morrer, desde que pudesse castigá-la. O pai a golpeou com a espada, mas Quin se esquivou.

– Você se provou uma inútil, menina – disse ele com a voz tão macia quanto mortífera, como a substância oleosa da espada-chicote. – Por que sua mãe bêbada foi me dar uma menina? Sua falta de habilidade foi um peso para mim. Sua falta de fé.

Quin estalou sua espada-chicote e bloqueou o golpe seguinte, mas começou a hesitar. Todos os anos de treinamento a ensinaram a seguir Briac sem questionar. Em vez de se aproximar dele para atacá-lo, ela deu um passo para trás, para perto da mãe.

De repente, Briac notou a presença de Fiona, e, como um holofote, o foco de sua raiva se voltou para ela.

– Você, esposa! Acovardando-se como sempre. Depois de todo o treinamento, você foi covarde demais para fazer o juramento. Ficou com medo do que viu na sua mente? Assustada por um pouco de sangue e alguns gritos. Eu deveria ter me livrado de vocês duas!

Quin notou que a mãe encarava Briac com olhos arregalados, sem se mexer, com uma expressão que dizia: *Não me machuque. Por favor, não me machuque.*

E aquilo era o bastante.

A expressão da mãe: Quin a vira incontáveis vezes durante a infância e a ignorara, esperando que estivesse enganada. Mas será que ela não soube sempre, no fundo do coração, que não havia qualquer misericórdia ou amor por trás dos olhos de Briac? Ela não tinha sentido que, se o desafiasse, não haveria perdão? Mesmo que não tivesse sido tão submissa quanto a mãe, ela também não tinha pensado: *Acreditarei em você, Briac, farei o que mandar, desde que não me machuque?*

– Afaste-se, Quin! – ordenou ele, gesticulando para que ela saísse do caminho, de modo que ele pudesse atingir Fiona.

Briac ainda acreditava que ela lhe obedeceria sem questionar.

Quin encarou o pai – sua espada erguida e seu rosto, todo o seu ser, cheio de crueldade. E o encanto se desfez.

– Vá em frente – gritou ela para ele. – Tente nos matar!

Ela lançou um golpe forte contra ele, com movimentos rápidos, ferozes e súbitos. Briac se defendeu com a espada-chicote, mas tropeçou para trás, com um olhar de espanto por ela ter ousado atacá-lo. Quin deu um passo para a frente, atacando-o de novo.

Desta vez, Briac não hesitou. Lançou a espada para bloquear a investida e voltou a golpear. Mas Quin ergueu sua espada em um gesto feroz, afastando a lâmina dele.

– Você tentou me matar na fazenda – disse ele com uma voz ácida, desferindo mais um golpe violento com a espada-chicote.

Ela bloqueou o ataque com a própria lâmina, uma das mãos no punho da arma e a outra na ponta, e a força da investida dele dobrou a parte central de sua espada-chicote, que quase tocou o nariz de Quin.

– Que tipo de filha mata o próprio pai? – perguntou ele, empurrando sua espada ainda mais contra a dela e aproximando o rosto do dela. – Que tipo de monstro criei?

O ódio se avolumou dentro de Quin como um maremoto. Encarando os olhos escuros dele, tão parecidos com os dela na superfície, mas tão diferentes por dentro, ela se perguntou: *Como fui capaz de seguir suas ordens?*

– O monstro aqui é você – disse ela. – E já estou farta de você.

Ela girou os ombros e lançou a mão para a frente, lançando todo o seu corpo em um movimento súbito. A espada de Briac deslizou para o lado e ele caiu, desequilibrado, esparramando-se no chão.

A cabeça dele atingiu o chão com força o bastante para atordoá-lo, mas, mesmo assim, Briac tentou revidar. Quin levantou a espada-chicote bem alto, pronta para acertar a cabeça do pai e parti-la em dois.

Antes que ela o fizesse, Briac desapareceu em um turbilhão de braços e pernas quando algo grande desabou pelo ar, debatendo-se, diretamente

sobre ele. Alguém estava em cima dele, socando-o repetidas vezes, com uma fúria igual à de Quin. Briac se contorcia e xingava sob a chuva de socos, agarrando o chão para tentar escapar.

Os socos pararam de repente, e Briac se arrastou para longe, engatinhando para fora do alcance de Quin o mais rápido possível.

O agressor rolou para o lado, apertando um corte enorme e sangrento na lateral do próprio corpo.

Era Shinobu. Ele havia caído do teto. Encarou Quin, com olhos cheios de dor, mas triunfantes.

– Eu realmente o odeio! – sussurrou ele.

Capítulo 63

Maud

Ao longo do chão inclinado, o Pavor Médio e a Jovem Pavor se aproximaram de John e dos dois soldados. Ela avistou o athame e a vara de relâmpago vários metros atrás de John. Os objetos de pedra haviam sido aparados por uma mesa virada.

Os soldados de John atiravam. Estavam perto, o que tornaria os Pavores alvos fáceis para as balas. No entanto, a Jovem e o Médio haviam desacelerado o sentido de tempo, a um nível que ela costumava sentir durante as batalhas, quando um batimento cardíaco durava um minuto e uma respiração levava uma hora. Ela via os projéteis deixando os canos das armas e afastava o corpo do caminho antes que a alcançassem. Para os outros presentes, eles pareciam borrões de movimento.

O Médio estalou a espada-chicote e investiu contra o primeiro soldado. A Jovem já havia sacado sua espada, preparando-se para atacar o outro soldado. Ela girou para o lado, quando uma bala passou zunindo junto a sua cabeça, e levantou a espada. Aquilo acabaria rápido.

Antes de atingir o soldado, lançou um olhar para o Mestre, que estava atrás deles, mantendo-se fora da luta. Quando os olhos da Jovem encontraram os do Velho Pavor, sua mente se deslocou para um ponto ainda mais alto. Uma enxurrada de imagens a atravessou. Ele a treinara durante anos, fora como um pai para ela, ensinara-lhe tudo sobre o zunido do universo. O athame servia para levar uma grande mente para além dos limites, mas grandes mentes não existiam, apenas bons corações. Será que ela era uma posse? Para se posicionar um athame, é necessário apenas uma

única mão. Para decidir, apenas uma mente. Onde se encontrava a justiça dos Pavores?

De repente, ela entendeu. O Mestre não podia se livrar do Pavor Médio. O motivo era um mistério, mas o fato era inegável: o Mestre estava ligado ao Médio. Ele procurava, havia talvez um milênio, por um Jovem Pavor que fizesse o que era certo.

Sem mais nem um segundo de hesitação, ela afastou a espada do soldado de John e trespassou as costas do Médio, como imaginou fazer tantas vezes. Quando ele levantou sua espada para desferir um golpe mortal contra John, ela perfurou seu coração com destreza.

O Médio cambaleou para trás, com a espada atravessada no corpo e, ao desabar, foi segurado pela Jovem Pavor. John a encarava com olhos arregalados, em uma expressão entre choque e gratidão.

O Mestre estava a seu lado. Ele inclinou a cabeça perto do ouvido dela.

– Isto foi a coisa certa a se fazer – sussurrou ele.

Capítulo 64

John

John testemunhava o momento da própria morte. Os Pavores haviam embarcado na *Traveler* com Quin, e, embora não parecessem ajudá-la, sua presença havia destruído qualquer chance que ele tinha de evitar uma luta.

O athame e a vara de relâmpago estavam no chão, alguns metros atrás de John, e os Pavores tentavam recuperá-los com todas as forças. Em meio a uma nuvem de movimento, o Pavor Médio levantou a espada para matar John.

De repente, algo longo e fino brotou do peito do homem, coberto de vermelho. John viu a lâmina serpentear de volta para o torso do Médio e desaparecer. Em seguida, o homem desabou para trás, nos braços da Jovem Pavor.

Por um breve instante, os olhos de John pararam nos da Jovem Pavor. Ela o havia salvado, ajudado. E então a Jovem se afastou, arrastando o Médio.

John se virou para o athame e percebeu que Briac Kincaid estava indo em sua direção. O homem mancava e o rosto estava coberto de sangue, mas isso não parecia desacelerá-lo. A luz incandescente da vingança ardia em seus olhos.

Uma arma disparou e o ombro de John foi lançado para trás. Ele viu que Briac segurava a arma com a mão esquerda. O homem ia matá-lo. Mas John tinha algo muito pior do que a morte nas próprias mãos. Desde aquele momento, tanto tempo antes, quando viu o flash de luzes coloridas de seu esconderijo sob o assoalho, ele esperava por aquela situação. Desde aquele

dia no velho celeiro, quando Briac ficara parado diante da figura moribunda no leito hospitalar, ensinando os aprendizes sobre os perigos de despedaçadores, ele esperava por aquela situação.

O último guarda de John saltou para deter Briac, no exato momento em que a mão de John deslizou pela lateral do despedaçador. Um lamento agudo e penetrante escapou do despedaçador, que lançou mil fagulhas.

A sala voltou a se encher de luzes multicoloridas e com o chiado e estalar da eletricidade. A rede de fagulhas colidiu com o guarda de John e Briac, que lutavam entre si.

O guarda saltou para trás, batendo na própria cabeça, cercada por flashes elétricos dançantes. Briac caiu, escapando da nuvem de fagulhas. Mas não se livrou delas. Um punhado de fagulhas, talvez três ou quatro, ainda dançava ao redor de sua cabeça. O campo despedaçador havia se dividido entre os dois homens, algo que John não sabia ser possível. Briac rolou no chão, tentando se afastar das luzes cintilantes, como se elas fossem moscas.

John deu-lhe as costas, procurando desesperadamente pelo athame e a vara de relâmpago.

Quin jogou o athame para mim!, pensou, tomado por um alívio tão profundo e uma felicidade tão intensa que eram quase irresistíveis. *Ela escolheu me dar o athame!*

Suas mãos se fecharam nos objetos de pedra. Mas algo estava errado. A textura dos objetos estava estranha. Em vez da pedra fria, sua pele sentiu algo mais macio e quente. Ele bateu com o athame em uma mesa virada, e a adaga se despedaçou.

Era um truque. Ela não jogou a adaga de verdade. Não escolheu ajudá-lo. Ele ficou calado por um segundo, sendo tomado pelo desespero. Em seguida, veio a raiva.

Ele ainda viu Quin e Fiona mais acima, no chão inclinado, ajoelhadas perto de outra figura. Ao se aproximar, reconheceu-a: Shinobu MacBain. Na mesma hora, o resgate de Quin na Ponte fez mais sentido. Ele a estava ajudando. Talvez, em Hong Kong, Shinobu tivesse assumido o lugar de John. Talvez Quin e ele tivessem passado o último um ano e meio juntos. Ele a imaginou tocando Shinobu, beijando-o, ajudando-o, tudo o que ela havia se recusado a fazer por John. Isso o deixava furioso.

– Consegue se mexer? – ouviu Quin perguntar-lhe.

Shinobu agarrava a lateral do corpo, e uma de suas pernas estava dobrada para o lado errado.

– Claro – sussurrou ele. – Consigo me mover.

– Vamos puxar você – disse ela. – Segure meu braço.

Antes que Shinobu a agarrasse, John segurou a espada-chicote e lançou o punho à lateral da cabeça de Quin com o máximo de força possível.

Ela desabou no chão, atordoada.

De repente, ele ouviu um rangido gigantesco do fundo da nave, seguido pelo som de uma quantidade enorme de metal se rasgando.

A *Traveler* começou a cair.

Capítulo 65

Quin

A sala balançava loucamente. Algo havia atingido Quin, acertando sua cabeça com tanta força que ela não enxergava mais direito. Sua visão girava, mas ela estava bastante certa de que a sala também girava. Viu arranha-céus do lado de fora, rodopiando ao redor da enorme cobertura de vidro, como as luzes de um brinquedo de parque de diversão.

Fiona, Shinobu e ela deslizavam juntos pelo chão, e havia mais alguém entre eles. Quin o sentiu respirando perto de seu rosto. Ele a agarrou enquanto deslizavam, mantendo-a perto de si. E seus braços vasculhavam os bolsos do manto dela.

– Não – disse ela, ofegante.

– Por que você não me escolheu? – sussurrou ele. – Nem uma vez?

Quin precisava impedir que ele vasculhasse seus bolsos. Sua cabeça latejava e seus braços não estavam funcionando direito, mas ela o golpeou. Ele afastou o braço dela como se fosse um talo de trigo.

– Aqui – ouviu-o dizer. – Aqui está ele.

Era John, e ele soava *feliz*. Enfim ela o viu. Ele estava segurando o athame e a vara de relâmpago verdadeiros, que ela havia escondido.

– Não, John...

Ele continuou a vasculhar o manto de Quin. Ela tentou afastá-lo, mas a força havia desaparecido de seus braços.

John retirava outra coisa do bolso. Ela o ouviu arquejar, surpreso.

Com muito esforço e a cabeça latejando, Quin o encarou e focou os olhos. John encarava um livro grosso com uma capa de couro e uma tira de

couro que o mantinha fechado. Ela tentou agarrar o livro, contudo notou, confusa, que sua mão se moveu na direção errada.

– Você não quer isto – sussurrou ela.

Mas as palavras soavam erradas: é claro que John iria querer aquilo. Ela o observou folhear o livro com uma expressão exultante. Tentou agarrar o livro novamente, porém seus braços não chegaram nem perto.

Está tudo bem, disse a si mesma. Mesmo em seu estado atordoado, Quin lembrou que o fato de John pegar o livro não era nenhuma catástrofe. Ela o trouxe como possível moeda de troca, afinal. Havia um motivo pelo qual poderia se desfazer dele. De alguma maneira, tinha tomado medidas...

– Por que isto estava com você? – perguntou ele, parecendo uma criança no Natal.

– Briac...

Eles voltaram a deslizar. John se inclinou sobre ela, para ver melhor seu rosto.

– Você *realmente* me ajudou – sussurrou ele, com palavras amáveis de gratidão. – Obrigado, Quin. Obrigado.

Os lábios dele tocaram sua bochecha, quentes e macios. Em seguida, John se afastou, deslizando pelo chão.

A nave estava urrando. A *Traveler* começou a sacudir de um lado para outro. Quin sentiu mãos em seu braço. Alguém a puxava. Ela se virou. Shinobu estava lá, tentando trazê-la para perto dele. Sua mãe estava deitada no chão, amarrando um maço espesso de tecido no corte profundo na lateral do corpo de Shinobu.

Depois que Shinobu desabou do teto, a espada-chicote de Briac acertou o centro de seu peito. A fina camada de armadura sob a roupa queimada defletiu a ponta, que deslizou sobre seu torso, antes de perfurar a armadura na lateral de seu corpo. Quin sentiu algo úmido e quente na perna dele.

Shinobu havia sido salvo de uma morte instantânea, mas seu sangue cobria o chão.

A nave estava guinando para cima, como um animal ferido tentando se levantar. Os motores rugiam em tons diferentes. Shinobu agarrava a camisa de Quin.

– Vamos colidir – sussurrou ele.

– Segure-se em mim – ordenou ela.

Sua cabeça latejava, mas ela não estava mais tonta, e seus braços haviam voltado a funcionar.

– Vou tirar você daqui.

– Fiz a nave cair – disse ele. – Acho que estou sangrando.

– Está tudo bem. Segure-se em mim.

A nave emborcou ainda mais quando alguns motores pararam de funcionar de vez, e os motores restantes tentaram erguer o veículo de volta ao ar. Shinobu e Quin deslizaram para o lado até atingirem uma parede. A gravidade a pressionou contra ele.

– Continue falando comigo – sussurrou ela, quando os olhos dele começaram a pender.

– Ele pegou o athame?

– Pegou. Mas não importa...

– Estou morrendo?

– Você não está morrendo.

– Quin...

– É só um pouco de sangue, juro. Segure-se.

Ela o agarrou com mais força, como se seus braços pudessem protegê-lo da queda da nave. A bochecha dele estava pressionada a sua.

– Quin, você sabe que somos apenas primos de terceiro grau, não é?

– *Meio*-primos de terceiro grau – sussurrou ela, com os lábios perto do ouvido dele. – Não há quase nenhuma relação entre nós.

– Você queria me beijar... no porão?

– Queria – admitiu ela, ofegante. – Muito.

Os prédios do lado de fora estavam guinando vertiginosamente ao redor da cobertura de vidro. A nave se sacudia e caía ao mesmo tempo.

Shinobu a puxou para perto de si, e seus rostos ficaram na mesma altura. Então, beijou seus lábios de maneira lenta e tenra, como se não estivessem deitados em uma nave rodopiante, prestes a colidir; como se tivessem todo o tempo do mundo.

– Amo você – sussurrou ela.

– Amo você – sussurrou ele de volta.

Então, Shinobu lançou-se sobre ela. Com um último urro, os motores puxaram a ponta da nave para cima, e a *Traveler* aterrou no Hyde Park.

A cobertura de vidro se estilhaçou em milhares de teias de aranha, e as enormes vidraças começaram a desabar. Shinobu a prendia no chão, protegendo-a. Ela viu a mãe em um canto, a alguns metros, encolhida e protegida no encontro entre duas paredes. Quin tentou rolar o corpo de baixo de Shinobu e empurrá-lo para aquele canto, onde era mais seguro. Ela ouviu um baque quando uma vidraça desabou sobre eles, amassando-o contra ela. Quin sentiu o ar sendo arrancado de seus pulmões.

De repente, uma calmaria. Mas sem silêncio. A nave estava se assentando sob eles, e sirenes soavam por todo lado. Cada ambulância, bombeiro e policial em um raio de trinta quilômetros se direcionava para o local do acidente.

– Venha – disse uma voz, enquanto Quin se esforçava para respirar.

A Jovem Pavor estava levantando a vidraça. Quin não parou para pensar como uma menina tão pequena conseguia erguer algo tão pesado. O mais

rápido possível, tentando recuperar o fôlego, ela se contorceu para escapar de baixo de Shinobu. A Jovem Pavor empunhava um athame. Um tremor profundo inundou o espaço ao redor de Quin, enquanto ela, Fiona e a Jovem Pavor arrastavam o corpo inanimado de Shinobu pelo círculo escuro, na sala escura, e a energia de suas beiradas era lançada para dentro do breu. Um segundo depois, eles já não estavam mais na nave; estavam *Lá*.

Capítulo 66

Quin

Eles retornaram ao mundo a meio quilômetro da nave. Ninguém prestou a menor atenção. Todos os humanos em um raio de quilômetros estavam olhando para a forma gigantesca e acidentada da *Traveler*, enquadrada pela folhagem do Hyde Park.

Fiona se levantou, cambaleante, depois caiu sentada. Quin e a Jovem Pavor se ajoelharam ao lado de Shinobu, deitado na calçada, inconsciente. Quin atou a ferida dele com uma faixa de lã de seu manto. Ele tinha queimaduras cobertas de bolhas nas bochechas, e a perna estava quebrada e queimada. Outros ossos de seu corpo certamente também estariam quebrados. Mas ele estava respirando, e seu coração batia forte.

Quin levantou a cabeça e viu o caos de veículos de emergência perto do local do acidente. Agarrando a mãe pelos ombros, ela a puxou para mais perto de Shinobu.

– Fique com ele – ordenou. – Não deixe que ele se mova.

A mãe demorou um instante para compreender, mas, por fim, assentiu com a cabeça.

– Já volto!

Quin sentia uma dor de cabeça terrível, mas conseguiu correr devagar. Seguiu na direção da confusão ao longe, procurando pela ambulância mais próxima. No meio do caminho, notou que a Jovem Pavor a acompanhava. Quando se aproximaram dos limites da multidão, as duas pararam, procurando por alguém que pudesse ajudar.

– Veja – disse a Jovem Pavor baixinho, apontando para alguma coisa além da massa de pessoas.

A distância, perto da nave, um homem estava sendo carregado para uma ambulância. Alto, forte e com uma aparência selvagem, ele se debatia furiosamente, enquanto a equipe médica o empurrava para o veículo. Era Briac. O pai dela havia sobrevivido.

A Jovem Pavor apoiou a mão no braço de Quin e apontou em outra direção. Quin seguiu o olhar da garota até um beco à esquerda, abaixo do parque. Elas observaram a figura de John Hart, vagamente reconhecível ao longe, desaparecendo na escuridão entre os prédios.

– Agora, precisamos nos separar – disse a Jovem Pavor baixinho.

Quin assentiu.

A menina sacou o athame dos Pavores do manto e o segurou frouxamente nas mãos.

– Onde está seu Mestre? – perguntou Quin.

– Dormindo – respondeu a garota. – Já passou da hora.

Havia algo de diferente no manto da Jovem Pavor. Parecia grande demais para ela e mais puído do que a última vez que Quin o viu. Os bolsos interiores pareciam estar cheios de itens escondidos, cujos volumes ela não tinha notado antes.

Antes que ponderasse sobre o motivo da mudança, Quin ouviu sirenes atrás delas e se virou, vendo muitos veículos de emergência seguindo em sua direção. Ela balançou os braços.

– Meu Mestre disse que agora sou a Jovem, o Médio e o Velho – disse a Jovem Pavor, com os olhos baixos, encarando o athame na mão. – Ou talvez eu não seja nada disso. Veremos.

A ambulância freou ao lado de Quin, atraída pelo sangue de Shinobu, que cobria metade de seu corpo. Ela foi para o veículo, mas a Jovem Pavor

agarrou-a pelo braço.

– Você ficará com isto – disse a Jovem.

Quin viu garota colocar o athame em suas mãos. Ela encarou a forma delgada da adaga de pedra, vendo os símbolos alinhados ao longo dos mostradores. Seu dedão deslizou até a parte de trás da lâmina, onde a fina vara de relâmpago estava encaixada com perfeição. Aquele athame era muito mais delicado, e, de alguma maneira, ela sentia que ele era mais poderoso do que o dela.

Quin notou a imagem entalhada no cabo. Não era um animal. Eram as três formas ovais interligadas. Era a imagem de um átomo. O coração de Quin começou a bater mais rápido.

– Por quê? – indagou.

– A escolha é minha – respondeu a Jovem Pavor. – Não é uma dádiva permanente. Mas o poder deste athame não pertence apenas a mim. Você ficará com ele por um tempo. Tenho uma dívida a pagar e preciso resolver coisas relacionadas ao outro athame.

– Ele está com John.

– Sim. Está com John – concordou a garota.

Depois, estendeu a mão, como uma pessoa moderna faria ao ser apresentada a alguém.

– Você é Quin – disse ela. – E eu sou Maud.

– Maud – repetiu Quin, apertando a mão da garota, cujo nome combinava com ela. – É um prazer conhecê-la, e lamento ter que dizer adeus.

– Não é um adeus – corrigiu Maud. – Voltaremos a nos ver. Em breve. Pode contar com isso.

Algo na maneira como disse aquilo não era muito agradável, como se, da próxima vez que se vissem, talvez não estivessem do mesmo lado. De

repente, a Jovem Pavor, a menina de quinze anos que não se parecia em nada com uma menina de quinze anos, desapareceu, costurando um caminho entre a multidão, na direção em que John Hart corria.

Quin voltou com a ambulância, e os paramédicos se amontoaram ao redor de Shinobu. Depois de o colocarem no veículo, ela se sentou ao lado dele, junto com Fiona. Agarrou a mão de Shinobu com firmeza. Ele estava inconsciente, mas ela sentia seu calor e o batimento estável de seu coração.

Quin havia demorado demais para se dar conta de que ele era a metade dela, como ela era a dele. Era assim desde que tinham nove anos. Ela não conseguiria ser plena até que ele estivesse fora de perigo.

À medida que se afastavam do caos, Quin enxergou seu futuro se alinhando diante de seus olhos. Em um lado da cintura dela, encontrava-se o athame, e, no outro, a espada-chicote. No pulso esquerdo, a cicatriz que a marcava.

– O que eu sou, mãe? – perguntou, sem desviar os olhos de Shinobu.

A resposta era óbvia, mas Fiona demorou algum tempo para se pronunciar, como se as palavras que estava prestes a dizer a deixassem desconfortável.

– Você é o que sempre esteve destinada a ser – disse ela, com cuidado. – Você é uma Seeker.

– Sim – concordou Quin.

John estava com o diário de couro. Mas Quin o estudara novamente enquanto se preparavam para ir a Londres, e ela conhecia parte dos ensinamentos. Havia dez imagens desenhadas em sequência, e entre elas uma raposa e uma águia. A raposa era o athame de John, e a águia, o de Shinobu, que havia sido destruído. E havia um diagrama de três formas ovais interligadas, que pertencia ao athame pendurado em sua cintura.

Com isso, sobravam mais outros sete símbolos. Se cada um representava outro athame, e cada athame pertencia a uma família diferente...

Catherine e muitos outros haviam coletado conhecimentos por muito tempo, e o livro era como uma trilha que um Seeker poderia seguir... Mas para onde?

Quin olhou pela janela traseira da ambulância. As ruas estavam ficando mais silenciosas conforme se afastavam do local do acidente. E Londres ficava mais escura ao redor deles.

– Sou uma Seeker, como éramos no princípio – disse ela. – O que procuro? A verdade. O princípio e o fim. Nosso conhecimento começou em algum lugar, em algum momento. E, algum dia, ele irá terminar.

Antes de deixar Hong Kong, Quin tirou fotos de todas as páginas do diário de couro e cada folha de velino enfiada nele. As fotos estavam em segurança, em uma cópia completa, esperando por ela. E ela também tinha um athame, que ninguém tentaria roubar, pelo menos por algum tempo.

– Seekers viveram muito antes de você e continuarão a viver muito depois que você morrer – murmurou Fiona. – Não temos escolha, Quin.

A maneira como a mãe disse aquilo parecia um cântico ou uma prece que havia aprendido na infância. Quin imaginou gerações de Seekers, todos falando a mesma coisa, todos assegurando aos filhos, e aos filhos de seus filhos, que sobreviveriam a qualquer coisa, que seu poder sobre a vida e a morte duraria até o fim dos tempos. Que tinham o direito de matar quem escolhessem.

– Não – disse Quin, entrelaçando os dedos nos de Shinobu. – Temos escolha, sim. Eu acabarei com isso. Começando por John.

Agradecimentos

Meu instinto imediato é o de assumir todo o crédito por este livro. As pessoas fazem isso?

Você, leitor, certamente não precisa ficar sabendo da conversa cheia de murros na mesa e golpes de karatê que tive com minha agente, Jodi Reamer, que fazia discursos apaixonados sobre como *minha personagem* reagiria ou não reagiria a certas situações. Eu queria dizer:

– Jodi, não quero ensinar você a fazer seu trabalho. Mentira, quero muito fazer isso. Eu criei essas personagens. Sou como um deus nesse universo. Um deus!

Na verdade, eu não "queria dizer" isso, mas foi o que acabei dizendo, ou uma versão um pouco menos corajosa disso.

Infelizmente, você acaba se dando conta de que pode até ser o criador do universo no seu livro, mas não é o único que habita nele. E uma agente que se dispõe a habitar seu mundo com tanto afinco, e que fica *ferozmente irritada* com você quando algo parece estranho, não tem preço. Uma agente assim é como uma melhor amiga que você conhece desde o ensino fundamental, que impede você de usar drogas ou tem uma discussão séria com você sobre seus infelizes cortes de cabelo. Ela melhora o mundo do seu livro, tornando você uma criadora melhor daquele mundo. Então, bem, sabe (tosse), obrigada por tudo, Jodi. Eu paguei seu jantar aquele dia, então acho que estamos quites.

Krista Marino, se você estiver lendo isto (estou brincando – como minha editora, sei que *precisa* ler isto), você é uma criatura singular. Estou bastante

certa de que luta pelo lado do bem, mas você é tão trapaceira. Trapaceira! Você fingiu que eu a estava convencendo a deixar de lado várias de suas sugestões, mas, de alguma maneira, *eu sempre acabava incorporando-as no livro*. Como conseguiu fazer isso? Vodu? Hipnose? Ou será que me deu o espaço de que eu precisava para perceber que sua habilidade em dar sugestões é um superpoder sutil? Claro, não é tão escancarado quanto o poder de voo ou telecinese, mas é igualmente potente.

Você se mudou secretamente para o universo do meu livro e construiu uma casa para si mesma lá, antes mesmo que eu tivesse assinado com a Random House. Quando voltei ao mundo de *Seeker* para preparar um novo rascunho, você já estava lá, olhando o relógio e batendo com o pé no chão, como quem diz:

– Onde você esteve? Estou esperando há um tempão.

Então, sabe... obrigada e tudo mais.

Isto está ficando mais fácil.

Obrigada, Barbara Marcus. Você deixou um mensagem tão simpática para mim quando tudo isto começou. Por favor, não conte para ninguém, mas guardei a mensagem no meu telefone e a ouvia de vez em quando, quando tinha problemas com o livro.

Obrigada, Beverly Horowitz, por me ensinar tudo sobre o mercado publicitário. Adoro sua explicação simples de que "Tudo em um livro tem a ver com o resultado de uma decisão". E, nesse sentido, quero agradecer aos tomadores de decisão extremamente talentosos da Random House, que deram forma e vida para este livro:

Agradeço a Alison Impey por dar a *Seeker* sua capa maravilhosa, que parece brilhar com uma vida interna própria. Muito obrigada a John Adamo, Kim Lauber, Stephanie O'Cain e Dominique Cimina por

descobrirem como fazer *Seeker* ganhar o mundo. E obrigada a Judith Haut por todo o apoio e entusiasmo.

Obrigada aos meus filhos, para quem já dediquei este livro, e que, portanto, não precisam ser mencionados mais uma vez, especialmente porque vivem me distraindo quando estou tentando escrever. Mas eles me mantêm atenta e enchem minha vida de amor e aventura, coisas muito importantes para quem está trabalhando com tramas complicadas e, às vezes, violentas.

Obrigada, Sky Dayton. Posso citar você por último, mas quero agradecer-lhe mais do que ninguém. Seria pessoal demais citar todas as maneiras pelas quais você torna minha vida melhor. Felizmente, você sabe disso.

Título Original
SEEKER

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas atuais, vivas ou não, acontecimentos, localidades é mera coincidência.

Copyright do texto © 2015 *by* Arwen Elys Dayton
Copyright da arte de capa © 2015 *by* Bose Collins
Copyright da foto de capa © 2015 *by* Charles Day/Shutterstock
Copyright dos mapas de miolo © 2015 *by* Jeffrey L. Ward

Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Esta é uma obra de ficção. Personagens, incidentes e diálogos foram criados pela imaginação da autora e sem a intenção de aludi-los como reais. Qualquer semelhança com acontecimentos reais ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Fantástica
ROCCO

GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EQUIPE EDITORIAL
Lorena Piñeiro
Milena Vargas
Paula Drummond
Viviane Maurey

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Silvânia Rangel

REVISÃO
Wendell Setubal
Armenio Dutra
Vanessa Raposo

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Mariana Moura

ROCCODIGITAL

COORDENAÇÃO DIGITAL
Mariana Mello e Souza

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL
Guilherme Peres

REVISÃO DE ARQUIVO E-PUB
Anna Emília Soares

EDIÇÃO DIGITAL: Setembro, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D317s
Dayton, Arwen Elys
Seeker [recurso eletrônico]: a guerra dos clãs / Arwen Elys Dayton; tradução Lucas Peterson. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2016.
recurso digital

Tradução de: Seeker
ISBN 978-85-68263-41-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Peterson, Lucas. II. Título.

16-32685 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

A Autora

Arwen Elys Dayton passa meses realizando pesquisas para suas histórias. Suas explorações a levaram ao redor do mundo, para lugares como a Grande Pirâmide de Gizé, Hong Kong e suas muitas ilhas, bem como muitos castelos em ruínas na Escócia. Arwen vive com o marido e três filhos na Costa Oeste dos Estados Unidos. A trilogia Seeker é a estreia da autora na literatura para o público jovem adulto.

Confira a seguir um teaser de
A VIAJANTE: O PASSADO É IMPLACÁVEL

CAPÍTULO 1

Quin

– Shinobu? – perguntou Quin ao ver que ele se revirava. – Está acordado?

– Acho que sim – respondeu ele, lentamente.

A voz de Shinobu MacBain estava grossa e arrastada, mas ele ergueu a cabeça à procura de Quin. Era a primeira vez em horas que ele se mexia, por isso ela ficou feliz em vê-lo consciente.

Ela guardou cuidadosamente no bolso do casaco o livro de couro que segurava e atravessou o quarto de hospital escuro até onde Shinobu estava deitado, em uma cama que parecia pequena demais para alguém tão alto.

Mesmo à meia-luz ela conseguia distinguir as queimaduras nas suas bochechas. Já estavam praticamente curadas e sua cabeça estava agora coberta por um vasto e uniforme cabelo ruivo. Mas ela ainda estava presa à imagem do cabelo dele, chamuscado e empapado de sangue, quando as enfermeiras o rasparam ao interná-lo para a cirurgia.

– Ei – disse ela, se agachando ao lado da cama. – É bom ver você acordado.

Ele tentou sorrir, mas acabou fazendo uma careta.

– É bom estar acordado... Se não fosse meu corpo inteiro doendo.

– Bem, você não faz nada pela metade, não é? – perguntou ela, apoiando o queixo na grade da cama. – Você me ajudaria mesmo que tivesse que pular de um prédio, colidir uma nave ou ser cortado pela metade.

– Você pulou do prédio comigo – ressaltou ele, sua voz mais grossa por causa do sono.

– Estávamos amarrados um ao outro, então não tive escolha.

Ela conseguiu sorrir, embora a lembrança do salto fosse assustadora.

Já fazia duas semanas que Shinobu estava no hospital de Londres. Quando chegou, estava à beira da morte. Quin o trouxera de ambulância depois da batalha na Traveler e da colisão da nave no Hyde Park. E ela estava naquele quarto, andando incansavelmente, sentando-se e dormindo numa cadeira desconfortável desde então. Ela, inclusive, completara dezessete anos algumas noites antes, enquanto andava da cama para a janela à meia-noite.

Atrás de Shinobu, os monitores do hospital apitavam e zumbiam, e as luzes piscantes dos painéis alternavam os desenhos sempre que monitoravam os sinais vitais do paciente. Esse era o pano de fundo habitual dos dias de Quin.

Ela levantou a blusa dele para observar o ferimento profundo no lado direito do abdômen. O golpe quase fatal desferido pelo pai dela, Briac Kincaid, era uma cicatriz linear roxa e sensível de quase dezoito centímetros de comprimento. Fora costurada com tamanho capricho, que os médicos disseram que poderá desaparecer de vez. Mas, no momento, o ferimento ainda estava inchado e, a julgar pela expressão de Shinobu, doía muito se ele fizesse qualquer movimento.

Além desse ferimento e das queimaduras no rosto, ele dera entrada no hospital com uma fratura séria na perna e várias costelas quebradas. Os médicos limparam os ferimentos com uma quantidade generosa de reconstrutores celulares para acelerar a cura. Mas havia um porém: o processo era bastante excruciante.

Quin passou os dedos na protuberância em sua pele perto do ferimento de espada, e Shinobu segurou sua mão.

– Não quero mais remédios, Quin. Quero que o médico me livre dessas coisas. Tenho dormido demais.

Para ajudar com a cura rápida dos ferimentos, reservatórios de analgésicos foram implantados perto dos ferimentos mais graves. Se a dor ficasse muito forte, ou ele se movesse bruscamente, ou alguém apertasse diretamente os reservatórios, os medicamentos eram liberados em sua corrente sanguínea, e em geral isso o fazia cair em sono profundo. Por isso, ficara inconsciente na maior parte das últimas duas semanas. Esta breve conversa já constituía um dos períodos mais longos em que estivera acordado, e Quin considerou isso um bom sinal. Os médicos haviam dito que sua recuperação seria assim: lenta no princípio e, então, inesperadamente acelerada.

– Você está recusando drogas? – perguntou ela astutamente.

Shinobu se aproximou das substâncias ilícitas em Hong Kong, mas desde então largou esse hábito.

– Você está cheio de surpresas hoje, Shinobu MacBain.

Ele não riu, provavelmente porque doeria. Mas a puxou para perto com a mão sem a agulha do soro. Quin se ajeitou na cama estreita e seu olhar instantaneamente percorreu o cômodo. Era grande, mas não tinha muita mobília, a não ser pela cama, os equipamentos médicos e a cadeira onde Quin andava morando. Seus olhos se fixaram na janela grande acima da cadeira. Eles estavam em um andar alto do hospital e, através do vidro, dava para ter uma vista panorâmica da noite londrina. O Hyde Park estava visível ao fundo, e as luzes de emergência ainda erguiam-se sobre a carcaça quebrada da Traveler.

Shinobu encostou seu ombro no dela e a trouxe de volta para si. Os pensamentos de Quin se concentraram no diário em seu bolso. Talvez ele estivesse desperto o suficiente para vê-lo.

– Precisamos falar sobre algumas coisas, Quin – sussurrou –, agora que estou acordado. Você me beijou na nave.

– Pensei que *você* tivesse me beijado – respondeu ela, com uma leve provocação.

– Beijei – afirmou ele, suspirando.

Aquele beijo... Ela o reprisara nos pensamentos centenas de vezes. Beijaram-se e abraçaram-se durante todo o pesadelo que fora a colisão rodopiante da Traveler. E foi acertado. Eram tão próximos quando crianças. E continuaram próximos durante o treinamento de Seeker, mesmo quando John se mudou para a casa, modificando a dinâmica de suas vidas. Mas só quando se reencontraram em Hong Kong, pessoas diferentes e mais velhas, que ela viu o que ele realmente era: não só um velho amigo, mas sua outra metade.

– É muito estranho, nós dois? – perguntou ela, antes que mudasse de ideia.

Ela estava na dúvida sobre esse novo território desconhecido da intimidade.

– É muito estranho – responde ele imediatamente.

Quin não gostou nem um pouco da resposta dele, mas Shinobu puxou a mão dela para o seu peito antes que pudesse responder, beijou a palma e sussurrou:

– Já faz tanto tempo que eu queria estar com você... e agora você está aqui.

As palavras e o peso da sua mão a encheram de ternura.

– Mas... e todas aquelas garotas de Corrickmore... – disse ela.

A vida de Shinobu sempre foi repleta de muitas garotas. Ele nunca lhe dera a impressão de estar esperando por ela.

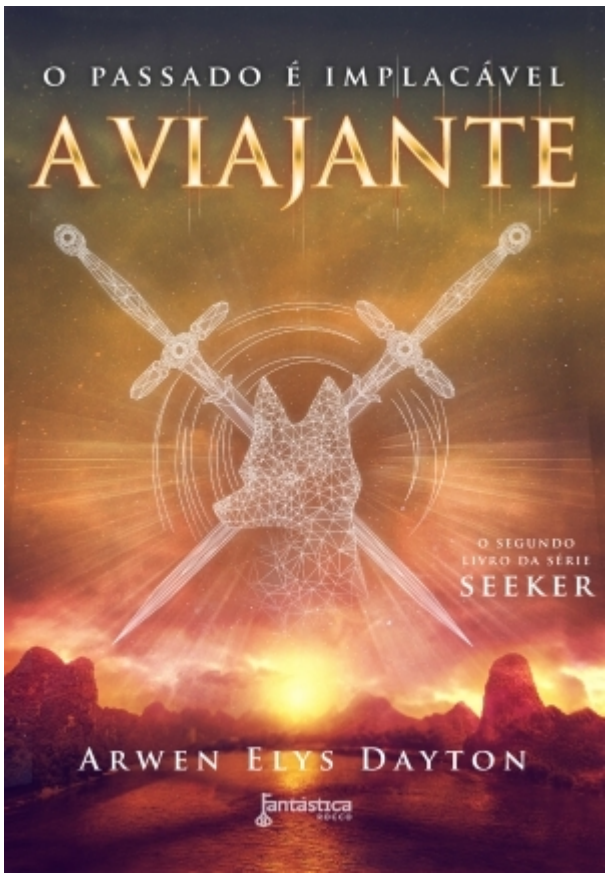
– Eu tinha esperança de que elas fossem deixar você com ciúmes, mas você nunca reparava – disse ele, mas sem amargura, estava simplesmente abrindo seu coração. – Você só tinha olhos para John.

Ela respondeu com delicadeza:

– Você cuidou de mim, mesmo assim. Quando John atacou a casa... e em Hong Kong... na Traveler... Você está sempre cuidando de mim.

– Porque você é minha – sussurrou ele em resposta.

Ela olhou para o rosto dele e notou um sorriso sonolento surgir. Ele aproximou a mão dela do seu coração e a manteve ali. Ela, então, se virou na direção dele na cama, pensando que talvez estivesse na hora de beijá-lo de novo...


O PASSADO É IMPLACÁVEL
A VIAJANTE
O SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE
SEEKER
ARWEN ELYS DAYTON
fantástica

A viajante

Dayton, Arwen Elys
9788568263600
384 páginas

Compre agora e leia

QUANTO MAIS INVESTIGAM O PASSADO, MAIS O PRESENTE SE TORNA SOMBRIO.Quin Kincaid é uma Seeker. Esta honra é a sua herança, uma função nobre transmitida de geração em geração. Mas o que ela descobriu na noite em que prestou juramento mudou o seu mundo para sempre. Aquilo que se comprometeu a fazer é uma monstruosa mentira: distante dos ideais cavalheirescos, o seu cargo de Seeker condena-a à barbárie. O seu pai revela-se um assassino, o seu tio um mentiroso, a sua mãe uma vítima colateral. E o rapaz que um dia ela amou vive agora para se vingar da família de Quin. Mas Quin não está sozinha. Shinobu, o seu companheiro mais antigo, talvez seja a única pessoa em quem pode confiar. O único que também procura desesperadamente respostas. Mas quanto mais eles investigam o passado, mas o presente se torna sombrio. Há a questão das outras famílias Seeker desaparecidas, de alianças obscuras e, pior ainda: um plano sinistro iniciado várias gerações antes com o poder de destruir a todos.

Compre agora e leia


NAOMI NOVIK
ENRAIZADOS
Fantástica
ROCCO

Enraizados

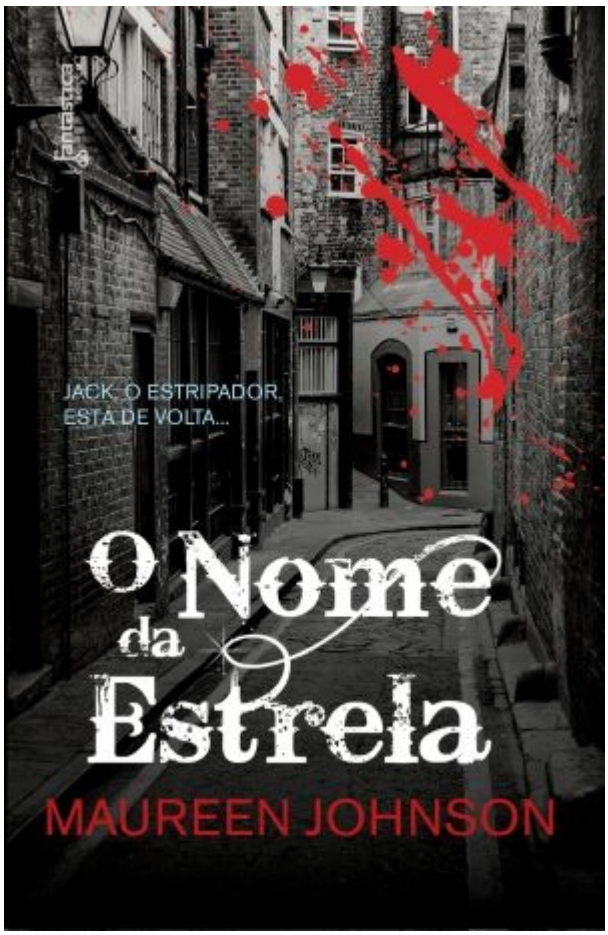
Novik, Naomi
9788568263549
384 páginas

Compre agora e leia

"Nosso Dragão não come as meninas que captura, não importam as histórias que contem fora do vale. Nós às vezes as ouvimos por conta dos viajantes que passam por aqui. Eles falam como se estivéssemos sacrificando um ser humano e ele fosse um dragão de verdade. Claro que não é assim: ele pode ser um mago imortal, mas continua sendo um homem, e nossos pais se uniriam e o matariam se a cada dez anos ele quisesse usar uma de nós como comida. Ele nos protege contra a Floresta, e somos gratos; mas não tanto assim."Contos de fadas revisitados Naomi Novik introduz um mundo novo e ousado, com raízes fincadas no folclore eslavo, tão cativante e encantador quanto uma fábula dos irmãos Grimm. Agnieszka ama seu lar no vale, sua vila tranquila, as florestas e o rio cintilante. Mas a Floresta corrompida fica à espreita na fronteira, cheia de um poder maligno desconhecido. Seu povo depende de um mago frio e ambicioso conhecido apenas como Dragão para apaziguar a ira da Floresta e impedi-la de avançar sobre o vilarejo. Mas ele exige um preço em troca da proteção: a cada dez anos, uma jovem é entregue para servi-lo; um destino quase tão indesejado quanto cair nas garras da Floresta. A próxima escolha está se aproximando rapidamente, e Agnieszka está com medo. Ela sabe — todo mundo

sabe — que o Dragão vai levar Kasia: a bela, graciosa e corajosa Kasia, sua melhor amiga no mundo. E não há como salvá-la. Mas Agnieszka teme as coisas erradas. Porque, quando o Dragão chegar, não é Kasia que ele vai escolher.

Compre agora e leia


fantástica
JACK, O ESTRIPADOR,
ESTÁ DE VOLTA...
O Nome da Estrela
MAUREEN JOHNSON

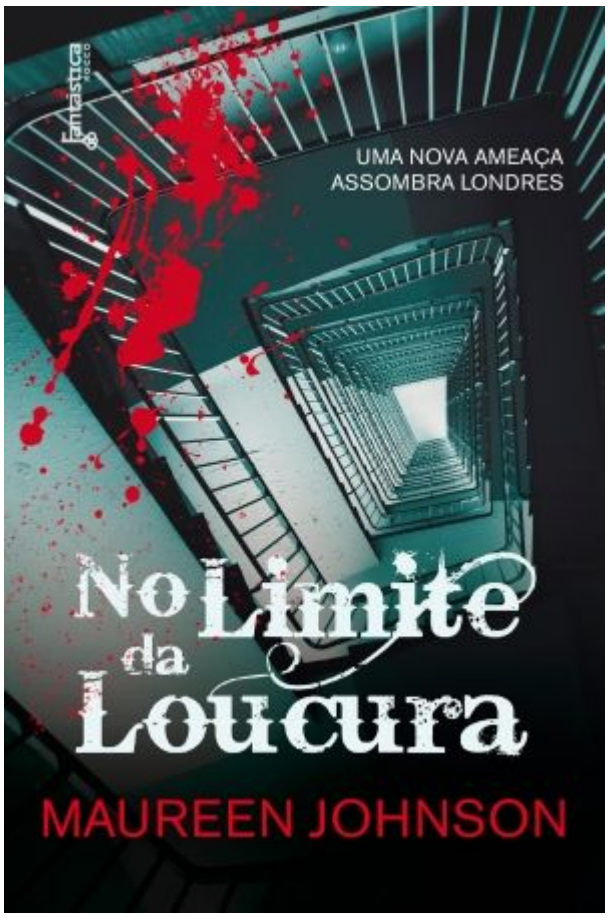
O nome da estrela

Johnson, Maureen
9788568263303
392 páginas

Compre agora e leia

Coleção PhobosJACK, O ESTRIPADOR, ESTÁ DE VOLTA...No mesmo dia em que o primeiro de uma série de assassinatos brutais acontece em Londres, a norte-americana Rory Deveaux chega à cidade para começar uma nova vida em um colégio interno. Os crimes hediondos parecem imitar as atrocidades de Jack, o Estripador, praticadas há mais de um século.Logo a febre do Estripador toma conta das ruas de Londres, e a polícia fica desconcertada com as poucas pistas e a ausência de testemunhas. Exceto uma. Rory viu o principal suspeito no terreno da escola. Mas ela é a única pessoa que o viu - a única que consegue vê-lo. E agora, Rory se tornou seu próximo alvo.Neste thriller envolvente, cheio de suspense e romance, Rory descobre a verdade sobre suas novas e chocantes habilidades e os segredos das Sombras de Londres. Indicado ao Edgar, prêmio máximo da literatura de mistério nos EUA, O nome da estrela é o primeiro livro da série Sombras de Londres."As ruas de Londres nunca foram tão sinistras e românticas."- CASSANDRA CLARE, autora da série best-seller Os instrumentos mortais"Depois deste livro, você vai querer se mudar para Londres e combater fantasmas."- HOLLY BLACK, autora da série best-seller Mestres da maldição

Compre agora e leia


Fantastica
UMA NOVA AMEAÇA
ASSOMBRA LONDRES
No Limite da Loucura
MAUREEN JOHNSON

No limite da loucura

Johnson, Maureen
9788568263396
304 páginas

Compre agora e leia

Coleção PhobosUMA NOVA AMEAÇA ASSOMBRA LONDRESDepois de quase se tornar uma das vítimas de uma série de terríveis assassinatos, tudo o que Rory deseja é retomar a rotina. Contudo, sua vida talvez nunca mais possa voltar ao que era antes. Como se a recém-descoberta habilidade de ver fantasmas já não fosse complicada o bastante, ela descobre que sua experiência quase fatal lhe deixou um poder ainda mais intenso e raro. Agora, Rory é a única que pode ajudar as Sombras de Londres a investigar as novas mortes que vêm acontecendo perto do campus de Wexford, e talvez apenas ela seja capaz de identificar o tipo de força maligna que se move no subterrâneo, causando morte e destruição...No segundo livro da série Sombras de Londres, Rory Deveaux precisa enfrentar seus próprios medos e agir rápido, antes que seja tarde demais."Leitores em busca de uma fonte inesgotável de entretenimento, ação e um pouco de sangue: vocês vieram ao lugar certo."- PUBLISHERS WEEKLY

Compre agora e leia


O livro de
SANGUE e
SOMBRA
UMA GAROTA. UMA NOITE.
SÉCULOS DE SEGREDOS.
ROBIN WASSERMAN

O livro de sangue e sombra

Wasserman, Robin
9788568263471
384 páginas

Compre agora e leia

UMA NOITE. UM CORPO NUMA PISCINA DE SANGUE. UM ASSASSINO ESCONDIDO NAS SOMBRAS. UMA GAROTA DEIXADA PARA TRÁS. SOZINHA PARA ENFRENTAR AS CONSEQUÊNCIAS. PARA ENCONTRAR A VERDADE. PARA VINGAR OS MORTOS.Coleção Phobos Era como um pesadelo do qual não se podia despertar. Quando a noite começou, Nora tinha dois melhores amigos e um amor digno de contos de fada. Quando terminou, havia apenas sangue em suas mãos, junto ao eco dos gritos que cessaram apenas quando lhe deram um tranquilizante. Na manhã seguinte, tudo ainda era verdade: Chris, seu melhor amigo, estava morto. A namorada dele, Adriane, estava em estado catatônico. Max, seu doce, inteligente e sensível príncipe encantado, havia desaparecido. E de acordo com a polícia, com seus pais, com todo mundo, ele era o assassino. Desesperada para provar a inocência de Max, Nora segue a trilha de sangue sem se importar com o destino final. O caminho a leva até as ruas ancestrais de Praga, onde ela é atraída para uma teia sombria de sociedades secretas motivadas pelo desejo de possuir uma máquina que talvez nem exista: a Lumen Dei. Enterrada em um manuscrito de centenas de anos há a receita para o conhecimento

supremo e para a comunhão com o divino; acredita-se que quem controla a Lumen Dei, controla o mundo. Nora possui a chave para a revelação desses enigmas. Sua noite de sangue é apenas uma peça no quebra-cabeça que se estende por continentes e por séculos. Resolvê-lo pode ser a única maneira de salvar sua própria vida.

Compre agora e leia